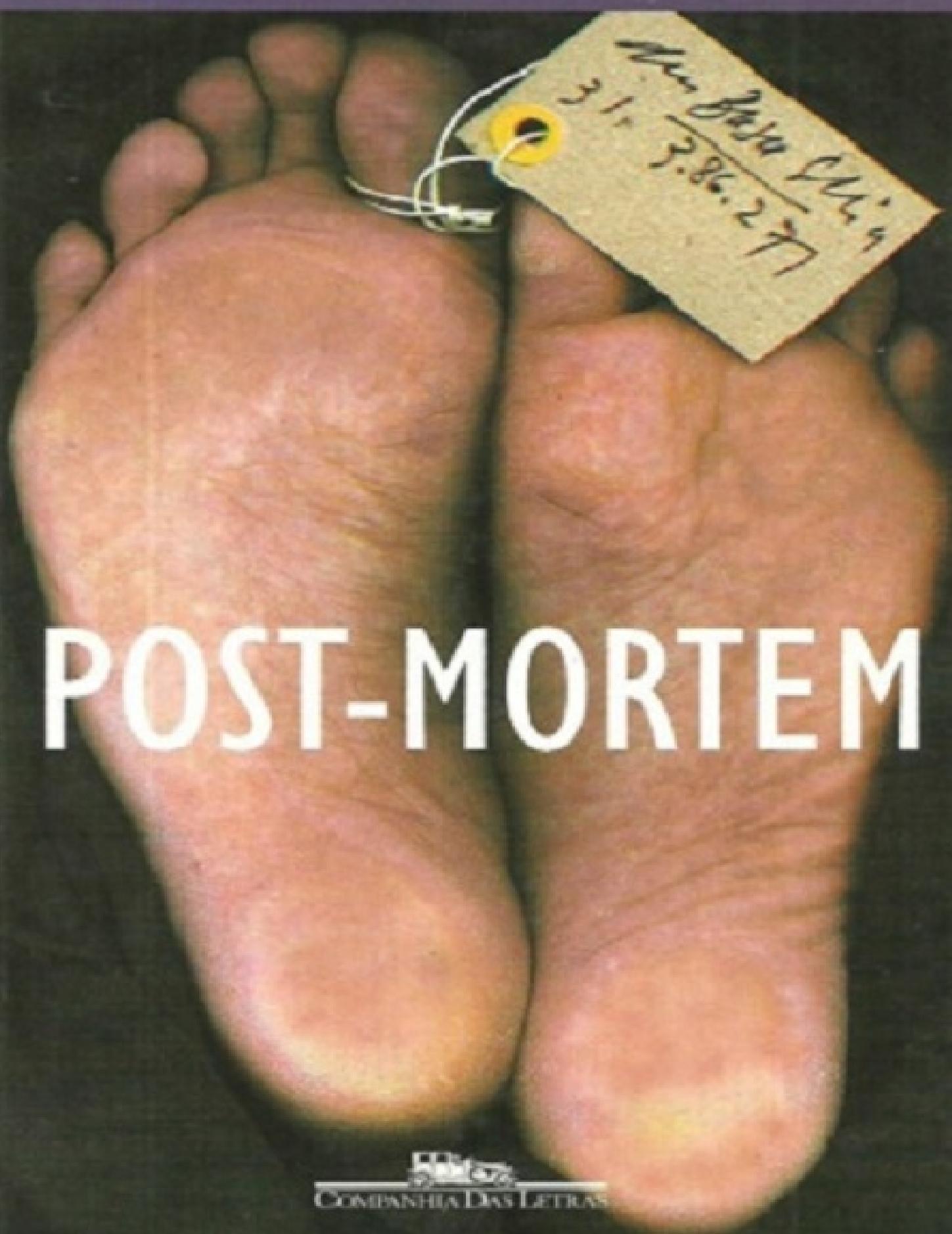


PATRICIA D. CORNWELL



# POST-MORTEM

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

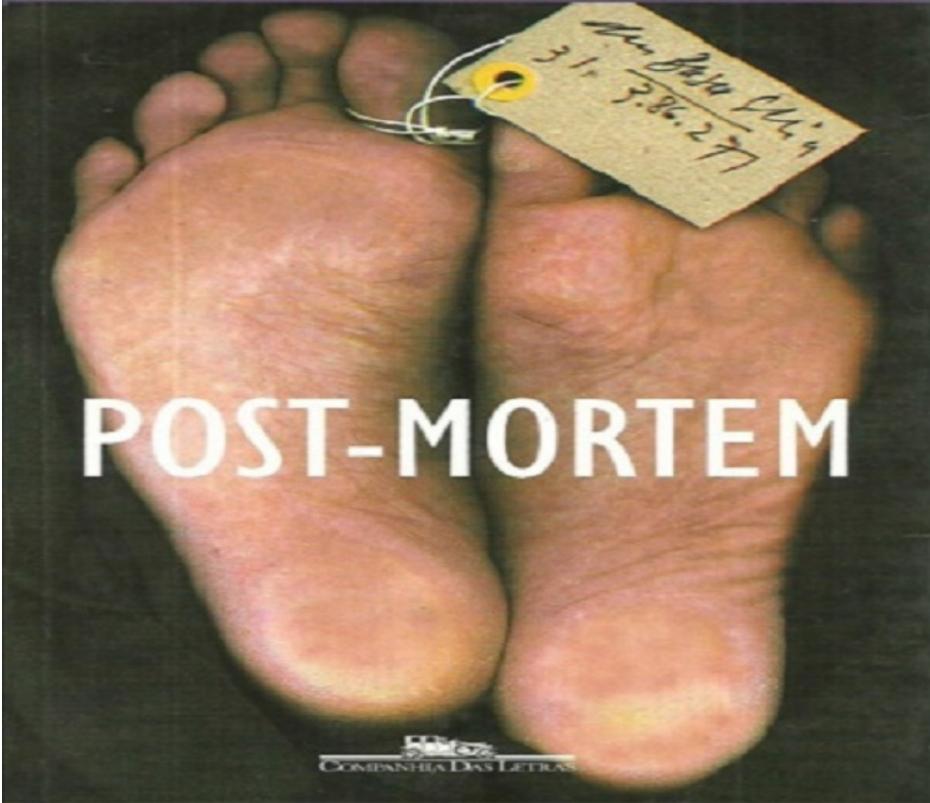
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

PATRICIA D. CORNWELL



# POST-MORTEM

COMPANHIA DAS LETRAS

TÍTULO

**PATRICIA CORNWELL**

**POST MORTEM**

(Postmortem - 1990)

**Doutora Kay Scarpetta #01**

*Para Joe e Diane*

\* \* \*

# ÍNDICE

Capa

Título

Índice

A Autora

Série

Resumo

*Um*

*Dois*

*Três*

*Quatro*

*Cinco*

*Seis*

*Sete*

*Oito*

*Nove*

*Dez*

*Onze*

*Doze*

*Treze*

*Quatorze*

*Quinze*

*Dezesseis*

\* \* \*

## A AUTORA

**P**ATRÍCIA CORNWELL, nascida Patrícia Carroll Daniels (Miami, 9 de junho de 1956) é uma escritora norte-americana de romances policiais. Começou sua carreira como repórter policial. Como escritora, se notabilizou pelos romances policiais que têm como personagem principal a Dra. Kay Scarpetta, médica-legista. Seus livros vêm acumulando prêmios e frequentam sistematicamente a lista dos mais vendidos.

Descendente de Harriet Beecher Stowe, Patrícia teve uma infância traumática, sofreu abuso emocional pelo pai, e traumatizada com a depressão da mãe, Patrícia ficou aos cuidados da Assistência Social e compreendeu logo a negligência da sociedade americana para com as vítimas de violência. Da infância traumática a uma adolescência problemática e rebelde, Cornwell enfrentou bulimia, anorexia, alcoolismo e depressão. Após a formatura no Davidson College em 1979, Patrícia começou a trabalhar no Charlotte Observer, onde escrevia notícias e artigos policiais, ganhando o North Carolina Press Association por uma reportagem sobre a prostituição e os crimes no centro da cidade de Charlotte.

Seu primeiro livro, intitulado **POSTMORTEM**, foi rejeitado por sete grandes editoras, sendo publicado somente em 1990, porém após a sua publicação ganhou os prêmios **EDGAR, CREASEY, ANTHONY E MACAVITY AWARDS** além do francês **PRIX DU ROMAN D'AVENTURE** em um único ano. O sucesso foi tamanho que Patrícia

começou uma série de livros protagonizados pela médica-legista Kay Scarpetta. Em 1999 a personagem Kay Scarpetta venceu o **SHERLOCK AWARD FOR BEST DETECTIVE**. Além de Kay Scarpetta, Cornwell também escreveu três livros protagonizados por Andy Brazil: *Hornet's Nest* (1996), *Southern Cross* (1998), e *Isle of Dogs* (2001), dois livros de receitas: *Scarpetta's Winter Table* (1998) e *Food to Die For* (2001), e um livro infantil: *Life's Little Fable* (1999). Cornwell escreveu também um livro sobre Jack o estripador, *Portrait of a Killer: Jack the Ripper-Case Closed* (2002), onde Cornwell alimenta a hipótese de Walter Sickert ser o estripador.

\* \* \*

## LIVROS DA SÉRIE DOUTORA KAY SCARPETTA

1. 1990; Postmortem
2. 1991; *Body of Evidence*
3. 1992; *All That Remains*
4. 1993; *Cruel and Unusual*
5. 1994; *The Body Farm*
6. 1995; *From Potter's Field*
7. 1996; *Cause of Death*
8. 1997; *Unnatural Exposure*
9. 1998; *Point of Origin*
10. 1999; *Black Notice*
11. 2000; *The Last Precinct*
12. 2003; *Blow Fly*
13. 2004; *Trace*
14. 2005; *Predator*
15. 2007; *Book of the Dead*
16. 2008; *Scarpetta*
17. 2009; *The Scarpetta Factor*
18. 2010; *Port Mortuary*
19. 2011; *Red Mist*
20. 2012; *The Bone Bed*

## RESUMO

O RELÓGIO MARCAVA 2h33 da madrugada. A Médica legista Kay Scarpetta é interrompida de seu sono por uma ligação telefônica, a ligação que iria mudar sua vida para sempre. Ela é convocada a comparecer à cena de um crime cruel e brutal. Lori Petersen, branca, trinta anos, fora amarrada, violentada e estrangulada com fios elétricos na sua própria cama, em sua residência em Richmond Virgínia. Não se trata apenas de um caso isolado. Richmond vem sendo alvo de um perverso serial killer. Lori Petersen, apenas a quarta vítima, tem muito em comum com as outras garotas assassinadas. Todas foram violentadas e amarradas com fios elétricos em volta do pescoço punhos e tornozelos de forma a vitima acabar se enforcando conforme os movimentos realizados. Apesar de todos os esforços para identificar o assassino, ele ainda leva uma grande vantagem, por ser não-secretor, ou seja, seu DNA não pode ser identificado nem pela saliva, nem pelo sêmen. Agora a Dra. Kay e o tenente da polícia Pete Marino iniciarão uma busca frenética, lutando contra o tempo para evitar que o assassino cometa mais crimes.

\* \* \*

## Um

CHOVIA EM RICHMOND na sexta-feira, 6 de Junho. A chuva contínua, que começara a cair ao amanhecer, desfolhara os lírios, e tanto o asfalto como as calçadas estavam cheios de folhas. Viam-se pequenos rios nas ruas e lagos, acabados de se formar, em campos de jogos e gramados. Adormeci com o som da água batendo no telhado de ardósia e estava tendo um sonho horrível à medida que a noite se dissolvia nas primeiras horas enevoadas da manhã de sábado. Vi um rosto branco do outro lado do vidro raiado pela chuva, um rosto informe e inumano como os das bonecas deformadas feitas de meias de nylon. A janela do meu quarto estava escura quando, de repente, vi o rosto, uma força do Mal olhando aqui para dentro. Acordei e olhei cegamente para o escuro. Não sabia o que tinha me acordado até que o telefone tocou novamente. Encontrei o fone sem ter de tatear.

— Doutora Scarpetta?

— Sim. Estendi a mão para o abajur e acendi-o. Eram 2.33 da manhã. Sentia o bater do coração através das costelas.

— Pete Marino. Temos um caso em Berkley Avenue, 5602. Acho que é melhor vir para cá.

O nome da vítima, ele prosseguiu, era Lori Pedersen, uma mulher branca, de trinta anos de idade. O marido tinha encontrado o corpo havia cerca de meia hora. Os pormenores eram desnecessários.

No momento em que peguei no telefone e reconheci a voz do detetive Marino, já sabia. As pessoas que acreditam em lobisomens têm medo da lua cheia. Tinha começado a odiar as horas entre a meia-noite e às três da manhã, quando a sexta-feira se transforma em sábado e a cidade dorme. Normalmente o médico-legista de serviço é chamado ao local onde ocorreu uma morte. Mas isto não era o normal. Depois do segundo caso deixara bem claro que deveriam me chamar, qualquer que fosse a hora, se houvesse outro assassinato. Marino não ficou muito satisfeito com a ideia. Desde que fui nomeada médica-legista-chefe do estado da Virgínia, há menos de dois anos, que ele se tornara difícil. Não tinha a certeza se ele não gostava de mulheres ou se apenas não gostava de mim.

— Berkley fica em Berkley Downs, Southside, disse ele de forma condescendente. — Sabe o caminho?

Confessei que não sabia e escrevinhei as indicações num bloco que tenho sempre junto ao telefone. Desliguei e os meus pés já estavam no chão quando comecei a sentir a adrenalina nos meus nervos como se fosse café expresso. A casa estava sossegada. Agarrei na minha maleta, gasta e deteriorada pelos anos de uso. O ar da noite era como uma sauna fresca e não se viam luzes nas janelas das casas dos meus vizinhos. Ao fazer marcha à ré com o carro azul, olhei para a luz que brilhava por cima do alpendre, para a janela do primeiro andar que dava para o quarto de hóspedes onde dormia Lucy, a minha sobrinha de dez anos. Este seria mais um dia na vida da criança que eu iria perder. Fora buscá-la ao aeroporto na quarta-feira à noite. As nossas refeições juntas, até agora, tinham sido poucas.

Não havia trânsito até chegar à Parkway. Minutos depois, a toda a velocidade, eu atravessava o rio James. Ao longe, os faróis traseiros eram como rubis, e no espelho retrovisor via a silhueta fantasmagórica da cidade. De ambos os lados se estendiam planícies de escuridão com pequenos fios de luz baça nas extremidades. Lá fora, algures, existe um

homem, pensei. Pode ser uma pessoa qualquer, anda ereto, dorme debaixo de um teto e tem o número habitual de dedos das mãos e dos pés. Provavelmente é branco e tem muito menos do que os meus quarenta anos. Segundo a maior parte dos critérios, é vulgar, não tem um BMW e não frequenta os bares do Slip nem as lojas de roupa mais caras da Main Street. Mas, por outro lado, até podia ser. Podia ser qualquer pessoa e não era ninguém. O senhor Ninguém. O tipo de homem de quem nós não nos lembramos dele depois de subirmos vinte andares a sós, num elevador. Tornara-se o automeado dirigente obscuro da cidade. Uma preocupação para milhares de pessoas, que nunca o tinham visto, e uma obsessão para mim. O senhor Ninguém.

Como os homicídios tinham começado há dois meses, podia ter sido libertado recentemente da prisão ou de um hospital psiquiátrico. Era isto que se dizia na semana passada, mas as teorias mudavam constantemente. A minha era a mesma desde o início. Tinha fortes suspeitas de que era novo na cidade, já fizera isto antes noutra qualquer e nunca passara um dia atrás das grades de uma prisão ou numa unidade forense. Não era desorganizado, não era um amador e certamente não era “maluco”.

Wilshire ficava à dois semáforos abaixo, à esquerda. A seguir, a primeira à direita era Berkley. Avistei as luzes azuis e vermelhas piscando dois quarteirões adiante. A parte da rua em frente ao 5602 estava iluminada como um local de catástrofe. Uma ambulância, com o motor trabalhando ruidosamente, se encontrava ao lado de dois veículos civis com os piscas-alertas ligados e de três carros-patrulha com as luzes de emergência girando a toda a velocidade. Os repórteres do Canal 12 tinham acabado de chegar. Havia luzes acesas, no início e ao fundo da rua, e várias pessoas, de pijama e roupão, tinham saído para os alpendres das suas casas. Parei atrás do veículo da televisão quando um operador de câmara atravessava a rua. Com a cabeça baixa, a gola da capa bege levantada até às orelhas, segui junto ao muro de tijolo até à porta da frente. Sempre senti certa aversão a me ver no noticiário da noite. Desde

que os estrangulamentos em Richmond tinham começado, o meu departamento fora invadido e os mesmos repórteres apareciam constantemente, fazendo as mesmas perguntas insensíveis.

— Se for um serial killer, doutora Scarpetta, não acha provável que aconteça outra vez? Como se quisessem que acontecesse novamente.

— É verdade que encontrou marcas de mordidas na última vítima?

Não era verdade, mas, qualquer que fosse a minha resposta, eles levavam a melhor. Se fosse “Não comento”, eles acham que é verdade. Se respondesse que não, na próxima edição se lia que a “doutora Kay Scarpetta nega ter encontrado marcas de mordidas no corpo das vítimas”. O assassino, que lê os jornais como toda a gente, acaba por ter uma ideia nova. Os relatos recentes eram elaborados e assustadoramente pormenorizados. Iam muito além do objetivo de alertarem os cidadãos. As mulheres, sobretudo as que viviam sozinhas, andavam aterrorizadas. Na semana seguinte ao terceiro assassinato a venda de armas e de fechaduras de segurança aumentou cinquenta por cento, e a Sociedade Protetora dos Animais esgotou os cães, um fenómeno que chegou às primeiras páginas dos jornais, é claro. Ontem, a infame e galardoada repórter de casos policiais Abby Turnbull demonstrara o seu topete habitual ao vir ao meu departamento, brandindo ao meu pessoal a lei da liberdade de informação, numa tentativa vã de obter cópias dos registos das autópsias.

A criminalidade era expressiva em Richmond, uma velha cidade da Virgínia com 220.000 habitantes, que no ano passado, segundo o FBI, registara o segundo maior índice de homicídios per capita nos Estados Unidos. Não era invulgar patologistas forenses da British Commonwealth passarem um mês no meu departamento para aprenderem mais sobre feridas provocadas por disparos de armas. Também não era invulgar que policiais de carreira, como Pete Marino, deixassem a loucura de Nova Iorque ou Chicago para descobrir que Richmond era ainda pior. O invulgar eram estes violentos crimes

sexuais. O cidadão comum não se identifica com tiroteios domésticos motivados por drogas ou com um bêbedo que apunhala outro por causa de uma garrafa de Mad Dog. Mas estas mulheres assassinadas eram as colegas ao lado de quem nos sentamos no trabalho, àquela amiga que se convida para ir às compras ou para vir tomar uma bebida, as conhecidas com quem se conversa nas filas ou junto das caixas registadoras. Eram vizinhas de alguém, irmãs de alguém, filhas de alguém, amantes de alguém. Estavam na sua própria casa, dormindo na sua cama, quando o senhor Ninguém trepou por uma das janelas. Dois homens uniformizados ladeavam a porta da frente, que estava escancarada e barrada por uma fita amarela com o aviso: **LOCAL DO CRIME- NÃO ENTRAR.**

— Doutora. Podia ser meu filho este rapaz de azul que se desviou no topo das escadas e levantou a fita para me deixar passar.

A sala impecável estava agradavelmente pintada em quentes tons de rosa. Um bonito armário de cerejeira, a um canto, continha uma pequena televisão e um leitor de CDs. Ao lado, se via uma estante com pautas de música e um violino. Por baixo de uma janela com cortinas, que dava para o gramado da frente, se encontrava um sofá e na mesa de vidro, em frente, se via um monte de revistas bem empilhadas. Entre elas se encontravam a *Scientific American* e o *New England Journal of Medicine*. Do outro lado de um tapete chinês, com um medalhão rosa e um fundo creme, havia um armário de noqueira. Encadernações sebatas de uma faculdade de medicina ocupavam duas prateleiras. Uma porta aberta dava para um corredor que percorria toda a casa. A minha direita se via uma série de quartos e à esquerda ficava a cozinha, onde Marino e um jovem policial conversavam com um homem que calculei se tratar do marido.

Tomei vagamente consciência de bancadas limpas, de linóleo e utensílios de um branco sujo a que os fabricantes chamam “cor de amêndoa”, do amarelo-claro do papel de parede e das cortinas. Mas o

que me chamou a atenção foi a mesa. Em cima se encontrava um saco de nylon vermelho, cujo conteúdo tinha sido verificado por um policial: um estetoscópio, uma lanterna de reflexos, uma caixa Tupperware que contivera uma refeição ou um snack, e edições recentes dos *Annals of Surgery*, do *Lancei* e do *Journal of Trauma*. Nesta altura fiquei totalmente baralhada. Marino olhou friamente para mim quando parei junto à mesa, depois me apresentou a Matt Pedersen, o marido. Pedersen estava afundado numa cadeira, a expressão transtornada pelo choque. Era agradavelmente bem-parecido, quase bonito, as feições perfeitamente delineadas, o cabelo preto de azeviche, a pele macia e um pouco bronzeada. Tinha ombros largos, um corpo magro, mas elegante, vestido informalmente com uma camisa Izod e jeans desbotados. Tinha os olhos baixos e as mãos, rígidas, no colo.

— São dela? Eu tinha de saber. Os utensílios médicos podiam pertencer ao marido. O sim de Marino foi uma confirmação.

Os olhos de Pedersen se ergueram lentamente. De um azul-escuro, raiados de sangue, pareciam aliviados quando se fixaram em mim. O médico chegara, um raio de esperança onde não havia nenhuma. Balbuciu algumas frases incompletas, que davam expressão às suas ideias fragmentadas e estupefacção.

— Falei com ela ao telefone. Ontem à noite. Estava no Virgínia Medical College, na urgência, e disse que deveria chegar em casa perto da meia-noite e meia. Cheguei aqui, encontrei as luzes apagadas e pensei que ela tinha ido para a cama. Depois entrei ali dentro. A voz dele aumentou de volume, vacilante, e ele respirou fundo. — Entrei ali, no quarto. Os olhos dele tinham uma expressão desesperada, estavam cheios de lágrimas e me suplicou: — Por favor. Não quero que as pessoas olhem para ela, não quero que a vejam assim. Por favor! Respondi-lhe em voz baixa:

— Ela tem de ser examinada, Mr. Pedersen. De repente bateu com o punho em cima da mesa, numa súbita explosão de raiva.

— Eu sei! O olhar dele era desvairado. — Mas todos eles, a polícia e todas as outras pessoas? A voz dele vacilava. — Sei como é. Repórteres e toda a gente invadindo tudo. Não quero todos os filhos da mãe a olhar para ela! Marino se manteve imperturbável.

— Olhe. Eu também sou casado, Matt. Sei o que está passando. Tem a minha palavra de que ela será respeitada, tal como se fosse eu que estivesse sentado nessa cadeira, de acordo? O doce bálsamo das mentiras.

Os mortos não podem se defender e a profanação daquela mulher, como das outras, tinha apenas começado. Sabia que não terminaria até que Lori Pedersen fosse virada do avesso, cada centímetro seu fotografado e tudo exposto para que peritos, a polícia, advogados, juízes e membros do júri a vissem. Haveria opiniões e comentários sobre os seus atributos físicos ou a falta deles. Haveria piadas superficiais e apartes cínicos quando a vítima, e não o assassino, fosse julgada, quando cada aspecto da sua pessoa e do seu modo de vida fosse investigado, julgado e, em alguns aspectos, aviltado. Uma morte violenta é um acontecimento público, e esta era faceta da minha profissão que tão rudemente feria a minha sensibilidade. Fazia o que podia para preservar a dignidade das vítimas. Mas havia pouco que eu pudesse fazer depois da pessoa se tornar mais um caso, uma prova passada de mão em mão. A privacidade é completamente destruída como a vida. Marino me levou para fora da cozinha, deixando o policial continuar interrogando Pedersen.

— Já tirou as fotografias? Perguntei.

— O pessoal da identificação está lá agora, limpando tudo, disse ele, se referindo aos policiais da seção de identificação que se encontravam trabalhando. — Disse-lhes para se manterem afastados do corpo.

Paramos no vestíbulo. Nas paredes se viam várias aquarelas bonitas, uma coleção de retratos de fim de curso do marido e dela, e uma artística fotografia a cores do jovem casal encostado a estacas danificadas

pelo tempo, as calças enroladas até à barriga da perna, o vento agitando os seus cabelos, as faces coradas pelo sol, tendo como fundo uma tela pintada com a vista de uma praia. Ela tinha sido bonita em vida, loira, com feições delicadas e um sorriso atraente. Frequentara Brown e depois Harvard para cursar medicina. Os anos de estudante do marido tinham sido passados em Harvard. Devia ter sido lá que se conheceram e, aparentemente, ele era mais novo do que ela.

Lori Pedersen. Brown. Harvard. Brilhante. Trinta anos de idade. Prestes a ter realizado o seu sonho. Depois de, no máximo, oito desgastantes anos de estudos clínicos. Uma médica. Tudo destruído em escassos minutos pelo prazer aberrante de um estranho. Marino me tocou no cotovelo. Desviei-me das fotografias quando ele chamou a minha atenção para a porta aberta em frente à esquerda.

— Foi por aqui que ele entrou, disse ele.

Era uma divisão pequena, com chão de mosaicos brancos e a parede forrada a papel azul Williamsburg. Tinha um sanitário, um lavatório e um cesto de palhinha para a roupa. A janela, por cima do sanitário, estava aberta para trás, um quadrado de escuridão através do qual o ar fresco e húmido penetrava e agitava as cortinas brancas e engomadas. Ao longe, nas árvores escuras e densas, as cigarras cantavam.

— A grade está cortada. O rosto de Marino não tinha expressão ao me olhar. — Está encostada nos fundos da casa. Mesmo por baixo da janela há um banco e uma mesa de piquenique. Parece que ele o puxou para conseguir pular aqui para dentro.

Olhei cuidadosamente o chão, o lavatório e o tampo do sanitário. Não vi sujeira, manchas ou pegadas, mas era difícil de ver do lugar onde me encontrava e não tinha qualquer intenção de correr o risco de alterar o que quer que fosse.

— A janela estava fechada? Perguntei.

— Não me parece. Todas as outras janelas estão fechadas. Já verifiquei. Parece que ela se daria ao trabalho de ver se esta também estava. De todas as janelas, esta é a mais vulnerável, perto do chão e nos fundos, onde ninguém pode ver o que está acontecendo. É melhor do que entrar pela janela do quarto, porque, se o homem não fizesse barulho, aqui no vestíbulo ela não conseguiria ouvi-lo a cortar a grade e pular para dentro.

— E as portas? Estavam fechadas quando o marido chegou?

— Ele diz que sim.

— Então o assassino saiu da mesma maneira que entrou, concluí.

— Parece que sim. Um marido cuidadoso, não acha? Estava encostado à porta, inclinado para frente, sem se decidir a entrar. — Não vejo nada aqui. Talvez ele tenha feito uma limpeza para se certificar de que não deixava pegadas no sanitário ou no chão. Tem chovido o dia todo. Os olhos dele estavam inexpressivos ao me fixarem. — Os pés dele deviam estar molhados, talvez enlameados.

Não percebi onde Marino queria chegar com isto. Era difícil de entender e nunca percebi se era um bom jogador de pôquer ou apenas lento. Era exatamente o tipo de detetive que eu evitava se tivesse a hipótese, dominador e completamente inacessível. Estava perto dos cinquenta, tinha um rosto marcado pela vida e longos tufos de cabelos grisalhos separados por um risco do lado e penteados para cima da careca. Tinha pelo menos 1,82 m de altura e era barrigudo por beber Bourbon ou cerveja durante décadas. A gravata vermelha e azul riscada, demasiado larga, estava gordurosa junto ao pescoço pelo suor de vários verões. Marino era um tipo duro, um detetive rude e grosseiro que provavelmente tinha um papagaio em casa que dizia palavrões e uma mesinha de café cheia de revistas Hustler.

Andei ao longo do corredor e parei à entrada do quarto principal. Senti um vazio dentro de mim. Um policial, que fazia parte do pessoal de identificação, estava ocupado cobrindo todas as superfícies com um

pó negro, enquanto outro policial filmava tudo em vídeo. Lori Pedersen estava em cima da cama, e a colcha azul e branca pendia ao fundo da mesma. O lençol de cima fora puxado para baixo e colocado numa trouxa sob os seus pés; o lençol de baixo estava solto nos cantos, expondo o colchão, e as almofadas tinham sido empurradas para a direita da cabeça dela. A cama era o vórtice de uma violenta tempestade, rodeada pelo civismo sereno da mobília de carvalho envernizado de uma típica família da classe média. Estava nua. No tapete colorido, à direita da cama, se via a sua camisola de algodão de um amarelo-pálido. Estava rasgada da gola até à bainha, o que acontecera também nos últimos três casos. Na mesa-de-cabeceira mais perto da porta, se via um telefone com o fio arrancado da parede. Os dois abajures, de ambos os lados da cama, estavam apagados; os fios elétricos tinham sido cortados. Um fio lhe envolvia os pulsos, amarrados atrás das costas. O segundo fio estava atado num padrão diabolicamente criativo, que também condizia com os primeiros três casos. Laçado uma vez pela cabeça dela, passava por trás através do fio atado aos pulsos, tendo sido firmemente amarrado aos tornozelos. Desde que os joelhos dela estivessem dobrados, o laço à volta do pescoço permanecia solto. Quando esticava as pernas para aliviar a dor ou devido ao peso do assaltante em cima dela, o laço à volta do pescoço ia apertando como um nó. A morte por asfixia leva apenas alguns minutos. É muito tempo quando cada célula do nosso corpo clama por ar.

— Pode entrar doutora, dizia o policial com a câmara de vídeo. — Já tenho tudo isto filmado.

Com passos cautelosos, me aproximei da cama, pousei a maleta no chão e tirei um par de luvas cirúrgicas. Depois peguei na minha máquina fotográfica e tirei várias fotografias do corpo in situ. O rosto dela era grotesco, irreconhecivelmente inchado, roxo-azulado devido ao derramamento de sangue causado pelo fio bem apertado à volta do pescoço. O sangue escorrera pelo nariz e pela boca, manchando o lençol. Os cabelos loiros se encontravam em desordem. De estatura elevada,

não media menos do que 1,70 m e estava muito mais gorda do que a versão mais jovem que se via na fotografia no corredor. A aparência física era importante, uma vez que a ausência de um padrão estava se tornando uma constante. As quatro vítimas estranguladas pareciam não ter características físicas em comum, nem mesmo a raça. A terceira vítima era negra e muito elegante. A primeira vítima era ruiva e gorducha; a segunda morena e baixinha. Tinham profissões diferentes: uma professora primária, uma jornalista freelance, uma recepcionista e agora uma médica. Moravam em áreas diferentes da cidade.

Tirei um longo termômetro da maleta e medi a temperatura do quarto e depois do corpo. O quarto estava a 22 graus e a temperatura do corpo era de 34,2 graus. Determinar a hora da morte é mais difícil do que a maior parte das pessoas pensa. Não pode ser definida exatamente, a não ser que tenha sido testemunhada ou o relógio da vítima tenha parado. Mas Lori Pedersen falecera há menos de três horas. O corpo dela ia arrefecendo um a dois graus por hora, e o rigor começava a se instalar nos músculos pequenos. Procurei quaisquer indícios óbvios que pudessem desaparecer quando o corpo fosse para a morgue. Não havia cabelos soltos na pele, mas descobri uma quantidade enorme de fibras, a maior parte das quais eram da roupa da cama. Com uma pinça agarrei numa amostra delas, minúsculas e brancas, algumas parecendo ser de um tecido azul-escuro ou preto. Coloquei-as em pequenos sacos de plástico. O indício mais óbvio era o cheiro almiscarado, as manchas de um resíduo transparente e seco como cola, na parte superior e na parte de trás das pernas dela.

O sêmen estava presente em todos os casos, no entanto pouca importância tinha para a investigação. O agressor fazia parte dos vinte por cento da população que se orgulhavam de serem não-secretores. Isto significa que os antígenos do seu grupo sanguíneo não se encontram nos outros fluidos corporais, tais como a saliva, o sêmen ou o suor. Por outras palavras, na ausência de uma amostra de sangue, não podia ser tipificado. Podia ser do tipo A, B, AB ou de qualquer outro. Não há

mais de dois anos, essa característica do assassino seria um choque esmagador para a investigação forense. Entretanto, se passou a haver a definição do perfil pelo DNA, acabado de ser introduzido e, em potencial, suficientemente significativo para identificar um agressor, excluindo todos os outros seres humanos, desde que a polícia o apanhasse primeiro, obtivesse amostras biológicas e ele não tivesse um gêmeo idêntico. Marino estava dentro do quarto bem atrás de mim.

— A janela do banheiro, disse ele, olhando para o corpo. — Bem, segundo o marido, continuou, apontando um dedo na direção da cozinha, — A razão pela qual estava aberta foi porque ele a abriu no fim-de-semana passado. Eu me limitei a ouvir. — Ele diz que o banheiro é usado muito raramente, a não ser que tenham visitas. Parece que esteve substituindo a grade, no fim-de-semana passado, e diz que é possível que tenha se esquecido de fechar a janela quando acabou. O banheiro não foi usado durante toda a semana. Ela, prosseguiu, olhando de novo para o corpo, — Não tinha razão para se preocupar, pois achou que devia estar fechada. Fez uma pausa. — É interessante que a única janela que o assassino tenha tentado, como parece, tenha sido aquela. A que não estava fechada. As grades das outras não estão cortadas.

— Quantas janelas existem nos fundos da casa? Perguntei.

— Três. Na cozinha, no lavabo e neste banheiro.

— E todas elas são de guilhotina com um ferrolho em cima?

— Acertou.

— O que significa que, se iluminasse de fora o ferrolho com uma lanterna, provavelmente conseguiria ver se estava fechado ou não?

— Talvez. Novamente aqueles olhos inexpressivos e hostis. — Mas só se trepasse em cima de alguma coisa, pois não se consegue ver o ferrolho do chão.

— Mencionou um banco de piquenique, lembrei.

— O problema é que o quintal está completamente encharcado. As pernas do banco deviam ter deixado marcas na relva se o homem o encostou contra as outras janelas e se pôs em cima dele para ver. Tenho alguns homens vasculhando lá fora. Não há marcas por baixo das outras

duas janelas. Não parece que o assassino tenha se aproximado delas. O que parece é que se dirigiu diretamente para a janela do banheiro ao fundo do corredor.

— Será possível que tenha ficado um pouco aberta e que, por isso, o assassino tenha se dirigido imediatamente para ela? Marino admitiu:

— Olhe, qualquer coisa é possível.

Talvez sim. Talvez não. É fácil ser observador em retrospectiva. Mas a maior parte das pessoas não presta assim tanta atenção a cada detalhe das suas casas, especialmente às divisões que raramente são usadas. Por baixo de uma janela com cortinas que dava para a rua, se via uma mesa com mais alguns lembretes recordando, friamente, que Lori Pedersen e eu tínhamos a mesma profissão. Espalhadas por cima do mata-borrão estavam várias revistas médicas, os *Principies of Surgery* e a *Dorland's*. Perto da base do abajur de latão estavam dois disquetes de computador. Os rótulos estavam datados sucintamente “6/1”, escritos com uma caneta de feltro e numerados I e II. Eram disquetes de dupla densidade, compatíveis com IBM. Possivelmente continham alguma coisa em que Lori Pedersen estava trabalhando na VMC, a faculdade de medicina onde havia numerosos computadores à disposição dos estudantes e médicos. Não parecia ter um computador em casa.

Numa cadeira de vime, no canto entre a cômoda e a janela, se viam peças de roupa bem arrumadas: um par de calças brancas de algodão, uma camisa de manga curta listradinha vermelha e branca e um sutiã. A roupa estava um pouco amarrotada, como se tivesse sido usada e deixada na cadeira ao fim do dia, como eu por vezes faço quando estou demasiado cansada para pendurá-la. Dei uma rápida vista de olhos ao roupeiro e ao banheiro. De uma forma geral, o quarto principal estava arrumado e intacto, excetuando a cama. Tudo indicava que não fazia parte do *modus operandi* do assassino pilhar ou cometer roubo. Marino observava um agente de identificação abrir as gavetas da cômoda.

— Que mais sabe sobre o marido? Perguntei.

— Pós-graduação em Charlottesville; mora lá durante a semana e vem para casa na sexta-feira à noite. Fica durante o fim-de-semana, depois volta para Charlottesville no domingo à noite.

— Em quê?

— Literatura, foi o que ele disse, respondeu Marino, olhando para tudo à sua volta, menos para mim. — Está fazendo doutoramento.

— Em quê?

— Em literatura, disse ele novamente, sublinhando cada sílaba.

— Que tipo de literatura? Os seus olhos castanhos me fixaram, finalmente, sem grande ênfase.

— Americana, foi o que ele me disse. Mas eu acho que o seu maior interesse são peças de teatro. Parece estar estudando uma neste momento. Shakespeare. Hamlet, eu acho que foi isso que ele disse. Diz que já fez muito teatro, incluindo pequenos papéis em filmes rodados por aqui e também alguns anúncios para a televisão.

Os agentes de identificação terminaram o que estavam fazendo. Um deles se virou, com o pincel espetado no ar. Marino apontou para os disquetes em cima da mesa e falou suficientemente alto para chamar a atenção de toda a gente:

— Parece que é melhor darmos uma olhadela ao conteúdo destes disquetes. Talvez seja uma peça de teatro que ele está escrevendo.

— Podemos fazer isso no meu escritório. Temos alguns PC's compatíveis com IBM, propus.

— PC's, disse ele, arrastando a voz. — Sim, é muito melhor do que a minha RC: uma Royal Crapola, normalíssima, preta, quadrada, teclas pegajosas, uma verdadeira peça de museu.

Um agente de identificação estava tirando da última gaveta, debaixo de uma pilha de camisolas, uma faca de mato de lâmina comprida, com uma bússola inserida no topo do cabo preto e uma pequena pedra de amolar numa bolsa da bainha. Tocando-lhe o menos possível, colocou-a dentro de um saco de plástico para identificação. Da

mesma gaveta tirou uma caixa de preservativos, o que era um pouco estranho, disse eu a Marino, uma vez que Lori Pedersen usava contraceptivos orais, que eu notara no banheiro. Marino e os outros agentes começaram com as habituais especulações cínicas. Tirei as luvas e enfié-as na maleta.

— Já pode levá-la daqui, disse eu.

Os homens se viraram ao mesmo tempo, como se, de repente, tivessem se lembrado da mulher brutalmente morta no meio da cama amarrotada e desfeita. Os lábios dela estavam afastados dos dentes, como se tivesse dores, os olhos inchados olhavam fixa e cegamente para cima. Uma mensagem de rádio foi transmitida para a ambulância e, minutos depois, dois paramédicos, de macacões azuis, entraram com uma maca, coberta com um lençol branco e limpo, que colocaram ao mesmo nível da cama. Levantaram Lori Pedersen, segundo as minhas instruções, com a roupa da cama dobrada por cima dela e não deixando que as mãos enluvadas tocassem na pele dela. Foi colocada suavemente na maca, com o lençol preso em cima para assegurar que não se perdessem ou se acrescentassem provas. As fitas de velcro fizeram um barulho bastante grande ao serem tiradas e postas por cima do casulo branco. Marino me seguiu para fora do quarto e fiquei surpreendida quando ele anunciou:

— Acompanho-a até ao carro.

Matt Pedersen estava de pé quando saímos do corredor. O rosto lívido, os olhos vidrados, necessitando desesperadamente de alguma coisa que só eu podia dar. Segurança. Uma palavra de conforto. A promessa de que a mulher tinha morrido rapidamente e de que não sofrera. Que fora manietada e violentada. Mas não havia nada que eu pudesse dizer. Marino me levou, através da sala de estar, até à saída.

O jardim estava iluminado com projetores de televisão, flutuando contra o fundo de luzes vermelhas e azuis que piscavam hipnoticamente. As vozes sincopadas e impessoais dos operadores de rádio competiam com os motores ligados, enquanto uma chuva suave começava a cair através de um leve nevoeiro. Viam-se repórteres, munidos de blocos de apontamentos e gravadores, esperando impacientemente pelo momento em que o corpo fosse levado pelas escadas da frente e metido na parte de trás da ambulância. Havia uma equipe de televisão na rua, uma mulher com uma elegante capa de corte militar falando com ar sério para um microfone, enquanto uma câmara a filmava, no local, para o noticiário da noite de sábado.

Bill Boltz, o promotor do estado, acabara de chegar e estava saindo do carro. Parecia aturdido, meio adormecido e preparado para fugir da imprensa. Não tinha nada a dizer, por que nada sabia ainda. Quem o teria informado? Talvez Marino. Os policiais andavam por ali, alguns sondando vagamente o gramado com as poderosas lanternas Kel, outros formavam grupos junto dos carros brancos e conversavam. Boltz fechou o blusão de couro e baixou a cabeça ao olhar para mim de relance, subindo depois rapidamente a rampa. O chefe da polícia e um graduado estavam sentados dentro de um carro bege, sem distintivo, com a luz interior acesa, as caras pálidas ao baixarem a cabeça de vez em quando, fazendo observações à repórter Abby Turnbull. Ela interpelava-os através de uma janela aberta. Esperou que estivéssemos na rua para vir ao nosso encontro. Marino repeliu-a com a mão:

— Não faço comentários, disse num tom de voz como se quisesse mandá-la se enforcar. Estugou o passo. Era quase um consolo. — Isto não é o cúmulo? Explodiu Marino, revoltado, se tateando de alto à baixo à procura dos cigarros. — Um verdadeiro circo, meu Deus! A chuva caía, suave e fresca, no meu rosto enquanto Marino mantinha a porta do carro aberta. Enquanto eu rodava a chave na ignição, se sentou e disse com um sorriso afetado: — Guie com muito cuidado, doutora.

\* \* \*

## Dois

O MOSTRADOR BRANCO do relógio flutuava como uma lua cheia no céu escuro por cima da cúpula da antiga estação de trem, dos trilhos e do viaduto da I-95. Os ponteiros de filigrana do grande relógio pararam ao mesmo tempo em que o último trem de passageiros muitos anos antes. Eram doze e dezessete. Seriam sempre doze e dezessete na parte baixa da cidade, onde o Departamento de Saúde e Serviços Humanos decidira construir o seu hospital para os mortos. O tempo parou aqui. Os edifícios estão entaipados e degradados. O trânsito e os trens de mercadoria ressoam e rugem perpetuamente como um mar distante e descontente. A terra é uma extensão envenenada de ervas daninhas e entulho, onde nada cresce e não existem luzes depois do escurecer. Não existe qualquer movimento aqui, a não ser o dos caminhoneiros, dos viajantes e dos trens que passam a toda a velocidade nos trilhos de aço.

O mostrador branco do relógio me observava enquanto eu guiava através da escuridão. Observava-me como o rosto branco no meu sonho. Entrei com o carro por uma abertura na vedação de arame e parei atrás do edifício de estuque onde tinha passado quase todos os dias dos últimos dois anos. O único veículo do Estado que se encontrava no parque de estacionamento, para além do meu, era o Plymouth cinzento de Neils Vander, o analista de impressões digitais. Tinha-lhe telefonado logo depois de Marino ter me ligado. Nesta altura, se encontrava na sala de raios X montando o laser. A luz do compartimento principal banhava o macadame e dois paramédicos tiravam uma maca com um saco preto

de dentro de uma ambulância. As entregas continuavam durante toda a noite. Qualquer pessoa que morresse de forma violenta, inesperada, ou suspeita na Virgínia era mandada para aqui, qualquer que fosse a hora do dia ou da noite. Os homens jovens, com os seus macacões azuis, ficaram surpresos quando me viram entrar no compartimento, mantendo a porta aberta que dava para o interior do edifício.

— Veio cedo, doutora.

— Um suicídio em Mecklenburg, disse o outro ajudante. — Atirou-se na frente de um trem. Ficou espalhado em mais de quinze metros de linha.

— Foi. Bocados e partes... A maca bateu ao entrar na porta aberta que dava para o corredor de azulejos brancos. Aparentemente, o saco tinha um defeito ou estava rasgado. O sangue escorria através do fundo da maca, deixando um rasto vermelho.

A morgue tinha um cheiro característico, o fedor bolorento da morte que nenhum aerossol desodorizante conseguia disfarçar. Se eu tivesse sido guiada até aqui de olhos vendados, teria sabido exatamente onde estava. A esta hora da manhã, se notava mais o cheiro, era mais desagradável do que o habitual. A maca se movia, com ruído, através do silêncio vazio, à medida que os ajudantes empurravam o suicida para o frigorífico de aço inoxidável.

Virei em seguida para o setor da morgue onde Fred, o segurança, bebericava café de uma xícara de plástico e esperava que os ajudantes registrassem o corpo e fossem embora. Estava sentado na beira da mesa, olhando, como fazia sempre que um corpo era entregue. Uma pistola apontada à sua cabeça não seria um incentivo suficiente para fazê-lo acompanhar quem quer que fosse até ao frigorífico. As etiquetas que balançavam presas a um dedo do pé e que se projetavam para fora dos lençóis tinham sempre um efeito peculiar nele. Olhou de lado para o relógio de parede. O seu turno de dez horas estava quase no fim.

— Está chegando outro caso de estrangulamento, disse eu rispidamente.

— Meu Deus, meu Deus! Claro que tenho pena. Abanava a cabeça. —É difícil imaginar alguém fazendo uma coisa assim. Todas elas jovens senhoras. E continuava abanando a cabeça.

— Deve estar a chegar a qualquer momento e quero que se certifique de que a porta fique fechada e permanecerá fechada depois do corpo ser entregue, Fred. Os repórteres vão estar lá fora em bando. Não quero que ninguém se aproxime à menos de quinze metros do edifício. Entendido? A minha voz era dura e estridente e eu sabia. Os meus nervos zumbiam como uma linha de alta tensão.

— Sim, senhora. Abanou vigorosamente a cabeça. — Vou estar de atalaia, claro que vou.

Acendi um cigarro, peguei no telefone e disquei o meu número de casa. Bertha atendeu ao segundo toque, parecendo bêbada de sono ao perguntar com voz rouca:

— Alô.

— Acabei de chegar.

— Eu estou aqui. A Lucy não se mexeu, doutora Kay. Está dormindo ferrada, nem sequer me ouviu chegar.

— Obrigada, Bertha. Nem sei como posso lhe agradecer. Não sei quando vou aparecer em casa.

— Vou ficar aqui até a senhora chegar, doutora Kay.

Bertha estava de prevenção nos últimos tempos. Se eu era chamada a meio da noite, ela também era. Tinha-lhe dado uma chave da porta da frente e instruções sobre o funcionamento do alarme. Provavelmente tinha chegado à minha casa poucos minutos depois de eu ter partido para o local do crime. Com tristeza pensei que Lucy iria encontrar Bertha na cozinha em vez da tia Kay quando se levantasse daqui a umas horas. Tinha prometido a Lucy levá-la hoje a Monticello.

Num carrinho cirúrgico que se encontrava perto estava o gerador azul, menor do que um micro-ondas, com uma fila de luzes verdes e brilhantes à frente. Estava suspenso na escuridão da sala de raios X como um satélite no espaço. Um fio elétrico em espiral ligava-o a uma sonda ótica, do tamanho de um lápis, cheia de água do mar. O laser que tínhamos comprado no último inverno era relativamente simples. Em fontes de luz vulgares, os átomos e as moléculas emitem luz independentemente e em muitos comprimentos de ondas diferentes. Mas se um átomo for ativado pelo calor, e se a luz de um certo comprimento de onda colidir com ele, pode ser estimulado a emitir luz em fase.

— Dê-me só mais um minuto. Neils Vander estava mexendo em vários botões e interruptores, com as costas viradas para mim. — Esta manhã, está demorando a aquecer... E acrescentou, desalentado, por entredentes: — E eu também.

Encontrava-me do outro lado da mesa de raios X, observando a sombra dele através de óculos cor de âmbar. Diretamente por baixo de mim se encontrava o vulto escuro dos restos mortais de Lori Pedersen, com os lençóis da cama já abertos, mas ainda por baixo dela. Continuei na escuridão, esperando o que me pareceu uma eternidade, a mente concentrada, as mãos perfeitamente quietas, os sentidos serenos. O corpo estava quente, e a vida, terminada havia tão pouco tempo, parecia pairar sobre ela como um odor. Vander anunciou “Pronto!” e ligou um interruptor. No mesmo instante, a sonda cuspiu uma luz sincronizada que piscava rapidamente e que era tão brilhante como crisoberilo líquido. Não dissipava a escuridão, parecia absorvê-la. Não brilhava, antes fluía sobre uma pequena superfície. Via-se o jaleco dele se mexendo do outro lado da mesa quando Vander começou a apontar a sonda para cabeça dela.

Exploramos centímetros de pele irradiada de cada vez. Pequenas fibras se iluminavam como fios quentes e comeci a recolhê-las com a

pinça, os meus movimentos sincopados, criando a ilusão de câmara lenta, enquanto ia do corpo dela, na mesa de raios X, para os sacos plásticos e envelopes no carrinho. Fi-lo várias vezes. Estava tudo desligado. O bombardeamento do laser iluminava o canto de um lábio, uma erupção de minúsculas hemorragias no osso malar ou no lado do nariz, isolando cada feição. Os meus dedos enluvados pareciam pertencer à outra pessoa.

A escuridão e a luz, que alternavam rapidamente, me atordoavam e a única maneira de conseguir manter o equilíbrio era dirigir a minha concentração para um pensamento de cada vez, como se eu, tal como o feixe de luz do laser, estivesse em fase, todo o meu ser sincronizado com o que estava fazendo e toda a minha energia mental unida num único comprimento de onda.

— Um dos rapazes que a trouxeram, observou Vander, — Disse que ela era estagiária de cirurgia no VMC. Apenas balbuciei um comentário vago. — Conhecia-a?

A pergunta me apanhou de surpresa. Alguma coisa dentro de mim se fechou como um punho. Eu dava aulas na VMC, onde havia centenas de estudantes de medicina, bem como estagiários. Não havia razão para que eu a conhecesse. Não respondi, a não ser para dar instruções, como “um pouco para a direita” ou “pare aí um minuto”. Vander era lento, cuidadoso, e estava tenso como eu. Estávamos nos sentindo perdidos e frustrados. Até ao momento o laser não tinha prestado melhor serviço do que um aspirador Hoover, que apanhasse lixo variado. Até então, tínhamo-lo usado talvez em vinte casos e apenas alguns deles justificavam realmente a sua utilização. Além da sua utilidade para encontrar fibras e outros vestígios, revela vários componentes de transpiração fluorescentes como um sinal néon quando estimulados por um laser. Teoricamente, uma impressão digital deixada na pele humana pode emitir luz e ser identificada em casos em que o pó e os métodos químicos falham. Eu só conhecia um caso em que impressões digitais

tinham sido encontradas na pele, no Sul da Flórida, onde uma mulher fora assassinada numa terma e o agressor tinha óleo bronzeador nas mãos. Nem Vander nem eu esperávamos ter mais sorte do que no passado.

No princípio, o que vimos não nos disse nada. A sonda esquadrinhava vários centímetros do ombro direito de Lori Pedersen quando, mesmo por cima da clavícula, reparámos em três manchas irregulares, como se tivessem sido pintadas com fósforo. Ficamos ambos quietos olhando fixamente. Depois ele assobiou, enquanto eu sentia um leve arrepio nas costas. Tirando um frasco de pó e um pincel Magna, Vander limpou delicadamente o que pareciam ser três impressões digitais latentes na pele de Lori Pedersen. Senti um assomo de esperança.

— Servem?

— São parciais, disse ele com um ar ausente, enquanto começava a tirar fotografias com uma Polaroid MP-4. — O pormenor da saliência é muito bom. Dá para serem classificadas, acho eu. Vou passá-las ao computador agora mesmo.

— Parece o mesmo resíduo, pensei em voz alta. — Tem a mesma substância nas mãos. O monstro deixara novamente a assinatura no seu trabalho. Era bom de mais para ser verdade. As impressões digitais eram boas de mais para ser verdade.

— Parece a mesma coisa. Mas desta vez devia ter muito mais quantidade nas mãos.

No passado, o assassino nunca deixara as suas impressões digitais, mas o resíduo brilhante que aparentemente fazia que ficassem fluorescentes era uma coisa com que contávamos. Havia mais. Quando Vander começou a examinar o pescoço dela, uma constelação de pequenas estrelas brancas ficou à vista, como fragmentos de vidro iluminados por faróis numa rua escura. Ele manteve a sonda imóvel enquanto eu pegava numa gaze esterilizada. Encontrámos o mesmo

brilho espalhado pelos corpos das primeiras três vítimas estranguladas, mais no terceiro caso do que no segundo e a menor quantidade no primeiro. Tinham sido mandadas amostras para os laboratórios. Até então, o resíduo estranho não tinha sido identificado; se sabia apenas que não era orgânico. Não estávamos mais próximos de saber o que era, embora nesse momento tivéssemos uma longa lista de substâncias daquilo que não podia ser. Durante as últimas semanas, Vander e eu tínhamos feito várias experiências, espalhando nos nossos braços desde margarina a loções para o corpo para ver o que reagia ao laser e o que não reagia. Menos amostras se iluminaram do que qualquer um de nós esperava, e nada brilhava tão intensamente como o resíduo cintilante e desconhecido. Suavemente, enfiei um dedo por baixo do fio elétrico à volta do pescoço de Lori Pedersen, expondo uma marca vermelha e profunda na pele. A margem não estava claramente definida, o estrangulamento tinha sido mais lento do que eu imaginara ao princípio. Conseguia ver as leves escoriações feitas pelo escorregar do fio diversas vezes. Estava suficientemente solto para mantê-la viva apenas durante uns momentos. E, de repente, ficou apertado. Vi duas ou três faíscas agarradas ao fio e nada mais.

— Tentemos o fio em volta dos tornozelos, disse eu em voz baixa.

Deslocamo-nos para baixo. Havia as mesmas faíscas brancas, mas, uma vez mais, eram muito poucas. Não havia o resíduo, fosse ele o que fosse, nem no rosto nem nos cabelos ou nas pernas. Encontramos vários brilhos nos antebraços e vários pedacinhos brilhantes na parte superior dos braços e nos seios. Uma constelação de ínfimas estrelas brancas estava agarrada aos fios que seguravam brutalmente os pulsos dela atrás das costas, e também havia vários brilhos espalhados pela camisa rasgada. Afastei-me da mesa, acendi um cigarro e comecei a tentar reconstruir o que tinha se passado. O agressor tinha uma substância qualquer nas mãos que ficava depositada onde quer que tenha tocado na vítima. Depois de tirar a camisola de Lori Pedersen, talvez a tivesse agarrado pelo ombro direito, deixando marcas das pontas dos dedos na

clavícula. De uma coisa tinha a certeza. Para que a concentração fosse tão compacta na clavícula, devia ter tocado aí primeiro. Isto era intrigante, uma peça que parecia encaixar, mas que na verdade não se ajustava.

Desde o início que eu admitira que ele dominasse imediatamente as suas vítimas, subjugando-as, apontando talvez uma faca e depois as amarrando antes de cortar a roupa ou fazer outra coisa qualquer. Quantas mais coisas ele tocava, menos resíduo ficava em suas mãos. Por que essa alta concentração na clavícula? Seria por que esta área da pele estava exposta quando começou a agredi-la? Eu não teria achado isso. A camisa era de algodão, macio e elástico, desenhada para parecer uma T-shirt de mangas compridas. Não tinha botões, nem fechos, e a única maneira de vesti-la era pela cabeça. Lori estaria tapada até ao pescoço. Como podia o assassino tocar na pele nua, por cima da clavícula, se ela ainda a tinha vestida? Por que razão havia uma concentração tão alta do resíduo? Nunca anteriormente tínhamos encontrado uma concentração tão alta.

Saí para o corredor, onde vários homens fardados estavam encostados à parede conversando. Pedi a um deles para contactar Marino pelo rádio, para que ele me telefonasse imediatamente. Ouvi a voz de Marino através de estalidos: “Entendido”. Comecei a andar no chão duro de azulejo dentro da sala de autópsias, com as suas mesas de aço inoxidável brilhante, os seus lava-louças e carrinhos, alinhados, com instrumentos cirúrgicos. Uma torneira pingava algures. O desinfetante tinha um cheiro enjoativamente adocicado; só cheirava bem quando havia cheiros piores por baixo. O telefone preto, na mesa, fazia troça de mim com o seu silêncio. Marino sabia que eu estava à espera junto do telefone. Estava se divertindo, sabendo disso. Seria uma especulação inútil voltar ao início e tentar descobrir o que tinha corrido mal. De vez em quando pensava nisso. O que se passava comigo? Tinha sido simpática com Marino quando nos tínhamos conhecido. Dera-lhe um

aperto de mão firme e respeitador enquanto os olhos dele tomavam uma expressão apática. Passaram vinte minutos antes de o telefone tocar.

Marino ainda estava na casa dos Pedersen, disse ele, entrevistando o marido que estava, utilizando as palavras do detetive, assarapantado como um rato de esgoto. Falei sobre as cintilações. Repeti o que já explicara no passado. Era possível que fossem provocadas por alguma substância doméstica, que aparecia em todos os locais do crime, qualquer coisa estranha que o assassino procurava e incorporava no seu ritual. Pó de talco, loções, cosméticos ou cremes de limpeza. Até aqui, tínhamos excluído muitas coisas, o que, de certa forma, era o que interessava. Se a substância não fazia parte do cenário, o que eu achava, então o assassino levava-a com ele, talvez sem reparar, o que podia ser importante e nos levar até ao seu local de trabalho ou até à sua moradia.

— Sim, disse Marino, — Vou procurar nos armários e por aí. Mas eu tenho a minha opinião.

— Que é?

— O marido entra numa peça de teatro, certo? Ensaia todas as sextas-feiras à noite, que é a razão pela qual chega tão tarde a casa, não é verdade? Corrija-me se estiver errado, mas os atores usam maquiagem.

— Apenas durante os ensaios ou representações.

— Sim, disse ele, com a voz arrastada. — Bem, segundo ele, acabara de ter um ensaio geral mesmo antes de chegar a casa e encontrar a mulher morta. Faz-me lembrar de alguma coisa. Estou ouvindo uma vozinha interior. Interrompi-o.

— Tirou as impressões digitais dele?

— Claro que sim.

— Ponha o cartão dele num saco de plástico e, quando entrar, me entregue imediatamente. Ele não notou e eu não estava com disposição para explicar. A última coisa que Marino me disse, antes de desligar, foi:

— Não sei quando vai ser isso, doutora. Tenho um pressentimento de que vou ficar preso aqui a maior parte do dia.

Era pouco provável eu visse a ele ou ao cartão com as impressões digitais antes de segunda-feira. Marino tinha um suspeito. Ia a galope pelo mesmo trilho que todos os policiais escolhem. Um marido podia ser Santo António e estar na Inglaterra enquanto a mulher é assassinada em Seattle, mas mesmo assim os policiais suspeitam primeiro dele.

Cenas domésticas de tiros, envenenamentos, espancamentos e esfaqueamentos é uma coisa, mas um assassinato com requintes é outra. Não existem muitos maridos com coragem suficiente para amarrarem as mulheres, violentarem e estrangularem. Atribuí a minha irritação à fadiga que sentia. Estava de pé desde as 2.33 da manhã e eram nesse momento quase 6 da tarde. Os agentes da polícia que tinham vindo à morgue já tinham ido embora há muito tempo. Vander foi para casa por volta da hora do almoço. Wingo, um dos autopsiadores, saiu não muito depois disso e não havia ninguém dentro do edifício além de mim. O silêncio que normalmente desejava era enervante e eu não conseguia aquecer. Tinha as mãos hirtas e as unhas quase azuis. De cada vez que o telefone tocava na sala da frente, eu estremecia. A segurança mínima do meu departamento parecia nunca preocupar ninguém, exceto a mim. Pedidos de orçamento para um sistema de segurança adequado foram recusados várias vezes. O chefe do departamento pensava em termos de perda de propriedade e nenhum ladrão ia entrar na morgue mesmo que puséssemos lá fora passadeiras para dar boas-vindas e deixássemos as portas abertas a toda a hora. Os cadáveres são um melhor meio de intimidação que cães de guarda.

Os mortos nunca me preocuparam. É dos vivos que eu tenho medo.

Depois dum maluco ter entrado no consultório de um médico local empunhando uma arma e disparar várias balas em uma sala cheia de pacientes, fui numa loja de ferragens e comprei uma corrente e um cadeado, que eram utilizados para reforçar as portas de vidro duplo nas horas depois do expediente e aos fins-de-semana. De repente, enquanto

trabalhava na minha mesa, as referidas portas da frente foram abanadas tão violentamente que a corrente ainda balouçava quando me forcei a descer o corredor para ver o que se passava. Não tinha ninguém. Às vezes, pessoas que passavam na rua tentavam entrar nas nossas salas de espera; porém, quando olhei lá para fora, não vi ninguém. Voltei para o meu gabinete e estava tão nervosa que, ao ouvir as portas do elevador ser abertas do outro lado do vestíbulo, peguei numa tesoura e me preparei para usá-la. Era um guarda de segurança do turno de dia.

— Tentou entrar pelas portas de vidro da frente há pouco tempo? Perguntei-lhe.

Ele olhou com curiosidade para a tesoura que eu segurava e disse que não. Tenho a certeza de que achou uma pergunta estúpida. Ele sabia que as portas da frente tinham uma corrente e tinha um conjunto de chaves das outras portas do edifício. Não havia razão para tentar entrar pela frente. Fez-se novamente um silêncio apreensivo quando me sentei à minha mesa, tentando ditar o relatório da autópsia de Lori Pedersen. Por alguma razão, não consegui dizer nada, não aguentava ouvir as palavras. Comecei a notar que ninguém devia ouvir estas palavras, nem mesmo Rose, a minha secretária. Ninguém devia ouvir falar do resíduo brilhante, do sêmen, das impressões digitais, das profundas feridas na carne junto ao pescoço e, pior que tudo, dos indícios de tortura. O assassino estava degenerando, se tornando terrivelmente cruel. A violação e o assassinato já não bastavam.

Só depois de ter retirado os fios do corpo de Lori Pedersen, de ter feito pequenas incisões em áreas de um avermelhado suspeito e de ter procurado ossos partidos é que notei o que acontecera antes dela morrer. As contusões eram tão recentes que só eram visíveis à superfície, mas as incisões tinham revelado que os vasos sanguíneos por baixo da pele estavam rebentados e a sua configuração condizia com o fato de ter sido atingida com algo arredondado, como um joelho ou um pé. Três costelas do lado esquerdo estavam fraturadas, tal como quatro dedos das

mãos. Havia fibras dentro da boca, especialmente na língua, o que sugeria que, em dada altura, deveria ter sido amordaçada para impedir que gritasse. Mentalmente revi o violino na estante de música na sala de estar, as revistas médicas e os livros na mesa do quarto. As mãos dela eram os seus instrumentos mais estimados, com os quais curava e fazia música. Ele devia ter quebrado deliberadamente os dedos um por um, depois de tê-la amarrado.

O gravador de microcassetes continuava ligado, gravando o silêncio. Desliguei-o e rodei a cadeira para o terminal do computador. O monitor passou do preto para o azul-celeste do processador de texto, e letras pretas apareceram na tela quando comecei a escrever, eu própria, o relatório da autópsia. Não olhei para os pesos e notas que tinha escrevindo num pacote vazio de luvas enquanto fazia a autópsia. Sabia tudo sobre Lori Peterson. Lembrava-me de tudo. Ouvia a frase “dentro dos limites normais” continuamente na minha cabeça. Não havia nada de anômalo em relação ao coração, aos pulmões, ao fígado. “Dentro dos limites normais”. Tinha morrido com perfeita saúde. Continuei a escrever enquanto páginas inteiras iam passando e automaticamente apareciam novas, até que de repente olhei para cima. Fred, o segurança, estava à entrada da porta. Não fazia ideia nenhuma de quanto tempo trabalhara. Ele devia entrar novamente ao serviço às 8.00 da noite. Tudo o que tinha acontecido desde que o vira pela última vez parecia um sonho, um sonho muito mau.

— Ainda está aqui? E depois continuou, hesitante: — Bem, lá em baixo tem uma funerária que veio buscar um corpo, mas não conseguem encontrá-lo. Vieram de Mecklenburg. Não sei onde está o Wingo...

— O Wingo foi para casa há horas, disse eu. — Que corpo?

— Alguém chamado Roberts, que foi atropelado por um trem. Pensei por um momento. Incluindo Lori Pedersen, hoje tinha havido seis casos. Lembrava-me vagamente do acidente do comboio.

— Está no frigorífico.

— Eles dizem que não o encontram lá. Tirei os óculos e esfreguei os olhos.

— Foi lá ver? Esboçou um sorriso tímido. Fred recuou, abanando a cabeça.

— Sabe doutora Scarpetta, nunca fui lá dentro! Uf!

\* \* \*

## Três

VIREI PARA A RAMPA de acesso à garagem, aliviada por ver o Pontiac de Bertha ainda estacionado. A porta da frente se abriu antes que eu tivesse a hipótese de escolher a chave certa.

— Como está o tempo? Perguntei de chofre. Bertha e eu nos olhamos dentro do espaçoso vestíbulo da entrada. Sabia exatamente o que eu queria dizer. Tínhamos esta conversa ao fim de cada dia quando Lucy ficava em minha casa.

— Tem estado mau, doutora Kay. Aquela criança tem estado o dia todo no seu escritório escrevendo no computador. Só lhe digo! Basta eu entrar ali para levar um sanduíche ou perguntar como ela está, desata a berrar e a se queixar. Mas eu sei. Os olhos escuros dela se suavizaram. — Ela está apenas aborrecida porque a senhora foi trabalhar. Um sentimento de culpa trespassou o meu torpor. — Vi o jornal da tarde, doutora Kay. Que Deus tenha misericórdia! Ela estava enfiando um braço de cada vez nas mangas da capa. — Sei a razão por que teve de fazer o que andou fazendo o dia todo. Meu Deus, meu Deus. Espero que a polícia apanhe o homem. Maldade. Apenas pura maldade.

Bertha sabia como eu ganhava a vida e nunca me fazia perguntas. Mesmo que um dos meus casos fosse alguém da sua vizinhança, nunca perguntava nada.

— O jornal da tarde está ali. Fez um gesto na direção da sala de estar e pegou no livro de bolso que estava na mesa perto da porta. —

Enfiei-o por baixo da almofada do sofá para ela não o apanhasse. Não sabia se queria que ela o lesse ou não, doutora Kay. Ao sair, me deu umas palmadinhas no ombro.

Via-a se dirigir para o carro e sair devagar da rampa em marcha a ré. Que Deus a abençoe. Já não pedia desculpas pela minha família. Bertha tinha sido insultada e intimidada, pessoalmente ou pelo telefone, pela minha sobrinha, pela minha irmã e pela minha mãe. Bertha compreendia. Nunca se compadecia ou criticava, e às vezes eu suspeitava que ela deveria ter pena de mim, o que apenas me fazia sentir pior. Fechei a porta da frente e entrei na cozinha. Era o meu canto preferido, com um teto alto, eletrodomésticos modernos, mas simples porque prefiro fazer a maior parte das coisas à mão, tais como massas ou pão. No centro da área de cozinhar havia uma mesa de corte, de madeira, com altura ideal para alguém que, descalça, não tivesse mais do que 1,52 m. A área do café da manhã ficava em frente a uma grande janela que dava para o quintal, cheio de árvores, e para o comedouro das aves. Colorindo os castanhos monocromáticos dos armários de madeira e bancadas se viam arranjos soltos de rosas amarelas e vermelhas do meu jardim apaixonadamente bem cuidado.

Lucy não estava lá. Os pratos do jantar dela estavam no corredor de louça, então imaginei que devia estar novamente no meu escritório. Fui à geladeira e me servi de um copo de Chablis. Encostada ao balcão, eu fechei os olhos por um momento e sorvi um gole. Não sabia o que deveria fazer com Lucy. No Verão passado tinha sido a sua primeira estada aqui desde que eu saíra do Dade County Medical Examiner's Office, me mudando da cidade onde nascera e para onde voltara depois do meu divórcio. Lucy é a minha única sobrinha. Com 10 anos, já estudava ciências e matemática de nível superior. Era um gênio, uma criança traquina e desobediente, de enigmática ascendência latina, cujo pai tinha morrido quando ela era pequena. Não tinha ninguém a não ser a minha irmã Dorothy, demasiado ocupada escrevendo livros para crianças para se preocupar com a própria filha. Lucy me adorava para

além de qualquer explicação racional, e a sua ligação a mim exigia uma energia que eu não tinha no momento. Enquanto vinha para casa, pensei se não devia mudar as reservas do seu voo e mandá-la de volta para Miami. Mas não tive coragem para fazer isso. Ela ficaria desolada. Não iria compreender. Seria a rejeição final de uma série de rejeições durante toda a sua vida, mais uma coisa para fazê-la pensar que era inconveniente e indesejada. Ela ansiara por esta visita durante o ano inteiro. E eu também.

Sorvendo outro gole de vinho, esperei que o silêncio total começasse a desembaraçar os meus nervos emaranhados e afastasse as minhas preocupações. A minha casa ficava numa área nova da parte ocidental da cidade, onde se viam grandes moradias, em lotes arborizados de um acre, e onde o trânsito era constituído principalmente por carros familiares. Os vizinhos eram tão sossegados, os assaltos e o vandalismo tão raro que não me lembrava da última vez que vira um carro da polícia passando por ali. O silêncio e a segurança valiam qualquer preço, era uma necessidade inescapável para mim. Acalmava-me tomar o café da manhã sozinha e saber que a única violência, do outro lado da janela, seria um esquilo e um gaio azul disputando o acesso ao comedouro. Respirei fundo e bebi outro gole de vinho. Comecei a temer ter de ir para a cama, a recluir aqueles momentos no escuro antes de adormecer, quando permitia ao meu espírito ficar sossegado e, assim, desprotegido. Não conseguia deixar de ver imagens de Lori Pedersen. Um dique tinha se desmoronado e a minha imaginação se precipitava, tornando as imagens ainda mais terríveis.

Vi-o com ela dentro daquele quarto. Quase consegui ver o rosto dele, mas não tinha feições, era apenas uma visão rápida de um relâmpago parecido com um rosto passando no momento em que ele estava com ela. Ao princípio, tentaria argumentar com ele, depois do medo paralisante ao acordar, sentindo o aço frio encostado ao pescoço ou ouvindo o som arrepiante da voz dele. Diria coisas, tentaria dissuadi-

lo, só Deus sabe durante quanto tempo, à medida que ele ia cortando os fios dos abajures e começando a amarrá-la. Formara-se em Harvard, era uma cirurgiã. Ela tentaria usar a razão contra uma força irracional. Depois as imagens se precipitaram, como um filme passando rapidamente, jorrando da bobina, quando as tentativas dela se desintegraram num terror absoluto. O indescritível. Eu não queria olhar. Não aguentava ver mais nada. Tinha de controlar os meus pensamentos.

O meu escritório dava para o bosque e as persianas estavam corridas porque sempre tivera dificuldade em me concentrar se pudesse olhar lá para fora. Fiquei parada à entrada, deixando a minha atenção vagar, enquanto Lucy escrevia vigorosamente no teclado em cima da minha robusta mesa de carvalho. Havia semanas que não arrumava o escritório, estava uma vergonha. Os livros se inclinavam para um lado e para o outro nas estantes, vários Law Reporters estavam empilhados no chão e outros espalhados pela sala. Encostados a uma parede se viam os meus diplomas e certificados: Cornell, John Hopkins, Georgetown e outros. Tencionava pendurá-los no gabinete do serviço, mas ainda tinha de arranjar tempo para fazê-lo. Empilhados descuidadamente num tapete azul-escuro Tai-Ming se viam artigos de jornais, ainda à espera de serem lidos e arquivados. O sucesso profissional significava que já não tinha tempo para ser impecavelmente arrumada, mas a confusão sempre me incomodara muito.

— Porque está me espiando? Murmurou Lucy sem se virar.

— Não estou espiando. Sorri de leve e lhe beijei o topo da cabeça ruiva brilhante.

— Ah, que está, está. Continuou a escrever. — Vi-a. Vi o seu reflexo no monitor. Ficou na porta me observando.

Pus os braços à volta dela, descansei o queixo no topo da sua cabeça e olhei para a tela cheia de comandos de uma cor amarelo-esverdeada. Nunca tinha pensado antes que a tela se fazia de espelho e agora percebia por que razão Margaret, a minha analista programadora,

conseguia chamar pelo nome pessoas que passavam pela sua mesa embora tivesse as costas viradas para a porta. O rosto de Lucy era uma mancha no monitor. O que eu via mais era o reflexo dos seus óculos de adulta com aros de tartaruga. Habitualmente me saudava com um abraço, mas estava mal-humorada.

— Tenho pena que hoje não pudéssemos ir a Monticello, Lucy, arrisquei. Ela encolheu os ombros. — Estou tão desapontada como você, eu disse. Outro encolher de ombros.

— De qualquer maneira, prefiro usar o computador. Ela não fez de propósito, mas mesmo assim a observação doeu. — Tinha várias coisas para fazer, continuou ela, batendo com força na tecla return. — A sua base de dados precisa ser arrumada. Aposto que não a inicializa há um ano. Girou na minha cadeira de braços, e eu me mudei para um lado, cruzando os braços à minha frente. — Então resolvi fazê-lo.

— O quê?

Não, Lucy não faria isso. Inicializar era o mesmo que formatar, apagar todos os dados no disco rígido. No disco rígido estavam, ou tinham estado, meia dúzia de tabelas de estatísticas, que eu usava para artigos de jornais que tinham um prazo. As únicas cópias de segurança que existiam já tinham vários meses. Os olhos verdes de Lucy se fixaram nos meus e pareciam os de uma coruja por trás das lentes grossas dos óculos. O seu rosto redondo e traquina tinha uma expressão dura quando anunciou:

— Vi nos livros como se fazia. Só é preciso escrever IOR I no C prompt e depois de iniciar, se faz o Addall e o Catalog. Ora, é fácil. Qualquer idiota conseguiria descobrir.

Eu não disse nada. Não a repreendi pelo que tinha dito. Sentia os joelhos bambos. Lembrava-me de Dorothy me chamando, completamente histérica, há alguns anos atrás. Enquanto fora às compras, Lucy tinha entrado no escritório dela e formatado todos os

seus disquetes, apagando tudo o que elas continham. Em dois deles estava um livro que Dorothy estava escrevendo, capítulos que ela ainda não tinha imprimido e dos quais ainda não tinha feito a cópia de segurança. Um acontecimento terrível.

— Lucy, você não fez isso!

— Oh! Não se preocupe, disse ela com ar solene. — Primeiro exportei todos os seus dados. O livro diz para fazer assim. E depois voltei a importá-los. Está tudo lá. Mas está arrumado, quero dizer, no que diz respeito ao espaço.

Puxei uma cadeira e me sentei ao pé dela. Foi então que reparei no que estava por baixo de um monte de disquetes: o jornal da tarde, dobrado da maneira como são dobrados depois de lidos. Puxei-o para fora e abri-o na primeira página. O título enorme era a última coisa que eu queria ver.

### **JOVEM CIRURGIÁ ASSASSINADA: QUARTA VÍTIMA DO ESTRANGULADOR?**

Uma cirurgiã estagiária, de 30 anos, foi encontrada brutalmente assassinada na sua casa, em Berkeley Downs, pouco depois da meia-noite. A polícia diz que há fortes probabilidades da morte estar relacionada com as mortes de três outras mulheres de Richmond, que foram estranguladas, nas suas casas, nos últimos dois meses. A vítima mais recente foi identificada como Lori Anne Pedersen, formada pela Faculdade de Medicina de Harvard. Foi vista ontem, pela última vez, pouco depois da meia-noite, quando saía da urgência do hospital, onde terminava um estágio em cirurgia traumática. Pensa-se que foi diretamente do hospital para casa e que foi assassinada entre a meia-noite e meia e duas da manhã. Aparentemente, o assassino entrou em casa cortando a grade da janela do banheiro que não estava fechada... Continuava. Havia uma fotografia, em preto e branco, dos paramédicos

levando o corpo pelas escadas e uma fotografia menor de uma figura de capa, que era eu. A legenda dizia:

**A DRA. KAY SCARPETTA, MÉDICA-LEGISTA-CHEFE,  
CHEGANDO AO LOCAL DO CRIME.**

Lucy me olhava com os olhos esbugalhados. Bertha tinha sido sensata em esconder o jornal, mas Lucy tinha imaginação. Eu não sabia o que dizer. O que pensa uma criança de 10 anos quando lê uma notícia destas, especialmente se vem acompanhada de uma fotografia da sua tia? Nunca tinha explicado a Lucy os pormenores da minha profissão. Evitara fazer um discurso sobre o mundo selvagem onde vivemos. Não queria que ela fosse como eu, despojada da minha inocência e idealismo, batizada nas águas sangrentas do acaso e da crueldade, a confiança perdida para sempre.

— É como no Herald, me surpreendeu ela. — A toda a hora se lê no Herald notícias sobre pessoas que são mortas. Na semana passada encontraram um homem cujo corpo tinha sido decapitado. Devia ser um homem mau para alguém ter lhe cortado a cabeça.

— Talvez tenha sido. Mas não justifica o fato de alguém lhe fazer isso. E nem toda a gente maltratada ou assassinada é má.

— A mãe diz que sim. Diz que pessoas boas não são assassinadas. Apenas as prostitutas, traficantes de droga e ladrões é que são. Uma pausa sensata. — Às vezes também policiais, porque tentam apanhar os maus. Dorothy diria estas coisas e, o que era pior, acreditava nelas. Senti um arroubo da antiga cólera. — Mas a senhora foi estrangulada, tartamudeou Lucy, com os olhos tão abertos como se fossem me engolir. — Ela era médica, tia Kay. Como poderia ser má? Também é médica. Então ela era como você.

De repente, reparei nas horas. Já era tarde. Desliguei o computador, peguei na mão de Lucy e saímos do escritório em direção à cozinha. Quando me virei para lhe sugerir comer qualquer coisa, antes

de ir para a cama, fiquei consternada ao verificar que mordia o lábio inferior, os olhos cheios de lágrimas.

— Lucy! Porque está chorando? Ela se abraçou a mim soluçando. Agarrada a mim com um desespero feroz, gritou:

— Não quero que morra! Não quero que você morra!

— Lucy... Fiquei espantada, desorientada. Os seus maus humores, as suas explosões arrogantes e furiosas eram uma coisa. Mas isto! Sentia as lágrimas dela molhando a minha blusa. Conseguia sentir o calor do seu corpinho triste agarrado a mim.

— Está tudo bem, Lucy, foi tudo o que me lembrei de dizer, apertando-a nos braços.

— Não quero que a tia Kay morra!

— Eu não vou morrer Lucy.

— O papai morreu.

— Nada vai acontecer, Lucy!

Não conseguia consolá-la. A história no jornal afetara-a profundamente e de uma forma nociva. Leu-a com o intelecto de um adulto que ainda tinha de ser afastado da imaginação temerosa de uma criança. Isto tudo acrescentado às suas inseguranças e carências.

Ó meu Deus! Procurei uma resposta adequada e não consegui me lembrar de nada. As acusações da minha mãe começaram a palpitar nos recônditos da minha psique. As minhas próprias imperfeições. Não tinha filhos. Teria sido uma mãe horrível. “Devia ter sido homem”, tinha dito a minha mãe durante um dos nossos recentes encontros, menos produtivos. “Só trabalho e ambição. Não é natural numa mulher. Vai secar como um percevejo, Kay.” E durante os meus momentos mais vazios, quando me sentia pior, não é que via uma das cascas desses percevejos que costumavam sujar o gramado da casa da minha infância? Transparente, quebradiça, seca. Morta.

Não era uma coisa que eu costumasse fazer normalmente, servir um copo de vinho a uma garotinha de 10 anos. Levei-a para o quarto dela e bebemos na cama. Fez-me perguntas impossíveis de responder. Por que é que as pessoas fazem mal umas às outras? Para ele é um jogo? Quero dizer, faz isso para se divertir, como na MTV? Fazem coisas dessas na MTV, mas é só para fingir. Ninguém se machuca. Vai ver, ele não tencionava lhes fazer mal, tia Kay.

— Há pessoas que são más, respondi calmamente. — Como os cães, Lucy. Alguns mordem as pessoas sem razão nenhuma. Há qualquer coisa de errado com eles. São maus e serão sempre maus.

— Porque as pessoas foram maldosas para eles. É isso que os torna maus.

— Em alguns casos, é verdade. Mas nem sempre. Às vezes não há uma razão. De certa forma, não interessa. As pessoas fazem escolhas. Algumas preferem ser más e cruéis. É apenas uma parte feia e infeliz da vida.

— Como o Hitler, ela murmurou, bebendo um gole de vinho. Comecei a lhe fazer festas no cabelo. Ela continuou a falar, a voz pesada de sono. — Também como o Jimmy Groome. Mora na nossa rua e mata passarinhos com a espingarda de ar comprimido, gosta de tirar os ovos dos ninhos, esmagá-los na rua e observar os passarinhos a se debaterem. Odeio-o. Odeio Jimmy Groome! Uma vez acertei-o com uma pedra e lhe bati quando ele passou de bicicleta. Mas ele não sabe que fui eu, porque estava escondida atrás dos arbustos. Eu bebericava o vinho e continuava a lhe fazer festas no cabelo.

— Deus não vai deixar que algo lhe aconteça não é? Perguntou.

— Nada vai me acontecer, Lucy. Prometo.

— Se rezar a Deus para Ele tomar conta de você, Ele faz isso, não faz?

— Ele toma conta de nós. Não tinha a certeza de acreditar nisso. Ela franziu o sobrolho. Também não tenho a certeza de que ela acreditasse.

— Nunca tem medo? Sorri:

— Toda a gente fica com medo de vez em quando. Estou perfeitamente fora de perigo. Nada vai me acontecer. A última coisa que ela murmurou antes de adormecer foi:

— Gostaria de estar sempre aqui, tia Kay. Quero ser exatamente como você.

Duas horas mais tarde, estava lá em cima, ainda desperta, olhando para uma página de um livro sem ver realmente as palavras, quando o telefone tocou. A minha resposta foi pavloviana, um reflexo espontâneo. Agarrei no fone, com o coração batendo desenfreadamente. Estava à espera e temia ouvir a voz de Marino, como se a noite passada fosse começar novamente.

— Alô? Nada. — Alô?

No fundo, ouvia uma música baixa e assustadora que eu associava a filmes estrangeiros que passavam de madrugada ou filmes de terror ou a melodia arranhada de um toca-discos, antes de desligarem.

\* \* \*

— Café?

— Por favor, disse eu. Isto era suficiente para um “Bom dia”.

Sempre que eu passava pelo laboratório de Neil Vander, a sua primeira saudação era “Café?”, que eu aceitava sempre. A cafeína e a nicotina são dois vícios que eu prontamente adotei. Não pensaria em comprar um carro que não fosse sólido como um tanque nem ligo o motor sem primeiro pôr o cinto de segurança. Tenho alarmes para fumaça espalhados pela casa e um sistema de alarmes antirroubo bastante caro. Não gosto de voar e opto pelo trem sempre que possível. Mas Deus me livre, devia deixar a cafeína e os cigarros e de ter em atenção o colesterol, as insidiosas causas de morte do homem comum. Vou a um congresso nacional ou estou sentada num banquete com

trezentos patologistas forenses, os peritos mais notáveis do mundo em doenças e em mortes. Setenta e cinco por cento de nós não pratica jogging ou aeróbica, não anda a pé quando pode andar de carro, não fica de pé se pode se sentar e muitas vezes evita escadas ou encostas, a não ser que precisem descer. Um terço de nós fuma, a maior parte de nós bebe e todos nós comemos como se não houvesse amanhã. O stress, a depressão, talvez uma necessidade maior de rir e de divertimento devido à tristeza que vemos, quem saberá o motivo ao certo? Um dos meus amigos mais cínicos, um subchefe de serviço em Chicago, gosta de dizer: “Que se lixe. Morre-se. Toda a gente morre. Por isso morra com saúde. Não é?”.

Vander se dirigiu à máquina do café, no balcão por trás da sua mesa, e encheu duas xícaras. Já me servira café vezes sem fim e nunca se lembrava de que eu gosto do café sem leite ou creme. O meu ex-marido também nunca se lembrava. Vivi seis anos com Tony, e ele também não se lembrava de que bebo café simples ou gosto dos meus bifés meio passados, não em sangue, apenas um pouco cor-de-rosa. O tamanho que visto era para esquecer. Visto o tamanho oito, tenho uma figura a quem cai bem quase tudo, mas detesto frivolidades. Comprava sempre qualquer coisa do tamanho seis, normalmente de renda transparente, destinada à cama. A cor favorita da mãe dele era verde-primavera. Usava o tamanho catorze. Adorava babados, odiava pulôveres, preferia fechos de correr, era alérgica a lã, não queria nada que tivesse de ser limpo a seco ou passado a ferro, tinha uma aversão visceral ao roxo, achava que o branco ou o bege eram pouco práticos, nunca usava listas horizontais, nem morta vestiria camurça, achava que as pregas lhe ficavam mal e gostava bastante de bolsos, quantos mais, melhor. Quando se tratava da mãe, o Tony normalmente acertava.

Vander colocou no meu café as mesmas colheres cheias de creme e açúcar que também colocou no seu. Como era costume, estava despenteado, o cabelo grisalho todo desgrenhado, o jaleco, volumoso manchado com pó preto das impressões digitais, e do bolso, manchado

de tinta, saía um leque de esferográficas e marcadores de feltro. Era um homem alto, com pernas e braços compridos, e uma barriga desproporcionalmente protuberante. Tinha a cabeça em forma de lâmpada, os olhos eram azuis-claros, sempre toldados pelo pensamento.

No primeiro inverno que passei aqui, entrou um dia no meu gabinete, ao fim da tarde, para anunciar que estava nevando. Tinha um lenço comprido vermelho atado ao pescoço e, enterrado na cabeça, um capacete de couro estilo aviador, possivelmente encomendado de um catálogo de roupa para viajantes e exploradores, certamente o chapéu de inverno mais ridículo que eu alguma vez vira. Acho que Vander ficaria muito bem dentro de um caça Fokker. No departamento o chamávamos, apropriadamente, de “o Holandês Voador”. Estava sempre com pressa, correndo de um lado para o outro pelos corredores, o jaleco esvoaçando em volta das pernas.

— Viu os jornais? Perguntou ele, assoprando o café.

— O mundo inteiro viu os jornais, respondi lugubrememente.

A primeira página do jornal da tarde de domingo era pior do que a de sábado. O título ocupava toda a largura do topo da página, as letras tinham quase 2,5 cm de altura. A história incluía um pequeno artigo sobre Lori Pedersen e uma fotografia que parecia ter vindo de um livro de curso. Abby Turnbull era suficientemente agressiva, até indecente, para tentar obter uma entrevista com a família de Lori Pedersen, que vivia na Filadélfia e que estava “demasiado abalada para fazer comentários”.

— Não está nos ajudando nada, comentou Vander, exprimindo o que era óbvio. — Gostaria de saber de onde vem a informação para poder pendurar algumas pessoas pelos polegares.

— Os policiais ainda não aprenderam a fechar a boca, disse. — Quando aprenderem a se manter calados, já não terão fugas de informação para se queixarem.

— Bem, talvez sejam os policiais. Seja quem for, isto está enlouquecendo a minha mulher. Acho que, se vivêssemos na cidade, ela nos obrigaria a mudar hoje.

Foi até à sua mesa, que era uma confusão de folhas impressas, fotografias e mensagens telefônicas. Via-se uma garrafa de cerveja e um mosaico com uma impressão seca de um sapato com sangue, tudo dentro de sacos plásticos e rotulados como provas. Espalhados ao acaso se viam dez pequenos frascos de formol, cada um deles contendo a ponta chamuscada de um dedo humano, cortado na segunda articulação. Em casos de corpos não identificados, que estão muito queimados ou em decomposição, nem sempre é possível obter impressões digitais pelo método habitual. No meio desta confusão macabra se via um frasco de loção hidratante. Espalhando um bocado desta loção nas mãos, Vander enfiou um par de luvas brancas de algodão. A acetona, o xileno e o constante lavar de mãos, que faziam parte da sua profissão, lhe estragavam a pele, e eu sempre sabia quando ele tinha se esquecido de pôr luvas ao usar niidrina, um químico para ajudar a visualizar impressões latentes, porque ficava uma semana com os dedos vermelhos. Terminando o seu ritual matinal, me fez sinal para segui-lo pelo corredor do terceiro andar.

Várias portas mais adiante ficava uma sala, limpa e quase esterilizada, e cheia de computadores de um cinzento-claro, de vários tamanhos e feitios, me fazendo lembrar uma lavanderia espacial. A unidade lustrosa e vertical, que mais se parecia com um conjunto de máquinas de lavar e secar, era o processador que combinava as impressões digitais, sendo a sua função comparar impressões digitais desconhecidas com a base de dados de milhões de impressões guardadas em discos magnéticos. O FMP, como era conhecido, com o seu avançado pipeline e processamento paralelo, efetuava oitocentas combinações por segundo. Vander não gostava de ficar sentado à espera dos resultados. Costumava deixar as coisas cozinhando durante a noite para na manhã seguinte, quando viesse trabalhar, ter alguma coisa com

que pudesse se alegrar. A parte do processo que levava mais tempo era o que Vander fazia no sábado, ou seja, introduzir as impressões digitais no computador. Era necessário tirar fotografias das últimas impressões digitais em questão, ampliá-las cinco vezes, colocar uma folha de papel transparente por cima de cada uma e, com uma caneta de feltro, copiar as características mais significativas. A seguir, reduzia o desenho a uma fotografia de tamanho real, correspondendo precisamente ao da impressão. Colava a fotografia num impresso especial, que metia no computador. Em seguida, era apenas uma questão de imprimir os resultados da busca.

Vander se sentou com a determinação de um pianista, prestes a atuar num concerto. Quase esperei que ele atirasse para trás a bata e esticasse os dedos. O seu Steinway era um posto remoto de introdução de dados, que consistia num teclado, num monitor, num scanner de imagem e num processador de imagens de impressões digitais, entre outras coisas. O scanner era capaz de ler tanto os cartões com dez impressões digitais como impressões latentes. O processador de imagens de impressões digitais (ou FIP, como Vander dizia) detectava automaticamente características das impressões digitais. Vi-o acionar vários comandos. Depois apertou o botão para imprimir e listas de potenciais suspeitos apareceram rapidamente no papel verde listrado. Puxei uma cadeira enquanto Vander rasgava o papel impresso e o cortava em dez seções, separando os casos.

Estávamos interessados no 88-01651, o número de identificação para as impressões latentes encontradas no corpo de Lori Pedersen. A comparação da impressão computadorizada é análoga a uma eleição política. As possíveis combinações se chamam “candidatos” e são avaliadas de acordo com uma pontuação. Quanto mais alta for a pontuação, mais pontos de comparação tem um candidato em comum com as impressões latentes desconhecidas introduzidas no computador. No caso do 88-01651 havia apenas um candidato que estava à frente

por uma margem de mais de mil pontos. Tal só podia significar uma coisa. Tínhamos acertado. Ou como Vander se exprimiu fluentemente:

— Estamos na pista certa. O candidato vencedor constava impessoalmente da lista como NIC112. Realmente não esperara isto.

— Então a pessoa que deixou as impressões está na base de dados?

— Correto.

— O que significa que é possível que ele tenha cadastro?

— É possível, mas não necessariamente. Vander levantou e se dirigiu para o terminal de verificação. Pousou, de leve, os dedos no teclado e olhou fixamente para a tela.

— Pode ser que tenham tirado as impressões digitais por outra razão qualquer, acrescentou. — Se ele fizer parte das forças policiais, ou talvez pedido uma licença de motorista de táxi.

Começou a chamar cartões com impressões digitais das profundezas da recuperação de imagens. No mesmo instante, a imagem de busca, uma agregação aumentada de laços e voltas azul-turquesa, foi sobreposta pela imagem da impressão do candidato. À direita se via uma coluna que especificava o sexo, raça, data de nascimento e outras informações que revelavam a identificação do candidato. Fez uma cópia das impressões e me entregou. Estudei-a, li-a e voltei a ler a identidade do NIC 112. Marino ficaria encantado. De acordo com o computador, e não podia haver engano, as impressões latentes que o laser detectara no ombro de Lori Pedersen tinham sido feitas por Matt Pedersen, o marido dela.

\* \* \*

## Quatro

**N**ÃO FIQUEI EXCESSIVAMENTE surpresa que Matt Pedersen tivesse tocado no corpo dela. Muitas vezes é um ato reflexo tocar em alguém que parece estar morto. Sentir o pulso ou puxar levemente um ombro como se faz para acordar uma pessoa. O que me espantou foram duas coisas. Em primeiro lugar, as impressões latentes foram encontradas porque o indivíduo que as deixou tinha um resíduo de cintilações estranhas nos dedos, que também fora encontrado nos anteriores casos de estrangulamento. Em segundo lugar, o cartão com as impressões digitais de Matt Pedersen ainda não fora mandado para o laboratório. A única razão pela qual o computador acertou foi por ele já ter impressões na base de dados. Estava dizendo a Vander, que precisávamos descobrir por que razão tiraram as impressões digitais de Pedersen no passado e se ele tinha cadastro, quando Marino apareceu.

— A sua secretária me disse que estava aqui em cima, disse Marino à guisa de cumprimento. Estava comendo um donut e eu sabia que o tinha tirado da caixa junto da máquina do café lá em baixo. Rose trazia sempre os donuts às segundas-feiras de manhã. Olhando à sua volta para o hardware, empurrou casualmente um envelope de papel pardo na minha direção.

— Desculpe Neils, murmurou ele.

— Mas a doutora diz que tem prioridade nisso.

Vander me lançou um olhar intrigado enquanto eu abria o envelope. Lá dentro estava um saco de plástico que continha o cartão

com as impressões digitais de Pedersen. Marino me colocara numa posição difícil e eu não gostei nada. O cartão, em circunstâncias normais, deveria ter sido enviado diretamente para o laboratório de impressões digitais e não para mim. É este tipo de atitudes que cria animosidade da parte dos nossos colegas. Acham que estamos violando o seu território, que estamos nos antecipando quando, na verdade, podemos não estar fazendo nada disso. Expliquei a Vander:

— Não queria que isto fosse deixado na sua mesa, ficasse à vista e alguém pudesse mexer. Supostamente, Matt Pedersen usou maquiagem antes de vir para casa. Se houvesse um resíduo nas mãos dele, também poderia estar no cartão. Os olhos de Vander se abriram mais. A ideia lhe agradava.

— Claro. Vamos passá-lo pelo laser. Marino me olhava taciturno. Perguntei-lhe:

— E a faca de mato? Tirou outro envelope da resma enfiada debaixo do braço.

— Ia levá-la a Frank.

— Vamos primeiro dar uma olhadela com o laser, sugeriu Vander.

Depois imprimiu outra cópia do NIC 112, as impressões latentes que Matt Pedersen deixara no corpo da mulher, apresentando-a a Marino. Estudou-a por instantes e murmurou: “Que merda!”, olhando para mim. Os olhos dele sorriam triunfantemente. Eu conhecia o olhar, que já esperava. Dizia: “Senhora Chefe, aí tem. Talvez a senhora tenha estudos, mas eu conheço a rua”. Senti o aperto do garrote policial em torno do marido de uma mulher que eu ainda acreditava ter sido assassinada por um homem que nenhum de nós conhecia.

\* \* \*

Quinze minutos mais tarde, Vander, Marino e eu estávamos dentro do que era o equivalente a uma câmara escura, adjacente ao laboratório de impressões digitais. No balcão, perto de um grande lavatório se

encontrava o cartão com as impressões digitais e a faca de mato. Estava escuro como breu. A grande barriga de Marino me roçou o cotovelo esquerdo de forma desagradável, quando as vibrações estonteantes começaram a espalhar faíscas nas manchas de tinta no cartão. Além disso, havia centelhas no cabo da faca, que era de borracha dura e demasiado áspera para fixar impressões digitais. Na lâmina larga e brilhante da faca havia fragmentos verdadeiramente microscópicos e várias impressões distintas e parciais, que Vander cobriu com pó e depois tirou. Curvou-se mais sobre o cartão das impressões digitais. Uma comparação visual rápida, com o seu olho de águia e de perito, foi o suficiente para ele dizer:

— Baseado na comparação inicial das saliências, são dele, as impressões na lâmina são de Pedersen.

O laser desligou, nos deixando numa escuridão total e em seguida piscando os olhos devido ao brilho intenso das luzes do teto que de repente nos tinham devolvido ao mundo monótono das lajes de cimento e à fórmica branca. Puxando para trás os óculos de proteção, comecei a ladainha de advertências a seguir nestes casos enquanto Vander brincava com o laser e Marino acendia um cigarro.

— As impressões na faca podem não significar nada. Se a faca pertencia a Pedersen, é de esperar encontrar as impressões dele. Quanto ao resíduo brilhante, sim, é óbvio que ele tinha qualquer coisa nas mãos quando tocou no corpo da mulher e quando tiraram as impressões digitais. Mas não podemos ter a certeza de que a substância seja a mesma que foi encontrada nos outros lados, particularmente nos primeiros três casos de estrangulamento. Vamos tentar o exame com o microscópio eletrônico e esperamos determinar se as composições elementares ou os espectros vistos com raios infravermelhos são iguais aos encontrados nos resíduos noutras partes do corpo e nos casos anteriores.

— O quê? Perguntou Marino, incrédulo. — Está pensando que Pedersen tinha uma coisa nas mãos e o assassino outra e que não são a mesma pessoa, mas que o parecem ser sob o laser?

— Quase tudo o que reage fortemente ao laser parece igual, disse em palavras lentas e cuidadosas. — Brilha como a luz do néon.

— Sim, mas a maior parte das pessoas não tem merda de néon branco nas mãos, que eu saiba. Tive de concordar.

— Realmente, não tem.

— É uma coincidência estranha que Matt tenha aquela substância nas mãos, seja ela qual for.

— Disse que ele acabara de chegar de um ensaio geral, lembrei.

— Essa é a versão dele.

— Talvez não fosse má ideia recolher amostras da maquiagem que ele usou na sexta-feira à noite e trazê-las para serem analisadas. Marino me olhou com desdém.

No meu gabinete havia um dos poucos PC's do primeiro andar. Estava ligado ao computador principal, localizado ao fundo do corredor, mas não era um terminal burro. Mesmo que o computador principal estivesse desligado, podia usar o meu nem que fosse apenas para processamento de texto. Marino me entregou os dois disquetes encontrados na mesa do quarto dos Pedersen. Coloquei-os sucessivamente no drive e dei uma instrução para ler o conteúdo de cada um deles. Uma lista de arquivos, ou capítulos, daquilo que parecia claramente a tese de Matt Pedersen, apareceu na tela. O assunto era Tennessee Williams, “cujas peças de teatro com maior sucesso revelam um mundo frustrante, no qual o sexo e a violência se escondem atrás da superioridade social”, como se lia no primeiro parágrafo da introdução. Marino olhava por cima do meu ombro, abanando a cabeça.

— Meu Deus, ele murmurou. — Está ficando cada vez melhor. Não me admira que aquele chanfrado ficasse com medo quando dissemos que íamos levar estes disquetes. Olhe para isto. Fiz correr a tela para baixo.

Passaram rapidamente os controversos depoimentos de Williams sobre a homossexualidade e o canibalismo. Havia referências ao brutalizado Stanley Kowalski e ao gigolô castrado de Sweet Bird of Youtk. Não precisaria ter poderes clarividentes para ler o pensamento de Marino, tão banal como a primeira página de um tabloide. Para ele, isto era pornografia corriqueira; o estímulo de mentes psicopatas que se alimentam de fantasias sobre aberrações sexuais e de violência. Marino não saberia a diferença entre a rua e o palco se fosse bombardeado com um curso sobre teatro. As pessoas como Williams e até Matt Pedersen, que criam estes enredos, raramente são os indivíduos que os vivem. Fitei-o com frieza.

— O que acharia se Pedersen fosse um estudioso do Antigo Testamento? Ele encolheu os ombros, desviando os olhos dos meus, e olhou de novo a tela.

— Isto não é exatamente assunto para a catequese.

— Nem tampouco as violações, apedrejamentos, decapitações e putas. E, na vida real, Truman Capote não era um assassino de massas, sargento.

Afastou-se do computador e se dirigiu para uma cadeira. Virei-me, fitando-o da minha mesa. Normalmente, quando passava pelo meu gabinete, preferia ficar de pé, me olhando do alto. Mas estava sentado, e olhávamo-nos nos olhos. Achei que ele planejava ficar um tempo.

— Que tal se tentasse imprimir isto? Importa-se? Parece ser uma boa leitura para quando se vai dormir. Sorriu maliciosamente. — Quem sabe? Talvez o estudioso de literatura americana cite também o marquês de Sade.

— O marquês de Sade era francês.

— Ou outro do gênero.

Controlei a minha irritação. Pensei no que aconteceria se a mulher de um dos meus assistentes fosse assassinada. Seria que Marino ia consultar a biblioteca e pensar que tinha encontrado algo de valioso ao se deparar com vários livros sobre ciência forense e os crimes perversos da História? Os olhos dele se estreitaram enquanto acendia outro cigarro e dava uma grande tragada. Esperou até ter exalado a fumaça antes de dizer:

— Aparentemente, tem uma boa opinião de Pedersen. É baseada em quê? No fato dele ser um artista ou apenas por ser um universitário talentoso?

— Não tenho opinião sobre ele, repliquei. — Não sei nada sobre ele, a não ser que não tem o perfil certo para andar estrangulando mulheres. Ficou pensativo.

— Bem, eu sei algumas coisas sobre ele, doutora. Sabe, falei algumas horas com ele. — Meteu a mão num bolso do casaco esportivo axadrezado e atirou dois microcassetes para o mata-borrão, que ficaram ao meu alcance. Apanhei os meus cigarros e acendi um também.

— Deixe-me lhe dizer como aconteceu. Eu e Becker estamos na cozinha com ele. A brigada acabara de sair com o corpo quando, de súbito, o seu comportamento se modificou totalmente. Endireita-se na cadeira, o seu espírito se desanuvia e ele começa a fazer gestos com as mãos, como se estivesse no palco. Foi inacreditável. De vez em quando os olhos dele se enchem de lágrimas, a voz quebra cora e empalidece. Raciocinei; isso não é uma conversa. É a merda de uma representação! Recostando-se na cadeira, afrouxou o nó da gravata. — Comecei a pensar onde já vira isso antes, sabe. Principalmente em Nova Iorque, com tipos como o Johnny Andretti, com as suas camisas de seda e cigarros importados, exalando charme por todos os poros. É tão encantador que começamos a nos esforçar para nos reconciliarmos com ele e esquecer o pormenor insignificante de que já matou mais de vinte pessoas ao longo da sua carreira. Depois havia o Phil, o baixo. Batia nas moças com cabides, duas delas foram espancadas até à morte. Diverte-se no seu restaurante, que é apenas uma fachada para o serviço de

acompanhantes. Phil está desfeito com a morte das suas moças e se encosta à mesa, me dizendo: “Por favor, veja se descobre quem fez isto, Pete. Tem que ser um animal. Prove um pouco deste Chianti, Pete. É do bom”. A questão é que já ando nisto há muito tempo. E Pedersen está disparando os mesmos sinais de alarme, tal como Andretti e Phil. Fez aquela atuação e eu estou aqui sentado, perguntando a mim mesmo: “O que estará pensando este intelectual de Harvard? Que eu sou um idiota, ou o quê?”.

Coloquei um cassete no meu gravador sem dizer nada. Marino me fez sinal para apertar o botão de play.

— Primeiro ato, ele anunciou divertido.

— O cenário é a cozinha dos Pedersen. A personagem principal é Matt. O papel é trágico. Está pálido e com uma expressão triste nos olhos. Olha fixamente para a parede. Eu? Eu já estou vendo o filme mentalmente. Nunca fui a Boston e não saberia distinguir Harvard mesmo que estivesse na frente do nariz, mas estou vendo os velhos edifícios cobertos de hera.

Calou-se quando a fita começou a meio de uma frase de Pedersen. Estava falando de Harvard, respondendo a perguntas sobre a altura em que ele e Lori tinham se conhecido. Eu já tinha ouvido bastantes entrevistas da polícia nos últimos anos, mas esta me intrigava. Por que razão tinha importância? O que tinha o namoro de Pedersen com Lori durante o tempo da Universidade a ver com o assassinato dela? Ao mesmo tempo, penso que uma parte de mim sabia. Marino estava sondando Matt Pedersen, encorajando-o a falar. Marino andava à procura de algo, alguma coisa, que mostrasse que Pedersen era obsessivo, pervertido e possivelmente capaz de uma psicopatia evidente. Levantei-me para fechar a porta para não sermos interrompidos enquanto a voz gravada continuava a falar calmamente.

“— Eu já a tinha visto antes na faculdade. Uma loira que carregava uma braçada de livros, absorta como se estivesse com pressa e tivesse muito em que pensar”. Marino:

“— O que o levou a reparar nela, Matt?”.

“— É difícil de dizer. Mas me intrigou a distância. Não sei por quê. Mas pode ter sido, em parte, por andar normalmente sozinha, com pressa, a caminho de um dado lugar. Era uma pessoa confiante e parecia ter um objetivo. Fiquei curioso”. Marino:

“— Isso acontece muitas vezes? Ver mulheres atraentes que o tornam curioso à distância?”.

“— Bem, acho que não. Quero dizer, reparo nas pessoas como toda a gente. Mas com ela, com Lori, foi diferente”. Marino:

“— Continue. Finalmente, conheceu-a. Onde?”.

“— Foi numa festa. Na primavera, no início de maio. Num apartamento fora da faculdade que pertencia a um amigo do meu colega de quarto, um rapaz que, segundo vim saber depois, era o colega de laboratório de Lori, razão pela qual ela tinha ido. Chegou por volta das nove, mesmo na altura em que me preparava para ir embora. O seu colega de laboratório, Tim, acho que era esse o nome dele, lhe ofereceu uma cerveja e começaram a conversar. Nunca ouvira a voz dela. Uma voz de contralto, que acalmava, muito agradável. O tipo de voz que nos faz virar a cabeça para saber quem é. Contava histórias sobre um professor qualquer e as pessoas, à sua volta, riam. Lori tinha uma maneira de chamar a atenção de toda a gente, mesmo sem tentar”. Marino:

“— Por outras palavras, acabou por não ir embora. Viu-a e decidiu ficar”.

“— Sim”.

“— Como era ela nessa altura?”.

“— Tinha o cabelo mais comprido, usava-o amarrado, como as bailarinas fazem. Era elegante, muito atraente...”.

“— Então gosta de loiras magras. Acha essas qualidades atraentes numa mulher”.

“— Apenas achei que ela era atraente, foi tudo. E havia algo mais. Era a sua inteligência. Era isso que a distinguiu”. Marino:

“— E o que mais?”

“— Não entendi. O que quer dizer?”. Marino:

“— Estou apenas pensando no que o atraiu nela. Fez-se uma pausa. — Acho interessante”.

“— Realmente não posso responder a isso. É misterioso esse aspecto. Como, ao conhecermos uma pessoa, sabemos logo que é ela. É como se qualquer coisa dentro de nós despertasse. Não sei por quê... Meu Deus... Não sei”. Outra pausa um pouco maior. Marino:

“— Era o tipo de mulher em quem se repara.”

“— Absolutamente. A toda a hora. Sempre que saíamos juntos ou estávamos com os meus amigos. Para dizer verdade, chamava as atenções. Não me importava. De fato, até gostava. Gostava de ficar quieto assistindo. Analisava-a, tentava entender o que atraía as pessoas. Ou se tem carisma, ou não tem. Não se fabrica. Não é possível. Ela nem sequer tentava. Era assim”. Marino:

“— Disse que ela normalmente andava sozinha quando a via na faculdade. E noutras ocasiões? O que eu gostaria de saber era se ela tinha o hábito de ser simpática com estranhos. Por exemplo, se estivesse numa loja ou num posto de gasolina, falava com pessoas que não conhecia? Ou se alguém aparecesse em casa, por exemplo, alguém fazendo uma entrega, convidava a pessoa a entrar?”.

“— Não. Raramente falava com estranhos e sei que não convidava estranhos a entrarem em casa. Nunca. Especialmente se eu não estivesse. Ela vivia em Boston, estava habituada aos perigos da cidade. E trabalhava nas urgências, conhecia a violência, as coisas más que acontecem às pessoas. Não teria convidado um estranho a entrar em casa, nem era particularmente vulnerável a esse tipo de coisas. De fato, quando começaram os assassinatos por aqui, ela detestava que eu fosse embora... Cada vez detestava mais. Porque não gostava de ficar sozinha à noite. Isso a aborrecia mais do que dantes”. Marino:

“— Parece que ela teria o cuidado de manter todas as janelas fechadas à noite, especialmente se estivesse nervosa por causa dos

assassinatos ocorridos por aqui”.

“— Já lhe disse. Provavelmente achou que estava fechada”.

“— Mas no fim-de-semana passado o senhor deixou-a aberta, por acaso, quando substituiu a grade”.

“— Não tenho a certeza. Mas é a única explicação...”. A voz de Becker:

“— Ela mencionou alguém que tivesse passado por aqui ou algum encontro com alguém que a intimidasse? Falou em alguma coisa? Talvez um carro estranho na vizinhança em que tivesse reparado ou a suspeita de que talvez estivesse sendo seguida ou observada? Talvez tivesse encontrado algum homem que começasse a segui-la?”.

“— Nada disso”. Becker:

“— Ela lhe contaria se algo tivesse acontecido?”

“— Certamente. Contava-me tudo. Há uma semana, talvez duas, pensou ter ouvido qualquer coisa no quintal. Chamou a polícia. Veio um carro-patrolha. Era apenas um gato mexendo nas latas de lixo. O que interessa é que ela me contava tudo”. Marino:

“— Que outras atividades ela tinha?”.

“— Tinha alguns amigos, algumas médicas do hospital. Algumas vezes saía para jantar com elas ou para ir às compras, talvez a um cinema. Era mais ou menos isso. Andava muito ocupada. De uma forma geral, fazia o turno dela e vinha para casa. Estudava, às vezes praticava violino. Durante a semana geralmente trabalhava, vinha para casa e dormia. Fins-de-semana, os guardava para mim. Era esse o tempo que tínhamos para nós. Estávamos juntos em todos os fins-de-semana”.

Marino:

“— Viu-a pela última vez no fim-de-semana passado?”.

“— No domingo à tarde, por volta das três. Mesmo antes de voltar para Charlottesville. Nesse dia não saímos. Estava chovendo, um tempo frio e húmido. Ficamos em casa, bebemos vinho, conversamos...”.

Marino:

“— Falou com ela durante a semana?”.

“— Várias vezes. Sempre que podia”. Marino:

“— A última vez foi ontem à noite, quinta-feira à noite?”

“— Telefonei para dizer que iria para casa depois do ensaio e que chegaria alguns minutos mais tarde que o costume, porque era ensaio geral. Ela deveria estar de folga este fim-de-semana. Se fizesse tempo bom, estávamos pensando ir à praia”. Silêncio. Pedersen estava nervoso. Conseguia ouvi-lo respirando fundo, procurando se dominar. Marino:

“— Quando falou ontem à noite, ela lhe contou alguma coisa, falou de problemas ou mencionou a visita de alguém? De alguém que a tivesse aborrecido no trabalho, de telefonemas estranhos, de qualquer coisa?”. Silêncio.

“— Não. Nada disso. Estava de bom humor, rindo... Ansiava, hum, ansiava pelo fim-de-semana”. Marino:

“— Fale-nos um pouco mais sobre ela, Matt. Qualquer coisa de que consiga se recordar pode nos ajudar. Do passado dela, da personalidade, do que era importante para ela”. Respondeu mecanicamente:

“— Era de Filadélfia, o pai era corretor de seguros e tem dois irmãos, mais novos. A medicina era a coisa mais importante para ela. Era a sua vocação”. Marino:

“— Que tipo de especialidade estava estudando?”.

“— Cirurgia plástica”. Becker:

“— Interessante. Porque tomou essa decisão?”.

“— Quando tinha dez ou onze anos, a mãe dela teve câncer de mama e fez duas mastectomias radicais. Sobreviveu, mas a sua autoestima ficou destruída. Acho que se sentia deformada, sem valor, ninguém podia lhe tocar. Lori falava sobre isso às vezes. Acho que ela queria ajudar as pessoas. Ajudar pessoas que tiveram de passar por coisas assim”. Marino:

“— E tocava violino”.

“— Sim”. Marino:

“— Dava concertos, tocava numa orquestra ou em qualquer coisa pública desse tipo?”.

“— Até poderia, mas não tinha tempo”. Marino:

“— O que mais? Por exemplo, o senhor, neste momento, está entusiasmado por entrar numa peça de teatro. Ela também se interessava

por esse tipo de coisas?”.

“— Muito. Foi uma das coisas que me fascinaram nela quando nos conhecemos. Saímos da festa, onde tínhamos nos conhecido, e andamos durante horas passeando na cidade universitária. Quando comecei a lhe falar de algumas das cadeiras que eu estava estudando, notei que ela sabia muito de teatro e começamos a falar sobre peças de teatro, etc. Nessa altura, eu estudava Ibsen. Começamos a falar sobre isso, sobre a realidade e a ilusão, o que é genuíno e feio nas pessoas e na sociedade. Um dos seus temas mais fortes é o sentimento de alienação. De separação. Falamos sobre isso. Ela me surpreendeu. Nunca esquecerei. Riu e disse: <— Vocês, artistas, acham que são os únicos que compreendem estas coisas. Muitos de nós temos os mesmos sentimentos, o mesmo vazio e a mesma solidão. Mas não possuímos os instrumentos para verbalizá-los. Por isso continuamos, lutamos. Sentimentos são sentimentos. Acho que os sentimentos das pessoas são iguais pelo mundo afora>. Começamos uma discussão, uma discussão amigável. Eu não concordava. Algumas pessoas sentem as coisas mais profundamente do que outras e algumas sentem coisas que nós não sentimos. É isso que provoca o isolamento, o sentimento de estar à parte, de ser diferente”. Marino:

“— Isso se passa consigo?”

“— É uma coisa que eu noto. Posso não sentir tudo o que as outras pessoas sentem, mas compreendo os sentimentos. Nada me surpreende. Se estudar literatura, teatro, você entra em contato com um vasto espectro de emoções, necessidades e impulsos humanos, bons e maus. Faz parte da minha natureza entrar noutras personalidades, sentir o que elas sentem, agir como agem, mas isso não significa que essas manifestações sejam genuinamente minhas. Acho que, se existe alguma coisa que me faz sentir diferente dos outros, é a minha necessidade de sentir estas coisas, a minha necessidade de compreender o vasto espectro das emoções humanas que acabei de mencionar”. Marino:

“— Consegue compreender as emoções da pessoa que fez isto à sua mulher?”. Silêncio. Falou de modo quase inaudível:

“— Meu Deus, não”. Marino:

“— Tem certeza?”

“— Não. Quero dizer, sim, tenho! Não quero compreender!”.

Marino:

“— Sei que é difícil pensar nisso, Matt. Mas poderia nos ajudar muito se tivesse algumas ideias. Por exemplo, se estivesse preparando um papel para um assassino como este, como seria ele?”.

“— Não sei! O filho da mãe! A voz embargara, explodindo de raiva. — Não sei o que está perguntando. Vocês é que são os policiais. Vocês é que devem descobrir”.

Calou-se abruptamente, como se tivesse sido levantada a agulha de um disco. Houve um longo pedaço em que não se ouvia nada, a não ser o pigarrear de Marino clareando a garganta e uma cadeira a ser arrastada. Depois Marino perguntou a Becker:

“— Por acaso, não tem outra fita no carro?”. Foi Pedersen que murmurou e acho que chorava:

“— Acho que tenho algumas no quarto”.

“— Ora, bem, disse Marino numa voz arrastada, — É muito gentil da sua parte”.

Vinte minutos depois, Matt Pedersen começou a falar sobre a descoberta do corpo da mulher. Era horrível ouvir e não ver. Não havia distrações. Flutuei na corrente das imagens e lembranças dele. As suas palavras me levavam a áreas escuras para onde eu não queria ir. A fita continuava:

“— Bem, tenho certeza. Não telefonei. Nunca o fazia, vinha embora. Não me demorava por aqui ou por ali, nem nada. Como eu estava dizendo, saí de Charlottesville logo que o ensaio terminou e os adereços foram guardados. Acho que era perto da meia-noite e meia. Estava com pressa de chegar. Não tinha visto Lori durante toda a semana. Eram quase duas quando estacionei o carro em frente de casa, e a minha primeira reação foi notar as luzes apagadas e concluir que ela já

tinha ido para a cama. O horário dela era muito exigente. Trabalhava doze horas, folgava vinte e quatro horas, o turno não estava sincronizado com os relógios biológicos e nunca era igual. Tinha trabalhado sexta-feira até à meia-noite e devia estar de folga no sábado, quero dizer hoje. E amanhã estaria de serviço desde a meia-noite até ao meio-dia de segunda-feira. Era assim que funcionava. Abri a porta da frente e acendi a luz da sala de estar. Tudo me pareceu normal. Olhando em retrospectiva, posso dizer isso, embora eu não tivesse razão para andar procurando qualquer coisa anormal. Lembro que a luz do vestíbulo estava apagada. Reparei nisso, porque normalmente ela a deixava acesa para mim. Fazia parte da minha rotina ir imediatamente para a cama. Se ela não estivesse demasiado exausta, e quase nunca estava, nos sentávamos na cama, bebíamos vinho e conversávamos. Ficávamos acordados e depois dormíamos até muito tarde. Senti-me confuso. Uma coisa estranha. O quarto. Ao princípio não consegui ver quase nada porque as luzes... As luzes, claro, estavam apagadas. Mas notei imediatamente que algo estava errado. Como se tivesse sentido antes de ver. Como um animal sente as coisas. E me pareceu sentir um cheiro qualquer, mas não tinha a certeza, o que ainda me confundiu mais.”. Marino:

“— Que tipo de cheiro?”. Silêncio.

“— Estou tentando me lembrar. Apenas sentia vagamente. Mas o suficiente para me deixar intrigado. Era um cheiro desagradável. Doce, mas fétido. Esquisito”. Marino:

“— Está falando de um tipo de cheiro a odor corporal?”.

“— Parecido, mas não igual. Era adocicado. Desagradável. Bastante intenso, lembrando suor”. Becker:

“— Alguma coisa que tivesse sentido o cheiro antes?”. Uma pausa.

“— Não, não era nada parecido com qualquer coisa que já tivesse cheirado, acho eu. Era suave, mas talvez eu tivesse notado mais porque não conseguia ver nem ouvir nada no momento em que entrei no quarto. Estava tão silencioso. A primeira coisa que senti foi esse odor estranho. E me fez lembrar qualquer coisa, estranhamente me fez lembrar qualquer coisa... Talvez Lori estivesse comendo alguma coisa na

cama. Não sei. Era como waffles, talvez cobertas com melão. Panquecas. Achei que ela talvez estivesse doente, comeu alguma porcaria e vomitou. Às vezes se excedia. Comia coisas que engordam quando estava com stress ou se sentia ansiosa. Engordou muito quando comecei a ir para Charlottesville... Nesta altura, a voz dele tremia bastante. — O cheiro era enjoativo, repugnante, como se ela tivesse vomitado e ficado na cama o dia todo. O que explica por que razão as luzes estavam apagadas e não esperara por mim”. Silêncio. Marino:

“— O que aconteceu depois, Matt?”.

“— Os meus olhos começaram a se adaptar à escuridão, mas não entendi o que estava vendo. A cama se materializou na escuridão. Notei o que acontecia com os lençóis, a maneira como estavam atirados para trás. E ela. Deitada, por cima, numa posição estranha e sem nada vestido. Meu Deus! O coração me saía pela boca, antes mesmo de compreender. E quando acendi a luz e a vi... Comecei a gritar, mas não conseguia ouvir a minha própria voz. Era como se estivesse gritando dentro da minha cabeça e o meu cérebro estivesse flutuando. Vi a mancha no lençol, vermelha, sangue saindo pelo nariz e pela boca. Do rosto dela! Achei que não era ela. Nem sequer parecia ela. Era outra pessoa. Uma brincadeira, uma brincadeira horrível. Não era ela”. Marino:

“— O que viu a seguir, Matt? Tocou ou mexeu em alguma coisa dentro do quarto?”. Uma longa pausa e o som da respiração, pouco profunda e rápida, de Pedersen.

“— Não. Quero dizer, sim. Toquei nela. Não pensei. Apenas lhe toquei. Não pensei. Ela estava quente. O ombro, o braço. Mas quando quis sentir a pulsação, não via os pulsos. Porque estava deitada em cima deles. Estavam amarrados atrás das costas. Depois comecei a tocar o pescoço e vi o fio enterrado na pele. Acho que tentei sentir o coração dela batendo, ou tentei ouvi-lo, mas não me lembro. Sabia. Sabia que estava morta. O aspecto dela... Tinha de estar morta. Corri para a cozinha. Não me lembro do que disse, nem mesmo de ter discado um número no telefone. Mas sei que chamei a polícia e que depois andei de um lado para o outro. Andei apenas de um lado para o outro. Entrava e

saía do quarto. Encostei-me à parede, chorei e falei com ela. Falei com ela até a polícia chegar. Disse-lhe para não permitir que fosse verdade. Ia constantemente para perto dela, depois me afastava, pedindo para que não fosse verdade. Estava atento à chegada de alguém. Parece que se passaram séculos...”. Marino:

“— Os fios elétricos, a forma como estava amarrada. Mexeu em alguma coisa, tocou nos fios ou noutra coisa qualquer? Lembra-se?”.

“— Não. Quero dizer, não me lembro. Mas acho que não. Alguma coisa me deteve. Queria tapá-la. Mas alguma coisa me deteve. Alguma coisa me disse para não mexer em nada”. Marino:

“— Possui alguma faca? Silêncio. — Uma faca, Matt. Encontramos uma faca, uma faca de mato com uma pedra de amolar na bainha e uma bússola no punho”. Confuso:

“— Ah! Hum, hum... Comprei-a há anos. Uma dessas facas que se encomendavam pelo correio e que custavam cerca de cinco dólares e noventa e cinco ou algo parecido. Costumava levá-la comigo quando dava longos passeios pelo campo. Tem linha de pesca e fósforos dentro do punho”. Marino:

“— Onde a viu pela última vez?”.

“— Em cima da mesa. Fica em cima da mesa. Acho que Lori usava para abrir cartas. Não sei. Há meses que está lá. Talvez ela se sentisse melhor tendo-a por perto. Por estar sozinha à noite e tudo o mais. Disse-lhe que podíamos comprar um cão. Mas ela era alérgica”. Marino:

“— Se bem entendo o que está me dizendo, Matt, a faca estava em cima da mesa da última vez que a viu. Quando teria sido? No último sábado, no domingo, quando estive em casa, no fim-de-semana quando substituii a grade da janela do banheiro? Nenhuma resposta. Marino: — Sabe de algum motivo que tenha levado a sua mulher a mudar a faca de lugar, por exemplo, guardá-la numa gaveta ou coisa parecida? Alguma vez já tinha feito isso?”.

“— Acho que não. Há meses que fica em cima da mesa, perto do abajur”. Marino:

“— Sabe explicar por que razão nós encontramos essa faca na última gaveta da cômoda, por baixo de camisolas e ao lado de uma caixa

de preservativos? A sua gaveta, não é?”. Silêncio.

“— Não, não sei explicar. Foi lá que a encontraram?”. Marino:

“— Foi. Os preservativos. Há muito tempo que estão lá? Um riso rouco que mais parecia um ofegar”.

“— Desde antes de Lori começar a tomar a pílula”. Marino:

“— Tem certeza? Sobre os preservativos?”.

“— Claro que tenho. Ela começou a tomar a pílula cerca de três meses depois de termos casado. Casamos imediatamente antes de nos mudarmos para aqui. Há menos de dois anos”. Marino:

“— Bem Matt, eu agora preciso fazer várias perguntas de natureza pessoal e quero que compreenda que não estou tentando atormentá-lo ou embarçá-lo. Mas tenho as minhas razões. Há coisas que temos de saber, para o seu próprio bem, entende?”. Silêncio.

Consegui ouvir Marino acendendo um cigarro.

“— Quanto aos preservativos, teve relações extraconjugais com alguém?”.

“— Claro que não.”. Marino:

“— Vivia fora da cidade durante a semana. Eu me sentiria tentado...”.

“— Bem, eu não sou o senhor. Lori era tudo para mim. Não tinha nada com quem quer que fosse”. Marino:

“— Talvez com alguém na peça?”.

“— Não”. Marino:

“— Está vendo, a questão é que fazemos estas pequenas coisas. Quero dizer, fazem parte da natureza humana, certo? Um homem bem parecido como o senhor. Provavelmente as mulheres se atiram a você. Quem poderia criticar? Mas se andava com alguém, precisamos saber. Poderá haver uma ligação”. Num tom quase inaudível:

“— Não, já lhe disse. Não poderia haver uma ligação, a não ser que esteja me acusando de alguma coisa”. Becker:

“— Ninguém o está acusando-o de nada, Matt”.

Ouviu-se o som de alguma coisa deslizando pela mesa, talvez o cinzeiro. E Marino perguntou a seguir:

“— Quando foi à última vez que teve relações com a sua mulher?”.  
A voz de Pedersen tremia:

“— Meu Deus”. Marino:

“— Sei que é um assunto seu, um assunto pessoal. Mas precisa nos dizer. Temos as nossas razões”.

“— Na manhã de domingo. No último domingo”. Marino:

“— Sabe que vamos fazer análises, Matt. Os cientistas vão examinar tudo para sabermos o grupo sanguíneo e fazemos outras comparações. Precisamos de amostras suas, tal como precisamos das suas impressões. Para podermos separar as coisas, saber o que é seu, o que é dela e talvez o que é...”.

A fita terminou abruptamente. Pestanejei e, pela primeira vez no lapso de horas, parece que o meu olhar se focou devidamente. Marino se aproximou do gravador, desligou-o e guardou as fitas. Concluiu:

— Depois disto o levamos para o Richmond General e fizemos as análises habituais nestes casos. A Betty está examinando o sangue dele neste momento para podermos compará-lo.

Acenei com a cabeça e olhei para o relógio da parede. Era meio-dia. Sentia-me enjoada.

— Há qualquer coisa, não acha? Indagou Marino, disfarçando um bocejo. — Notou, não notou? Estou dizendo, o homem endoidou. Quero dizer, há alguma coisa de errado com um tipo que consegue ficar ali sentado, depois de encontrar a mulher naquele estado, e falar como ele fala. A maior parte deles não fala muito. Ele continuaria tagarelando até o Natal se eu deixasse. Uma porção de palavras bonitas e poesia, se quiser saber o que eu penso. Ele é matreiro. Quer a minha opinião, aqui a tem. É tão matreiro que me põe nervoso.

Tirei os óculos e massajei as têmporas. O meu cérebro fervilhava e me ardiam os músculos do pescoço. A blusa de seda, por baixo da bata, estava húmida. Os meus circuitos estavam tão sobrecarregados que só queria deitar a cabeça em cima dos braços e dormir.

— O mundo dele são as palavras, Marino, eu repliquei. — Um artista teria pintado a cena. Matt pintou-a com palavras. É assim que ele vive, que se exprime, através de palavras e mais palavras. Ter um pensamento é exprimi-lo verbalmente para pessoas como ele. Voltei a pôr os óculos e olhei para Marino. Estava perplexo, o rosto carnudo, trigueiro, afogueado.

— Por exemplo, a parte sobre a faca, doutora. Tem as impressões digitais dele, embora diga que há meses que a mulher a usa. Tem aquela substância brilhante no cabo, tal como ele tinha nas mãos. E a faca estava na gaveta dele da cômoda, como se alguém a quisesse esconder. Ora isso dá que pensar, não dá?

— Acho que é possível que a faca estivesse em cima da mesa de Lori, que ela a usasse raramente e não tocasse na lâmina quando a pegava se simplesmente abrisse cartas de vez em quando. Via esta imagem na minha cabeça tão claramente que quase acreditei que fossem imagens de recordações de um acontecimento recente. — Acho que é possível que o assassino também tenha visto a faca. Talvez a tenha desembainhado para ver como era. Talvez a tenha usado.

— Por quê?

— Por que não? Perguntei. Encolheu os ombros. — Talvez para confundir toda a gente, sugeri. — Por perversidade, se não foi por mais nenhuma razão. Por amor de Deus, não temos ideia nenhuma do que aconteceu. Ele pode ter feito perguntas sobre a faca, pode tê-la ameaçado com a arma dela ou do marido. E se ela falou com ele, como imagino que tenha feito, talvez ele ficasse sabendo que a faca era do marido. Então pensou: “Vou usá-la. Vou guardá-la numa gaveta, onde os policiais a encontrarão facilmente”. Ou talvez não tenha pensado muito sobre o assunto. Talvez o seu motivo fosse de ordem prática. Por

outras palavras, talvez a faca fosse maior do que a que ele tinha trazido, chamou a sua atenção, atraiu-o, usou-a, não quis levá-la com ele, enfiou-a numa gaveta esperando que não descobríssemos que ele a usara, tão simples quanto isso.

— Ou talvez Matt tenha feito tudo isso, disse Marino secamente.

— Matt? Pense. Um marido poderia violentar e prender a mulher? Conseguiria lhe partir as costelas e os dedos? Conseguiria estrangulá-la lentamente até à morte? Trata-se de uma pessoa que ele ama ou que já amou. Alguém com quem dorme, come, fala e vive. Uma pessoa, sargento. Não uma estranha, um objeto despersonalizado de luxúria e violência. E como vai relacionar o fato de um marido assassinar a mulher com os primeiros três estrangulamentos? Claro que ele já pensara nisso.

— Ocorreram depois da meia-noite, aos sábados de madrugada. Na mesma altura em que Matt voltava de Charlottesville. Talvez a mulher suspeitasse dele, por alguma razão, e então ele decide que precisa matá-la. Talvez a matasse como as outras para nos fazer pensar que o serial killer a assassinou. Ou talvez fosse a mulher que ele queria matar e, assim, primeiro matou as outras três para parecer que a mulher tinha sido assassinada por este mesmo assassino anônimo.

— Um enredo maravilhoso para Agatha Christie. Arrastei a cadeira para trás e me levantei. — Mas, como sabe na vida real o homicídio é, por norma, depressivamente simples. Acho que estes homicídios são simples. São exatamente o que parecem ser, crimes impessoais e cometidos ao acaso por alguém que se aproxima furtivamente das suas vítimas, o tempo suficiente para saber quando deve atacar. Marino também se levantou.

— Bem, doutora Scarpetta, na vida real os corpos não têm pequenas cintilações por todo o lado e que condizem exatamente com as mesmas cintilações encontradas nas mãos do marido, que descobriu o corpo e que deixa as suas impressões por toda a parte. E as vítimas não são casadas com atores bonitinhos, que escrevem teses sobre sexo, violência, canibais e maricas. Calmamente, perguntei:

— O cheiro que Pedersen mencionou. Sentiu algo desse gênero quando chegou ao local do crime?

— Não. Não senti nada. Talvez ele tenha sentido o cheiro do sêmen se estiver dizendo verdade.

— Acho que ele o reconheceria se o cheiro fosse esse.

— Mas não estaria à espera. Não há razão para que ele se lembrasse disso no princípio. Agora, quando entrei naquele quarto, não senti nada que ele tivesse descrito.

— Lembra-se de ter sentido algum cheiro estranho nos outros locais onde se deram os estrangulamentos?

— Não, senhora. O que apenas corrobora as minhas suspeitas: que Matt imaginou ou está inventando para nos despistar. De repente me lembrei:

— Nos três casos anteriores, as mulheres só foram encontradas no dia seguinte, depois de estarem mortas há pelo menos doze horas. Marino parou junto à porta, incrédulo.

— Está sugerindo que Matt chegou a casa imediatamente depois do assassino ter saído e que o assassino tem graves problemas de odor corporal?

— Estou sugerindo que é possível.

O rosto dele se contraiu com raiva e, ao andar silenciosamente pelo corredor fora, ouvi-o murmurar:

— Malditas mulheres...

\* \* \*

## Cinco

O MARKETPLACE DA SIXTH STREET é um Bayside sem a água, um desses centros comerciais abertos, construídos em aço e vidro na orla norte da área financeira da baixa. Não ia muitas vezes almoçar fora e, nessa tarde, não tinha certamente tempo para esse luxo. Faltava menos de uma hora para um compromisso, tinha havido duas mortes súbitas e um suicídio e os corpos vinham a caminho, mas precisava descontraír. Marino me incomodava. A sua atitude para comigo me fazia lembrar os tempos da faculdade de medicina.

Eu era uma das quatro mulheres da minha turma no Hopkins. No início era demasiado ingênua para notar o que estava acontecendo. O súbito chiar de cadeiras e o ruidoso barulho de papéis quando um professor me chamava não era uma coincidência. Quando testes antigos eram distribuídos, não era por acaso que nunca estavam disponíveis para mim. As desculpas “Não iria entender a minha letra” ou “Emprestei agora mesmo” eram fatais quando me dirigia a vários estudantes nas raras ocasiões em que faltava a uma aula e precisava copiar os apontamentos de outra pessoa. Eu era um pequeno inseto, confrontado com uma enorme teia masculina, na qual poderia ficar presa, mas da qual nunca faria parte.

O isolamento é o castigo mais cruel e nunca me ocorrera que pudessem me considerar menos importante por não ser homem. Por fim, uma das minhas colegas desistiu do curso e outra teve um esgotamento nervoso. Sobreviver era a minha única esperança, o sucesso

a minha única vingança. Achava que esses tempos já tinham ficado para trás, mas Marino me fez recordar tudo novamente. Estava mais vulnerável nesse momento, uma vez que esses assassinatos me afetavam de uma forma diferente dos outros. Não queria trabalhar sozinha, mas parecia que Marino já tomara uma decisão não apenas sobre Matt Pedersen, mas também a meu respeito.

O passeio no meio do dia me acalmou; um sol radioso se refletia nos para-brisas dos carros que passavam. As portas de vidro duplo, que davam para o interior do centro, estavam abertas para deixar entrar a brisa primaveril, e a área dos restaurantes estava tão apinhada como eu imaginara. Enquanto esperava pela minha vez no balcão das saladas, observei as pessoas que passavam, jovens casais rindo, conversando e descansando em pequenas mesas. Reparei em mulheres que pareciam estar sozinhas, mulheres preocupadas que exerciam uma profissão, vestindo roupas caras e bebericando colas diet ou mordiscando sanduíches de pão integral.

Poderia ter sido num lugar como este que ele avistou pela primeira vez as suas vítimas, um amplo local público, onde a única coisa que as quatro mulheres tinham em comum era ele ter anotado o que queriam em um dos balcões.

Mas o maior e aparentemente enigmático problema era que as mulheres assassinadas não trabalhavam nem viviam nas mesmas áreas da cidade. Era pouco provável que fossem às compras, que jantassem fora, que fossem ao banco ou fizessem qualquer outra coisa nos mesmos lugares. Richmond tem uma grande área de prósperos centros comerciais e áreas de comércio nos quatro quadrantes principais. As pessoas que vivem no Norte da cidade são servidas pelo comércio nortista, as que vivem ao sul do rio se abastecem nas lojas do Sul e o mesmo acontece na parte leste da cidade. Eu me restringia principalmente aos centros comerciais e restaurantes do West End, por exemplo, quando estava trabalhando.

A garçonete, que anotou o meu pedido de uma salada grega fez uma pausa por um momento, olhando para mim como se o meu rosto fosse familiar. Incomodada, pensei se ela não teria visto a minha fotografia no jornal da tarde de sábado. Ou talvez me visse em reportagens ou excertos de julgamentos que as estações locais de televisão iam constantemente apanhar nos seus arquivos, quando um homicídio era a grande notícia na Virgínia Central. Sempre desejara passar despercebida, me misturar com aqueles que me rodeavam. Mas estava em desvantagem por várias razões. Havia poucas mulheres médicas-legistas-chefes no país, o que levava os repórteres a serem, indevidamente, persistentes no que diz respeito a apontarem máquinas fotográficas na minha direção ou a obterem declarações. Era facilmente reconhecida porque tenho um ar “distinto”, “loira” e “bonita”, e só Deus sabe o que mais escreveram ao meu respeito. Os meus antepassados são do Norte da Itália, onde existe uma boa percentagem de loiros com olhos azuis, partilhando o sangue com os povos da Saboia, da Suíça e da Áustria.

Os Scarpettas são um grupo tradicionalmente etnocêntrico, italianos que casaram, neste país, com outros italianos para manterem a pureza da linhagem. O maior fracasso da minha mãe, assim me disse ela repetidas vezes, foi não ter um filho e as suas duas filhas se terem revelado dois becos sem saída do ponto de vista genético. Dorothy manchou a estirpe com Lucy, que é meio latina, e, na minha idade e estado civil, era pouco provável que eu viesse a manchar alguma coisa. A minha mãe tem uma predisposição para chorar, lamentando o fato da sua família mais próxima ter chegado ao fim da linha. “Todo aquele sangue bom”, ela choramingava, especialmente durante as férias, quando deveria estar rodeada por um bando de netos adoráveis e adoradores. “Que pena! Todo aquele sangue bom! Os nossos antepassados! Arquitetos, pintores! Kay, Kay, desperdiçar tudo isso como boas uvas na videira!”

Somos oriundos de Verona, a província de Romeu de Montague e Julieta Capulet, de Dante, Pisano, Ticiano, Bellini e Paolo Cagliari, segundo diz a minha mãe. Teima em acreditar que ainda somos aparentados com tais sumidades, embora eu sempre lhe recorde que Bellini, Pisano e Ticiano influenciaram sem dúvida a escola de Verona, sendo, na realidade, oriundos de Veneza; que o poeta Dante era de Florença, se exilando depois do triunfo do Guelfo Negro, relegado a andar de cidade em cidade, sendo a sua estadia em Verona apenas uma parada a caminho de Ravena. Os nossos antepassados diretos, na verdade, trabalhavam nas ferrovias ou eram lavradores, gente humilde que imigrou para este país a duas gerações.

Com a minha bolsa branca na mão, regresssei ansiosamente ao calor da tarde. As calçadas estavam cheias de pessoas passeando antes e depois do almoço e, enquanto esperava numa esquina que os semáforos mudassem, me virei vagamente para duas figuras que saíam do restaurante chinês do outro lado da rua. O cabelo louro familiar me chamara a atenção. Bill Boltz, o procurador do Estado para a cidade de Richmond, estava colocando óculos escuros e parecia no meio de uma discussão acesa com Norman Tanner, o diretor da segurança pública. Durante um momento, Boltz olhou fixamente na minha direção, mas não retribuiu o meu aceno. Talvez não tenha me visto. Não voltei a lhe acenar. Depois os dois homens desapareceram, engolidos pelo fluxo congestionado de rostos anônimos e pés que se arrastavam.

Quando a luz ficou verde depois de um tempo interminável, atravessei a rua e me lembrei de Lucy quando me aproximei de uma loja de software. Ao entrar, encontrei uma coisa de que ela iria gostar com certeza: não um jogo de vídeo, mas um guia de história, que englobava arte, música e enigmas. Na véspera tínhamos alugado um barco a remos no parque e vagamos pelo pequeno lago. Ela nos conduziu até à fonte para me dar um banho tépido e, como uma criança, lhe paguei na mesma moeda. Demos pão aos gansos e chupamos sorvetes de uva até ficarmos com as línguas azuis. Na quinta-feira de manhã ela retornaria

para Miami e eu não ia vê-la até o próximo Natal, se é que voltaria a vê-la este ano.

\* \* \*

Era quinze para a uma quando entrei no átrio do Office of the Chief Medical Examiner, ou OCME, como o chamavam. Benton Wesley chegara adiantado quinze minutos e estava sentado no sofá lendo o Wall Street Journal.

— Espero que tenha alguma coisa que se beba nesse saco, disse ele brincando, dobrando o jornal e pegando na pasta.

— Vinagre de vinho. Vai adorar.

— Que diabo, lá quero saber! Alguns dias eu estou tão desesperado que imagino que o refrigerador de água junto da minha porta está cheio de gin.

— Parece-me um desperdício imaginar isso.

— Não. Apenas a única fantasia de que vou falar na frente de uma senhora.

Wesley traçava o perfil dos suspeitos para o FBI e trabalhava no escritório de Richmond, onde, na verdade, passava muito pouco tempo. Quando não estava em viagem, ficava habitualmente na Academia Nacional, em Quântico, dando aulas de investigação criminal e fazendo o que podia para o VICAP superar a sua tão tumultuosa adolescência. VICAP é um acrônimo para Violent Criminal Apprehension Program. Um dos conceitos mais inovadores do VICAP eram as equipes regionais que ligam um profiler do FBI a um detetive especializado em homicídios. A polícia de Richmond chamou o VICAP depois do segundo estrangulamento. Marino, além de sargento da polícia local, era o parceiro de Wesley na equipe regional.

— Cheguei cedo, se desculpou Wesley, seguindo comigo pelo corredor. — Vim diretamente para aqui depois do dentista. Não me

incomodo se comer enquanto conversamos.

— Bem, mas incomoda a mim. O seu olhar inexpressivo foi seguido de um sorriso embaraçado quando um pensamento súbito o assaltou.

— Esqueci. Você não é o doutor Cagney. Sabe, ele costumava ter bolachas de queijo na mesa da morgue. No meio do trabalho, fazia um intervalo para comer. Era inacreditável. Entramos numa sala tão pequena que era, na verdade, um cubículo onde havia uma geladeira, uma máquina de Coca-Cola e uma de fazer café. -

— Teve sorte em não ter apanhado hepatite ou aids, eu disse.

— Aids? Wesley riu. — Isso teria sido justiça poética.

Como um elevado número de pessoas pertencentes à velha guarda que conheci, o doutor Cagney tinha a fama de nutrir uma profunda aversão pelos homossexuais. “Um maricas...”, costumava dizer quando davam entrada pessoas de certa tendência.

— Aids... Wesley ainda estava rindo quando eu coloquei a minha salada na geladeira. —Adoraria ouvi-lo explicar como se livraria dessa.

Aos poucos, começo a simpatizar com Wesley. Da primeira vez que o vi, tive as minhas reservas, pois me fazia acreditar em estereótipos. Era FBI até aos sapatos Florsbeim, um homem com feições vincadas e cabelo prematuramente grisalho, o que sugeria uma disposição jovial que ele não tinha. Era magro e seco, parecia um advogado no seu terno bege de corte impecável e gravata de seda azul com cornucópias. Não me lembrava de alguma vez de tê-lo visto com uma camisa que não fosse branca e bem engomada. Era formado em psicologia e fora diretor de um colégio em Dálias antes de se inscrever no Bureau, onde trabalhou no princípio como agente operacional, depois disfarçado para obter informações sobre a Máfia, antes de acabar onde de certa forma começara. Os profilers são tipos acadêmicos, pensadores, analistas. Algumas vezes acho que são mágicos.

Pegamos nos cafés, viramos à esquerda e entramos na sala de reuniões. Marino estava sentado à comprida mesa e examinava uma gorda pasta onde os casos estavam arquivados. Fiquei levemente surpreendida. Por qualquer motivo, eu achava que ele chegaria atrasado. Antes de eu ter sequer hipótese de puxar uma cadeira, anunciou laconicamente:

— Passei há pouco pelo laboratório de sorologia. Achei que estaria interessada em saber que Matt Pedersen é A positivo e um não-secretor. Wesley olhou para ele com curiosidade:

— É o marido de quem estava falando?

— Sim. Um não-secretor. Tal como o homem que anda matando estas mulheres.

— Vinte por cento da população é não-secretora, declarei friamente.

— Sim, disse Marino. — Dois em dez.

— Ou aproximadamente quarenta e quatro mil pessoas numa cidade do tamanho de Richmond. Vinte e duas mil se metade da população for masculina, acrescentei. Ao acender um cigarro, Marino me piscou o olho por cima da chama do isqueiro.

— Sabe uma coisa, doutora? O cigarro abanava com cada sílaba. — Está começando a se parecer com uma advogada de defesa.

\* \* \*

Meia hora depois eu estava à cabeceira da mesa, com os dois homens sentados um de cada lado. À nossa frente, estavam espalhadas fotografias das quatro mulheres assassinadas. Esta era a parte mais difícil da investigação e a que levava mais tempo, traçar o perfil do assassino, traçar o perfil das vítimas e voltar a traçar o perfil do assassinato. Wesley descrevia-o. Isto era o que ele fazia melhor e muitas vezes era perigosamente exato, quando interpretava a emoção de um local do crime, que nestes casos era uma raiva fria e calculista.

— Aposto que é branco, dizia ele. — Mas não arrisco a minha reputação. Cecile Tyler era negra e uma mistura de várias raças, na seleção das vítimas, é pouco habitual a não ser que o assassino esteja se descompensando rapidamente.

Pegou numa fotografia de Cecile Tyler, uma negra linda em vida e que fora recepcionista numa firma de investimentos na parte norte. Tal como Lori Pedersen, fora amarrada, estrangulada e o corpo nu colocado em cima da cama.

— Mas, nos dias que correm, estamos tendo mais casos. É a tendência, um aumento dos crimes sexuais, nos quais o agressor é negro e a mulher branca; raramente ocorre o contrário: homens brancos violarem e assassinares mulheres negras, dito por outras palavras. As prostitutas são uma exceção. Olhou com indiferença para as fotografias espalhadas. — Estas mulheres não eram prostitutas. Suponho que, se fossem, murmurou ele, — O nosso trabalho seria um pouco mais fácil.

— Sim, mas o delas não, interrompeu-o Marino. Wesley não sorriu.

— Pelo menos, haveria uma ligação, que talvez fizesse sentido, Pete. A seleção. Abanou a cabeça. — É estranha.

— E o que diz o Fortosis sobre o assunto? Perguntou Marino, se referindo ao psiquiatra forense que analisara os casos.

— Não tem muito a dizer, respondeu Wesley. — Falei com ele uns minutos esta manhã. Não quer se comprometer. Acho que o assassinato desta médica está fazendo que ele reveja algumas coisas. Mas ainda tem a certeza absoluta de que o assassino é branco. O rosto que aparecia no meu sonho violava o meu espírito, branca e sem feições. — Provavelmente está entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos. Wesley continuou olhando para a sua bola de cristal. — Uma vez que os assassinatos não estão relacionados com uma localidade em particular, tem alguma maneira de se deslocar de um lado para o outro, um carro, uma motocicleta, um caminhão ou um furgão. Acho que ele esconde o seu meio de transporte num lugar pouco visível e que anda o resto do

caminho a pé. O carro dele é antigo, provavelmente americano, escuro ou de uma cor simples, como bege ou cinzento. Por outras palavras, não seria de estranhar que usasse o tipo de carro em que andam os policiais à paisana.

Não estava sendo engraçado. Este tipo de assassino fica frequentemente fascinado com o trabalho da polícia e até pode tentar competir com os agentes. O comportamento normal de um psicopata, a seguir a um crime, é se envolver na investigação. Quer ajudar a polícia, dar sugestões e opiniões e ajudar equipes de salvamento na procura de um corpo que atirou para um bosque algures. É o tipo de homem que não pensaria duas vezes em estar no bar da Fraternal Order da Polícia bebendo canecas de cerveja com os policiais que não estão de serviço. Há quem pense que, pelo menos, um por cento da população são psicopatas. Geneticamente, estes indivíduos não têm medo. Usam as pessoas e são manipuladores extremos. Do lado certo, são ótimos espões, heróis de guerra, generais de cinco estrelas, empresários bilionários, James Bonds. Do lado errado, são extremamente maus: Neros, Hitlers, Richard Specks, Ted Bundys, pessoas antissociais, mas clinicamente sãs que cometem atrocidades pelas quais não sentem remorsos nem assumem a culpa.

— É um solitário, continuou Wesley, — E tem dificuldade num relacionamento íntimo, embora possa ser considerado agradável e até simpático por conhecidos. Não penso que esteja próximo de alguém. É do gênero de conquistar uma mulher num bar, levá-la para a cama e achar o ato frustrante e muito pouco satisfatório.

— Como conheço essa sensação... Disse Marino, bocejando. Wesley continuou a expor as suas ideias:

— Obteria muito mais satisfação de pornografia violenta, de revistas de casos de detetives, do sadomasoquismo, e provavelmente acalentou fantasias sexuais violentas muito antes de começar a concretizá-las. A realidade pode ter começado com ele olhando pelas janelas das casas ou apartamentos onde vivem mulheres sozinhas. Tudo

se torna mais real. A seguir começa a violação. As violações se tornam mais violentas, culminando em assassinato. Esta escalada continuará à medida que se torna cada vez mais violento e ofensivo com cada vítima. A violação já não é o motivo. O motivo é o assassinato. O assassinato já não é suficiente. Precisa ser mais sádico.

Com o braço esticado, expondo um pouco do punho branco engomado, pegou nas fotografias de Lori Pedersen. Olhou-as devagar, uma de cada vez, com uma expressão impassível. Empurrando a pilha para longe de si, se virou para mim.

— Parece claro que, no caso dela, no caso da doutora Pedersen, ele introduziu elementos de tortura. Uma avaliação correta?

— Correta, corroborarei.

— O quê? Partindo-lhe os dedos? Marino fez a pergunta, como se quisesse uma discussão.

— A Máfia faz coisas dessas. Os violadores normalmente não. Ela tocava violino, não é verdade? Partir-lhe os dedos parece uma coisa pessoal. Como se a conhecesse. Disse-lhe o mais calmamente possível:

— Os compêndios de cirurgia em cima da mesa, o violino... O assassino não precisava ser um gênio para descobrir algumas coisas sobre ela. Wesley refletiu:

— Outra possibilidade é ela ter quebrado os dedos e as costelas ao procurar se defender.

— Isso não pode ser. Disso eu tinha a certeza. — Não encontrei nada que me desse a ideia de que tivesse lutado com ele. Marino me fitou com um ar impassível e pouco simpático.

— A sério? Estou curioso. O que quer dizer com ferimentos sofridos ao se defender? Segundo o seu relatório, apresentava muitas nódoas negras.

— Bons exemplos de tais ferimentos, esclareci, olhando-o fixamente,

— São unhas das mãos partidas, arranhões ou ferimentos encontrados em áreas das mãos e dos braços que estariam à vista se a

vítima tivesse tentado se desviar dos golpes. Os ferimentos dela não condizem com tal padrão. Wesley fez um resumo.

— Então estamos todos de acordo. Ele foi mais violento desta vez.

— Brutal, interpôs Marino rapidamente, como se fosse a sua observação favorita. — É isso que pretendo salientar. O caso de Lori Pedersen é diferente dos outros três.

Contive a minha fúria. As primeiras três vítimas foram amarradas, violentadas e estranguladas. Isso não era brutal? Também era preciso quebrar os ossos? Wesley vaticinou sinistramente:

— Se houver mais um, haverá sinais de violência e de tortura mais pronunciados. Ele mata porque é uma obrigação, uma tentativa de preencher uma necessidade. Quanto mais o fizer, mais forte se torna esta necessidade, mais frustrado fica, e por isso mais forte será a vontade. Está se tornando cada vez mais insensível e em cada crime precisa de mais para se saciar. A satisfação é temporária. Nos dias ou semanas que se seguem, a tensão aumenta até encontrar o próximo alvo, se aproximar dele e matar novamente. Os intervalos entre assassinatos podem se tornarem mais curtos. Pode acabar por se tornar um assassino descontrolado como Bundy.

Eu pensava na organização do tempo. A primeira mulher tinha sido assassinada no dia 19 de abril, a segunda no dia 10 de maio, a terceira a 31 de maio. Lori Pedersen fora assassinada uma semana depois, no dia 7 de junho. O que Wesley disse a seguir era bastante previsível. O assassino vinha de um lar desfeito e podia ter sido molestado, física ou emocionalmente, pela mãe. Quando estava com uma vítima, se libertava da sua raiva, inextrincavelmente ligada ao seu desejo. Tinha uma inteligência acima da média, era obsessivo-compulsivo, organizado e meticuloso. Podia ter propensão para padrões de comportamento obsessivos, fobias ou rituais, tal como a arrumação, a limpeza, a sua dieta, qualquer coisa que mantivesse o seu sentimento de controlar o meio ambiente. Tinha um emprego, provavelmente servil,

podia ser mecânico, fazer pequenos consertos, ser um trabalhador da construção civil ou outra ocupação ligada ao operariado...

Reparei que o rosto de Marino se tornava cada vez mais vermelho. Olhava inquieto à volta da sala de reuniões.

— Para ele, dizia Wesley, — A melhor parte é a fase antecedente, o plano arquitetado, o estímulo ambiental que ativa a fantasia. Onde estava a vítima quando ele reparou nela?

Não sabíamos. Talvez nem ela soubesse se estivesse viva para nos contar. O vislumbre podia ter sido tão tênue e obscuro como uma sombra atravessando o seu caminho. Viu-a em algum lugar. Podia ter sido num centro comercial ou quando estava dentro do carro, parada num sinal vermelho.

— O que o provocou? Continuou Wesley.

— Por quê esta mulher em particular?

Mais uma vez, não sabíamos. Sabíamos apenas uma coisa. Cada uma das mulheres estava vulnerável porque vivia sozinha. Ou se pensava que vivia sozinha, como no caso de Lori Pedersen.

— Parece o americano típico. O comentário cínico de Marino nos colheu de surpresa. Jogando fora a cinza, se inclinou agressivamente para frente. — Olhem. Isso é tudo muito bonito. Mas eu não tenciono ser nenhuma Dorothy caminhando por uma estrada de tijolos amarelos. Nem todas vão dar na Cidade de Esmeraldas! Dizemos que ele é um operário ou qualquer coisa do estilo, certo? Bem, Ted Bundy era estudante de direito e há alguns anos houve um violador em Washington que era dentista. Que diabo, o estrangulador de Green Valley, a terra da fruta e das nozes, até podia ser um escoteiro, porque ninguém sabia nada a respeito dele.

Marino estava chegando ao ponto que queria frisar. Eu tinha estado à espera que ele começasse.

— Quero dizer, quem pode afirmar que ele não é um estudante? Até talvez um ator, um tipo criativo, cuja imaginação deu para o torto. Os crimes sexuais não diferem muito uns dos outros nem interessa aqui quem cometeu, a não ser que o tarado se lembre de beber sangue ou de assar pessoas em espetos, mas este tarado com quem estamos lidando não é desses. A razão pela qual estes assassinatos sexuais têm, quase todos, o mesmo perfil, se quer a minha opinião, é porque as pessoas são pessoas, com algumas raras exceções. Médico, advogado ou chefe de uma tribo de índios. As pessoas pensam e fazem as mesmas coisas desde os tempos em que os homens das cavernas arrastavam as mulheres pelos cabelos. Wesley olhava para o vazio. Devagar, se voltou para Marino e perguntou calmamente:

— Aonde quer chegar, Pete?

— Vou lhe dizer qual é o meu ponto de vista! Tinha o queixo espetado e as veias do pescoço salientes, como se fossem cordas. — Esta treta sobre quem tem o perfil certo e quem não tem já me chateia. O que eu tenho é um tipo que escreve uma tese sobre sexo e violência, canibais e maricas. Tem nas mãos uma merda que brilha, que parece a mesma substância encontrada em todos os outros corpos. As impressões digitais dele estão na pele da mulher, que está morta, e numa faca escondida numa das gavetas, uma faca que também tem essa merda brilhante no cabo. Chega em casa todos os fins-de-semana mesmo na altura em que as fulanas são despachadas. Mas não! Que diabo, não. Não pode ser ele, certo? E por quê? Porque não é um operário. Não é suficientemente bronco.

Wesley desviara novamente os olhos. Olhei para as fotografias espalhadas à nossa frente, fotografias ampliadas e a cores de mulheres que nem nos seus piores pesadelos acreditariam que alguma coisa parecida pudesse lhes acontecer.

— Bem, me deixem apenas lhes dizer o seguinte. A tirada ainda não terminara. — Matt, o menino bonito, não é assim tão puro como isso. Enquanto estive lá em cima colhendo elementos no laboratório, passei novamente pelo gabinete de Vander para ver se ele tinha descoberto mais alguma coisa. As impressões digitais de Pedersen estão no arquivo, certo? E sabem por quê? Olhou para mim com uma expressão dura.

— Vou lhe dizer por quê. Vander investigou o assunto, usou as suas engenhocas. Matt, o menino bonito do Matt, foi preso há seis anos em Nova Orleans. Foi no verão antes de ir para a universidade, muito antes de conhecer a cirurgia. Ela provavelmente nunca soube nada disso.

— Do quê? Perguntou Wesley.

— O seu ator querido foi acusado de violação. Ninguém proferiu palavra durante muito tempo.

Wesley girava devagar a sua caneta Mont Blanc no tampo da mesa, os maxilares cerrados. Marino não estava seguindo as regras do jogo. Não estava partilhando a informação. Estava nos preparando uma emboscada, como se isto fosse o tribunal e Wesley e eu fôssemos advogados do lado contrário. Finalmente, propus:

— Se, de fato, Pedersen foi acusado de violação, foi absolvido. Ou então as queixas foram retiradas. Os olhos dele me fixaram como dois canos de espingarda.

— Sabe disso? Ainda não verifiquei o cadastro dele.

— Uma universidade como Harvard, sargento Marino, não tem por hábito aceitar criminosos condenados.

— Desde que saibam.

— É verdade, concordei. — Desde que saibam. É difícil acreditar que não soubessem se a queixa se manteve.

— O melhor é verificarmos, foi tudo o que Wesley disse sobre o assunto.

Ao ouvir isso, Marino se retirou abruptamente. Pensei que fora ao banheiro. Wesley agiu como se não houvesse nada de extraordinário na explosão de Marino ou no resto. Perguntou calmamente:

— O que diz Nova Iorque, Kay? Já tem alguma coisa do laboratório?

— O teste do DNA leva algum tempo, respondi em tom vago.

— Não lhes mandamos nada até ao segundo caso. Em breve, devo estar recebendo os resultados. Quanto aos outros dois, Cecile Tyler e Lori Pedersen, só no próximo mês. Persistiu na sua maneira de agir, como se nada de errado acontecesse.

— Em todos os quatro casos, o tipo é um não-secretor. Sabemos isso, pelo menos.

— Realmente, não tenho qualquer dúvida de que seja o mesmo assassino.

Não dissemos mais nada durante algum tempo. Ficamos sentados, tensos, esperando o regresso de Marino, ouvindo ainda as suas palavras de irritação. Eu transpirava e sentia o coração a bater. Acho que Wesley deve ter decifrado a minha expressão, que eu não queria ter mais nada a ver com Marino, que eu o relegara ao esquecimento que reservo para pessoas impossíveis, desagradáveis e profissionalmente perigosas.

— Precisa compreender Kay.

— Mas não compreendo.

— É um bom detetive, mesmo muito bom. Não fiz comentários. Ficamos em silêncio.

A minha raiva começou a aumentar. Eu sabia que não devia fazer, mas não consegui impedir as palavras de saírem violentamente.

— Bolas, Benton! Estas mulheres merecem o nosso melhor esforço. Se errarmos, outra pessoa pode morrer. Não quero que ele estrague as coisas porque tem um problema!

— Ele não vai estragar.

— O pior é que já estragou. Baixei o tom de voz. — Tem um laço em torno do pescoço de Matt Pedersen. O que significa que não vai pensar em mais ninguém.

Graças a Deus que Marino estava levando muito tempo para regressar. Os músculos do queixo de Wesley se mexiam, mas não olhava para mim.

— Eu também ainda não entendi o caso Pedersen. Não posso. Sei que matar a mulher não condiz com os outros três. Mas é um caso invulgar. Por exemplo, o Gacy. Não fazemos ideia nenhuma de quantas pessoas ele assassinou. Trinta e três crianças. Possivelmente foram centenas. Estranhos, todos eles estranhos para ele. Depois mata a mãe e coloca pedaços dela pela tubulação do lixo...

Eu não podia acreditar. Estava me dando uma lição que normalmente dava aos seus “jovens agentes”, tagarelando como um jovem de 16 anos no seu primeiro encontro.

— Chapman levava um exemplar de **O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO** quando matou John Lennon. Reagan e Brady são baleados por um doido obcecado por uma atriz. Padrões. Nós tentamos prever, mas nem sempre conseguimos. Nem sempre é previsível.

A seguir começou a recitar estatísticas. Doze anos antes, a percentagem de homicídios era cerca de noventa e cinco, noventa e seis por cento. Agora andava mais perto dos setenta e quatro por cento e estava baixando. Havia assassinatos mais estranhos em vez de crimes passionais, etc. Eu mal ouvia uma palavra.

— ... Matt Pedersen também me preocupa, para dizer verdade, Kay. Fez uma pausa. Eu já estava atenta. — É um artista. Os psicopatas

são os Rembrandts dos assassinos. É um ator. Não sabemos que papel desempenhou na sua fantasia. Não sabemos se ele está tornando-as reais, neste momento. Não sabemos se ele não é diabolicamente esperto. O assassinato da mulher pode ter sido utilitário.

— Utilitário? Olhei fixamente para ele durante um bocado, os meus olhos exprimindo descrença, e depois para as fotografias tiradas de Lori Pedersen no local do crime. O rosto dela era uma máscara de agonia: as pernas estavam dobradas; o fio elétrico, tão tenso como a corda de um arco, lhe puxava os braços para cima e vincava o pescoço. Eu estava vendo tudo aquilo que o monstro tinha feito. Utilitário? Não podia ser verdade. Wesley explicou:

— Utilitário no sentido em que pode ter tido necessidade de se livrar dela, Kay. Se, por exemplo, alguma coisa aconteceu que a fizesse suspeitar que ele tivesse matado as três mulheres, pode ter entrado em pânico e decidido que tinha de matá-la. Como consegue matá-la e se safar? Fazendo com que a morte dela se pareça com as outras.

— Já ouvi algo parecido, disse eu calmamente. — Do seu colega. As palavras dele eram lentas e firmes como a batida de um metrônomo.

— Todos os cenários possíveis, Kay. Precisamos levá-los em consideração.

— Claro que sim. De acordo, desde que Marino considere todos os cenários possíveis e não se deixe iludir porque está ficando obcecado ou porque tem um problema. Wesley olhou para a porta aberta. De forma quase inaudível, disse:

— O Pete tem os seus preconceitos. Não nego isso.

— Acho melhor me dizer exatamente quais são.

— Basta dizer que, quando o FBI decidiu que ele era um bom candidato para uma equipe VICAP, verificamos o seu passado. Sei onde ele cresceu e como cresceu. Algumas coisas nunca se conseguem ultrapassar. Marcam. Acontece.

Ele não estava contando nada que eu já não tivesse notado. Marino cresceu na pobreza, numa área da cidade considerada socialmente inferior. Sentia-se pouco à vontade com pessoas que sempre o tinham

feito se sentir assim. Os chefes de classe e as moças mais bonitas da escola nunca lhe deram nenhuma porque ele era um intruso, porque o pai tinha as unhas sujas, porque era “grosseiro”. Já tinha ouvido estas histórias de policiais mil vezes. A única vantagem do tipo, na vida, é ser corpulento e branco, por isso se torna mais corpulento e mais branco ao usar uma arma e um distintivo.

— Não chegamos ao ponto de nos desculparmos, Benton, disse eu abruptamente. — Não desculpamos os criminosos porque tiveram uma infância ruim. Não usamos o poder que nos foi atribuído para punir pessoas que fazem nos recordar a nossa própria infância.

Eu não estava sendo pouco compreensiva. Entendia exatamente a vida de Marino. Não estranhava a raiva dele. Sentira-a muitas vezes quando tinha de encarar um réu no tribunal. Por muito convincentes que as provas fossem, se o tipo tivesse bom aspecto, fosse distinto, vestisse um terno de duzentos dólares, doze homens e mulheres trabalhadores não acreditariam que ele fosse culpado. Nesta altura eu acreditava em quase tudo sobre qualquer pessoa. Mas apenas se existissem provas. Estaria Marino olhando para as provas? Estaria sequer olhando? Wesley empurrou a cadeira para trás e se levantou para se espreguiçar.

— O Pete tem as suas luas. Habitamo-nos a elas. Conheço-o há anos. Dirigiu-se até à porta aberta e olhou para um lado e para o outro do corredor. — Onde diabo se meteu ele? Terá escorregado pelo sanitário?

Wesley concluiu a missão deprimente que o trouxera a minha sala e desapareceu na tarde ensolarada dos vivos, onde outras atividades criminosas exigiam a sua atenção e o seu tempo. Tínhamos desistido de Marino. Não fazia ideia nenhuma para onde ele fora, mas a sua ida ao banheiro levava-o, pelo visto, para fora do edifício. Também não tive tempo de pensar no assunto durante muito tempo, porque Rose entrou

pela porta que ligava o meu gabinete ao dela no momento em que eu colocava novamente as pastas de arquivo na minha mesa. Soube imediatamente pela pausa que fez e pela expressão severa da sua boca que tinha alguma coisa em mente que eu não iria querer ouvir.

— Doutora Scarpetta, Margaret tem andado à sua procura e me pediu para lhe dizer logo que saísse da reunião.

Demonstrei a minha impaciência, incapaz de controlá-la. Havia autópsias para fazer lá e vários telefonemas para retribuir. Tinha coisas suficientes para fazer que manteriam uma dúzia de pessoas ocupadas e não queria mais nada acrescentado à lista. Entregando-me uma pilha de cartas para assinar, parecia uma temível diretora me olhando por cima dos óculos. Acrescentou:

— Ela está na sala dela e acho que o assunto não pode esperar.

Rose não ia me contar o que acontecia e, embora eu não pudesse culpá-la, fiquei aborrecida. Acho que ela sabia tudo o que acontecia no departamento, mas era seu costume me remeter para a fonte em vez de me pôr diretamente ao corrente do que acontecia. Em suma, muitas vezes evitava me dar más notícias. Suponho que tivesse aprendido isso, da forma mais dura, depois de trabalhar para o meu antecessor, doutor Cagney.

\* \* \*

A sala de Margaret ficava no meio do corredor, um aposento espartano com paredes de lajes de cimento, pintadas na mesma cor insípida, creme-esverdeado, como o resto do edifício. O chão, de mosaicos verde-escuros, parecia sempre sujo, embora fosse varrido muitas vezes, e em cima da mesa e de todas as outras superfícies se viam resmas de folhas de computador impressas. A estante estava cheia de manuais, cabos de impressoras, extensões suplementares e caixas de

disquetes. Não havia nenhum toque pessoal, nem fotografias, cartazes ou bugigangas. Não sei como Margaret vivia nesta confusão estéril, mas eu nunca vira um gabinete de um profissional de informática que não fosse assim. Tinha as costas viradas para a porta e olhava para o monitor, com um manual de programação aberto no colo. Rodou o assento e empurrou a cadeira para um lado quando entrei. O rosto dela estava tenso, o cabelo, preto e curto, desalinhado, como se tivesse mexido nele com os dedos, os olhos, escuros, distantes.

— Estive numa reunião a maior parte da manhã, disse ela. — Quando cheguei aqui, depois do almoço, encontrei isto na tela.

Entregou-me uma folha impressa. Nela se viam vários comandos SQL que permitiam pesquisar a base de dados. Ao princípio, olhei a folha de papel sem ver nela o que quer que fosse. Um pedido de descrição dos campos da base de dados tinha sido executado na tabela de “casos” e a metade superior da página estava cheia de colunas de nomes. Por baixo se viam as várias possibilidades de seleção. A primeira pedia o número do caso em que o último nome seria “Pedersen” e o primeiro “Lori”. Por baixo se via a resposta: “Não foram encontrados registros”. Um segundo comando pedia os números dos casos e os primeiros nomes das pessoas falecidas, cujo registro se encontrava na nossa base de dados e cujo último nome fosse “Pedersen”. O nome de Lori Pedersen não estava incluído na lista porque os dados referentes ao seu caso estavam dentro da gaveta da minha mesa. Ainda não os entregara aos digitadores para que os introduzissem no computador.

— O que está dizendo, Margaret? Não acionou esses comandos?

— Certamente que não, respondeu ela convictamente. — Também mais ninguém o fez. Não seria possível. Ela tinha toda a minha atenção. — Quando fui embora, na sexta-feira, continuou explicando, — Fiz a mesma coisa que sempre faço ao fim do dia. Deixei o computador em espera para poder ligar de casa se quisesse. Ninguém pode ter usado o meu computador, porque não é possível usá-lo quando está programado

para receber ligações, a não ser que eu esteja noutra PC e me conecte via modem.

Até aí, fazia sentido. Os terminais do departamento eram ligados ao de Margaret, ao qual chamávamos de “servidor”. Não estávamos ligados ao computador principal do Departamento de Saúde e Serviços Humanos, do outro lado da rua, embora o comissário nos pressionasse constantemente para o fazermos. Eu me recusara e continuaria a fazê-lo, uma vez que os nossos dados são altamente sigilosos, e muitos deles estão sendo investigados criminalmente. Ter tudo num computador central, partilhado por dezenas de outras agências HHSD era um convite para um colossal problema de segurança.

— Eu não liguei de casa, lhe disse.

— Nunca pensei que tivesse feito, respondeu ela. — Não consegui imaginar por que razão daria estes comandos. A senhora, melhor que ninguém, saberia que o caso de Lori Pedersen ainda não tinha sido introduzido no computador. Outra pessoa é a responsável, podendo excluir os funcionários ou os outros médicos. Tirando o seu PC e o que está na morgue, os demais são simples terminais.

Este tipo de terminal, ela me recordou, não passa de uma unidade sem cérebro que consiste num monitor e num teclado. Estes terminais, no nosso departamento, estavam ligados ao servidor no gabinete de Margaret. Quando o servidor estava desligado ou bloqueado, como acontecia quando recebia ligações, os terminais também ficavam desligados ou bloqueados. Por outras palavras, tinham estado fora de serviço desde sexta-feira, antes do assassinato de Lori Pedersen. A violação da base de dados somente poderia ter ocorrido durante o fim-de-semana ou em qualquer altura do dia de hoje. Alguém, um intruso, tinha entrado no sistema. Esse alguém tinha de conhecer a base de dados que usávamos. Era vulgar, me lembrei, e não era impossível de aprender. O número a ligar era o da extensão de Margaret, que vinha na lista do HHSD. Se tivesse um computador com um software de

comunicação e um modem compatível e soubesse que Margaret era a analista e tentasse o seu número, conseguia entrar. Mas só chegaria até esse ponto. Não se podia ter acesso a quaisquer aplicações ou dados. Nem sequer se conseguia entrar nas nossas caixas de correio eletrônico sem saber os nomes dos utilizadores e as senhas de acesso. Margaret olhava fixamente para a tela através dos seus óculos coloridos. Tinha o sobrolho ligeiramente franzido e mordiscava a unha do polegar. Puxei uma cadeira e me sentei.

— Como? O nome do utilizador e a senha! Como é que alguém teve acesso a eles?

— É nisso que estou pensando. Só poucos de nós sabem disso, doutora Scarpetta. A senhora, eu, os outros médicos e as pessoas que introduzem os dados. E os nossos nomes de utilizadores e senhas de acesso são diferentes dos que atribuí aos distritos.

Embora cada um dos outros distritos estivessem computadorizados, com uma rede exatamente como a nossa, guardavam os seus dados e não tinham acesso direto aos dos serviços centrais. Não era provável, de fato, achava até que não era possível, que um dos meus subordinados dos outros departamentos fosse o responsável. Fiz uma sugestão pouco convincente:

— Talvez alguém tenha adivinhado e tido sorte. Ela abanou a cabeça.

— Quase impossível. Eu sei. Já o tentei quando alterei a senha do correio eletrônico de alguém e não me lembrava dela. Depois de três tentativas, o computador não perdoa, a linha de telefone é desligada. Além disso, esta versão da base de dados não gosta de logons ilegais.

— As senhas não podem estar noutra lugar? Perguntei. — Num outro lugar no computador, por exemplo, onde alguém as possa ter descoberto? E se a pessoa fosse outro programador...?

— Não funcionaria. Ela tinha a certeza. — Tive cuidado com isso. Há uma tabela onde constam os nomes dos utilizadores e as senhas, mas

só conseguiria se soubesse o que estava fazendo. E, de qualquer maneira, não interessa porque há muito tempo que a suspendi para impedir este tipo de problema. Não fiz qualquer comentário.

Ela olhava para mim, procurando um sinal de descontentamento, um brilho nos meus olhos que lhe dissesse que eu estava zangada ou que a culpava do sucedido.

— É horrível, ela deixou escapar. — Realmente, não faço a menor ideia, não sei o que essa pessoa fez. Por exemplo, o DBA não está funcionando.

— Não está funcionando?! O DBA, ou administrador da base de dados, era uma concessão que se dava a certas pessoas, como a Margaret ou a mim, autorização para ter acesso a todas as tabelas e poder fazer delas o que quiséssemos. O fato do DBA não está funcionando era o equivalente a dizer que a chave da minha porta da frente não entrava. — O que quer dizer com “não está funcionando”? Estava se tornando muito difícil me mostrar calma.

— Exatamente isso. Não consegui ter acesso a nenhuma das tabelas. Por alguma razão, a senha não era válida. Tive de voltar a ligar a rede.

— Como é que isso pode acontecer?

— Não sei. Ela estava ficando mais perturbada.

— Talvez eu devesse mudar todas as concessões por razões de segurança e atribuir novas senhas?

— Agora não, respondi automaticamente. — Vamos simplesmente guardar o caso de Lori Pedersen fora do computador. Quem quer que seja a pessoa, pelo menos não encontrou o que queria. Levantei-me da cadeira.

— Não desta vez.

Fiquei estática, os olhos fixados nela. Duas manchas de cor se formavam nas suas faces.

— Não sei. Se já aconteceu, não tenho maneira do saber por que o eco estava desligado. Estes comandos aqui, e apontou para a folha impressa, — É o eco dos comandos dados ao computador que ligou este. Deixo sempre o eco desligado para, se estiver ligando de casa, não se ver na tela o que quer que eu esteja fazendo. Na sexta-feira estava com pressa. Talvez, inadvertidamente, tenha deixado o eco ligado. Não me lembro, mas ficou ligado. Tristemente acrescentou: — Acho que foi bom.

Ambas nos viramos ao mesmo tempo. Rose estava à porta. Aquele olhar dela... Oh! Não, não outra vez! Esperou que eu saísse para o corredor e depois anunciou:

— O médico-legista de Colonial Heights está na linha um. Um detetive de Ashland está na linha dois e a secretária do comissário acabou de ligar...

— O quê? Interrompia-a. A sua última observação foi, na verdade, a única que ouvi. Entregando-me vários recados por escrito, me respondeu:

— O comissário quer falar consigo.

— Acerca de quê, caramba? Se ela me dissesse mais uma vez que eu teria de ouvir os pormenores de viva voz, perdia a paciência.

— Não sei, respondeu Rose. — A secretária não disse.

\* \* \*

## Seis

**N**ÃO AGUENTEI FICAR ã sentada à mesa. Tinha de me mexer antes que perdesse a compostura. Alguém entrara no computador do meu departamento e Amburgey queria me ver dentro de uma hora e quarenta e cinco minutos. Era pouco provável que estivesse apenas me convidando para lancha. Por isso resolvi ir fazer a ronda. Habitualmente, isto requeria que passasse pelos diversos laboratórios recolhendo resultados. Outras vezes, circulava simplesmente para ver o andamento dos meus casos, a médica benévola visitando os seus doentes. Nesse momento, a minha rotina era uma peregrinação dissimulada e desesperada.

O Departamento de Ciência Forense era uma colmeia, um cortiço, cheios de cubículos com equipamento de laboratório e de pessoas que usavam batas brancas e óculos de proteção de plástico. Alguns dos cientistas acenaram com a cabeça e sorriram quando passei pelas suas portas abertas. A maior parte não levantou a cabeça, demasiado absortos no que estavam fazendo para prestarem atenção em uma pessoa que estivesse passando por ali. Eu pensava em Abby Turnbull e noutros repórteres de quem não gostava. Será que um jornalista ambicioso tinha pagado a um craque dos computadores para entrar na nossa base de dados? Há quanto tempo duravam as violações do sistema?

Nem sequer me dei conta de que tinha entrado no laboratório de sorologia até que, de repente, estava olhando para balcões pretos atravancados com provetas, tubos de ensaio e bicos de Bunsen.

Apinhados em vitrinas, se viam sacos com provas e frascos de produtos químicos e, no centro da sala, uma mesa comprida, tapada com a coberta e os lençóis da cama de Lori Pedersen.

— Chegou mesmo a tempo, me cumprimentou Betty. — Se quiser uma acidez de estômago...

— Não, obrigada.

— Bem, eu já estou sentindo-a, acrescentou ela.

— Por que razão há de ser imune?

Betty, que estava perto da aposentadoria, tinha cabelo cinza-azó, feições fortes e olhos cor de avelã que podiam ser inexpressivos ou timidamente sensíveis desde que o interlocutor se desse ao trabalho de conhecê-la. Gostei dela desde a primeira vez que a vi. A chefe do laboratório de sorologia era meticulosa e extremamente perspicaz. Como passatempo, observava pássaros e era uma pianista consumada, não se casara e nunca lamentara o fato. Acho que me fazia lembrar a irmã Martha, a minha freira preferida na escola paroquial de Santa Gertrudes.

As mangas da sua bata estavam enroladas até ao cotovelo e tinha as mãos enluvadas. Na sua área de trabalho se viam tubos de ensaio que continham pedaços de algodão e um kit de recolha de provas físicas, ou PERK, que era composto por uma pasta de papelão que continha as lamelas e os envelopes com amostras de cabelo do caso de Lori Pedersen. A pasta de lamelas, os envelopes e os tubos de ensaio estavam identificados por rótulos feitos em computador com as minhas iniciais, fruto de mais um dos programas de Margaret. Lembrei-me vagamente dos mexericos numa reunião recente da academia. Nas semanas que se seguiram à morte súbita do presidente da câmara de Chicago, houve cerca de noventa tentativas de entrada no computador do médico-legista. Pensou-se que os culpados eram repórteres que andavam atrás dos resultados da autópsia e da toxicologia. Quem? Quem entrou no meu computador? E por quê?

— Ele está se saindo bem, dizia Betty.

— Desculpe... Sorri com um ar contrito. Ela repetiu:

— Falei com o doutor Glassman esta manhã. Está se saindo bem com as amostras dos dois primeiros casos e deve ter resultados para nós dentro de alguns dias.

— Já mandou as amostras dos últimos dois?

— Acabaram de ir. Ela estava desapertando a tampa de um pequeno frasco castanho. — Bo Friend vai entregá-las em mão...

— Bo Friendt, interrompia-a.

— Ou Agente Friendly, como é conhecido. Esse é o nome dele. Bo Friend. Juro. Vejamos, Nova Iorque fica a cerca de seis horas de carro. Deve entregá-las no laboratório ainda esta tarde. Acho que eles tiraram à sorte. Olhei para ela sem notar.

— Tiraram à sorte?

O que poderia querer Amburgey? Talvez estivesse interessado em saber como iam os testes do DNA. Nos dias que correm, toda a gente pensava nisso.

— Os policiais, dizia Betty.

— Vão à Nova Iorque e tudo. Alguns nunca foram lá.

— Uma vez será o suficiente para a maior parte deles, comentei distraidamente. — Espere até eles tentarem mudar de faixa ou encontrar um lugar para estacionar o carro.

Mas ele podia ter mandado um memorando pelo correio eletrónico se tivesse alguma pergunta a fazer sobre os testes do DNA ou qualquer outra coisa. Era isso que Amburgey fazia normalmente. De fato, era isso que sempre fizera no passado.

— Bem, isso ainda é o de menos. O nosso Bo nasceu e foi criado no Tennessee e nunca vai a lado nenhum sem a arma.

— Espero que tenha ido para Nova Iorque sem ela. A minha boca falava com Betty, enquanto o resto do meu ser estava noutra lado.

— Hum, volveu ela.

— O chefe dele lhe disse isso, falou das leis sobre armas na terra dos ianques. Bo sorria quando veio buscar as amostras; e fazia festas ao coldre por baixo do casaco, eu presumo. Tem um daqueles revólveres à John Wayne com um cano de seis polegadas. Estes tipos e as armas deles. Tão freudiano que até chateia...

Vieram-me à ideia as notícias de crianças que tinham tido acesso a computadores de grandes empresas e de bancos. Por baixo do telefone na minha mesa de casa havia um modem que me permitia ter acesso ao computador daqui. Estava fora dos limites autorizados, era estritamente proibido. Lucy compreendia a gravidade de tentar obter acesso aos dados do OCME. Podia fazer todo o resto, apesar da minha resistência interior, do forte sentimento de territorialidade que se adquire por se viver sozinho. Lembrei-me do jornal da tarde que Lucy encontrou escondido debaixo da almofada do sofá. Recordei a expressão, no rosto dela, ao me questionar sobre o assassinato de Lori Pedersen e depois da lista dos números de telefone do departamento e de casa do meu pessoal, incluindo a extensão de Margaret, presa ao quadro de cortiça por cima da minha mesa em casa. Notei de que Betty já se calara havia algum tempo. Olhava-me de forma estranha.

— Sente-se bem, Kay?

— Desculpe, disse eu novamente, desta vez com um suspiro. Calando-se por um momento, comentou depois, compreensiva:

— Ainda não há suspeitos. Também estou consumida.

— Suponho que seja difícil pensar noutra coisa. Embora na hora anterior mal tivesse pensado no assunto, e devia lhe dar toda a minha atenção, me puni silenciosamente.

— Bem, me custa dizer, mas o DNA não vale nada a não ser que apanhem alguém. Até chegarmos à era avançada em que as impressões genéticas serão armazenadas numa base de dados central, como os registros das impressões digitais.

— Nunca acontecerá enquanto as associações civis tiverem palavras a dizer sobre isso.

Hoje ninguém teria nada de positivo para me dizer? Começava a sentir uma dor de cabeça que me subia pela nuca.

— É estranho. Colocou gotas de fosfatase ácida em pequenos círculos de papel de filtro branco. — Seria lógico pensar que alguém tivesse visto este tipo em algum lugar. Ele não é invisível. Não aparece apenas em casa das mulheres, tem de tê-las visto num dado momento, no passado, para tê-las escolhido e seguido até a casa. Se andar pelos parques, pelos centros comerciais ou lugares parecidos, alguém deve ter reparado nele.

— Se alguém viu alguma coisa, ainda não sabemos nada a esse respeito. Não é que as pessoas não telefonem, acrescentei eu. — Aparentemente, as linhas de denúncia de crimes tocam de manhã, de tarde e à noite. Mas até aqui, me baseando no que me disseram, nada resultou.

— Uma caça aos gansos.

— Tem razão. Uma caça aos gansos.

Betty continuou trabalhando. Esta fase dos testes era relativamente simples. Pegou nos algodões dos tubos de ensaio que eu lhe mandara, molhou-os com água e manchou o papel de filtro com eles. Trabalhando com grupos, primeiro pingou fosfatase ácida e depois acrescentou gotas de um reagente, que fazia que a mancha se tornasse roxa, em apenas alguns segundos, se existisse sêmen. Olhei para o monte de círculos de papel. Quase todos eles estavam ficando roxos.

— O milagre.

— Uma tentativa falhada. Começou a descrever o que eu estava vendo. — Estes são os esfregaços da parte de trás das coxas dela. Apontou-os. — Apareceram imediatamente. A reação não foi tão rápida com os esfregaços anal e vaginal. Mas não estou surpresa. Os fluidos do

corpo dela iriam interferir nas análises. E, além disso, os esfregaços orais deram positivos.

— O milagre... Repeti em voz baixa.

— Mas aqueles que tiraram do esôfago deram negativo. É óbvio que os resíduos mais substanciais de sêmen foram deixados fora do corpo. Não obtivemos o efeito que queríamos. O padrão é quase idêntico ao que encontrei em Brenda, Patty e Cecile.

Brenda fora a primeira a ser estrangulada, Patty a segunda e Cecile a terceira. Fiquei admirada com o tom de familiaridade na voz de Betty quando se referiu às mulheres assassinadas. De uma forma estranha, tinham se tornado parte da nossa família. Nunca as víamos em vida, no entanto, agora as conhecíamos bem. Enquanto Betty atarraxava o contagotas ao pequeno frasco castanho, me dirigi ao microscópio que estava num balcão perto, olhei através dele e comecei a girar a preparação húmida na platina. No campo de luz polarizada se viam várias fibras de diversas cores, achatadas e em forma de fita, entrelaçadas em intervalos regulares. As fibras nem eram pelo de animal nem feitas pelo homem.

— Estas são as que eu recolhi da faca? Quase tive medo de fazer a pergunta.

— Sim. São de algodão. Não se deixe desmoralizar por causa dos rosas e verdes que está vendo. Os tecidos tingidos são muitas vezes compostos por uma combinação de cores que não consegue se ver a olho nu. A camisa que tinha cortado de Lori Pedersen era de algodão, um algodão amarelo-claro. Foquei o microscópio.

— Suponho que não há hipótese de poderem ser de um pedaço de papel ou algo parecido? Aparentemente, Lori usava-a para abrir cartas.

— Não há hipótese, Kay. Já examinei uma amostra de fibras da camisola dela. São compatíveis com as fibras que tirou da lâmina da faca.

Aquilo era conversa de peritos. Isto era compatível, aquilo era razoável. A camisola que Lori vestia tinha sido cortada com a faca do

marido. “Era só esperar que Marino recebesse este relatório do laboratório”, pensei. Bolas! Betty continuava falando:

— Também posso lhe dizer que as fibras para as quais está olhando não são as mesmas encontradas no corpo dela e no caixilho da janela por onde a polícia acha que o assassino entrou. Essas são escuras, pretas e azul-marinho com algum vermelho, uma mistura de poliéster e algodão.

Na noite em que vira Matt Pedersen, ele usava uma camisa Izod branca, que eu suspeitava ser de algodão e certamente não continha fibra preta, vermelha ou azul-marinho. Também usava jeans, e a maior parte dos jeans é de algodão. Era muito pouco provável que tivesse deixado as fibras que Betty acabara de mencionar, a não ser que tivesse mudado de roupa antes da polícia chegar. “Bem, Pedersen não é estúpido”, imaginava Marino a nos lembrar. Desde Wayne Williams que meio mundo sabe que as fibras servem para incriminar.

\* \* \*

Saí e percorri o corredor até ao fim, virei à esquerda para o laboratório de marcas de ferramentas e balística, com os seus balcões. Mesas apinhadas de pistolas, carabinas, facas de mato, espingardas e Uzis, todas rotuladas como provas, aguardando a sua exibição em tribunal. Cartuchos de pistolas e espingardas estavam espalhados por cima das mesas e, num canto ao fundo, se via um tanque de aço galvanizado cheio de água, utilizado para testes de tiro. Flutuando placidamente à superfície da água se via um pato de borracha.

Frank, um homem magro, de cabelos brancos, reformado do Exército, estava debruçado sobre o microscópio de comparação. Voltou a acender o cachimbo quando eu entrei e não me disse nada do que eu queria ouvir. Não havia nada que a rede cortada da janela de Lori Pedersen nos pudesse dizer. A malha era sintética e, por isso, inútil no que diz respeito a marcas de ferramentas ou mesmo à direção do corte.

Não podíamos saber se tinha sido cortada por dentro ou por fora da casa porque o plástico, ao contrário do metal, não dobra. A diferença seria importante, algo que eu gostaria muito de saber. Se a rede tivesse sido cortada por dentro, estava tudo explicado. Significaria que o assassino não a cortara para entrar, mas sim para sair da casa dos Pedersen. Significaria, muito provavelmente, que as suspeitas de Marino estavam corretas.

— Tudo o que posso lhe dizer, afirmou Frank, soprando espirais de fumo aromático, — É que se trata de um corte regular, feito com um objeto afiado como uma lâmina ou uma faca.

— Possivelmente o mesmo instrumento usado para cortar a camisola dela? Distratamente, tirou os óculos e começou a limpá-los com um lenço.

— Um objeto afiado foi usado para cortar a camisola, mas não posso lhe dizer se foi o mesmo objeto usado para cortar a rede. Não lhe posso dar uma classificação, Kay. Podia ter sido um estilete. Podia ter sido uma faca ou uma tesoura.

Os fios elétricos e a faca de mato contavam outra história. Com base numa comparação microscópica, Frank tinha boas razões para acreditar que os fios tinham sido cortados com a faca de Matt Pedersen. As marcas deixadas na lâmina eram compatíveis com as dos cortes nos fios elétricos. “Marino”, eu pensei novamente desanimada. Esta pequena prova circunstancial não significaria muito se a faca de mato tivesse sido encontrada à vista e perto da cama de Lori Pedersen, em vez de estar escondida na gaveta da cômoda de Matt Pedersen. Eu ainda imaginava o meu próprio cenário. O assassino tinha visto a faca em cima da mesa de Lori e decidira usá-la. Mas porque a teria escondido depois? Se a faca também fora usada para cortar a camisola de Lori e cortar os fios elétricos, então isto mudava a sequência de acontecimentos que eu imaginara.

Eu partia do princípio de que o assassino empunhava o seu próprio instrumento cortante, a faca ou o objeto afiado que usara para cortar a rede da janela quando entrara no quarto de Lori. Se fosse assim, então por que razão não a teria usado para cortar a camisola dela e os fios elétricos? Por que ele foi apanhar a faca de mato? Tê-la-ia visto imediatamente na mesa quando entrou no quarto? Não era possível. A mesa não ficava perto da cama e, quando ele entrou no quarto, este estava às escuras. Não podia ter visto a faca. Não podia tê-la visto até as luzes se acenderem e, nessa altura, Lori já estaria subjugada com a faca do assassino apontada ao pescoço. Por que razão se interessaria por uma faca de mato em cima da mesa? Não fazia sentido. A não ser que alguma coisa o tivesse interrompido. A não ser que alguma coisa o perturbasse e alterasse o seu ritual, a não ser que um acontecimento inesperado o fizesse mudar de planos. Frank e eu discutimos essa hipótese.

— Isto é, partindo do princípio de que o assassino não é o marido, disse Frank.

— Sim. Deduz-se que o assassino fosse um desconhecido para Lori. Tem o seu padrão, o seu método. Mas quando estava com Lori, alguma coisa o pegou desprevenido.

— Alguma coisa que ela faz...

— Ou disse, alvitrei, propondo em seguida: — Ela pode ter dito alguma coisa que o tivesse paralisado momentaneamente.

— Talvez. Admitiu sem convicção.

— Ela pode tê-lo atrapalhado o suficiente para que ele visse a faca na mesa, o suficiente para ele ter a ideia. Mas é mais provável, em minha opinião, que ele tivesse encontrado a faca na mesa mais cedo, durante a tarde, pois já estava dentro de casa quando ela chegou.

— Não. Não me parece.

— Por quê?

— Porque ela já estava em casa há muito tempo quando foi atacada. Eu já imaginara a cena várias vezes.

Lori foi para casa depois de ter saído do hospital, abriu a porta da frente e fechou-a por dentro. Foi à cozinha e pousou a mochila na mesa. Depois comeu qualquer coisa. O seu conteúdo gástrico indicava que tinha comido várias bolachas de queijo muito perto da altura em que foi atacada. A comida mal tinha começado a ser digerida. O seu terror, quando foi agredida, teria causado uma parada da digestão. É um dos mecanismos de defesa do corpo. A digestão para e o sangue começa a afluir às extremidades, e não ao estômago, preparando o animal para a luta ou para a fuga. Só que não tinha sido possível fugir. Não tinha conseguido fugir para lado nenhum.

Depois da pequena refeição, foi da cozinha para o quarto. A polícia tinha descoberto que era seu hábito tomar o contraceptivo à noite, antes de ir para a cama. O comprimido de sexta-feira faltava na embalagem de folha de alumínio, que estava no banheiro principal. Tomou o comprimido, talvez tenha lavado os dentes e o rosto, vestido a camisola e colocado a roupa na cadeira. Acredito que estivesse na cama quando ele a atacou, não muito depois disso. Ele podia estar observando a casa escondido na escuridão das árvores ou entre os arbustos. Podia ter esperado até as luzes se apagarem, até pensar que ela estava dormindo. Ou podia ter andado observando-a e saber exatamente a que horas chegava do trabalho e ia para a cama. Lembrei-me dos cobertores. Estavam atirados para trás, como se ela tivesse estado por baixo deles, e não havia nada que demonstrasse que houvera luta noutra lugar da casa. Havia ainda outra coisa que nesse instante me ocorria.

O cheiro que Matt Pedersen mencionara, o cheiro adocicado da transpiração. Se o assassino tivesse um odor corporal estranho e intenso, seria notado onde quer que esteja. Impregnaria o quarto se ele estivesse se escondido lá quando Lori chegou a casa. Ela era médica. Os odores são muitas vezes indícios de doenças e venenos. Os médicos são treinados para serem muito sensíveis a cheiros, tão sensíveis que, com frequência, sou capaz de dizer, pelo cheiro do sangue no local do crime, o que a vítima estivera bebendo antes de ser alvejada ou apunhalada.

Sangue ou conteúdo gástrico com um leve cheiro almiscarado a amêndoas pode indicar a presença de cianeto. O hálito de um paciente que cheira a folhas de plantas molhadas pode significar tuberculose... Lori Pedersen era médica, como eu. Se tivesse reparado num cheiro esquisito no momento em que entrou no quarto, não teria se despido ou feito qualquer outra coisa enquanto não descobrisse de onde ele vinha.

Cagney não tinha as minhas preocupações, e havia alturas em que me sentia perseguida pelo espírito do meu antecessor, que eu não conhecera, evocativo de um poder e invulnerabilidade que eu jamais teria. Num mundo pouco cavalheiresco, ele de cavalheiro nada tinha, arrogante no seu cargo, e penso que uma parte de mim o invejava. A sua morte fora inesperada. Caiu morto ao atravessar o tapete da sala de estar para ver a transmissão do Super Bowl. No silêncio anterior à madrugada de uma manhã de segunda-feira nublada, se tornou objeto do seu próprio ofício, uma toalha por cima do rosto, ficando a unidade das autópsias vedada a toda a gente, exceto ao patologista ao qual coubera a tarefa de examiná-lo. Durante três meses ninguém tocou no seu gabinete. Estava exatamente como ele o deixara, tirando, eu imagino, o cinzeiro que tinha sido esvaziado por Rose.

A primeira coisa que fiz, quando me mudei para Richmond, foi despojar o seu santuário até à casca e banir o último vestígio do seu ocupante anterior, incluindo o retrato indestrutível dele vestido com a capa acadêmica, iluminado por um projetor de museu atrás da mesa descomunal. Foi relegado para o Departamento de Patologia do VMC, assim como uma estante cheia de lembranças macabras que se espera que os patologistas forenses colecionem, embora a maior parte de nós não o faça. O seu gabinete, que agora era meu, estava bem iluminado, (tinha um tapete azul) e nas paredes se viam gravuras de paisagens inglesas e outras imagens civilizadas.

Eu carregava poucas lembranças, e a única alusão mórbida era a reconstrução facial em barro de um rapaz assassinado, cuja identidade

permanecia um mistério. Na base do seu pescoço eu colocara uma camisa e pusera-o em cima do armário de arquivo, donde ele observava a porta aberta com olhos de plástico e esperava, num silêncio triste, que o chamassem pelo nome. O local onde eu trabalhava era discreto, confortável, mas funcional, sendo os meus pertences deliberadamente neutros e pouco interessantes. Embora eu, com certa presunção, achasse que era melhor ser vista como uma profissional do que como um mito, secretamente tinha as minhas dúvidas. Ainda se sentia lá a presença de Cagney.

As pessoas me recordavam constantemente dele através de histórias que se tornavam mais apócrifas à medida que perduravam. Raramente usava luvas quando fazia uma autópsia. Era conhecido por chegar aos locais do crime com o almoço na mão. Ia caçar com policiais, a churrascos com juízes, e o comissário anterior era subservientemente amável porque se sentia totalmente intimidado por Cagney.

Em comparação, eu era menos importante e sabia que faziam comparações constantemente. As únicas caçadas e churrascos para o qual eu era convidada eram salas de tribunal e reuniões em que eu era o alvo e acendiam fogueiras debaixo dos meus pés. Se o primeiro ano de Alvin Amburgey como comissário servia de parâmetro, os próximos três anos prometiam ser muito ruins. Invadia o meu território. Observava constantemente o que eu fazia. Não passava uma semana sem que recebesse um arrogante e-mail dele pedindo dados estatísticos ou exigindo uma resposta para saber por que razão a taxa de homicídios continuava subindo, enquanto outros crimes estavam baixando ligeiramente, como se de certa forma eu fosse a culpada de que as pessoas se matassem umas às outras na Virgínia. O que ele nunca tinha feito fora marcar uma reunião de improviso. No passado, quando tinha alguma coisa a discutir, se não mandasse um memorando, enviava um dos seus ajudantes. Não tinha qualquer dúvida que a sua preocupação não era me dar palmadinhas nas costas e me dizer que eu estava realizando um ótimo trabalho.

Examinava distraidamente as pilhas na minha mesa, tentando encontrar alguma coisa para me munir, processos, um bloco de notas, uma prancheta. Por alguma razão, a ideia de entrar lá de mãos vazias me fazia sentir nua. Esvaziando os bolsos da minha bata do lixo variado que tinha por hábito ir juntando ao longo do dia, decidi colocar no bolso um maço de cigarros, ou “pregos de caixão”, como Amburgey costumavam lhes chamar, e saí para a rua. Ele reinava do outro lado da rua no vigésimo terceiro andar do Edifício Monroe. Não tinha ninguém por cima dele, exceto um pombo que, de vez em quando, se empoleirava no telhado. A maior parte do seu pessoal trabalhava por baixo, em vários andares de agências HHSD. Nunca tinha visto o seu escritório. Nunca fora convidada. O elevador abriu para um grande átrio, onde a sua recepcionista se encontrava escondida em uma mesa em forma de U, que se erguia de uma grande extensão de carpete cor de trigo. Era uma ruiva peituda, que mal saíra da adolescência, e quando levantou os olhos do computador e me cumprimentou com um sorriso exercitado e petulante, esperei que me perguntasse se eu tinha feito reserva e precisava de alguém para me levar as malas. Disse-lhe quem era, o que não pareceu avivar qualquer lampejo de reconhecimento.

— Tenho uma entrevista marcada com o comissário para as quatro horas, acrescentei. Ela consultou a agenda eletrônica e disse alegremente:

— Por favor, fique à vontade, Mrs. Scarpetta. O doutor Amburgey já vai recebê-la.

Ao me sentar num sofá de couro bege, olhei para a reluzente mesa de vidro e as mesinhas ao lado com revistas e arranjos de flores de seda. Não havia um cinzeiro, nem um único, e em dois lugares diferentes se viam letreiros “É favor não fumar”. Os minutos se arrastaram.

A recepcionista bebia Perrier por um canudinho, absorta no que estava escrevendo. A dada altura, ela me ofereceu alguma coisa para beber. Eu sorri, indicando que não, obrigada, e os seus dedos voaram

novamente, batendo nas teclas rapidamente, o computador se queixando com um som estridente. Suspirou como se tivesse recebido más notícias do seu contador. Os meus cigarros formavam uma protuberância dura no bolso e me senti tentada a procurar um banheiro de senhoras para acender um. Às quatro e meia, o telefone soou. Ao desligar, novamente aquele sorriso alegre e vazio, anunciou:

— Pode entrar Mrs. Scarpetta.

Despromovida e decididamente mal-humorada, “Mrs.”. Scarpetta fez o que ela disse. A porta do comissário abriu com um clique suave do puxador e, no mesmo instante, três homens se levantaram. Eu esperava apenas encontrar um deles. Com Amburgey estavam Norman Tanner e Bill Boltz. Quando chegou a vez de Boltz me estender a mão, olhei-nos olhos até ele desviar o olhar, se sentindo pouco à vontade. Eu estava magoada e um tantinho furiosa. Por que razão não me dissera que estaria aqui? Por que não soubera nada dele desde que os nossos caminhos tinham fugazmente se cruzado na casa de Lori Pedersen?

Amburgey me brindou com um aceno de cabeça que mais parecia uma despedida, acrescentando um “agradeço que tenha vindo” com o entusiasmo de um enfadado juiz de infrações rodoviárias. Era um homem baixo, de olhar astuto, cujo último cargo fora em Sacramento, onde adquirira suficientes maneirismos californianos para disfarçar as suas origens da Carolina do Norte. Era filho de um lavrador e não se orgulhava desse fato. Tinha uma propensão para gravatas de cordão com molas de prata, que usava quase religiosamente com um terno de riscas fininhas, e no dedo anelar direito um anel de prata incrustado com uma turquesa. Os olhos eram de um cinzento sombrio, frios como gelo, os ossos do crânio bem pronunciados. Era quase calvo.

Uma poltrona cor de marfim fora puxada para frente e parecia se destinar a mim. Ouviu-se o couro chiando e Amburgey se colocou atrás da sua mesa, da qual eu já ouvira falar, mas que nunca vira. Era uma

obra-prima enorme de pau-rosa, muito ornamentada, muito antiga e muito chinesa. Atrás da sua cabeça se via uma janela grande que proporcionava uma vista da cidade, o rio James parecendo uma fita brilhante ao longe e a área sul uma manta de retalhos. Com um estalido ruidoso abriu à sua frente uma pasta preta de pele de avestruz e tirou um bloco de apontamentos amarelo escrito na sua letra miudinha, muito ornamentada. Tinha sublinhado o que ia dizer.

— Tenho a certeza de que notou a aflição das pessoas por causa dos estrangulamentos recentes, disse ele.

— Sim, estou bem ciente disso.

— O Bill, o Norm e eu tivemos uma reunião de emergência, por assim dizer, ontem à tarde. Era a propósito de várias coisas, sendo uma delas o que saíra no jornal da tarde de sábado e nos matutinos de domingo, doutora Scarpetta. Como deverá saber, por causa desta quarta morte trágica, o assassinato da jovem médica, as notícias se espalharam rapidamente. Eu não sabia. Mas não fiquei surpresa. — Não duvido que tenha havido averiguações, continuou Amburgey em tom inexpressivo. — Temos parar com isso ou vai ser um verdadeiro pandemônio. Essa foi uma das coisas que nós três estivemos discutindo.

— Se conseguir terminar com os assassinatos, disse eu em tom tão inexpressivo como o dele, — Vai merecer o Prêmio Nobel.

— Naturalmente que essa é a nossa prioridade máxima, disse Boltz, que desabotoara o paletó do seu terno escuro e tinha se inclinado para trás na cadeira. — Temos policiais fazendo horas extraordinárias nestes casos, Kay. Mas todos nós concordamos que há uma coisa que precisamos controlar por enquanto: estas fugas de informação para a imprensa. As notícias estão assustando terrivelmente o público e deixando que o assassino saiba exatamente o que andamos fazendo.

— Estou totalmente de acordo. Pus-me logo na defensiva e no mesmo instante me arrependi do que disse em seguida. — Garanto que dos meus serviços não saiu nenhuma declaração, a não ser a informação obrigatória sobre a causa e a forma da morte.

Respondera a uma acusação que ainda não fora feita e os meus instintos legais se mostravam ressentidos com a minha própria estupidez. Se eu estava ali para ser acusada de indiscrição, devia tê-los forçado, pelo menos o Amburgey, a trazerem à baila um assunto tão ultrajante. Em vez disso, tinha lhes indicado que estava fugindo, e dando justificativas para continuarem a perseguição.

— Bem, comentou Amburgey, os olhos descorados, hostis, pousados em mim, — Pôs na agenda algo que precisa ser analisado mais atentamente.

— Não pus nada em agenda, respondi, sem energia. — Estou apenas constatando um fato para que fique registrado.

Com um leve bater, a recepcionista ruiva entrou com café e, de repente, a sala se transformou num quadro mudo. Ela nem reparou no silêncio pesado, ao se esforçar consideravelmente para se certificar de que tínhamos tudo, dando especial atenção a Boltz. Ele podia não ser o melhor procurador do Estado que a cidade tivera, mas era, com certeza, o mais atraente, um dos raros loiros para quem os anos se revelavam generosos. Não estava perdendo cabelo, nem a figura, e as finas rugas aos cantos dos olhos eram a única indicação de que estava perto dos quarenta. Quando ela saiu, Boltz disse para ninguém em particular:

— Todos nós sabemos que, de vez em quando, os policiais dão com a língua nos dentes. O Norm e eu trocamos algumas palavras com os oficiais superiores. Parece que ninguém sabe exatamente de onde vêm as fugas de informação. Contive-me.

O que eles esperavam? Um dos chefes é íntimo de Abby Turnbull ou de outra pessoa qualquer e vai confessar: “Sim, lamento. Fui eu.”. Amburgey virou uma página do seu bloco de apontamentos.

— Até aqui, uma fuga de informação, citada como “fonte clínica” foi mencionada dezessete vezes nos jornais desde o primeiro assassinato,

doutora Scarpetta. O que me faz ficar um pouco preocupado. Os pormenores mais sensacionalistas, como a forma como as vítimas foram amarradas, as provas de violação, como o assassino entrou, onde os corpos foram encontrados e o fato de que o teste do DNA está sendo feito foram atribuídos a essa fonte clínica. Olhou para mim. — Devo assumir que os pormenores estão corretos?

— Não totalmente. Havia algumas discrepâncias menos importantes.

— Tais como?

Eu não queria lhe dizer. Não queria falar com ele sobre os casos. Mas ele tinha direito à mobília do meu escritório, se quisesse. Eu dependia dele. Ele apenas dependia do governador.

— Por exemplo, respondi eu, — No primeiro caso, as notícias relataram que havia um cinto de pano castanho-amarelado amarrado em volta do pescoço de Brenda Steppe. Tratava-se, na realidade, de um collant. Amburgey estava escrevendo o que eu dizia.

— E o que mais?

— No caso de Cecile Tyler, disseram que o rosto dela estava sangrando e que os lençóis estavam cobertos de sangue. Um exagero. Não tinha lacerações, não havia ferimentos dessa natureza. Havia um pouco de fluido sanguíneo, que saía pelo nariz e pela boca. Um artefato post-mortem.

— Esses pormenores, perguntou Amburgey, continuando a escrever — Foram mencionados nos relatórios CME-1?

Precisei de um momento para me controlar. Estava se tornando claro o que estava em sua mente. Os CME-1 eram os relatórios iniciais de investigação do médico-legista. O médico-legista escrevia simplesmente o que vira no local do crime e o que soubera através da polícia. Os pormenores nem sempre eram exatos, uma vez que o médico legista de serviço estava no meio da confusão e a autópsia ainda não fora realizada. Além disso, os médicos-legistas não eram patologistas forenses.

Eram médicos que tinham os seus consultórios particulares, voluntários que recebiam cinquenta dólares por caso para serem tirados da cama no meio da noite ou ter o fim-de-semana estragado por desastres de automóveis, suicídios e homicídios. Estes homens e mulheres forneciam um serviço público, eram os operacionais. O seu primeiro trabalho era determinar se o caso exigia uma autópsia, anotar tudo e tirar muitas fotografias. Mesmo que um dos médicos-legistas confundisse o collant com um cinto castanho-amarelado, não era importante. Os meus médicos-legistas não falavam à imprensa. Amburgey insistiu.

— Aquilo sobre o cinto de pano castanho-amarelado, sobre os lençóis manchados de sangue, eu estou pensando se foi mencionado nos CME-1.

— Não da forma como a imprensa se referiu aos pormenores, respondi com firmeza. Tanner observou ironicamente:

— Todos nós sabemos o que a imprensa faz. De um moleiro faz um cavaleiro.

— Ouça, disse eu, olhando para os três homens, — Se quer dizer que um dos meus médicos-legistas está fornecendo pormenores sobre estes casos, posso dizer com certeza que está enganado. Não é nada disso. Conheço ambos os médicos-legistas que se apresentaram nos primeiros dois crimes. São médicos-legistas em Richmond há anos e sempre foram irrepreensíveis. Eu própria estive presente no local do terceiro e do quarto crime. A informação não vem dos meus serviços. Os pormenores, todos eles, podiam ser divulgados por qualquer pessoa que esteva lá, por membros das equipas de salvamento, por exemplo. Ouvia-se o couro chiando levemente quando Amburgey se mexeu na cadeira.

— Já examinei esse assunto. Estiveram presentes três equipas diferentes. Ninguém, dos paramédicos, esteve nos quatro locais dos crimes. Contrapus categórica:

— As fontes anónimas são, muitas vezes, uma mistura de numerosas fontes. Uma fonte clínica podia ser uma combinação do que

um membro da equipe disse, do que disse um policial e do que o repórter ouviu ou viu fora da residência onde o corpo foi encontrado.

— É verdade. Amburgey acenou com a cabeça. — E acho que nenhum de nós pensa que as fugas de informação provêm do Gabinete Médico-Legal, pelo menos intencionalmente...

— Intencionalmente? Explodi. — Está insinuando que as fugas de informação podem vir dos meus serviços involuntariamente? No momento em que eu ia acrescentar com toda a razão, que isso era uma asneira, me caiei bruscamente.

Uma súbita onda de calor começou a me subir pelo pescoço quando me lembrei, de repente, da base de dados do departamento. Fora devassada por um estranho. Era a isto que Amburgey se referia? Como ele podia estar sabendo? Amburgey continuou, como se não tivesse me ouvido.

— As pessoas falam, os empregados falam. Contam a família, aos amigos e, na maior parte dos casos, não o fazem por mal. Mas nunca se sabe quem é responsável, talvez um repórter. Estas coisas acontecem. Estamos examinando o assunto com objetividade, estudando todas as possibilidades. Precisamos fazê-lo. Como deve compreender, algumas coisas que foram divulgadas podem prejudicar seriamente a investigação. Tanner acrescentou laconicamente:

— Os vereadores e o presidente da câmara não estão satisfeitos com esta situação. A taxa de homicídios já puniu Richmond severamente. Reportagens nacionais sensacionalistas sobre um serial killer é a última coisa de que a cidade precisa. Todos estes novos hotéis são dependentes de grandes conferências, de visitantes. As pessoas não querem vir para uma cidade onde temem pela própria vida.

— Não, não querem, concordei com frieza. — Nem as pessoas gostariam de saber que a preocupação máxima do presidente da câmara em relação a estes assassinatos é que são um inconveniente, um embaraço, uma potencial obstrução ao turismo.

— Kay, disse Boltz calmamente, — Ninguém está insinuando algo de tão escandaloso.

— Claro que não, acrescentou Amburgey rapidamente.

— Mas precisamos encarar algumas duras realidades, e o fato é que há muita coisa fervilhando por baixo disto. Se não tratarmos do assunto com extremo cuidado, temo que haja uma grande erupção.

— Uma erupção? Motivada por? Perguntei, cansada, olhando automaticamente para Boltz. O rosto dele estava tenso, o olhar duro da emoção controlada. Relutantemente, disse:

— Este último homicídio é um barril de pólvora. Há certas coisas sobre o caso de Lori Pedersen de que ninguém fala. Coisas que, graças a Deus, os repórteres não sabem ainda. Mas é apenas uma questão de tempo. Alguém vai descobrir e, se não resolvermos o problema de uma maneira sensata e por trás dos bastidores, a situação vai explodir. Tanner continuou, com uma expressão grave no rosto comprido, em forma de lanterna:

— A cidade está em risco de ser processada. Olhou para Amburgey, que lhe fez um sinal com a cabeça para prosseguir. — Sabe, aconteceu uma coisa muito desagradável. Aparentemente, Lori Pedersen chamou a polícia na madrugada de sábado, pouco tempo depois de chegar do hospital. Soubemos isso através de um dos operadores de serviço, na altura. Faltando onze minutos para uma hora, o novecentos e onze recebeu uma chamada. A residência dos Pedersen apareceu na tela do computador, mas a linha foi imediatamente desligada. Boltz falou diretamente na minha direção:

— Deve se lembrar de que havia um telefone na mesa-de-cabeceira e que o fio fora arrancado da parede. Achemos que a doutora Pedersen acordou quando o assassino já estava dentro de casa. Ela pegou no telefone e conseguiu discar o novecentos e onze antes que ele a impedisse. O endereço dela apareceu na tela do computador. Foi isso. Ninguém disse nada. Ligações desta natureza para o novecentos e onze são encaminhadas para os policiais que fazem a ronda. Nove vezes em dez são feitas por excêntricos, por crianças brincando com o telefone. Mas nem disso podemos ter a certeza. Não podemos ter certeza se uma

pessoa está tendo um ataque de coração, uma doença repentina. Se está em perigo de vida. Por isso, a pessoa que atende ao telefone deve dar prioridade à ligação. Em seguida, o operador transmite-a via rádio para todas as unidades de ronda, sugere que um policial passe pela residência, pelo menos, para verificar se está tudo bem. Isto não foi feito. O telefonista do novecentos e onze, que foi suspenso, deu à chamada prioridade quatro. Tanner interrompeu-o:

— Houve muita confusão na rua nessa noite. Muitas transmissões via rádio. Quanto mais chamadas há, mais fácil se torna dar menos importância a uma coisa que, de outra forma, se faria de outra maneira. O problema é que não há volta depois de se ter atribuído um número a alguma coisa. O operador está olhando para os números na tela. Não conhece a natureza das chamadas até atender. Não vai atender primeiro um quatro se tiver um grupo de uns, dois e de três para encaminhar para os homens que andam na rua.

— Não há dúvida de que o telefonista fez besteira, observou Amburgey calmamente. — Mas acho que se consegue notar como pode ter acontecido. Eu estava sentada tão rigidamente que mal respirava. Boltz continuou no mesmo tom monocórdico:

— Quarenta e cinco minutos mais tarde, um carro-patrolha passou finalmente pela residência dos Pedersen. O policial diz que apontou a lanterna para frente da casa. As luzes estavam apagadas, tudo parecia “normal”, conforme ele disse. Depois recebeu uma chamada, avisando-o de que há uma briga doméstica, e parte a toda a velocidade. Não se passou muito tempo e Mr. Pedersen chegou em casa e encontrou o corpo da mulher.

Os homens continuaram falando, explicando. Fizeram uma referência a Howard Beach, a um apunhalamento no Brooklyn, nos quais a polícia foi negligente na ação a tomar e, com isso, morreram pessoas.

— Os tribunais em Washington e Nova Iorque decidiram que um governo não pode ser responsabilizado pela falta de proteção dada às

pessoas contra o crime.

— Não faz diferença o que a polícia faz ou deixa de fazer.

— Não interessa. Ganhamos o processo, se houver, mas perdemos devido à publicidade.

Eu mal ouvia uma palavra do que diziam. Imagens horríveis passavam pela minha cabeça. A chamada para 911, o fato de ser abortada, me fez compreender. Sabia o que tinha acontecido. Lori Pedersen estava exausta depois do turno no serviço de urgência, e o marido tinha lhe dito que chegaria mais tarde do que o normal naquela noite. Por isso fora para a cama, talvez com a intenção de dormir apenas um pouco, até ele chegar em casa, como eu costumava fazer quando era estagiária em Georgetown. Acordou ao ouvir alguém dentro de casa, talvez o som baixo dos passos de alguém que vinha pelo corredor na direção ao quarto. Confusa, chamou pelo nome do marido. Ninguém respondeu. Naquele momento de silêncio, que deve ter parecido uma eternidade, notou que havia alguém dentro de casa e que não era Matt. Em pânico, acendeu o abajur da mesa-de-cabeceira para conseguir fazer a ligação.

Quando já tinha discado 911, o assassino já se aproximara. Arrancou o fio da parede antes dela ter possibilidade de gritar por socorro. Talvez tenha lhe tirado o fone da mão. Talvez tenha gritado com ela ou talvez ela tenha pedido misericórdia. Fora interrompido, momentaneamente apanhado de surpresa. Ficou furioso. Pode ter lhe batido. Talvez por isso que lhe quebrou as costelas e, enquanto ela se agachava, aturdida com a dor, ele olhou enlouquecido à sua volta. O abajur estava aceso. Podia ver tudo o que estava no quarto. Podia ver a faca na mesa. O assassinato podia ser evitado, podia ser impedido! Se a chamada tivesse prioridade 1, se fosse imediatamente radiodifundida, um agente teria respondido dentro de segundos. Notaria que a luz do quarto estava acesa. Às escuras, o assassino não conseguiria enxergar para cortar os fios e amarrar a vítima. O agente podia ter saído do carro e escutado alguma coisa. Ou, quanto mais não fosse, se apontasse a luz

para os fundos da casa, para a grade que fora retirada, para o banco de piquenique, repararia na janela aberta. O ritual do assassino levava tempo. A polícia poderia ter entrado antes que ele a matasse. A minha boca estava tão seca que tive de beber vários goles de café antes de conseguir perguntar:

— Quantas pessoas estão a par disto? Boltz respondeu:

— Ninguém anda falando sobre isto, Kay. Nem mesmo o sargento Marino sabe. Ou, pelo menos, duvido que saiba. Ele não estava de serviço quando a chamada foi radiodifundida. Foi contactado em casa, depois de um policial já ter chegado ao local do crime. Na polícia já estão ao corrente. Os agentes que sabem o que aconteceu não devem discutir o assunto com ninguém.

Eu sabia o que ele queria dizer. Se falassem, voltavam para a brigada de trânsito ou eram transferidos para o setor de fardamento.

— A única razão pela qual estamos informando-a desta triste situação, Amburgey escolhia as palavras cuidadosamente, — É porque precisa saber o que aconteceu para compreender os passos que nos sentimos obrigados a dar.

Eu continuava tensa, olhando duramente para ele. A razão de tudo isto ainda ia ser explicada.

— Ontem à noite, tive uma conversa com o doutor Spiro, o psiquiatra forense que tem sido suficientemente amável para partilhar as suas opiniões conosco. Discuti os casos com o FBI. As pessoas que são peritas em traçar o perfil deste tipo de assassino acham que a publicidade exacerba o problema. Este tipo de assassino se diverte com isto. Fica excitado, estimulado quando lê o que fez. Isso lhe dá um novo alento.

— Não podemos cercear a liberdade de imprensa, lembrei-o abruptamente.

— Não temos controle sobre o que escrevem os repórteres.  
— Temos. Amburgey olhava pela janela.  
— Não podem escrever grande coisa se não dermos assunto. Infelizmente, demos. Uma pausa. — Ou, pelo menos, alguém o fez.

Não tinha a certeza a quem Amburgey se referia, mas tudo indicava que era a mim. Continuou:

— Os pormenores sensacionalistas, as fugas, que já discutimos, tiveram como resultado reportagens chocantes, macabras, manchetes enormes nos jornais. O doutor Spiro é de opinião que pode ser isso que levou o assassino a atacar novamente. A publicidade excita-o, põe-no num stress incrível. Sente outra vez a necessidade e tem de encontrar um escape escolhendo outra vítima. Como sabe, houve apenas uma semana entre os assassinatos de Cecile Tyler e de Lori Pedersen...

— Falou com Benton Wesley sobre isto? Interrompi-o.

— Não precisei. Falei com Susling, um dos colegas dele na Unidade de Ciência Comportamental em Quântico. Ele é muito conhecido nesse campo, publicou muita coisa sobre o assunto.

Graças a Deus. Não conseguiria aguentar se soubesse que Wesley estivera sentado na minha sala de reuniões há algumas horas e que não mencionara nada do que estavam me dizendo agora. “Teria ficado tão furioso quanto eu”, pensei. O comissário estava se metendo na investigação. Estava me ignorando, a Wesley e a Marino e tratando ele mesmo do assunto.

— A probabilidade de que a publicidade sensacionalista, alimentada por conversas soltas, por fugas de informação, continuou Amburgey, — O fato de a cidade poder ser responsabilizada pelo erro do novecentos e onze, significa que precisamos tomar medidas sérias, doutora Scarpetta. Toda a informação dada ao público, a partir de agora, terá de passar por Norm ou Bill, no que diz respeito à polícia. E nada

sairá do seu gabinete, a não ser que seja autorizado por mim. Entendido?

Nunca tinha havido problemas com o meu gabinete, e ele sabia. Nunca tínhamos solicitado publicidade e eu sempre fora cautelosa quando prestava informações à imprensa. O que pensariam os repórteres, ou qualquer pessoa, quando lhes fosse dito que teriam de se dirigir ao comissário para obterem informações, que sempre tinham vindo do meu setor? Nos quarenta e dois anos de história do funcionamento do Gabinete Médico-Legal da Virgínia, isto nunca acontecera. Ao me amordaçarem, parecia que tinham me retirado autoridade porque eu não era de confiança. Olhei à minha volta. Ninguém olhava para mim, Boltz estava de maxilares cerrados, olhando distraidamente para a xícara de café. Recusou-se a me conceder nem que fosse um sorriso tranquilizante. Amburgey começou a ler novamente os seus apontamentos.

— O maior transgressor é Abby Turnbull, o que não é novidade. Ela não ganha prêmios por ser passiva. Virando-se para mim, perguntou:

— Conhecem-se?

— Raramente a minha secretária deixa-a passar.

— Estou vendo. Calmamente, virou outra página.

— Ela é perigosa, disse Tanner. — O Times faz parte de uma das maiores cadeias do país. Tem o seu próprio serviço de informações.

— Bem, não há dúvida de que é a Turnbull que anda causando todos os estragos. Todos os outros repórteres estão apenas reeditando as notícias dela e ventilando o assunto, comentou Boltz, pausadamente. — O que precisamos descobrir é onde ela consegue a informação. — E depois para mim:

— Seria sensato da nossa parte considerar todos os canais. Quem mais tem acesso aos seus registros, Kay?

— São mandadas cópias para o PE e para a polícia, respondi calmamente. Ele e Tanner eram o PE e a polícia.

— E as famílias das vítimas?

— Até agora, não houve pedidos das famílias das vítimas e, em casos como estes, seria muito provável que eu encaminhasse o familiar para os seus serviços.

— E as companhias de seguros?

— Se pedirem. Todavia, depois do segundo homicídio, dei instruções aos meus colaboradores para não mandarem relatórios, exceto para os seus serviços e para a polícia. Os relatórios são provisórios. Tenho protelado o mais possível para mantê-los fora de circulação. Tanner perguntou:

— Mais alguém? E as Estatísticas Vitais? Eles não costumavam manter os seus dados no computador, pedindo para mandar cópias de todos os seus CME-1 e relatórios de autópsias?

Surpresa, eu não respondi imediatamente. Tanner estava muito bem informado, sem dúvida. Não havia motivo nenhum para ele se imiscuir num pormenor tão corriqueiro como aquele.

— Deixamos de mandar às Estatísticas Vitais quaisquer relatórios escritos depois de estarmos informatizados, disse eu. — Hão de receber todos os nossos dados. Quando começarem a trabalhar no seu relatório anual... Tanner me interrompeu com uma sugestão que teve o efeito de uma arma apontada.

— Bom, então resta o seu computador. — Distraidamente, começou a mexer o café no copo de plástico. — Presumo que tenha um acesso muito restrito à base de dados.

— Essa era a minha pergunta seguinte, murmurou Amburgey.

Quase desejei que Margaret não tivesse me contado nada sobre a devassa do computador. Desesperadamente, pensava no que devia dizer quando entrei em pânico. Seria possível que o assassino pudesse ser apanhado mais cedo e que esta jovem e talentosa médica ainda pudesse estar viva se não tivesse havido fugas? Seria possível que a “fonte clínica” anônima não fosse uma pessoa, mas sim o computador do meu

departamento? Acho que foi um dos piores momentos da minha vida quando não tive outra hipótese senão admitir:

— Apesar de todas as precauções, parece que alguém teve acesso aos nossos dados. Hoje descobrimos provas de que alguém tentou chamar o processo de Lori Pedersen. Foi uma tentativa frustrada porque ainda não foi introduzido no computador. Ninguém falou durante alguns momentos. Eu acendi um cigarro. Amburgey me deu um olhar enfurecido e depois disse:

— Mas os primeiros três casos já foram.

— Sim.

— Tem certeza de que não foi um membro do seu pessoal ou talvez um dos seus assistentes de um dos distritos?

— Tenho quase a certeza. Novamente silêncio. Depois perguntou:

— Pode se dar o caso de ele já ter feito isso antes, quem quer que seja o intruso?

— Não posso ter a certeza de que não tenha acontecido antes. Normalmente, deixamos o computador em espera para que Margaret e eu possamos ligar depois das horas de expediente. Não fazemos ideia de como um estranho possa ter obtido a senha.

— Como descobriu que houve uma entrada indevida? Tanner parecia confuso. — Descobriu-o hoje. Parece provável que teria descoberto no passado se já tivesse acontecido.

— A minha analista descobriu porque o eco foi deixado ligado inadvertidamente. Os comandos estavam na tela. De outra forma, nunca teríamos descoberto.

Alguma coisa cintilou nos olhos de Amburgey e o seu rosto estava ficando vermelho. Lentamente, pegou numa faca de esmalte de abrir cartas e passou o polegar pelo lado rombudo durante o que me pareceu um longo momento.

— Bem, decidiu ele, — Suponho que é melhor dar uma olhadela na sua tela. Estudar que tipo de dados este indivíduo pode ter visto.

Pode não ter nada a ver com o que apareceu nos jornais. Tenho certeza de que é isso que vamos descobrir. Também quero rever os quatro casos de estrangulamento, doutora Scarpetta. Estão fazendo muitas perguntas. Preciso saber exatamente aquilo com que estamos lidando.

Senti-me impotente. Não havia nada a fazer. Amburgey estava expondo ao escrutínio burocrático, os assuntos privados e sensíveis tratados no meu escritório. Só de imaginar que ele ia examinar os casos, ver as fotografias destas mulheres brutalizadas e assassinadas, fiquei tremendo de raiva.

— Pode rever os casos no outro lado da rua. Não podem ser fotocopiados, nem sair do meu escritório. Acrescentei friamente: — Por razões de segurança, claro.

— Vamos lhe dar uma olhadela agora. Olhou à sua volta. — Bill, Norm?

Os três homens se levantaram. Enquanto íamos saindo, Amburgey disse à recepcionista que não voltaria nesse dia. O olhar dela, langoroso, seguiu Bolts até à porta.

\* \* \*

## Sete

**E**SPERAMOS, ao sol radioso, que houvesse uma diminuição do fluxo de trânsito da hora do rush e atravessamos a rua rapidamente. Ninguém falava e eu ia vários passos à frente deles, guiando-os para os fundos do edifício. Naquela hora as portas da frente estariam fechadas com correntes. Deixei-os na sala de reuniões e fui buscar os processos em uma gaveta fechada à chave na minha mesa. Conseguia ouvir Rose mexendo em papéis na sala ao lado. Já passava das cinco e ela ainda estava aqui, o que me confortou um pouco. Ficara mais um pouco porque pressentia que alguma coisa de errado acontecia comigo por ser chamada ao escritório de Amburgey. Quando voltei à sala de reuniões, os três homens tinham aproximado as respectivas cadeiras. Sentei-me à frente deles, fumando calmamente, desafiando silenciosamente Amburgey a me mandar sair. Não o fez. Por isso continuei sentada. Passou mais uma hora. Ouvia-se o barulho de folhas sendo viradas, de relatórios sendo examinados, de comentários e observações feitos em voz baixa. Foram espalhadas fotografias na mesa como cartas de jogo. Amburgey estava ocupado tomando notas na sua letra irritante e nervosa. A dada altura, vários processos escorregaram do colo de Boltz, caindo no tapete.

— Eu apanho. Tanner empurrou a cadeira para o lado, a contragosto.

— Eu ajudo. Boltz parecia aborrecido ao começar a apanhar os papéis espalhados por baixo e à volta da mesa. Ele e Tanner tiveram consideração suficiente para separarem tudo de acordo com os números

dos casos, enquanto eu continuava olhando entorpecida. Enquanto isso, Amburgey continuava escrevendo, como se nada tivesse acontecido.

Os minutos pareciam horas, e eu continuava sentada. Por vezes me faziam uma pergunta. A maior parte do tempo, os homens olhavam e falavam entre si, como se eu não estivesse presente. Às seis e meia fomos para o gabinete de Margaret. Sentei-me à frente do computador, desativei o sistema de atendimento e no mesmo instante apareceu à nossa frente uma tabela dos casos num bonito esquema, laranja e azul, concebido por Margaret. Amburgey olhou para as suas notas e me ditou o número do caso de Brenda Steppe, a primeira vítima. Carreguei na tecla de busca. Quase no mesmo instante apareceu o caso dela.

A listagem se compunha, na realidade, de mais de meia dúzia de tabelas unidas. Os homens começaram examinando os dados que enchiam os campos laranja, olhando para mim cada vez que era necessário fazer page-down. Duas páginas depois, todos nós o vimos ao mesmo tempo. No campo chamado “Roupa, Objetos Pessoais, etc.”. Via-se uma descrição do que dera entrada com o corpo de Brenda Steppe, incluindo as ataduras. Escrito em letras pretas enormes se lia, “cinto de pano castanho-amarelado à volta do pescoço”. Amburgey se debruçou por cima de mim e, silenciosamente, passou o dedo pela tela. Abri o arquivo de Brenda Steppe e chamei a atenção para o fato daquilo não ser o que eu ditara no relatório da autópsia, que no meu registro estava escrito “um collant em volta do pescoço”.

— Sim, disse Amburgey avivando a minha memória, — Mas dê uma olhadela ao relatório da brigada de salvamento. Vem especificado “um cinto de pano castanho-amarelado”, não é verdade?

Rapidamente encontrei a folha da brigada e examinei-a. Ele tinha razão. O paramédico, ao descrever o que vira, mencionou que a vítima estava amarrada com fios elétricos nos pulsos e calcanhares e que, em

volta do pescoço, se via “uma espécie de cinto de pano castanho-amarelado”. Boltz sugeriu como se quisesse ajudar:

— Talvez uma das suas funcionárias estivesse examinando este registro ou tivesse visto a folha da brigada e se enganasse ao escrever a parte sobre o cinto de pano castanho-amarelado; por outras palavras, não reparou que isto não condizia com o que você ditara no relatório da autópsia.

— Não é provável, contestei. — As minhas funcionárias sabem que devem ir buscar os dados apenas nos relatórios da autópsia, do laboratório e na certidão de óbito.

— Mas é possível, insistiu Amburgey, — Porque o cinto é mencionado. Consta do registro.

— Claro que é possível.

— Então também é possível, decidiu Tanner, — Que a origem deste cinto de pano castanho-amarelado, citado no jornal, tenha vindo do seu computador. Talvez um repórter tenha acesso à sua base de dados ou então arranjou alguém que o faça por ele. Publicou um dado incorreto porque leu uma coisa errada na sua base de dados.

— Ou então recebeu a informação do paramédico que incluiu o cinto no relatório da brigada, contrapús. Amburgey se afastou do computador. Disse com frieza:

— Espero que faça alguma coisa para assegurar a confidencialidade dos seus registos oficiais. Mande a jovem que toma conta do seu computador alterar as senhas. O que for preciso, doutora Scarpetta. E espero uma declaração escrita por si em relação a este assunto. Dirigiu-se à porta, hesitando o tempo suficiente para me dizer com desprezo: — Serão dadas cópias às devidas entidades e depois vamos ver se serão necessárias outras medidas. E com isto saiu, seguido por Tanner.

\* \* \*

Quando tudo o resto falha, vou para a cozinha. Algumas pessoas saem depois de um dia péssimo e vão jogar ténis ou fazer jogging num

circuito. Tinha uma amiga em Coral Gables que fugia para uma praia com a sua cadeira portátil e se via livre do stress com o sol e um romance vagamente pornográfico que nem morta leria no seu mundo profissional, era juíza do tribunal distrital. Muitos dos policiais que conheço afogam suas mágoas, bebendo cerveja no bar da corporação. Nunca fui particularmente atlética nem havia uma praia decente a uma distância razoável. Embebedar-me não resolveria nada. Cozinhar era um lenitivo, para o qual eu raramente tinha tempo na maior parte dos dias, e embora a cozinha italiana não seja a minha única favorita, sempre foi a que faço melhor.

— Use o lado mais fino do ralador, recomendei a Lucy, tentando que ela me ouvisse apesar do barulho da água correndo no lava-louça.

— Mas é tão difícil! Queixou-se ela, bufando de esforço e irritação.

— O parmigiano-reggiano curado é rijo. E tenha cuidado com os nós dos dedos, está bem?

Acabei de lavar os pimentões verdes, os cogumelos e as cebolas, sequei-os e coloquei na tábua para serem cortados. Fervendo lentamente no fogo havia um molho, feito no último verão, com tomates de Hanover, manjerição, orégano e vários dentes de alho esmagados. Tinha sempre um bom fornecimento no congelador para alturas como esta. Salsichas Luganega estavam escorrendo em toalhas de papel ao lado de outras toalhas com bife magro frito. Massa de pão, com um elevado teor de glúten, estava na bancada levedando, tapada com um pano de louça húmido, e desfeita numa taça tinha mozzarella de leite gordo, importada de Nova Iorque, ainda com a água salgada, como eu comprara na minha charcutaria favorita na West Avenue. À temperatura ambiente, o queijo é como a manteiga: quando derretido, é maravilhosamente pegajoso.

— A mamãe sempre compra a de pacote e junta algumas porcarias, disse Lucy arquejante. — Ou então compra na mercearia a que já vem pronta.

— Isso é horrível, retorqui, e realmente era o que eu pensava.

— Como é que ela consegue comer isso? Comecei a cortar os legumes. — A sua avó teria preferido nos deixar morrer de fome.

A minha irmã nunca gostara de cozinhar. Nunca entendi por quê. Alguns dos tempos mais felizes da nossa infância foram passados em volta da mesa. Quando o pai estava bem, se sentava à cabeceira da mesa e, cerimoniosamente, servia os nossos pratos com montes enormes de espaguete ou fettucine e, às sextas-feiras, frittata. Por mais pobres que fôssemos, havia sempre muita comida e vinho, e era sempre uma alegria, ao chegar da escola, ser recebida por cheiros deliciosos e sons promissores vindos da cozinha. Era triste e uma violação da tradição que Lucy não soubesse nada destas coisas. Calculei que, na maior parte dos dias, ao vir das aulas, ela entrava numa casa silenciosa e indiferente, em que o jantar era uma chatice sendo adiado até o último minuto. A minha irmã nunca deveria ser mãe. Nunca deveria ser italiana. Untando as mãos com azeite, comecei a moldar a massa, trabalhando-a com força até me doerem os pequenos músculos dos braços.

— Consegue fazê-la girar como fazem na televisão? Lucy interrompeu o que estava fazendo, me olhando com olhos esbugalhados. Fiz uma demonstração.

— Que maravilha!

— Não é difícil. Sorri enquanto a massa tombava, devagar, me envolvendo os punhos. — O truque é manter os dedos recolhidos para não a furarmos.

— Deixe-me experimentar...

— Ainda não acabou de ralar o queijo, repliquei com uma austeridade fingida.

— Por favor...

Desceu do banquinho e veio até mim. Pegando nas mãos dela entre as minhas, untei-as com azeite e fechei-as em punhos. Surpreendeu-me que as mãos dela fossem quase do tamanho das minhas. Quando era bebê, os punhos dela não eram maiores do que nozes. Lembro-me de

como estendia os braços para mim quando eu ia visitá-las; da maneira como agarrava o meu polegar e sorria, enquanto um calor estranho e maravilhoso se espalhava pelo meu peito. Colocando a massa em volta dos punhos de Lucy, ajudei-a a fazê-la rodopiar.

— Está cada vez maior! Exclamou ela. — É o máximo!

— A massa se espalha devido à força centrífuga. É parecido com a maneira como as pessoas costumavam fazer o vidro. Sabe, já viu as janelas antigas de vidro ondulado? Ela acenou com a cabeça. — O vidro, ao girar, se transformava num grande disco achatado...

Ambas olhamos para cima ao ouvirmos pneus chiando na garagem. Um Audi branco estava chegando e, imediatamente, o bom humor de Lucy começou a se desvanecer.

— Oh! Ela disse tristemente. — Ele chegou. Bill Boltz estava saindo do carro e tirando duas garrafas de vinho do lugar do passageiro.

— Vai gostar muito dele. Com jeito coloquei a massa na forma.

— Ele quer muito conhecê-la, Lucy.

— É o seu namorado? Lavei as mãos.

— Apenas fazemos coisas juntos e trabalhamos juntos...

— Ele não é casado? Observava-o enquanto ele ia até a porta da frente.

— A mulher dele morreu no ano passado.

— Ah! Uma pausa. — Como?

Dei-lhe um beijo na cabeça e saí da cozinha para abrir a porta. Não era altura para eu responder a tal pergunta. Não tinha a certeza de como Lucy iria reagir.

— Como está se recuperando? Bill sorriu e me deu um beijo de leve. Fechei a porta.

— Mal.

— Espere até beber uns copos desta poção mágica, disse ele, segurando as garrafas no ar como se fossem troféus de caça. — Do meu estoque particular, vai adorar.

Toquei-lhe no braço e ele me seguiu até à cozinha. Lucy estava novamente sentada no banco ralando queijo, de costas voltadas para nós. Nem sequer se virou quando entramos.

— Lucy? Continuou a ralar. — Lucy? Levei Bill até junto dela. — Este é Mr. Boltz e, Bill, esta é a minha sobrinha. Relutantemente, interrompeu o que estava fazendo e olhou para mim.

— Esfolei o nó do dedo, tia Kay. Está vendo? Levantou a mão esquerda. Um dos nós estava sangrando um pouco.

— Oh, meu Deus. Vou buscar um curativo...

— Caiu um pouco para o queijo... Continuou ela, como se estivesse prestes a chorar.

— Parece que precisamos de uma ambulância, anunciou Bill e surpreendeu-a ao tirá-la do banco, lhe passando os braços por baixo das coxas. Ela ficou numa posição ridiculamente engraçada. — RRRRRRRRRR... Gemia como uma sirene ao levá-la até ao lava-louça. —Três-um-seis, estou chegando com uma emergência, uma garotinha amorosa com um nó de dedo sangrando. Passou falando como um operador — Por favor, peçam à doutora Scarpetta para estar a postos para um curativo rápido... Lucy guinchava de tanto rir.

Por momentos esqueceu o nó do dedo e olhava com adoração para Bill enquanto ele abria uma garrafa de vinho.

— Precisamos deixá-lo respirar, explicava ele com carinho. — Está vendo, o aroma agora é mais forte do que daqui à uma hora. Como tudo o resto na vida, se suaviza com o tempo.

— Posso beber um pouco?

— Bom, respondeu ele com uma seriedade exagerada, — Por mim, está bem, se a sua tia Kay concordar. Mas não gostaríamos que ficasse

tontinha.

Eu estava calmamente fazendo a pizza, espalhando o molho na massa e colocando por cima as carnes, os legumes e o queijo parmesão. No fim coloquei a mozzarella esmagada e a pus no forno. Em breve, o rico aroma de alho enchia a cozinha e eu comecei então a fazer a salada e a pôr a mesa enquanto Lucy e Bill conversavam e riam. Só conseguimos jantar já tarde e o copo de vinho para Lucy foi uma boa ideia. Quando comecei a levantar a mesa, os olhos dela estavam meio fechados e, decididamente, estava pronta para ir para a cama, embora não quisesse se despedir de Bill, que a tinha conquistado totalmente.

— Foi espantoso, lhe disse depois de tê-la colocado na cama, quando estávamos sentados à mesa da cozinha.

— Não sei como consegui. Estava preocupada com a reação dela...

— Pensou que ela acharia que tinha de competir comigo. Esboçou um leve sorriso.

— Digamos que sim. A mãe dela passa a vida mudando de namorado, ficando com qualquer um que conheça.

— O que significa que não tem muito tempo para a filha. Voltou a encher os nossos copos.

— Isso é uma maneira simpática de dizer as coisas.

— O que é ruim. Ela é ótima, esperta. Deve ter herdado a sua inteligência. Bebericou o vinho e acrescentou: — O que ela faz o dia todo quando você está trabalhando?

— A Bertha fica aqui. Lucy passa a maior parte do tempo no computador do meu escritório.

— Jogando?

— Não. Acho que ela entende mais daquilo do que eu. Da última vez que assisti, estava programando em Basic e reorganizando os meus dados. Ficou olhando para o copo de vinho. Depois perguntou:

— Pode usar o seu computador e ligar para o do serviço?

— Nem se atreva a sugerir!

— Bem. Olhou para mim. — Talvez fosse melhor para você. Era a minha esperança.

— Lucy não faria tal coisa, repliquei categórica.

— E também não entendo como isso seria melhor para mim, se fosse verdade.

— Era melhor que fosse a sua sobrinha de dez anos do que um repórter. Não teria o Amburgey chateando.

— Nada vai impedi-lo de me chatear, respondi agressivamente.

— É verdade, disse ele secamente. — A razão dele para se levantar de manhã é fazer da sua vida um inferno.

— Francamente, estou começando a achar que é isso mesmo.

\* \* \*

Amburgey fora nomeado por entre os protestos da comunidade negra da cidade, que considerava que a polícia era indiferente a homicídios, a não ser que as vítimas fossem brancas. Certa vez, quando um vereador negro foi abatido no seu carro, tanto Amburgey como o presidente da câmara acharam que seria boas relações públicas, suponho eu, se aparecessem sem avisar na morgue na manhã seguinte. Talvez não fosse tão ruim se Amburgey fizesse perguntas enquanto me via realizar a autópsia e ficasse calado depois. Mas o médico e o político obrigaram-no a informar confiantemente à imprensa que esperava, do lado de fora do meu edifício, que os “buracos provocados por balas” no peito do vereador “indicavam que uma arma fora disparada de perto”. Tão diplomaticamente quanto possível expliquei, quando os repórteres me interrogaram sobre os “buracos” no peito que, na realidade, eram marcas feitas pelos médicos do serviço de urgência, quando inseriram grandes agulhas nas artérias subclaviculares para fazerem uma transfusão de sangue. A ferida mortal do vereador fora provocada por uma arma de pequeno calibre disparada junto à nuca. Os repórteres tiveram um dia cheio com a asneira de Amburgey.

— O problema dele é ser médico, dizia eu a Bill. — Sabe o suficiente para pensar que é perito em medicina forense, acha que sabe dirigir os serviços melhor do que eu, mas grande parte das suas opiniões são absolutamente idiotas.

— Para as quais você, erradamente, chama a atenção.

— O que quer que eu faça? Que concorde e pareça tão incompetente como ele?

— Então se trata de um simples caso de inveja profissional, disse ele com um encolher de ombros. — Acontece.

— Não sei o que é. Como diabo é que se explicam estas coisas? Metade do que as pessoas fazem e sentem não tem o menor dos sentidos. Quanto a mim, vai ver faço-o se lembrar da mãe.

A minha raiva ia aumentando com uma intensidade nova e, pela expressão no rosto dele, notei que estava olhando para ele intensamente.

— Ei! Contestou ele, levantando a mão. — Não se zangue comigo. Eu não fiz nada.

— Esteve lá esta tarde, não esteve?

— O que esperava? Queria que eu dissesse ao Amburgey e ao Tanner que não podia estar presente na reunião porque andamos um com o outro?

— Claro que não podia dizer isso, disse eu, me sentindo infeliz. — Mas, vai ver, era isso que eu queria. Talvez quisesse que desse um soco no Amburgey ou qualquer coisa parecida.

— Não era má ideia. Mas acho que não ia me ajudar muito quando chegasse a altura das eleições. E, de qualquer forma, você me deixaria apodrecer na prisão. Nem sequer pagaria a minha fiança.

— Depende da quantia.

— Merda.

— Porque não me disse?

— Disse o quê?

— Que havia uma reunião. Devia saber desde ontem. Se calhar já sabia há mais tempo, tive vontade de dizer, — E foi por isso que não

conversamos durante o fim-de-semana! Tentando me controlar, olhei para ele tensamente. Ele olhava novamente o copo de vinho. Depois de uma pausa, respondeu:

— Não vi razão para isso. Só iria preocupá-la e fiquei com a ideia de que a reunião era uma pró-forma.

— Uma pró-forma?! Olhei para ele sem querer acreditar. — O Amburgey me silenciou, passou metade da tarde desfazendo do meu trabalho e isso é uma pró-forma?

— Tenho a certeza de que algumas coisas que ele fez foram provocadas pelo fato de ter revelado a intrusão no computador, Kay. E ontem eu ainda não sabia nada sobre isso. Que diabo, nem você estava a par do que acontecia.

— Estou vendo, disse eu friamente. — Ninguém sabia até eu falar. Silêncio.

— O que está querendo dizer?

— Me parece uma coincidência incrível que tenhamos descoberto a intrusão no computador apenas algumas horas antes de ele ter me chamado ao seu escritório. Tive a sensação de que talvez ele soubesse...

— Talvez soubesse.

— O que me tranquiliza imenso.

— De qualquer forma, é discutível, continuou ele calmamente. — E se ele já soubesse que tinham entrado no computador quando foi ao escritório esta tarde? Talvez alguém tivesse falado, como, por exemplo, a sua analista. E o boato chegou ao vigésimo terceiro andar. Encolheu os ombros. — Foi apenas mais uma preocupação para ele, não é? Não a pegou em falso, se era esse o caso, porque foi suficientemente esperta para dizer verdade.

— Eu sempre digo a verdade.

— Nem sempre, observou ele astutamente. — Por regra, mente sobre nós por omissão...

— Então talvez ele soubesse, interrompi-o. — Só quero que me diga que não sabia...

— Não sabia. Olhou-me intensamente. — Juro. Se eu tivesse ouvido alguma coisa sobre isso, avisaria Kay. Teria corrido para a cabina

telefônica mais próxima.

— E saía disparado como o Super-Homem.

— Que diabo, ele murmurou, — Agora está fazendo chacota de mim.

Parecia um garoto amuado. Bill tinha uma série de papéis que desempenhava extraordinariamente bem. Às vezes era difícil acreditar que pudesse estar tão caidinho por mim. Também seria um papel? Acho que, nas fantasias de metade das mulheres da cidade, ele era uma estrela, e o seu administrador de campanha era suficientemente esperto para tirar partido disso. Fotografias de Bill tinham sido coladas em restaurantes e em lojas, pregadas em postes telefônicos em quase todos os bairros da cidade. Quem conseguia resistir àquele rosto? Era extraordinariamente bem-parecido, tinha o cabelo com madeixas loiras, o rosto sempre bronzeado das muitas horas que passava no clube de tênis. Era difícil evitar olhá-lo frontalmente.

— Não estou fazendo chacota de você, disse eu, cansada. — É verdade, Bill. E não vamos discutir.

— Por mim, tudo bem.

— Estou farta disto. Não faço ideia do que devo fazer. Aparentemente, ele pensara no assunto e disse:

— Ajudaria se conseguisse descobrir quem tem acesso aos seus dados. Uma pausa. — Ou, melhor, se conseguisse provar.

— Provar? Olhei, exausta, para ele. — Está sugerindo que tem um suspeito em mente?

— Com base em fatos, não.

— Quem? Acendi um cigarro. Desviou a sua atenção para a cozinha.

— Abby Turnbull está no topo da minha lista.

— Achei que ia me dizer alguma coisa que eu não pudesse descobrir sozinha.

— Estou falando sério, Kay.

— Está bem, ela é uma repórter ambiciosa, eu disse irritada. — Francamente, estou ficando um pouco farta de ouvir falar dela. Ela não é tão poderosa como as pessoas dizem. Bill pousou o copo de vinho na mesa com um forte estalido.

— Ai isso é que é, retorquiu, me olhando fixamente. — A mulher é uma cobra. Sei que é uma repórter ambiciosa. Mas é pior do que toda a gente imagina. É má, manipuladora e extremamente perigosa. A filha da mãe se prestaria a qualquer coisa. A veemência com que falou me fez ficar calada. Não era normal que usasse termos tão cáusticos ao descrever uma pessoa. Especialmente alguém que eu achava que ele mal conhecia. — Lembra-se daquela história que ela escreveu a meu respeito há mais ou menos um mês?

Não havia muito tempo, o Times publicara, finalmente, um perfil do novo procurador do Estado. A reportagem, que saíra no jornal de domingo, era bastante comprida e eu não me lembrava em pormenores o que Abby Turnbull escrevera, exceto que me parecera invulgarmente insípida, considerando a sua autoria.

— Tanto quanto me lembro, a história era fraquinha. Inofensiva, não fez mal nem bem.

— Há uma razão para isso, replicou irritado. — Suspeito que não fosse um assunto sobre o qual ela particularmente quisesse escrever.

Ele não estava insinuando que a missão fosse enfadonha. Havia mais alguma coisa e os meus nervos estavam novamente em tensão.

— A minha sessão com ela foi um horror. Passou um dia inteiro comigo, no carro, indo de reunião para reunião, até mesmo à lavanderia. Sabe como são estes repórteres. Seguem-nos até ao banheiro se deixarmos. Bom, digamos apenas que, à medida que a tarde ia se desenrolando, as coisas tomaram um rumo bastante desagradável e decididamente inesperado.

Hesitou para ver se eu entendera o que ele queria dizer. Tinha entendido bem de mais. Olhando para mim com uma expressão de dureza, disse:

— Foi um ataque fechado. Saímos da última reunião por volta das oito. Insistiu para que fôssemos jantar. Sabe, era o jornal que iria pagar e ela ainda tinha algumas perguntas para fazer. Mal tínhamos saído do parque de estacionamento do restaurante, ela disse que não estava se sentindo bem. Tinha bebido vinho demais ou coisa parecida. Queria que eu a deixasse em casa, em vez de levá-la para o jornal, onde tinha o carro estacionado. E assim fiz. Levei-a para casa. E quando parei em frente à casa dela, ela se atirou em mim. Foi horrível.

— E? Perguntei, como se não me importasse.

— E eu não soube lidar com a situação. Acho que a humilhei sem ter essa intenção. Desde essa altura que tem tentado me atacar.

— O quê? Tem telefonado, mandado cartas ameaçadoras? Eu não estava propriamente falando a sério. Tampouco estava preparada para o que ele disse a seguir.

— Esta merda que ela tem andado escrevendo. O fato é que pode vir do seu computador. Embora pareça uma loucura, acho que a motivação dela é, principalmente, pessoal...

— A fuga? Está insinuando que ela anda entrando no meu computador e escrevendo pormenores chocantes sobre estes casos para atingir a você?

— Se um acordo chegar ao tribunal em relação a estes casos, quem é que sai prejudicado? Não respondi. Fitava-o, sem querer acreditar. — Eu. Sou o promotor público. Casos sensacionalistas e hediondos, como estes, são ferrados por toda esta merda publicada nos jornais e ninguém vai me mandar flores ou escrever bilhetes de agradecimento. Ela sabe isso muito bem, Kay. Está me ridicularizando, é o que ela está fazendo.

— Bill, disse eu, baixando a voz, — O trabalho dela é ser uma repórter agressiva, escrever sobre tudo o que conseguir colocar a mão. Mais importante, os casos só seriam ferrados no tribunal se a única prova fosse uma confissão. Nessa altura, a defesa faz com que ele mude

de opinião. Ele retira tudo o que disse. A ideia preconcebida pelo tribunal é pensar que o tipo é um doente mental e que sabe os pormenores dos assassinatos porque os leu no jornal. Ele imaginou que cometeu os crimes. Esse tipo de estupidez. O monstro que anda matando essas mulheres não vai se entregar nem confessar o que quer que seja. Esvaziou o copo e voltou a enchê-lo novamente.

— Talvez os policiais façam dele um suspeito e o obriguem a falar. Se calhar, é assim que acontece. E talvez seja a única coisa que o ligue aos crimes. Não há nenhuma prova material que seja relevante.

— Nenhuma prova material? Interrompi-o. Certamente que não tinha ouvido bem. Seria que o vinho estava lhe entorpecendo os sentidos?

— Deixou sêmen. Quando for apanhado o DNA revelará que...

— Oh! Sim. Com certeza que sim. A análise do DNA só foi utilizada em tribunal algumas vezes na Virgínia. Existem poucos precedentes, muito poucas condenações em todo o país e, para cada uma delas, foi interposto recurso. Tente explicar a um júri de Richmond que o tipo é culpado por causa do DNA. Terei sorte se conseguir encontrar um jurado que saiba escrever DNA. Toda a gente tem um quociente de inteligência acima dos quarenta por cento, e a defesa arranjará uma desculpa para excluí-lo. É isso que eu aturo semana após semana...

— Bill...

— Diabos. Começou a andar de num lado para o outro na cozinha, — Já é difícil condenar alguém se cinquenta pessoas jurarem que viram o tipo puxando o gatilho. A defesa apresentará uma turma de peritos para turvar as águas e confundir tudo. Você, mais do que ninguém, sabe como este teste do DNA é complicado.

— Bill, eu no passado já expliquei aos jurados coisas mais complicadas do que esta.

Ele ia dizer alguma coisa, mas se arrependeu. Olhando novamente para a cozinha, bebeu mais um gole de vinho. O silêncio se arrastou, pesado. Se o resultado dos julgamentos dependesse unicamente dos

resultados do DNA, isso me colocava na posição de testemunha-chave da acusação. Já estivera nessa posição muitas vezes, no passado, e não me lembrava de que tivesse preocupado Bill injustificadamente. Alguma coisa era diferente dessa vez.

— O que está acontecendo? Perguntei. — Sente-se inseguro por causa da nossa relação? Acha que alguém vai descobrir e nos acusar de irmos para a cama, me acusar de falsificar os resultados para conveniência da acusação? Olhou-me de relance, surpreso.

— Não estou pensando em nada disso. É um fato estarmos juntos, mas não é nada de importante. Saímos algumas vezes para jantar, vimos algumas peças de teatro...

Não precisou completar a frase. Ninguém sabia nada a nosso respeito. Normalmente ele vinha na minha casa ou então íamos para um lugar distante, como Williamsburg ou Washington, onde não era provável que encontrássemos alguém que nos reconhecesse. Eu sempre me preocupei mais com o fato do público nos ver juntos do que ele. Ou ele estaria aludindo à outra coisa, outra coisa muito mais crítica? Não éramos amantes, não completamente, o que fazia que houvesse uma tensão sutil, mas incômoda entre nós.

Acho que ambos nos demos conta da forte atração, mas tínhamos evitado fazer o que quer que fosse até há algumas semanas atrás. Depois de um julgamento, que só acabou ao fim da tarde, ele me convidou descontraidamente para uma bebida. Fomos a pé até um restaurante perto do tribunal e, depois de dois uísques, nos dirigimos para minha casa. Assim, de repente, com uma ferosidade de adolescentes, o nosso desejo se tornou absolutamente palpável. A proibição do ato tornou-o ainda mais excitante e, de repente, quando estávamos na minha sala de estar às escuras, entrei em pânico. A ânsia dele era excessiva, explosiva. Ele dominou em vez de acariciar, me jogando no sofá. Foi nesse momento que tive uma imagem nítida da mulher, afundada na cama em almofadas de cetim azul-claro, com a parte da frente da camisola branca

manchada de vermelho-escuro, a pistola automática de 9 milímetros apenas a alguns centímetros da sua mão direita inerte.

Eu fora ao local do suicídio sabendo apenas que a mulher do candidato ao cargo de procurador do Estado tinha, aparentemente, cometido suicídio. Nessa altura não conhecia Bill. Examinei a mulher. Segurei, literalmente, o coração dela em minhas mãos. Essas imagens, todas elas, eu as recordei, nitidamente, na escuridão da minha sala de estar muitos meses depois.

Fisicamente, me afastei dele. Nunca lhe disse a verdadeira razão, embora nos dias que se seguiram ele continuasse a me perseguir ainda mais energicamente. A atração mútua se mantinha, mas passara a existir um muro entre nós. Por muito que o desejasse, não conseguia jogá-lo abaixo nem transpô-lo. Mal ouvia o que ele estava dizendo.

— ... E não vejo como podia alterar os resultados do DNA, a não ser que estivesse envolvida numa conspiração que incluísse o laboratório particular que está fazendo os testes e também metade do departamento forense...

— O quê? Perguntei assustada. — Alterar testes de DNA?

— Você não estava ouvindo? Perguntou ele impaciente.

— Bom, perdi qualquer coisa, isso é verdade.

— Estou dizendo que ninguém poderia acusá-la de alterar o que quer que fosse, esse é o meu ponto de vista. Por isso, a nossa relação não tem nada a ver com o que estou pensando.

— Está bem.

— Só que... Hesitou.

— Só que? Perguntei. Depois, enquanto ele esvaziava o copo, acrescentei: — Bill, você vai ter de dizer o... Ele não prestava atenção. —... O que é? Perguntei de novo. — O que é? Contraíu os lábios, sem olhar para mim.

— Não tenho certeza em que posição você ficará, nessa altura, aos olhos do júri, disse pausadamente. Não teria ficado mais espantada se ele

tivesse me batido com a palma da mão.

— Meu Deus... Sabe de alguma coisa. O quê? O quê? Que está planejando aquele filho da mãe? Vai me despedir por causa daquela história do computador, foi isso o que ele disse?

— O Amburgey? Ele não está planejando nada. Que diabo, nem é preciso. Se o seu gabinete for acusado das fugas e se, eventualmente, o público acreditar que os novos artigos jornalísticos inflamados são a razão pela qual o assassino anda atacando com maior frequência, então a sua posição estará em risco. As pessoas precisam de um bode expiatório. Não posso me dar ao luxo de a minha testemunha principal ter um problema de credibilidade ou de popularidade.

— Era isso que você e o Tanner discutiam tão acaloradamente depois do almoço? Eu estava quase chorando. — Vi vocês dois saindo do Peking...

Um longo silêncio. Ele também me vira, mas fingira que não. Porquê? Provavelmente porque ele e Tanner estavam falando a meu respeito!

— Estávamos falando sobre os casos, respondeu evasivamente. — Discutindo várias coisas. Eu estava tão furiosa, tão magoada, que não me atrevi a retrucar. — Ouça disse ele, cansado, desapertando a gravata e o botão de cima da camisa. — Isto não correu bem. Não queria que acabasse assim. Juro por Deus. Agora ficou mesmo chateada e eu também. Desculpe. O meu silêncio era de pedra. Respirou fundo. — Só que temos coisas concretas para tratar e devíamos estar trabalhando nelas juntos. Estou imaginando os piores cenários para estarmos preparados, está bem?

— O que espera, exatamente, que eu faça? Medi cada palavra para manter a voz firme.

— Pense em tudo cinco vezes. Como no tênis. Quando se está perdendo ou nervoso, precisamos jogar com cuidado. Precisamos nos concentrar em cada jogada e não tirar os olhos da bola nem por um

segundo. Por vezes, as suas analogias tenísticas me irritavam. Esta, nesse momento, era um bom exemplo.

— Penso sempre no que estou fazendo, disse eu aborrecida. — Não precisa me ensinar como devo fazer o meu trabalho. Não sou conhecida por perder jogadas.

— Agora é especialmente importante. O veneno de Abby Turnbull. Acho que ela anda nos armando uma cilada, aos dois, nos bastidores. Utilizará você, ou ao computador dos seus serviços para me atingir, sem se estrear e com isso, prejudica a justiça. Os casos vão para o buraco e nós dois para o olho da rua. Tão simples como isso.

— Talvez ele tivesse razão, mas ainda me custava a acreditar que Abby Turnbull fosse tão perversa. Certamente que, se tivesse uma gota de sangue humano nas veias, queria ver o assassino castigado. Não usaria quatro jovens mulheres brutalmente assassinadas como peões nas suas maquinações vingativas se é que era culpada, mas eu não estava convencida disso. Ia lhe dizer que ele estava exagerando, que o seu encontro com ela tinha, momentaneamente, afetado o seu raciocínio. Mas alguma coisa me deteve. Não queria falar mais sobre este assunto. Tive medo. Incomodava-me. Ele esperara, até aquele momento, para me contar aquilo. Porquê? O encontro com ela fora há semanas antes. Se ela tão perigosa para ambos, então por que não tinha me dito nada antes?

— Acho que agora você precisa de uma boa noite de sono, sugeri calmamente. — Penso que o melhor é esquecermos esta conversa, pelo menos algumas partes, seguirmos em frente, como se ela nunca tivesse acontecido. Ele se afastou da mesa.

— Tem razão. Estou farto. E você também. Meu Deus, não queria que tivesse corrido assim, disse ele novamente. — Vim aqui para lhe animar. Sinto-me pessimamente.

Continuou se desculpando enquanto ia pelo corredor fora. Antes que eu abrisse a porta, me beijou e senti o gosto a vinho no hálito dele, senti o seu calor. A minha resposta física foi quase imediata, um frisson

de desejo, que me percorreu a espinha, e o medo que me trespassou o corpo como um choque elétrico. Involuntariamente, me afastei e murmurei:

— Boa-noite.

Era uma sombra na noite ao se dirigir para o carro. O seu perfil foi fugazmente iluminado pela luz interior do carro quando abriu a porta e entrou. Fiquei ainda muito tempo parada sob o alpendre, depois dos faróis traseiros iluminarem a rua deserta e desaparecerem por trás das árvores.

\* \* \*

## Oito

O INTERIOR DO PLYMOUTH RELIANT prateado de Marino estava tão sujo e pouco cuidado como eu esperava que estivesse, se me tivesse dado ao trabalho de pensar nisso. No chão, atrás, se via uma embalagem de frango assado, guardanapos amarrotados, sacos do Burger King e vários copos de plástico manchados de café. O cinzeiro estava cheio e, balançando no espelho retrovisor, um ambientador em forma de pinheiro, de odor floral, e tão eficaz como um jato de purificador do ar num latão de lixo. Havia pó e migalhas por todo o lado, e o para-brisa estava praticamente opaco de nicotina.

— Alguma vez lavou isto? Eu estava apertando o meu cinto.

— Não, já não limpo mais. O carro me foi atribuído, mas não é meu. À noite não me deixam levá-lo para casa, nem mesmo durante o fim-de-semana. Encero-o até ficar brilhando, uso metade de uma garrafa de Armor Ali no interior e o que acontece? Um malandro qualquer vai usá-lo quando eu não estiver de serviço e me devolve neste estado. Não há o que fazer. Passado um tempo, comecei a poupar trabalho de todo o mundo. Comecei a sujá-lo eu mesmo.

Do rádio da polícia se ouviam estalidos, enquanto a luz do sintonizador piscava de canal em canal. Saindo do estacionamento atrás do meu edifício. Não sabia nada dele desde que ele saíra abruptamente da sala de reuniões na segunda-feira. Era quarta-feira à tarde e ele me deixou intrigada ao aparecer de repente à minha porta, anunciando que queria me levar para dar uma pequena volta. A “volta”, como se veio a

revelar, se traduziu numa visita retrospectiva aos locais dos crimes. O objetivo, tanto quanto pude me certificar, era para que eu fixasse um mapa das mesmas na minha cabeça. Não me opus. A ideia era boa. Mas era a última coisa que eu esperava dele. Desde quando me incluía no que quer que fosse a não ser que não tivesse alternativa?

— Há algumas coisas que precisa saber, disse ele, ajustando o retrovisor lateral.

— Estou vendo. Suponho que, se não tivesse concordado em vir, você não me contaria nada sobre estas pequenas coisas que eu preciso saber?

— Mais ou menos isso.

Esperiei pacientemente que ele voltasse a colocar o isqueiro no lugar. Levou o seu tempo a se instalar mais confortavelmente atrás do volante.

— Pode se interessar em saber, começou ele, — Que ontem fizemos no Pedersen um teste com um polígrafo e o idiota passou. Muito bonito, mas não o inocenta completamente. É possível passar no teste quando se é um destes psicopatas que conseguem mentir com a facilidade com que as outras pessoas respiram. Ele é um ator. Provavelmente conseguiria dizer que é o Cristo crucificado e as suas mãos não transpirariam, o pulso estaria mais regular do que o seu e o meu quando estamos na igreja.

— Isso seria muito pouco habitual, contrapuz. — É bastante difícil, quase impossível, enganar um polígrafo. Seja quem for.

— Já aconteceu. Essa é uma das razões pelas quais não é aceito no tribunal.

— Não, não chego ao ponto de dizer que é infalível.

— A questão, ele continuou, — É que não temos uma boa razão para apertar com ele ou sequer para lhe dizer que não deve sair da cidade. Por isso o mantenho sob vigilância. O que realmente queremos saber são as suas atividades depois do trabalho. Por exemplo, o que faz à

noite. Talvez se meta no carro e ande por vários bairros fazendo o reconhecimento dos locais.

— Ele não voltou para Charlottesville? Marino atirou a cinza pela janela.

— Tem ficado por aqui, diz que está abalado demais para voltar. Mudou-se, está num apartamento na Avenida Freemont, diz que não consegue entrar em casa depois do que aconteceu. Acho que ele vai vendê-la. Não que tenha necessidade do dinheiro. Lançou-me um breve olhar e, durante uns momentos, vi a minha própria imagem distorcida nos seus óculos espelhados. — A mulher tinha um bom seguro de vida. Pedersen vai receber cerca de duzentos mil dólares. Acho que vai poder escrever as suas peças, sem se preocupar em ter de ganhar a vida. Continuei sem dizer palavra. — E acho que vamos deixar passar o fato de ter sido acusado de violação no passado.

— Você andou investigando o assunto? Sabia que ele tinha feito ou, caso contrário, não teria mencionado.

— Parece que estava fazendo uma peça de verão em Nova Orleans e cometeu o erro de levar uma fã demasiado a sério. Falei com o policial que investigou o caso. Segundo ele, Pedersen era o ator principal numa peça qualquer e uma jovem da assistência se entusiasmou com ele, ia vê-lo todas as noites, escrevia bilhetes, essas coisas todas. Depois apareceu nos bastidores e acabaram por andar de bar em bar no bairro francês. O que aconteceu a seguir é que ela resolveu chamar a polícia, às quatro da manhã, toda histérica, dizendo que fora violentada. Ele ficou numa grande trapalhada, porque o PERK dela deu positivo e os fluidos comprovam que ele é um não-secretor.

— O caso foi ao tribunal?

— O grande júri rejeitou-o. Pedersen admitiu terem tido relações no apartamento dela. Disse que ela tinha consentido e que se atirara a ele. A jovem tinha várias nódoas negras e até algumas marcas no pescoço. Mas ninguém conseguiu provar quando as nódoas negras tinham sido feitas e se Pedersen fora o causador. O grande júri inocenta logo um tipo como ele. Levam em consideração o fato de estar numa peça de teatro e de a jovem ter provocado o encontro. Ele ainda tinha os

recados dela dentro do camarim, que mostravam claramente que estava embeijada por ele. Foi de fato convincente quando afirmou, ao depor, que ela já tinha nódoas negras quando esteve com ele. Parece que ela tinha lhe contado que entrara numa briga, alguns dias antes, com um tipo de quem estava se separando. Ninguém ia repreender Pedersen. A jovem não tinha moral nenhuma e era uma idiota ou fez uma grande asneira se expondo, por assim dizer, para que a prejudicassem.

— Esse tipo de caso, eu comentei calmamente, — São quase impossíveis de se provar.

— Bem, nunca se sabe. Também é uma coincidência, acrescentou ele como um aparte, para o qual eu não estava preparada, — Que Benton tenha me telefonado uma noite destas para dizer que o computador principal em Quântico recebeu uma informação sobre um método semelhante ao de quem anda matando estas mulheres aqui, em Richmond.

— Onde?

— Waltham, Massachusetts, por acaso, respondeu ele, me olhando de soslaio. — Há dois anos, na mesma altura em que Pedersen frequentava Harvard, que fica a cerca de trinta quilômetros a leste de Waltham. Durante os meses de abril e maio, duas mulheres foram violentadas e estranguladas nos seus apartamentos. Ambas viviam sozinhas em apartamentos de rés-do-chão e foram amarradas com cintos e fios elétricos. Aparentemente, o assassino entrou por janelas destrancadas. Ambos os casos ocorreram durante o fim-de-semana. Estes crimes são uma cópia do que está acontecendo aqui.

— Os assassinatos pararam depois de Pedersen ter se formado e de ter mudado para aqui?

— Não exatamente, replicou ele. — Houve outro, mais tarde, nesse verão, que Pedersen não poderia ter cometido porque estava morando aqui e a mulher começando no VMC. Mas houve algumas diferenças no terceiro caso. A vítima era uma adolescente que morava a cerca de quinze minutos do local onde tinham ocorrido os outros dois homicídios. Os policiais acharam que o assassinato dela fora uma imitação. Um doido qualquer leu as notícias acerca dos dois primeiros

casos nos jornais e os imitou. Só foi encontrada após uma semana, o corpo em tão adiantado estado de decomposição que não foi possível encontrar sêmen. Foi impossível tipificar o assassino.

— E quanto aos dois primeiros casos?

— Eram não-secretores, disse ele devagar, olhando em frente. Silêncio. Lembrei-me de que há milhões de homens no país que são não-secretores e que acontecem crimes sexuais todos os anos em quase todas as principais cidades. Mas as semelhanças eram flagrantes.

Tínhamos virado em uma rua estreita, bordejada de árvores, numa urbanização recente, onde todas as casas pareciam iguais e nos davam a ideia de pouco espaço e materiais baratos. Viam-se cartazes de imobiliárias espalhados e algumas das casas estavam ainda em construção. A maior parte dos jardins fora recentemente semeada e arranjada, com pequenos arbustos e árvores frutíferas. Dois quarteirões adiante, à esquerda, se via a pequena casa cinzenta onde Brenda Steppe fora assassinada há cerca de dois meses. A casa não fora alugada, nem vendida. A maior parte das pessoas que querem uma casa nova não gosta muito da ideia de se mudarem para um lugar onde alguém foi brutalmente assassinado. Colocados nos jardins das casas, de ambos os lados, se viam placas “Vende-se”. Paramos em frente e ficamos sentados calmamente, com as janelas abertas. Reparei que havia pouca iluminação na rua. À noite, devia ser muito escura e se o assassino fosse cuidadoso e usasse roupa escura não seria visto. Marino disse:

— Ele entrou pela janela da cozinha, lá atrás. Parece que, nessa noite, ela chegou em casa as nove, nove e meia. Encontramos um saco de compras na sala de estar. A última compra que ela fizera, tinha a hora marcada, oito e cinquenta. Vai para casa, faz o jantar. Nesse fim-de-semana estava calor, e presumo que tenha deixado a janela aberta para arejar a cozinha. Especialmente porque, ao que parece, estivera fritando bifés e cebolas.

Acenei com a cabeça, me lembrando do conteúdo gástrico de Brenda Steppe.

— Fritar bifés e cebolas normalmente provoca fumaça e cheiro na cozinha. Pelo menos, na minha casa é assim. E havia uma embalagem de carne, amassada, um frasco vazio de molho para espaguete, cascas de cebola na lata do lixo por baixo do lava-louça e uma frigideira engordurada com restos de um molho. Fez uma pausa, acrescentando pensativo: — É estranho que a escolha dela para o jantar possa ter ditado a morte dela. Sabe, se tivesse comido atum, um sanduíche ou qualquer outra coisa, não precisaria deixar a janela aberta.

Este era um dos pensamentos favoritos dos investigadores criminais. E se? E se a pessoa não tivesse decidido comprar um maço de cigarros numa loja de conveniência onde dois assaltantes armados mantinham o empregado refém na parte de trás? E se alguém não tivesse decidido ir lá fora esvaziar o caixote do gato no preciso momento em que um detento, que fugira da prisão, se aproximava da casa? E se alguém não tivesse discutido com a amante e, conseqüentemente, saído de carro num acesso de fúria no momento em que um bêbado fazia uma curva no lado errado da estrada? Marino perguntou:

— Reparou que há uma autoestrada a menos de um quilômetro e meio daqui?

— Sim. E há um Safeway na esquina, mesmo antes de virar para este bairro, me lembrei. —Um lugar possível para ele deixar o carro se andasse o resto do caminho a pé. Ele observou, misteriosamente:

— Sim, o Safeway. Fecha à meia-noite. Acendi outro cigarro e pus em prática a máxima segundo o qual, para um detetive ser bom, tem de saber pensar como as pessoas que quer apanhar.

— O que teria feito, lhe perguntei,

— Se fosse você?

— Se eu fosse o quê?

— Se fosse o assassino.

— Depende. Sou um artista meio perdido como Matt Pedersen ou apenas um louco vulgar que gosta de se aproximar silenciosamente de uma mulher para estrangulá-la?

— O segundo, disse eu calmamente. — Vamos pensar no segundo. Ele estava me espicaçando e riu de uma forma bastante indelicada.

— Não está entendendo, doutora. Deveria ter perguntado de que forma seria diferente. Porque não seria diferente... O que eu estou lhe dizendo é que, se eu fosse qualquer um dos tipos, faria mais ou menos a mesma coisa. Não interessa o que eu sou ou o que faço nas horas normais, quando estou trabalhando e me comportando como todo o mundo. Quando me meto nisto, sou como qualquer assassino que alguma vez fez ou fará. Médico, advogado ou chefe índio.

— Continue. Foi o que ele fez.

— Começo por vê-la, contato com ela em algum lugar. Se possível, vou a casa dela vender qualquer coisa ou entregar flores e, quando ela vem à porta, a pequena voz na minha cabeça me diz: “É essa”. Ou talvez esteja trabalhando numa obra, aqui no bairro e vejo-a passar sozinha. Posso segui-la, talvez por uma semana, tentando saber o mais que puder sobre ela e os seus hábitos. Como, por exemplo, que luzes acesas significam que ela está de pé; que luzes apagadas significam que está dormindo; como é o carro dela.

— Porquê ela? Perguntei. — De todas as mulheres do mundo, porquê esta? Ele refletiu por instantes.

— Ela provoca qualquer coisa em mim...

— Pela sua aparência? Ele ainda estava pensando.

— Talvez. Mas talvez seja a postura. É uma mulher trabalhadora. Tem uma casa bastante simpática, o que significa que é suficientemente esperta para ganhar bem. Por vezes, as mulheres empregadas são petulantes. Talvez eu não gostasse da maneira como ela me tratou. Talvez ela tenha agredido a minha masculinidade, como se eu não fosse suficientemente bom para ela.

— Todas as vítimas são mulheres empregadas, lembrei. E acrescentei: — Mas também é verdade que a maior parte das mulheres que moram sozinhas, trabalham.

— Sim. E eu vou descobrir se ela mora sozinha, vou me certificar disso, vou pensar pelo menos que tenho certeza. Vou lhe dar uma lição, mostrar quem é que manda. Vem o fim-de-semana e sinto a tal vontade. Por isso entro no carro bem tarde, depois da meia-noite. Já inspecionei a área, planejei tudo. Sim. Poderia deixar o carro no estacionamento do Safeway, mas o problema é que já passa da hora. O estacionamento vai estar vazio, o que significa que vão reparar em mim. Acontece que há um posto Exxon na mesma esquina do supermercado. Eu talvez deixasse o carro aí. Porquê? Porque fecha as dez e é normal se verem carros deixados em postos depois das horas do expediente para serem consertados. Ninguém vai achar estranho, nem mesmo a polícia, e isso é que me preocupa mais. Que algum policial veja o meu carro num estacionamento vazio, que vá examiná-lo ou pergunte pelo rádio em que nome está registrado.

Descreveu cada movimento com pormenores assustadores.

— Vestido com roupa escura se manteve nas áreas sombrias enquanto caminhava pelo bairro. Quando chegou ao endereço, a adrenalina começou a subir ao notar que a mulher, cujo nome provavelmente não sabia, estava em casa. O carro estava na rua. Todas as luzes, exceto a da varanda, estavam apagadas. Ela estava dormindo. Sem pressa, se escondeu para pensar na situação. Olhou à volta para se certificar de que ninguém o via, depois se dirigiu aos fundos da casa onde começou a se sentir mais confiante. Ninguém o via da rua e as casas uma fila acima ficam a uma distância de um acre. As luzes estão apagadas, não se vê ninguém andando por lá. Nos fundos, estava escuro como breu. Sem fazer barulho, se aproximou das janelas e imediatamente reparou na que estava aberta. Só precisava passar uma faca pela grade e soltar o trinco de dentro. Segundos depois, a grade estava solta e caída na relva. Abriu a janela, se içou e ficou olhando para os vultos dos eletrodomésticos na cozinha. Uma vez lá dentro, prosseguiu Marino, — Fico quieto durante um momento à escuta. Logo que tenho a certeza de que não ouço nada, me dirijo ao corredor e

começo a procura do quarto onde ela está. Uma casa tão pequena como esta, disse ele com um encolher de ombros, — Não tem muitas possibilidades. Encontro logo o quarto e consigo ouvi-la dormindo. Nesta altura tenho alguma coisa enfiada na cabeça, um gorro de esqui, por exemplo...

— Porquê se dar a esse trabalho? Perguntei. — Ela não vai viver para poder identificá-lo.

— Cabelos. Sabe, não sou estúpido. Provavelmente escolho livros de ciência forense para ler na cama, provavelmente memorizei os dez códigos da polícia. Não há hipótese de alguém encontrar cabelos meus nela ou em qualquer outro lugar.

— Se for tão esperto, agora era eu que espicaçava, — Por que não está preocupado com o DNA? Não lê os jornais?

— Bem, vou usar preservativo. E você nem sequer vai pensar que eu sou suspeito, porque sou muito esperto. Não há suspeito, nem comparação, e esse negócio do DNA não vale nada. Os cabelos são um pouco mais pessoais. Sabe, vai ver, não quero que você saiba se sou preto ou branco, louro ou ruivo.

— E as impressões digitais? Sorriui:

— Luvas, boneca. As mesmas que vocês usam quando estão examinando as minhas vítimas.

— Matt Pedersen não usou luvas. Se tivesse feito, não deixaria as suas impressões digitais no corpo da mulher. Marino disse tranquilamente:

— Se Matt for o assassino, não se importaria de deixar impressões digitais na sua própria casa. As impressões dele vão estar pela casa toda, de qualquer maneira. Uma pausa. — Se... O fato é que andamos a procura de um maluco. E sabemos que Matt é maluco. O problema é que não é o único no mundo, existe um por trás de cada arbusto. O fato é que realmente não sei quem matou a mulher dele.

Vi o rosto dos meus sonhos, o rosto branco sem feições. O sol que incidia no para-brisa era quente, mas eu não conseguia aquecer. Ele continuou:

— O resto é mais ou menos aquilo que imaginou. Não vou assustá-la. Vou de mansinho até à beira da cama e acordo-a ao colocar uma mão em sua boca, lhe encostando a faca no pescoço. Provavelmente não tenho uma arma, porque se ela oferecer resistência e a arma disparar posso ser atingido antes de ter tempo de fazer o meu trabalho. Isto é bastante importante para mim. Precisa correr da maneira como eu planejei ou então fico mesmo chateado. Também não posso correr o risco de alguém ouvir tiros e chamar a polícia.

— Diz alguma coisa? Perguntei, pigarreando.

— Falo em voz baixa, digo que, se ela gritar, mato-a. E repito isto várias vezes.

— O que mais? Que mais lhe vai dizer?

— Provavelmente nada.

Ele engatou o carro e inverteu a marcha. Olhei uma última vez para a casa onde acontecera o que ele acabara de descrever ou, pelo menos, eu quase acreditava que acontecera exatamente da forma como ele dissera. Imaginava-o enquanto ele ia falando. Não parecia uma especulação, mas o relato de uma testemunha ocular. Uma confissão fria e sem remorsos. Estava formando uma opinião diferente de Marino. Ele não era lento. Nem era estúpido. Acho que passei a gostar menos dele.

Dirigimo-nos para leste. O sol batia nas folhas das árvores e a hora do rush estava no auge. Durante um tempo ficamos presos num lento congestionamento, os carros ocupados com homens e mulheres anônimos a caminho de casa vindos do trabalho. Ao olhar para os rostos que passavam me sentia dessincronizada, isolada, como se não pertencesse ao mesmo mundo que as outras pessoas vivem. Eles estavam pensando no jantar, talvez nos bifês que cozinhariam na grelha, nos filhos, no amante que iriam ver em breve ou em qualquer coisa que acontecera durante o dia. Marino continuava a enumerar os fatos.

— Duas semanas antes de ser morta, ela recebeu uma encomenda entregue pela UPS. Já investiguei o rapaz que fez a entrega. Tudo bem. Não muito tempo antes disso, veio um tipo consertar a canalização. Também parece honesto, tanto o quanto podemos dizer. Até agora, não encontramos nada que sugira que qualquer indivíduo que tenha prestado um serviço, um rapaz de entregas ou qualquer outro, seja o mesmo nos quatro casos. Não existe um único denominador comum. Também não há nenhuma ligação ou semelhança no que diz respeito aos empregos das vítimas.

\* \* \*

Brenda Steppe era professora do quarto ano na Quinton Elementary, não muito longe do local onde morava. Cinco anos antes se mudara para Richmond e, recentemente, tinha rompido o noivado com um treinador de futebol. Era uma ruiva encorpada, inteligente e bem-humorada. Segundo os seus amigos e o antigo noivo, corria vários quilômetros por dia, não fumava nem bebia. Eu provavelmente sabia mais sobre a vida dela do que a família na Geórgia. Uma batista convicta; ia à igreja todos os domingos e às ceias das quartas-feiras. Era música; tocava violão e regia o coro nos retiros de grupos de jovens. Tinha se formado em Inglês, que também era o que ensinava. A sua forma favorita para relaxar, além de correr, era ler e, aparentemente, estava lendo Doris Betts antes de apagar a luz da mesa-de-cabeceira naquela sexta-feira à noite.

— Uma coisa que me surpreendeu, disse Marino, — Foi o que descobri recentemente, uma possível ligação entre ela e Lori Pedersen. Brenda Steppe foi tratada na urgência do VMC há cerca de seis semanas.

— Por quê? Indaguei surpresa.

— Teve um acidente de trânsito pouco grave. Colidiu quando ia saindo uma noite, de marcha a ré. Não foi importante. Ela própria chamou a polícia, disse que tinha batido com a cabeça e que se sentia

um pouco tonta. Mandaram uma ambulância. Esteve durante algumas horas em observação na urgência, fizeram algumas radiografias. Mais não foi nada.

— Foi tratada durante um turno em que Lori Pedersen estava trabalhando?

— Essa é a melhor parte, talvez o único golpe de sorte que tivemos até agora. Verifiquei com o supervisor. Lori Pedersen estava de serviço naquela noite. Estou à procura de toda a gente que possa ter estado por perto, assistentes hospitalares, médicos, etc. Nada, até agora, exceto a terrível hipótese de que as duas mulheres podem ter se conhecido, não fazendo ideia de que neste preciso momento os seus assassinatos estariam sendo analisados por si e por mim. O pensamento me percorreu como se fosse um choque de baixa voltagem.

— E Matt Pedersen? Alguma hipótese dele ter estado no hospital naquela noite, talvez para ver a mulher? Marino respondeu:

— Diz que estava em Charlottesville. Isto aconteceu numa quarta-feira, por volta das nove e meia da noite.

“Certamente que o hospital podia ser uma ligação”, pensei. Qualquer pessoa que trabalhe lá e tenha acesso aos registros podia conhecer Lori Pedersen e também podia ter visto Brenda Steppe, cujo endereço estaria no quadro da urgência. Sugeri a Marino que investigasse toda a gente que pudesse estar no VMC na noite em que ela recebera tratamento.

— Estamos falando de apenas cinco mil pessoas, respondeu ele. — E, tanto quanto sei o safado que a matou também pode ter se tratado na urgência nessa noite. Isso também precisa ser levado em conta e, neste momento, não me parece possível. Metade das pessoas tratadas durante aquele turno era mulheres. A outra metade era de velhotes com ataques de coração ou uns moleques que estavam bêbados quando bateram com o carro. Não sobreviveram ou então ainda estão em coma lá. Uma quantidade de pessoas entrou e saiu e, aqui para nós, o registro de doentes naquele hospital não funciona. Posso nunca descobrir quem

estive lá. Nunca vou saber quem entrou, vindo da rua. Pode ser que o tipo seja um abutre, que entre e saia de hospitais à procura de vítimas: enfermeiras, médicas, mulheres jovens com pequenos problemas. Encolheu os ombros. — Pode ser que entregue flores e entre e saia de hospitais.

— Mencionou isto duas vezes, comentei.

— A parte sobre a entrega de flores. Outro encolher de ombros.

— Olhe, antes de eu ingressar na polícia, também andei entregando flores durante uns tempos. A maior parte das flores é para mulheres. Se eu andasse por aí querendo conhecer mulheres para matar, entregaria flores. Lamentei ter feito a pergunta. — Por falar nisso, foi assim que conheci a minha mulher. Entreguei-lhe um bonito arranjo de cravos vermelhos e brancos e algumas rosas. Da parte de um frouxo qualquer com quem ela andava. Ela acabou por se impressionar mais comigo do que com as flores e o gesto do namorado pô-lo fora da corrida. Isto foi em Nova Jersey, anos antes de mudar para Nova Iorque e de entrar na polícia.

Eu estava pensando seriamente em nunca mais aceitar flores que me fossem trazidas por um portador.

— É apenas uma coisa que me ocorreu. Quem quer que ele seja, tem um serviço que o põe em contato com mulheres. É isso, não tem nada que saber.

Em breve deixamos o trânsito para trás e atravessamos Brookfield Heights, ou Heights, como é normalmente chamada esta área da cidade, situada numa elevação que passa quase por uma colina. É uma das partes antigas da cidade que os jovens profissionais começaram a invadir nos últimos dez anos. As ruas são compostas por casas, algumas delas destruídas e entaipadas, mas a maior parte maravilhosamente restaurada com varandas de ferro forjado e janelas de vitrais. Alguns quarteirões ao norte, os Heights se tornam uma área de casas degradadas e, mais para frente, há projetos urbanísticos financiados com dinheiro federal.

— Algumas destas casas vão custar cem mil dólares ou mais, disse Marino ao diminuir. — Não queria uma nem que me dessem. Entrei em algumas delas. Incrível. Não haveria maneira de me pegarem para morar neste bairro. Aqui também moram muitas mulheres solteiras. Doidas. Doidas completamente.

Eu estivera prestando atenção no marcador de quilometragem. A casa de Patty Lewis ficava exatamente a 10,7 km da de Brenda Steppe. Os bairros eram tão diferentes, tão afastados um do outro, que eu não conseguia imaginar algo no que diz respeito à localização que pudesse ligar os crimes. Havia construções aqui, tal como no bairro de Brenda, mas não era provável que as empresas ou o pessoal fossem os mesmos. A casa de Patty Lewis ficava espremida entre duas outras, uma bonita casa de arenito com uma janela de vitral por cima da porta vermelha. O telhado era de ardósia; a varanda era fechada por um gradeamento de ferro forjado pintado recentemente. Atrás se via um quintal murado, cheio de grandes magnólias.

Eu vira as fotografias da polícia. Era difícil olhar para a graciosa elegância dessa casa fim de século e acreditar que uma coisa tão horrível pudesse ter acontecido lá dentro. Patty descendia de uma família endinheirada do Shenandoah Valley, razão pela qual, eu achava, conseguia morar aqui. Era jornalista freelance, durante muitos anos batalhara à frente de uma máquina de escrever e estava quase chegando ao ponto em que cartas de rejeição eram histórias passadas. Na última primavera um artigo seu fora publicado pela Harper's. Ia sair um romance neste outono. Agora seria uma obra póstuma. Marino me lembrou, mais uma vez, que o assassino entrara por uma janela que dava para o quarto virado para o quintal.

— É aquela ali ao fundo, no primeiro andar, acrescentou.

— A sua teoria é que ele trepou pela magnólia mais próxima, subiu para o telhado do alpendre e entrou pela janela?

— É mais do que uma teoria, retorquiu. — Tenho certeza. Não existe outra maneira dele tê-lo feito, a não ser que tivesse uma escada. É mais do que possível trepar na árvore, subir para o telhado do alpendre e se esticar até abrir a janela. Eu sei. Tentei para ver se era possível. Consegui sem problema. O tipo só precisa ter força na parte superior do corpo para agarrar a beira do telhado a partir daquele ramo mais baixo e grosso, apontou — E se puxar para cima.

A casa de arenito tinha ventiladores de teto, mas não tinha ar condicionado. Segundo uma amiga que morava fora de Richmond e vinha visitá-la várias vezes por ano, Patty costumava dormir com a janela aberta para trás. Em resumo, era uma escolha entre ficar confortável ou segura. Ela escolheu a primeira. Marino fez inversão de marcha na rua e dirigimo-nos para nordeste.

\* \* \*

Cecile Tyler morava em Ginter Park, o bairro residencial mais antigo de Richmond. Existem monstruosas casas vitorianas de três andares, com varandas que dão a volta à casa, suficientemente largas para se andar de patins, pequenas torres e rendilhados no beiral do telhado. Os pátios estão cheios de magnólias, carvalhos e rododendros. Videiras enroladas nos pilares das varandas e telheiros do quintal. Eu imaginava salas de estar sombrias para além das janelas tristes, tapetes orientais desbotados, mobília e cornijas ornamentadas, bugigangas em cada recanto. Não gostaria de morar aqui. Tinha a mesma sensação de claustrofobia que me causavam a árvore-da-borracha e o musgo espanhol.

A dela era uma casa de tijolo de dois andares, modesta em comparação com as casas vizinhas. Ficava exatamente a 9,3 km de distância do local onde morava Patty Lewis. À pálida luz do sol, o telhado de ardósia brilhava como chumbo. As persianas e as portas estavam nuas, descascadas até à madeira e necessitando ainda da tinta

que Cecile aplicaria se tivesse vivido tempo suficiente. O assassino entrou por uma janela do sótão situada atrás de uma sebe de buxo na ala norte da casa. A fechadura estava quebrada e, como tudo o resto, à espera de ser reparada.

Era uma negra muito bonita, recém-divorciada de um dentista que morava agora em Tidewater. Recepcionista numa agência de emprego, ela estudava à noite para completar um curso de gestão. A última vez que fora vista viva foi aproximadamente às 10 horas da noite, numa sexta-feira há uma semana, cerca de três horas antes da sua morte, eu calculara. Nessa noite, tinha jantado com uma amiga num restaurante mexicano ali perto e depois fora para casa. O seu corpo foi encontrado na tarde seguinte, sábado. Tinha combinado ir às compras com a amiga. O carro de Cecile estava na rua e, como não atendia nem a porta nem o telefone, a amiga ficou preocupada e olhou através das cortinas, ligeiramente afastadas, da janela do quarto. A visão do corpo nu e amarrado de Cecile em cima da cama em desalinho não era coisa que a amiga iria esquecer tão cedo.

— Bobbi, disse Marino. — Ela é branca, sabe...

— A amiga de Cecile? Tinha me esquecido do nome dela.

— Sim. Bobbi. A riquinha que encontrou o corpo de Cecile. As duas andavam sempre juntas. Bobbi tem um Porsche vermelho, é uma loura boazuda que trabalha como modelo. Estava sempre em casa de Cecile, às vezes só ia embora na manhã seguinte. Acho que andavam uma com a outra, se quer a minha opinião. Fico bobo. Quer dizer, é difícil imaginar. Ambas suficientemente bonitas para nos deixarem de olhos esbugalhados. Seria de imaginar que os homens andassem constantemente atrás delas...

— Vai ver, aí tem a resposta, alvitrei aborrecida. — Se as suas suspeitas sobre as mulheres têm fundamento. Marino sorriu maliciosamente. Estava novamente a me espicaçar.

— Bem, o que eu quero dizer, ele continuou, — É que talvez o assassino andasse pelo bairro e visse Bobbi entrando, uma noite, com o

Porsche vermelho. Talvez achasse que ela morava aqui. Ou então a seguiu uma noite, quando ela vinha a caminho da casa de Cecile.

— E se enganou e matou Cecile? Por pensar que Bobbi morava aqui?

— Estou apenas fazendo suposições. Como eu disse, Bobbi é branca. As outras vítimas são brancas. Ficamos sentados em silêncio durante um momento, olhando para a casa.

A mistura racial continuava a me incomodar também. Três mulheres brancas e uma negra. Por quê?

— Mais uma coisa sobre a qual vou ter de me debruçar, disse Marino. — Ando pensando se o assassino terá várias candidatas para cada um destes homicídios, como se escolhesse do menu e acabasse por ter aquilo que pode pagar. É estranho que, de cada vez que sai para matar uma delas, ela tenha uma janela por trancar, aberta ou quebrada. Ou é uma situação ao acaso, penso eu, em que ele anda por aí à procura de alguém que pareça estar sozinha e cuja casa não é segura, ou então tem acesso a diversas mulheres e as suas casas. Talvez faça a ronda de várias casas, numa só noite, antes de encontrar a que serve. Não gostei da ideia.

— Acho que ele escolheu cada uma destas mulheres, eram alvos específicos. Deve ter inspecionado as casas antes e não as encontrou em casa ou encontrou as janelas fechadas. Pode ser que o assassino visite habitualmente o local onde vive a sua próxima vítima e depois ataque quando tem oportunidade. Ele encolheu os ombros, brincando com a ideia:

— Patty Lewis foi assassinada várias semanas depois de Brenda Steppe. E Patty também esteve ausente, visitando uma amiga, na semana anterior à sua morte. Por isso, é possível que ele tenha tentado no fim-de-semana anterior e não a tenha encontrado em casa. Quem poderá dizer? Depois mata Cecile Tyler três semanas mais tarde. E Lori Pedersen exatamente uma semana depois. Quem sabe? Talvez tenha tido sorte. Uma janela estava aberta, porque o marido se esquecerá de fechá-

la. O assassino podia ter contatado com Lori Pedersen apenas algumas semanas antes de matá-la e, se no último fim-de-semana a janela não estivesse por fechar, ele voltaria neste para tentar novamente.

— O fim-de-semana... Repeti. — Parece que isso é importante para ele, importante atacar numa sexta-feira à noite ou às primeiras horas da madrugada de sábado. Marino acenou com a cabeça.

— Claro. É calculado. Acho que é por ele trabalhar de segunda a sexta. Tem o fim-de-semana livre. Provavelmente também gosta do padrão por outra razão qualquer. É a maneira de nos aborrecer. Chega sexta-feira e ele sabe que na cidade, pessoas como você e eu, ficamos nervosos como um gato no meio de uma autoestrada. Hesitei e depois aflorei o assunto.

— Acha que a necessidade dele está aumentando? Que os assassinatos são menos espaçados porque ele se sente mais tenso, talvez devido a toda a publicidade? Ele não comentou imediatamente o que eu tinha dito. Depois falou muito seriamente:

— Ele é um viciado, doutora. Quando começa, não consegue parar.

— Está dizendo que a publicidade não tem nada a ver com o padrão?

— Não, respondeu ele. — Não estou dizendo isso. O padrão dele é se manter escondido e calado, e talvez não estivesse tão calmo se os repórteres não tornassem as coisas tão fáceis para ele. As notícias sensacionalistas são um presente. Ele não precisa de se esforçar. Os repórteres estão lhe dando isso de bandeja. Agora, se ninguém estivesse escrevendo nada, ficaria frustrado, talvez mais descuidado. Ao fim de algum tempo, talvez começasse a mandar bilhetes, telefonar, qualquer coisa que fizesse os repórteres se mexer. Podia fazer besteira. Ficamos calados durante uns momentos. Depois Marino me apanhou desprevenida. — Parece que andou falando com Fortosis.

— Por quê?

— O que me disse do efeito de escalada das notícias enervarem-no, obrigando-o a agir mais rapidamente.

— Foi isso que ele lhe disse?

Calmamente, tirou os óculos de sol e colocou-os sobre o console. Quando olhou para mim, os olhos brilhavam levemente de raiva.

— Não. Mas ele falou com algumas pessoas conhecidas. Com o Boltz e com o Tanner.

— Como é que sabe isso?

— Porque tenho espiões tanto dentro do departamento como na rua. Sei exatamente o que acontece e talvez como vá acabar.

Ficamos sentados em silêncio. O sol se escondera atrás dos telhados e as sombras iam se estendendo lentamente pelos gramados e pela rua. De certa forma, Marino tinha aberto a porta que nos faria confiar um no outro. Ele sabia. Estava me dizendo que sabia. Quanto a mim, pensei se teria coragem para abrir a porta ainda mais.

— Boltz e Tanner, como autoridades que são, andam muito aborrecidos com as fugas para a imprensa, disse eu cautelosamente.

— Também podem ter uma depressão nervosa por causa da chuva. Acontece. Especialmente se a “querida Abby” vive na mesma cidade. Sorri maliciosamente. Que apropriado! Contar os segredos à “querida Abby”, que os imprime todos no jornal. — Ela é um problema, continuou ele. — Tem um contato lá dentro, uma linha direta ao centro do departamento. Acho que o chefe não vai mijar sem que ela saiba.

— Quem conta o que acontece?

— Vamos dizer que tenho as minhas suspeitas, mas ainda não tenho certeza para poder agir, está bem?

— Sabe que alguém teve acesso ao computador do meu serviço? Indaguei, como se toda a gente estivesse ao corrente. Ele olhou friamente para mim:

— Desde quando?

— Não sei. Há uns dias alguém tentou ver o caso de Lori Pedersen. Foi uma sorte termos descoberto. Uma pequena distração da minha

analista e, como resultado, os comandos dados pelo criminoso apareceram na tela.

— Está me dizendo que alguém pode andar a meses entrando no computador sem que vocês saibam?

— É isso que estou dizendo. Calou-se com uma expressão dura. Perguntei: — Isto altera as suas suspeitas?

— Hum!

— Só isso? Perguntei, exasperada.

— Não tem mais nada para dizer?

— Não. A não ser que deve estar prestes a ser despedida. O Amburgey já sabe?

— Sabe.

— O Tanner, também, eu imagino.

— Sim.

— Hum! Fez ele novamente. — Acho que isso explica algumas coisas.

— Como, por exemplo? A minha paranoia estava em combustão lenta e eu sabia que Marino via que eu estava me contorcendo. — Que coisas? Ele não respondeu. — Que coisas? Insisti. Devagar, olhou para mim.

— Quer mesmo saber?

— Acho melhor. A minha voz segura não disfarçava o medo que, rapidamente, se transformava em pânico.

— Bem, vou dizer o seguinte. Se Tanner soubesse que saímos juntos esta tarde, provavelmente me tiraria o distintivo. Olhei para ele, francamente admirada.

— O que está dizendo?

— Encontrei-o esta manhã no comissariado. Chamou-me à parte para uma pequena conversa, disse que ele e alguns oficiais superiores estão se tornando mais severos quanto às fugas de informação. Disse para não abrir a boca em relação à investigação. Como se eu precisasse que me dissessem isso! Mas disse outra coisa que não fez muito sentido na altura. A questão é que não devo contar a quem quer que seja do seu serviço, e especialmente a si, nada do que acontece.

— O quê... Ele continuou:

— Como vai a investigação e o que pensamos. Não devemos lhe dizer nada. As ordens de Tanner são para irmos procurar as informações médicas junto de si, mas para não lhe contarmos nada. Disse que muita coisa andava no ar e que a única maneira de evitar isso era não dizer nem uma palavra a alguém, exceto aos que precisam das informações, para poderem trabalhar nos casos...

— Certo, disse eu rispidamente. — O que me inclui. Estes casos estão dentro da minha jurisdição ou será que de repente toda a gente se esqueceu disso?

— Olhe, disse ele calmamente, me fitando, — Estamos aqui sentados, não estamos?

— Sim, eu respondi mais calma. — Estamos.

— Eu lá quero saber o que o Tanner pensa ou diz. Talvez ele esteja nervoso por causa da confusão com o seu computador. Não quer que a polícia seja culpada por dar informações valiosas ao OCME.

— Por favor...

— Talvez haja outra razão... Murmurou ele para si próprio. Fosse o que fosse não tinha intenção de me dizer o que era. Bruscamente, pôs o carro em movimento e partimos na direção do rio, para o sul, a caminho de Berkley Downs.

Durante os próximos dez, quinze, vinte minutos, não me apercebi realmente do tempo, não dissemos uma palavra um ao outro. Permaneci num silêncio desalentado, observando pela janela a estrada que passava. Era como ser o alvo de uma piada cruel ou de uma trama, da qual toda a gente estava a par, menos eu. A minha sensação de isolamento estava se tornando intolerável; os meus medos tão agudos, que eu já não tinha certeza do meu bom senso, da minha perspicácia, da minha razão. Acho que não tinha certeza de nada. Tudo o que eu conseguia imaginar eram os fragmentos do que, alguns dias atrás, era um futuro profissional desejável. O meu serviço estava sendo culpado pelas fugas de informação. As minhas tentativas de modernização tinham enfraquecido gradualmente os meus padrões rígidos de confidencialidade. Nem Bill

tinha certeza da minha credibilidade. A partir de então os policiais não deviam falar comigo. Só terminaria quando eu fosse o bode expiatório para todas as atrocidades causadas por estes assassinatos. Amburgey não teria provavelmente outra alternativa a não ser me suspender ou talvez me despedir imediatamente. Marino me olhou de relance. Mal tinha reparado que ele saíra da estrada e que estava parando.

— A que distância estamos? Perguntei.

— De quê?

— De onde estivemos a pouco, da casa de Cecile?

— Exatamente a 11,9 km, replicou ele, laconicamente, sem olhar para o odômetro.

À luz do dia, mal reconheci a casa de Lori Pedersen. Parecia vazia e desabitada, com um ar de abandono. O tapume branco de tábuas estava sujo, as persianas Wedgwood pareciam de um azul sombrio. Os lírios, por baixo das janelas da frente, tinham sido pisados, provavelmente por investigadores que passaram cada palmo da propriedade a pente fino à procura de provas. Um pedaço de fita amarela do local do crime permanecia colado ao caixilho da porta e, na relva crescida, se via uma lata de cerveja que alguém atirara de um carro. A casa dela era a casa modesta e limpa da classe média americana, o tipo de lugar que se encontra em todas as cidades pequenas e em todos os bairros pequenos. Era o lugar onde as pessoas começaram a vida e ao qual regressaram anos mais tarde: profissionais jovens, casais jovens e, por fim, pessoas idosas e reformadas, com filhos crescidos que já tinham saído de casa. Era quase exatamente igual à casa dos Johnsons com tapume lateral branco, onde eu arrendara um quarto enquanto estudava medicina em Baltimore. Como Lori Pedersen, eu existia no completo anonimato; saía de casa de madrugada e muitas vezes só voltava ao fim da tarde do dia seguinte. A sobrevivência se limitava aos livros, laboratórios, exames, turnos e a manter a energia física e emocional para aguentar tudo aquilo. Nunca teria me passado pela cabeça, tal como a Lori, que alguém que eu não conhecia pudesse decidir me tirar a vida.

— Ei... De repente, notei de que Marino estava falando comigo. Olhava para mim com curiosidade. — Está bem, doutora?

— Desculpe. Não ouvi o que disse.

— Perguntei o que pensava. Agora, tem um mapa na cabeça. Que acha? Respondi distraidamente.

— Acho que as mortes delas não têm nada a ver com o local onde moravam. Ele não concordou nem discordou. Pegando no microfone, disse ao operador que deixava de estar à escuta. O dia de trabalho, para ele, tinha acabado. E o nosso passeio também

— Entendido, respondeu a voz arrogante. — São dezoito e quarenta e cinco, preste atenção ao sol nos olhos, amanhã à hora do costume tocará a nossa música habitual... Que eram sirenes, tiros e pessoas colidindo umas com as outras, imaginei eu. Marino resmungou:

— Quando entrei para a polícia, se disséssemos “Tá bem” em vez de “Entendido” o inspetor tirava a nossa pele. Fechei os olhos por uns momentos e massajei as têmporas. — Já não é nada como antigamente, disse ele. — Que diabo, nada é.

\* \* \*

## Nove

**A**LUA SE APRESENTAVA como um globo de vidro leitoso por entre as árvores enquanto eu guiava através do bairro sossegado onde morava. Ramos frondosos criavam formas pretas ao longo da estrada e o pavimento brilhava com o movimento dos faróis. O ar estava limpo e agradavelmente quente, perfeito para conversíveis ou janelas abertas. Eu dirigia com as portas trancadas, janelas fechadas e com a ventilação ligada no máximo. O tipo de noite que eu acharia encantadora no passado passara a ser perturbadora. Tinha as imagens do dia à minha frente, tal como a lua. Perseguiam-me e não me largavam. Via cada uma daquelas casas despretensiosas em diferentes partes da cidade. Como ele as teria escolhido? E por quê? Não era por acaso. Eu acreditava fortemente nisso. Tinha de existir um elemento consistente com cada caso, e me recordava constantemente do resíduo brilhante encontrado nos corpos. Sem qualquer tipo de prova para continuar, estava profundamente convencida de que esse brilho era o elo que faltava e que o ligava a cada uma das suas vítimas.

A minha intuição só me levava até aí. Quando tentava ver mais, a minha mente ficava vazia. Seria o resíduo brilhante uma pista que poderia nos levar até ele? Estaria relacionado com alguma profissão ou passatempo que permitia o contato inicial com as mulheres que assassinava? Ou, mais estranho ainda, seria que o resíduo provinha das próprias mulheres? Talvez fosse alguma coisa que cada vítima tivesse em casa ou mesmo na sua pessoa ou no local de trabalho. Talvez fosse uma coisa que cada mulher lhe comprava. Só Deus sabia. Não podíamos

analisar todos os objetos encontrados em casa ou no escritório de uma pessoa ou mesmo num lugar frequentemente visitado, ainda mais não tendo ideia do que andávamos procurando. Virei para a rampa de acesso à garagem. Antes de parar o carro, Bertha abriu a porta. Ficou iluminada pela luz da varanda, as mãos nas ancas e a bolsa presa a um dos pulsos. Sabia o que isto significava, estava cheia de pressa para ir embora. Nem queria pensar como Lucy teria se portado nesse dia.

— E então? Perguntei quando cheguei à porta. Bertha começou a abanar a cabeça.

— Terrível doutora Kay. Aquela criança. Ai, ai! Não sei o que acontece com ela. Portou-se mal, mal, mal!

Eu tinha chegado desfeita ao fim desse dia. Lucy estava em baixo. Era principalmente culpa minha. Não a tratara muito bem. Ou talvez a tivesse maltratado, ponto final, o que era uma maneira melhor de pôr o problema. Como não estava acostumada a enfrentar crianças com a mesma frieza que usava, com relativa impunidade, com os adultos, não a interrogara sobre a intrusão no computador, nem sequer mencionara o fato. Em vez disso, quando Bill foi embora na segunda-feira à noite, desliguei o modem do escritório e levei-o para cima, para o meu roupeiro. Achei que Lucy pensaria que eu o levava para ser consertado ou qualquer coisa parecida se notasse a sua ausência. Ontem à noite ela não falou no modem, mas estava murcha desviando o olhar magoado quando a apanhava olhando para mim e não para o filme que eu colocara no vídeo.

O que eu fiz foi absolutamente lógico. Se existisse uma hipótese ainda que remota de ser Lucy a entrar no meu computador do serviço, a retirada do modem impedia que ela o fizesse novamente, sem ter de acusá-la ou provocar uma cena penosa, que estragaria as boas recordações da sua visita. Se houvesse outra intrusão, provaria que não era Lucy a causadora, se é que alguma vez a questão se pusera. Tudo quando eu sei de que as relações humanas não são baseadas na razão,

como as minhas rosas também não são adubadas com conversa. Sei que procurar asilo no intelecto e na racionalidade é um retiro egoísta na autoproteção à custa do bem-estar dos outros. O que eu fiz foi tão inteligente que acabou por ser estúpido como um todo. Lembrei-me da minha infância, de quanto odiava os jogos que a minha mãe costumava jogar quando se sentava na beira da minha cama e respondia a perguntas sobre o meu pai. Primeiro tinha um “vírus”, uma coisa qualquer que “entra no sangue” e provoca uma recaída de vez em quando. Ou então andava combatendo “qualquer coisa que uma pessoa de cor” ou algum “cubano” lhe pegara na mercearia. Ou “trabalha de mais e fica estafado, Kay”. Mentiras.

O meu pai tinha uma leucemia linfática crônica. Foi diagnosticada antes de eu entrar na escola. Só quando fiz doze anos, e o seu estado de saúde passou de uma linfocitose no estado zero para uma anemia de terceiro grau, é que me disseram que ele estava morrendo. Mentimos às crianças apesar de não acreditarmos nas mentiras que nos contavam quando tínhamos a idade delas. Não sei por que fazemos isso. Não sabia por que tinha feito isso com Lucy, que era tão esperta como um adulto.

Às oito e meia estávamos as duas sentadas à mesa da cozinha. Ela fazendo render uma vitamina e eu bebendo uma bem necessitada dose de uísque. A sua mudança de comportamento era enervante e eu estava quase perdendo as estribeiras. Perdera toda a combatividade, toda a petulância e ressentimento, devido às minhas ausências. Não consegui espevitá-la, animá-la, nem mesmo quando lhe disse que Bill ia passar por lá ainda a horas de lhe desejar uma boa noite. Não se mexeu nem deu resposta, se recusando a me olhar nos olhos.

— Parece doente, acabou por dizer.

— Como é que sabe? Ainda não olhou para mim uma única vez desde que cheguei em casa!

— Mesmo assim, parece doente.

— Bem, mas não estou doente, repliquei. — Estou apenas muito cansada.

— Quando a mamãe fica cansada, não parece doente, disse ela, me acusando. — Só parece doente quando briga com Ralph. Odeio Ralph. É um idiota. Quando ele vai lá, obrigo-o a fazer as palavras cruzadas do jornal, só porque sei que ele não é capaz. É estúpido como um cavalo! Não ralhei com ela por causa da linguagem. Não disse uma palavra. — Então, continuou ela, — Brigou com algum Ralph?

— Não conheço nenhum Ralph.

— Ah! Franziu o sobrolho. — Aposto que Mr. Boltz está zangado consigo.

— Acho que não.

— Aposto que sim. Está chateado porque eu estou aqui...

— Lucy! Isso é ridículo. O Bill gosta muito de você.

— Ah! Ele está furioso porque não pode fazer quando eu estou aqui!

— Lucy... Avisei-a.

— É isso. Ah! Está chateado porque não pode tirar as calças.

— Lucy! Exclamei com severidade. — Pare já com isso! Finalmente, se virou para mim e fiquei admirada com a raiva que vi nos seus olhos.

— Está vendo? Eu sabia! Riu-se de uma maneira maldosa. — E gostaria que eu não estivesse aqui para não atrapalhar. Assim, ele não teria de voltar para casa à noite. E eu lá quero saber! É assim mesmo. A mamãe dorme com os namorados dela e eu não me preocupo!

— Eu não sou a sua mãe! O lábio inferior dela tremeu, como se eu tivesse lhe batido.

— Eu nunca disse que era! Nem queria que fosse! Odeio-a!

Ficamos ambas muito quietas. Por momentos, fiquei admirada. Não me lembrava de alguém me ter dito alguma vez que me odiava, mesmo que fosse verdade.

— Lucy... Disse hesitante. Sentia um nó no estômago. Estava agoniada. — Não quis dizer isso. O que eu queria dizer é que não sou como a sua mãe. Está bem? Somos muito diferentes. Mas isto não significa que eu não goste muito de você. Ela não respondeu. — Sei que, na verdade, você não me odeia. Ela continuou calada.

Levantei-me pesadamente para ir buscar outra bebida. Claro que, na realidade, ela não me odiava. As crianças dizem isso muitas vezes apenas da boca para fora. Tentei me lembrar. Nunca disse à minha mãe que a odiava. Acho que, lá no fundo, sentia isso, pelo menos quando era criança, por causa das mentiras e porque, quando perdi o meu pai, também perdi a ela. Ficou tão esgotada com a morte dele como ele pela doença. Não sobrou carinho nenhum para Dorothy e para mim. Tinha mentido para Lucy. Também estava esgotada não pelos moribundos, mas pelos mortos. Todos os dias eu lutava pela justiça. Mas que justiça havia para uma garotinha que não se sentia amada? Meu Deus! Lucy não me odiava, mas talvez não pudesse culpá-la se fosse verdade. Ao voltar para a mesa, abordei o assunto proibido tão delicadamente quanto me foi possível.

— Acho que pareço preocupada porque, na realidade, eu estou Lucy. Alguém entrou no meu computador do serviço. Ela se conservou calada, à espera. Sorvi um gole da bebida. — Não tenho certeza se essa pessoa viu alguma coisa importante, mas, se eu conseguisse explicar como isso aconteceu ou quem o fez, tiraria um grande peso dos ombros. Ela não disse nada. Forcei-a. — Se não conseguir chegar ao fundo do problema, posso estar numa confusão. — Isto pareceu alarmá-la.

— Por que estaria?

— Porque, expliquei calmamente, — Os meus dados do serviço são secretos, e pessoas importantes na Câmara e no Governo estão preocupadas com a informação que, de alguma forma, foi parar nos jornais. Algumas pessoas acham que a informação pode vir do meu computador do serviço.

— Ah!

— Se, por exemplo, um repórter entrasse...

— Informação sobre o quê? Perguntou ela.

— Sobre estes casos recentes.

— A médica que foi morta. Acenei com a cabeça. De repente, ela disse:

— É por isso que o modem não está lá, não é, tia Kay? Tirou-o porquê pensou que eu tinha feito alguma bobagem.

— Não acho que tenha feito alguma bobagem, Lucy. Se você ligou para o meu computador do serviço, sei que não fez por mal. Não a culparia por ser curiosa. Fitou-me com os olhos cheios de lágrimas.

— Tirou o modem, porque não confia em mim.

Não sabia como responder. Não podia mentir, e a verdade seria admitir que realmente não confiava nela. Lucy tinha perdido todo o interesse pela vitamina e estava sentada muito quieta, chupando o lábio inferior e fitando a mesa.

— Tirei o modem por pensar que tinha sido você, confessei. — Não agi bem. Deveria ter perguntado. Mas talvez me sentisse magoada. Dói-me pensar que você poderia ter quebrado a minha confiança. Ela me olhou durante bastante tempo. Parecia estranhamente satisfeita, quase feliz, quando perguntou:

— Quer dizer que o fato de eu fazer alguma besteira a magoa? Perguntou, como se isso lhe conferisse algum poder ou importância que ela tão desesperadamente ambicionava.

— Sim. Porque gosto muito de você, Lucy, afirmei, e acho que foi a primeira vez que lhe disse isso tão claramente. — Não era minha intenção ofendê-la, tal como não você não quis me ofender. Desculpe.

— Está bem. A colher chocalhou dentro do copo quando ela mexeu a vitamina. — Além do mais, eu sabia que o escondera! Exclamou ela com júbilo. — Não pode esconder coisas de mim, tia Kay. Eu o vi no seu roupeiro. Fui olhar lá enquanto a Bertha estava fazendo o almoço. Encontrei-o na prateleira junto ao seu 38.

— Como é que sabe que é um 38? Perguntei sem pensar.

— Porque o Andy tem um 38. Foi o anterior ao Ralph. Anda com um 38 no cinto, mesmo aqui, disse ela, apontando para as costas. — Ele tem uma casa de penhores e é por isso que usa sempre um 38. Costumava me mostrar e como funciona. Tirava todas as balas e me deixava atirar para a televisão. Bang! Bang! Realmente, é engraçado! Bang! Bang! Apontava com o dedo para a geladeira. — Gosto mais dele que do Ralph, mas acho que a mamãe se cansou dele.

Era para isso que eu ia mandá-la para casa no dia seguinte? Comecei lhe dando uma lição sobre armas, dizendo que não são brinquedos e que podem machucar as pessoas, quando o telefone começou a tocar.

— É verdade, lembrou Lucy quando me levantei da cadeira para atender ao telefone. — A vovó telefonou duas vezes antes de você chegar em casa.

Era a última pessoa com quem eu queria falar nesse momento. Por muito que eu quisesse disfarçar o meu estado de espírito, ela conseguia sempre pressenti-lo e não me deixava em paz.

— Parece deprimida, disse a minha mãe duas frases depois.

— Estou apenas cansada. Novamente aquela frase usada. Conseguia vê-la como se estivesse à minha frente. Sem dúvida que estava sentada na cama, com várias almofadas atrás das costas, a televisão com o som baixo. Eu tenho o tom de pele do meu pai. A minha mãe é morena. Tem cabelos pretos, que agora estão brancos e lhe envolvem suavemente o rosto redondo e cheio, e os olhos castanhos parecem grandes por detrás dos óculos grossos.

— Claro que está cansada, ela começou. — Só faz trabalhar. E esses casos horríveis em Richmond. Ontem vinha uma notícia no Herald sobre eles, Kay. Nunca fiquei tão surpresa na minha vida. Só a vi hoje à tarde, quando a Mrs. Martinez passou por aqui e o trouxe. Deixei de receber o jornal de domingo. Todos aqueles suplementos, cupões e

anúncios. É tão grosso que não estou para isso. Mrs. Martinez trouxe porque tem uma fotografia sua.

Soltei um resmungo.

— Não posso dizer que a teria reconhecido. Não está muito boa. Foi tirada à noite, mas o seu nome está embaixo. E está sem chapéu, Kay. Parecia que estava chovendo, que o tempo estava húmido e desagradável, e você sem chapéu! Todos aqueles chapéus de crochê que eu fiz para você e nem sequer se dá ao trabalho de usar um dos chapéus da sua mãe para não apanhar uma pneumonia...

— Mãe... Ela continuou. — Mãe!

Eu não aguentaria, naquela noite não. Eu podia ser uma Maggie Thatcher que a minha mãe insistiria em me tratar como uma criança de cinco anos sem o juízo necessário para se proteger da chuva. Seguiram-se as perguntas sobre a minha alimentação e se eu andava dormindo o suficiente. Abruptamente, mudei de assunto.

— Como está Dorothy? Ela hesitou:

— Bom, é por isso que estou telefonando.

Puxei uma cadeira e me sentei enquanto a voz da minha mãe subia uma oitava ao me contar que Dorothy tinha ido de avião a Nevada para se casar.

— Porquê Nevada? Perguntei estupidamente.

— Sabe-se lá! Diga-me por que razão a sua irmã se encontrou com o tipo dos livros, com quem só falou pelo telefone no passado, e, de repente, telefona à mãe para dizer que está a caminho de Nevada para se casar. Como a minha filha foi capaz de fazer uma coisa destas? Dir-se-ia que não tem miolos na cabeça.

— Que faz ele com os livros? Olhei para Lucy. Ela me observava com uma expressão aflita.

— Não sei. Ela o chamou de ilustrador, acho que faz os desenhos para os livros dela. Esteve em Miami há uns dias num congresso e se encontrou com Dorothy para discutir o seu projeto atual ou qualquer coisa do gênero. Não me pergunte. Chama-se Jacob Blank. É judeu, tenho certeza. Embora Dorothy não tivesse me dito. Por que razão haveria de dizer à mãe que vai casar com um judeu que não conhece, que tem o dobro da idade dela e que faz desenhos para crianças para ganhar a vida?

Eu nem sequer iria perguntar. Mandar Lucy para casa no meio de mais uma crise familiar era impensável. Os afastamentos de Lucy da mãe já tinham sido prolongados anteriormente. Sempre que Dorothy tinha de sair às pressas da cidade para uma reunião editorial, uma viagem de pesquisa ou uma das suas numerosas “palestras sobre livros”, que pareciam retê-la mais tempo do que alguém imaginaria. Lucy ficava com a avó até que a escritora ambulante voltasse para casa. Talvez tivéssemos aprendido a aceitar estes lapsos como pura irresponsabilidade. Se calhar, até Lucy. Mas fugir para casar? Meu Deus!

— Ela não disse quando voltaria? Virei-me de costas para Lucy e baixei a voz.

— O quê? Disparou a minha mãe bem alto. — Dizer-me uma coisa dessas? Por que razão haveria de dizer isso à mãe? Como é que ela pode fazer isto novamente, Kay! Ele tem o dobro da idade dela! O Armando também tinha o dobro da idade dela e olhe o que aconteceu! Caiu morto junto à piscina antes da Lucy ter idade suficiente para andar de bicicleta...

Levei algum tempo para acalmá-la. Depois de ter desligado, me vi a braços com o problema. Não consegui pensar numa maneira de lhe dar a notícia de uma forma suave.

— A sua mãe saiu da cidade por uns dias, Lucy. Casou com o Mr. Blank, que ilustra os livros dela... Ficou imóvel como uma estátua.

Estendi os braços para lhe dar um abraço. — Neste momento estão em Nevada... A cadeira, atirada para trás, tombou contra a parede quando ela se afastou violentamente de mim, fugindo para o quarto.

Como podia a minha irmã fazer isto com Lucy? Tinha certeza de que nunca a perdoaria, desta vez não. Já fora suficientemente ruim quando se casara com Armando. Tinha acabado de fazer dezoito anos. Avisamo-la. Fizemos tudo para convencê-la a não se casar. Ele mal falava inglês, idade suficiente para ser pai dela e tínhamos algumas suspeitas quanto à sua riqueza: A Mercedes, o Rolex de ouro e o apartamento elegante numa área em frente ao mar. Tal como muitas pessoas que aparecem em Miami, tinha um estilo de vida que não podia ser explicado logicamente. Maldita Dorothy! Ela conhecia o meu trabalho, sabia como era exigente e implacável. Sabia que eu hesitara quanto à vinda de Lucy, nessa altura, por causa dos casos! Mas, como fora planejado, Dorothy me enrolou e me convenceu com o seu charme.

“Kay, se não der jeito, sempre pode mandá-la de volta e faremos outros planos”, dissera ela docemente. “Palavra, ela está com tanta vontade de ir. Nos últimos dias só tem falado nisso. Ela a adora. Um caso genuíno de idolatria sem dúvida alguma”.

Lucy estava sentada rigidamente na beira da cama olhando para o chão.

— Espero que morram num desastre de avião, foi a única coisa que ela disse enquanto a ajudava a vestir o pijama.

— Não pode estar falando sério, Lucy. Alisei o lençol, enfeitado com margaridas, por baixo do queixo. — Pode ficar comigo durante uns tempos. Vai ser bom, não acha? Ela fechou os olhos e virou o rosto para a parede.

Sentia a língua grossa e lenta. Não havia palavras para suavizar a dor dela, então fiquei sentada sem saber o que fazer e olhando-a.

Hesitante, me aproximei dela e comecei a lhe fazer carinho nas costas. Pouco e pouco, me pareceu que a sua tristeza se desvanecia e, finalmente, comecei a ouvir a respiração profunda e regular do sono. Dei-lhe um beijo na cabeça e fechei a porta suavemente. Quando ia entrar na cozinha, ouvi Bill parar o carro. Cheguei à porta antes de ele ter a hipótese de tocar a campainha.

— A Lucy está dormindo, murmurei.

— Oh! Ele respondeu, falando também em surdina. — Que pena! Então achou que eu não merecia que esperasse por mim! Virou-se de repente para a rua, seguindo o meu olhar assustado.

Uns faróis acompanharam a curva e se apagaram imediatamente, ao mesmo tempo em que um carro, que eu não conseguia distinguir parava abruptamente. Em seguida, acelerou em marcha a ré, com o motor fazendo bastante barulho. Pedras soltas e areia saltaram quando ele virou por detrás das árvores e se afastou a toda a velocidade.

— Estava à espera de alguém? Murmurou Bill, olhando fixamente para a escuridão. Abanei a cabeça devagar. Ele deu uma olhadela no relógio e me empurrou suavemente para o vestíbulo.

\* \* \*

Sempre que Marino vinha ao OCME, nunca deixava de provocar Wingo, que era, provavelmente, o melhor técnico de autópsias com quem eu já trabalhara e de longe o mais frágil.

— Sim. É o que se chama um encontro imediato do último grau... Dizia Marino em voz alta.

Um guarda da polícia estadual, que chegou ao mesmo tempo em que Marino soltou uma ruidosa gargalhada. O rosto de Wingo estava

muito vermelho ao ligar a tomada da serra Stryker à bobina de fio amarelo que balançava por cima da mesa de aço.

— Cheia de sangue até aos pulsos. Murmurei entredentes:

— Não lhe dê ouvidos, Wingo.

Wingo era demasiado sensível, o que o prejudicava, e, por vezes, me preocupava com ele. Identificava-se tão intensamente com as vítimas que era vulgar vê-lo chorar por causa de casos invulgarmente horripilantes. A manhã trouxera uma das cruéis ironias da vida. Na noite passada, uma mulher jovem tinha ido a um bar numa área rural de um condado vizinho e, quando voltava para casa, por volta das duas horas da manhã, foi atropelada por um carro que não parou. O guarda estadual, ao examinar os objetos pessoais dela, tinha encontrado dentro da carteira um pedaço de papel de um bolinho chinês que vaticinava: “Em breve terá um encontro que mudará o rumo da sua vida”.

— Ou, vai ver, andava a procura do homem das calças pardas...

Estava quase me zangando com Marino quando a sua voz foi abafada pela serra Stryker, que parecia uma broca de dentista, quando Wingo começou a cortar o crânio da mulher. Um pó desagradável flutuava no ar. Marino e o policial recuaram para o outro lado, onde, na última mesa, se realizava à autópsia do último homicídio de Richmond. Quando foi retirada a parte superior do crânio, interrompi o que estava fazendo para inspecionar o cérebro rapidamente. Não havia hemorragias subdurais ou subaracoidianas.

— Não tem graça nenhuma, começou Wingo com a sua indignada ladainha, — Não tem graça nenhuma. Como é que alguém pode rir ao olhar para isto...

O couro cabeludo estava lacerado, mas era tudo. O que a matou foram várias fraturas pélvicas. A pancada nas nádegas fora tão violenta

que se via a grade do carro marcada na pele. Não fora atropelada por um veículo baixo, por exemplo, um carro esportivo. Devia ser um caminhão.

— Ela guardou isto, porque significava alguma coisa para ela. Como se fosse algo em que queria acreditar. Talvez fosse por isso que foi ao bar ontem à noite. Andava procurando alguém por quem esperara a vida toda. O encontro da sua vida. E aparece um motorista bêbado que a atira para uma vala a quinze metros!

— Wingo, disse eu, cansada, quando comecei a tirar as fotografias,  
— É melhor não imaginar certas coisas.

— Não consigo...

— Precisa aprender a conseguir.

Deu um olhar magoado a Marino, que não descansava enquanto não conseguisse irritá-lo. Pobre Wingo. A maior parte dos membros do mundo agressivo da polícia ficava um pouco desconcertada com ele. Não ria com as piadas deles nem gostava particularmente das suas histórias de guerra e, para ser mais exata, era diferente. Alto e flexível, tinha cabelo preto cortado rente dos lados, uma crista em cima e um rabicho encaracolado na nuca. Com o seu ar delicado, parecia um modelo com a roupa ampla e os sapatos europeus de couro macio que usava. Até as calças e jalecos azul-escuros, que ele próprio comprava e lavava, tinham classe. Não namorava. Não queria ter uma mulher lhe dizendo o que devia fazer. Nunca parecia estar minimamente interessado no meu aspecto por baixo da bata ou nas roupas de executiva. Sentia-me tão à vontade ao seu lado que mal reparei nele nas raras ocasiões em que entrou, sem querer, no vestiário quando eu vestia a bata. Suponho que, se tivesse pensado nas suas tendências quando o entrevistei alguns meses antes, poderia me sentir menos entusiasmada em contratá-lo. Era uma coisa que eu não gostava de admitir. Mas era muito fácil estereotipar porque neste lugar eu via os piores exemplos de todos os gêneros. Havia travestis de almofadinhas no peito e nas ancas, gays que tinham acessos de raiva e assassinavam os amantes, e pedófilos que rondavam parques e

salas de jogos de vídeo e a quem homofóbicos brutamontes despachavam. Havia os reclusos com as suas tatuagens obscenas e histórias de sodomia com quem quer que esteja dentro das celas. Wingo não se enquadrava. Wingo era apenas Wingo.

— Pode continuar a partir daqui? Lavava furiosamente as mãos enluvadas e cobertas de sangue.

— Eu acabo, respondi distraída, começando a medir um grande corte do mesentério.

Dirigindo-se a um armário, começou a pegar em frascos pulverizadores de desinfetantes, trapos e outras coisas que ele usava para limpar. Colocou uns pequenos fones nos ouvidos e ligou o gravador preso ao cós das calças de trabalho, se alheando do mundo por uns momentos. Quinze minutos depois, ele estava limpando o pequeno frigorífico onde se guardavam as provas das autópsias feitas durante os fins-de-semana. Reparei vagamente que estava retirando qualquer coisa, olhando-a longamente. Quando se dirigiu à minha mesa, tinha os fones em volta do pescoço como se fosse um colar e uma expressão admirada e embaraçada. Na mão trazia uma pequena pasta de cartolina de um PERK.

— Doutora Scarpetta, disse ele, pigarreando, — Isto estava dentro do frigorífico.

Não explicou o que era. Nem foi preciso. Pousei o bisturi, sentindo o estômago se contrair. Impresso no rótulo da pasta de lamelas estava o número do caso, nome e data da autópsia de Lori Pedersen, cujas provas tinham sido todas entregues quatro dias antes.

— Encontrou isto no frigorífico? Deveria haver um erro qualquer.

— Lá atrás, na prateleira de baixo. Hesitante, acrescentou: — Bem, não está rubricada. Quero dizer, não a rubricou. Deveria haver uma explicação.

— Claro que não a rubriquei, disse eu rispidamente. — Só recolhi um PERK para o caso dela, Wingo.

Ao proferir tais palavras, já a dúvida tremulava dentro de mim como uma chama soprada pelo vento. Tentei me lembrar. Guardei as amostras de Lori Pedersen no frigorífico durante o fim-de-semana, juntamente com as de todos os casos de sábado. Lembro-me perfeitamente de ter eu mesmo enviado as amostras para os laboratórios na segunda-feira de manhã, incluindo uma pasta de cartão com as lamelas dos esfregaços anal, oral e vaginal. Tinha certeza de que só usara uma pasta de lamelas. Nunca mandava uma pasta sem estar envolvida num saco plástico, que continha os esfregaços, envelopes com cabelo, tubos de ensaio e todo o resto.

— Não faço ideia nenhuma de onde isto veio, afirmei categórica. Atrapalhado, ele transferiu o peso do corpo para o outro pé e desviou os olhos. Sabia o que ele estava pensando. Eu tinha colocado o pé na argola, e lhe custava ter de me chamar à atenção.

A ameaça sempre estivera presente. Wingo e eu tínhamos falado sobre isso várias vezes no passado, desde que Margaret introduzira no PC da sala de autópsias os programas de rotulagem. Antes de um patologista começar um caso, ia ao PC e inseria os dados sobre o morto cuja autópsia ia fazer. Era criada uma série de rótulos para todas as amostras que pudessem ser tiradas, tais como sangue, urina, conteúdo do estômago e um PERK. Poupava muito tempo e era perfeitamente aceitável desde que o patologista tivesse o cuidado de colar o rótulo certo no tubo certo e se lembrasse de rubricar. Havia um aspecto neste exemplo de prodígio da técnica que sempre me pusera nervosa. Era inevitável que sobrassem rótulos, pois, por via de regra, não se tiravam todas as amostras possíveis, sobretudo por os laboratórios terem muito trabalho e pessoal de menos. Eu não ia mandar amostras das unhas das mãos para descobrir se havia vestígios, por exemplo, se o morto fosse um

homem de oitenta anos que tivesse morrido de um enfarte do miocárdio enquanto cortava a grama.

Que fazer com os rótulos que sobravam? Claro que não devíamos deixá-los por ali, pois podiam ir parar a tubos de ensaio errados. A maior parte dos patologistas os rasgava. Eu tinha o hábito de arquivá-los na pasta respectiva do caso da pessoa. Era uma maneira simples de saber o que fora examinado, o que não fora, e quantos tubos disto ou daquilo eu mandara para cima. Wingo atravessara rapidamente a sala e passava um dedo pelas páginas do livro de registro da morgue. Sentia Marino olhando para mim enquanto esperava para levar as balas do seu caso de homicídio. Dirigiu-se a mim ao mesmo tempo em que Wingo regressava.

— Tivemos seis casos nesse dia, recordou Wingo, como se Marino não estivesse ali. — Foi um sábado. Lembro-me disso. Havia uma porção de rótulos espalhados. Talvez um deles...

— Não, repliquei bem alto. — Não é possível. Não deixei nenhum rótulo do caso dela largado por aí. Juntei-os ao processo, prendi-os à prancheta...

— Merda... Disse Marino, surpreso. Olhava por cima do meu ombro. — Isso é o que eu estou pensando?

Descalçando furiosamente as luvas, tirei a pasta de Wingo e rasguei a fita com a unha do polegar. Lá dentro estavam quatro lamelas, três decididamente manchadas com alguma coisa, mas não estavam identificadas com os habituais “O”, “A” ou “V”, que indicavam de que amostra se tratava. Não tinham identificação nenhuma, a não ser o rótulo do computador no exterior da pasta.

— Então, vai ver, rotulou isto pensando que ia usar, mas mudou de ideia ou algo assim. Sugeri Wingo. Não respondi imediatamente. Não me lembrava!

— Quando foi a última vez que foi ao frigorífico? Perguntei. Encolheu os ombros.

— A semana passada, talvez faça uma semana na segunda-feira, quando tirei de lá as coisas para os médicos levarem para cima. Não estive aqui na segunda-feira passada. É a primeira vez que vou ao frigorífico esta semana.

Lembrei que Wingo folgara na segunda-feira. Fora eu mesma a tirar as provas de Lori Pedersen do frigorífico, antes de fazer a ronda pelos diversos laboratórios. Seria possível que não tivesse visto esta pasta? Seria possível que estivesse tão cansada, tão distraída, que tenha misturado as provas dela com as de um dos cinco outros casos que tínhamos tido nesse dia? Se fosse isso, qual seria a pasta das preparações dela, a que eu mandara lá para cima ou esta? Não podia acreditar que isto estivesse acontecendo. Era sempre tão cuidadosa! Raramente usava a roupa de trabalho fora da morgue. Quase nunca. Nem mesmo quando havia um treino para o caso de incêndio. Minutos depois, os funcionários do laboratório me olharam com curiosidade quando desarvorei pelo corredor do segundo andar com a minha bata verde manchada de sangue. Betty estava no seu atulhado gabinete fazendo uma pausa para o café. Encarou-me e ficou petrificada.

— Temos um problema, disse eu imediatamente. Ela olhou para a pasta e para o rótulo. — O Wingo estava limpando o frigorífico onde guardamos as provas. Encontrou-a a alguns minutos.

— Oh! Meu Deus! Exclamou.

Ao segui-la até ao laboratório de sorologia, expliquei que não me lembrava de ter rotulado duas pastas de PERK no caso de Lori. Não fazia nenhuma ideia do que estava acontecendo. Calçando as luvas, começou a tirar frascos de um armário enquanto tentava me tranquilizar.

— Acho que as que me mandou devem estar certas. As preparações condiziam com os esfregaços e com tudo o resto que mandou. O resultado sempre foi não-secretor, batia certo. Essas devem ser as de reserva, que não se lembra de ter tirado. Mais um tremor de dúvida. Eu só levava uma pasta, ou não? Com certeza? O sábado anterior parecia uma coisa vaga. Não conseguia me lembrar de cada passo com exatidão. — Aqui não há esfregaços, calculo? Perguntou.

— Nenhuns, respondi. — Apenas esta pasta com lamelas. Foi tudo o que Wingo encontrou.

— Hum. Ela estava pensando. — Vejamos o que temos aqui. Analisou-as, uma por uma, ao microscópio e, depois de um longo silêncio, disse: — Temos aqui grandes células escamosas, o que significa que podem ser orais ou vaginais, mas não anais. E, acrescentou, olhando para mim, — Não estou vendo nenhum espermatozoide.

— Meu Deus! Eu murmurei aflita.

— Vamos tentar novamente.

Abrindo um pacote de gazes esterilizadas, umedeceu-as com água e começou a passá-las suavemente, uma a uma, por cima de cada lamela, três ao todo. Depois as esfregou em pequenos círculos de papel de filtro branco. Tirando para fora os conta-gotas, colocou algumas gotas de fosfatase ácida em cima do papel de filtro. Seguiu-se o reagente. Ficamos olhando, esperando que aparecessem os primeiros laivos roxos. As manchas não reagiram. Lá estavam elas, pequenas manchas húmidas me atormentando. Continuei olhando, passado o breve lapso de tempo de que as manchas precisavam para reagir, como se, de alguma forma, pudesse fazer que o resultado fosse positivo em relação ao fluido seminal. Eu queria acreditar que se tratava de uma pasta de reserva. Queria acreditar que tinha tirado dois PERK no caso de Lori e que não me lembrava. Queria acreditar em qualquer coisa, exceto no que estava se tornando evidente. As preparações que Wingo tinha encontrado, não eram do caso de Lori. Não podiam ser. O rosto impávido de Betty me mostrou que também ela estava preocupada e que fazia o possível para não o revelar. Abanei a cabeça. Ela foi forçada a tirar uma conclusão.

— Não parece provável que estes sejam do caso de Lori. Uma pausa. — Claro que vou fazer o possível para agrupá-los. Ver se há alguns corpos de Barr presentes, esse tipo de coisas.

— Por favor... Respirei fundo. Ela continuou tentando me fazer se sentir melhor.

— Os fluidos que separei dos pertencentes ao assassino condizem com as amostras de sangue de Lori. Acho que não tem com que se preocupar. Não tenho dúvida em relação à primeira pasta enviada.

— A questão já se pôs, disse eu, desanimada.

Os advogados iam adorar. Meu Deus, como eles iam adorar! Teriam um júri duvidando de que qualquer das amostras fosse de Lori, incluindo os tubos de sangue. Teriam um júri que pensaria se as amostras mandadas para Nova Iorque para testar o DNA seriam as corretas. Quem poderia afirmar que não eram de outro corpo qualquer? A minha voz estava quase tremendo quando lhe disse:

— Tivemos seis casos nesse dia, Betty. Três deles exigiam PERK, eram possíveis violações.

— Todos femininos?

— Sim murmurei. — Mulheres.

O que Bill dissera na quarta-feira à noite, quando estava cansado e com a língua lubrificada pelo álcool, ficara gravado na minha mente. O que aconteceria a estes casos se a minha credibilidade ficasse comprometida? Não seria só o caso de Lori a ser questionado. Todos eles o seriam. Eu estava absolutamente encurralada. Não podia fingir que esta pasta não existia. Existia e significava que eu não podia jurar com honestidade em tribunal que o manuseamento das provas fora irrepreensível. Não haveria uma segunda oportunidade. Não podia voltar a tirar amostras, começar do zero. As amostras de Lori já tinham sido entregues em mão no laboratório de Nova Iorque. O seu corpo embalsamado fora enterrado na terça-feira. Uma exumação estava fora

de questão. Não seria proveitosa. No entanto, seria um acontecimento sensacionalista, que atrairia uma enorme curiosidade por parte do público. Toda a gente iria querer saber a razão. Betty e eu olhamos ambas para a porta ao mesmo tempo, quando Marino entrou com toda a naturalidade.

— Tive agora uma ideia maluca, doutora. Fez uma pausa, uma expressão dura no rosto, ao olhar para as preparações e para o papel de filtro em cima da bancada. Fitei-o sem dizer nada. — Se fosse eu, levava este PERK ao Vander. Se calhar, deixou-o no frigorífico. E, por outro lado, vai ver, não deixou. Uma sensação de alarme me percorreu o sangue antes que eu compreendesse o que ele queria dizer.

— O quê? Perguntei, como se ele estivesse doido. — Foi outra pessoa que o colocou lá? Ele encolheu os ombros.

— Estou apenas sugerindo que considere todas as possibilidades.

— Quem?

— Não tenho ideia.

— Como? Como seria possível? Alguém precisaria ter entrado na sala de autópsias, ter acesso ao frigorífico. E a pasta está rotulada...

Os rótulos! Estava começando a notar. Os rótulos feitos pelo computador e que tinham sobrado da autópsia de Lori. Estavam dentro do processo dela. Ninguém mexera lá, exceto eu, Amburgey, Tanner e Bill. Quando os três homens saíram de lá, no princípio da noite de segunda-feira, as portas da frente estavam fechadas com uma corrente. Todos eles tinham saído pela morgue. Amburgey e Tanner primeiro, Bill um pouco mais tarde. A sala de autópsias estava fechada, mas a câmara frigorífica não. Tínhamos de deixá-la aberta para que as funerárias e os paramédicos pudessem entregar corpos depois da hora de serviço. A câmara frigorífica tinha duas portas; uma dava para o corredor e a outra para a sala de autópsias. Seria que um dos homens passara através da câmara frigorífica para a sala? Numa prateleira, perto da primeira mesa, estavam pilhas de kits de provas, incluindo dezenas de PERK. Wingo

mantinha sempre as prateleiras cheias. Peguei no telefone e disse a Rose para ir à gaveta da minha mesa e abrir o processo de Lori Pedersen.

— Devem ter alguns rótulos lá, lhe disse.

Enquanto ela verificava, eu tentava me lembrar. Talvez tivessem sobrado seis ou sete rótulos, não porque eu não tirasse um elevado número de amostras, mas sim porque tirava sempre a mais, quase o dobro do que era habitual, e por isso fazia não uma, mas duas séries de rótulos no computador. Deveriam ter sobrado rótulos para o coração, pulmões, rins e outros órgãos, e outro para o PERK.

— Doutora Scarpetta? Rose estava de novo ao telefone. — Os rótulos estão aqui.

— Quantos?

— Deixe-me ver. Cinco.

— Para o quê? Ela respondeu:

— Coração, pulmões, baço, bÍlis e fÍgado.

— Tem certeza de que não há um para um PERK? Uma pausa.

— Sim. Apenas estes cinco. Marino observou:

— Foi você que pôs o rótulo neste PERK, por isso me parece que as suas impressões digitais devem estar lá.

— Não, se estivesse com luvas, disse Betty, que observava tudo isto com desânimo.

— Geralmente não uso luvas quando estou rotulando coisas, murmurei. — Estão cheias de sangue. As luvas teriam sangue. Marino continuou em voz baixa:

— Está bem. Então não estava com luvas, mas o Dingo estava.

— Wingo, corrigi irritada. — O nome dele é Wingo.

— Ou isso. Marino se virou para se ir embora. — A questão é que tocou no PERK com as mãos, o que significa que as impressões dele devem estar lá. Acrescentou já do corredor. — E, vai ver, não deveriam estar lá as de mais ninguém.

\* \* \*

## Dez

**N**ÃO ENCONTRAMOS AS de mais ninguém. As únicas impressões digitais identificáveis na pasta de cartolina eram as minhas. Havia algumas manchas e outra coisa tão inesperada que, no momento, me esqueci por completo do motivo preocupante que me levava a falar com Vander.

Ele bombardeava a pasta com o laser e a cartolina se iluminou como um céu cheio de estrelas minúsculas.

— Isto é uma loucura, ele se maravilhou pela terceira vez.

— Esta substância deve ter vindo das minhas mãos, observei incrédula. — O Wingo usava luvas. E Betty também... Vander acendeu a luz de teto e abanou a cabeça.

— Se fosse um homem, sugeriria que os policiais a levassem para ser interrogada.

— E eu não o culparia por isso. O rosto dele tinha uma expressão intensa.

— Pense no que estive fazendo nesta manhã, Kay. Precisamos confirmar se este resíduo é seu. Se for, teremos de reconsiderar as nossas suposições em relação aos casos de estrangulamento e ao resíduo brilhante que encontramos.

— Não, interrompi-o. — Não é possível que eu tenha deixado o resíduo nos corpos, Neils. Eu usei luvas o tempo todo em que estive trabalhando. Tirei as luvas quando o Wingo encontrou o PERK. Toquei na pasta com as mãos sem luvas. Ele insistiu:

— E quanto a lacas, cosméticos? Qualquer coisa que use habitualmente?

— Não é possível, repeti. — Este resíduo não apareceu quando examinamos outros corpos. Só apareceu nos casos de estrangulamento.

— Tem razão. Pensamos durante um minuto.

— Betty e o Wingo estavam com luvas quando mexeram nesta pasta? Ele queria ter certeza.

— Sim, estavam, e é por isso que não deixaram impressões.

— Então não é provável que o resíduo tenha vindo das mãos deles?

— Precisa ter vindo das minhas. A não ser que outra pessoa tenha tocado na pasta.

— Outra pessoa que poderia tê-la colocado no frigorífico, você está pensando. Vander parecia céptico. — As suas impressões eram as únicas, Kay.

— Mas as marcas, Neils, essas podiam ser de qualquer pessoa.

— Claro que podiam. Mas eu sabia que ele não acreditava nisso.

— O que estava fazendo antes de vir aqui para cima? Perguntou.

— Estava tratando de um caso de atropelamento e fuga.

— E depois?

— Depois Wingo chegou com a pasta e eu levei-a logo à Betty. Ele olhou inexpressivamente para a minha bata ensanguentada e observou:

— Estava de luvas fazendo a autópsia?

— Claro, e tirei-as quando o Wingo me trouxe a pasta, como já expliquei.

— As luvas tinham talco por dentro.

— Acho que não pode ser isso.

— Provavelmente não, mas é um começo.

Voltei para baixo, à sala de autópsias, para ir buscar um par idêntico de luvas de látex. Alguns minutos depois, Vander estava abrindo a embalagem, virando as luvas do avesso e a passando-as pelo laser. Nem um brilho. O talco não reagiu. Não que realmente achássemos que fosse reagir. No passado, tínhamos testado vários pós, encontrados nos locais onde as mulheres tinham sido assassinadas, na

esperança de identificar a substância brilhante. Os pós que tinham uma base de talco também não haviam reagido. As luzes se acenderam novamente. Fumando um cigarro, comecei a pensar, tentando visualizar todos os meus movimentos desde que Wingo me mostrou a pasta das preparações até ter ido à sala de Vander. Estava mexendo em artérias coronárias quando Wingo apareceu com o PERK. Pousei o bisturi, tirei as luvas e abri a pasta para ver as preparações. Dirigi-me ao lavatório, lavei as mãos apressadamente e limpei-as em uma toalha de papel. Depois fui falar com Betty. Teria tocado em alguma coisa no seu laboratório? Não me lembrava. Era a única coisa que me vinha à ideia.

— O sabão que usei lá em baixo, quando me lavei. Poderá ser isso?

— Pouco provável, disse Vander, sem hesitação. — Especialmente se o tirou com água. Se o seu sabonete diário reagisse, mesmo depois de ser tirado com água, encontraríamos a toda a hora a substância brilhante em corpos e roupa. Tenho quase certeza de que este resíduo vem de alguma coisa granulosa, uma substância friável qualquer. O sabão que usou lá em baixo é um desinfetante, um líquido, não é?

Era, mas não fora esse que eu usara. Estava demasiado apressada para correr até ao vestiário e lavar as mãos com o desinfetante cor-de-rosa que se guardava em garrafas junto dos lavatórios. Fui até ao lavatório mais próximo, o da sala de autópsias, que tinha um dosador metálico cheio de um sabão em pó cinzento, usado no resto do edifício. Era barato. O estado o comprava por atacado. Não fazia ideia do que continha. Quase não tinha cheiro, não se dissolvia nem fazia espuma. Era como se nos lavássemos com areia molhada. Havia um banheiro para senhoras no fundo do corredor. Saí por um momento e voltei com uma mão-cheia do pó acinzentado. As luzes foram apagadas e Vander ligou novamente o laser. O sabão brilhou como néon branco.

— Macacos me mordam!

Vander ficou encantado. Eu já não me sentia exatamente assim. Queria desesperadamente saber a origem do resíduo que encontramos nos corpos. Mas nunca, nem nas minhas fantasias mais loucas, esperei que fosse uma coisa que existisse em todos os banheiros do meu edifício.

Mesmo assim, ainda não estava convencida. Seria que o resíduo, nesta pasta, vinha das minhas mãos? E se não fosse esse o caso? Fizemos experiências.

Os examinadores de armas de fogo fazem, como rotina, uma série de testes para determinar a distância e a trajetória. Vander e eu estávamos fazendo uma série de lavagens experimentais para determinar como era preciso lavar as mãos para que nenhum vestígio do resíduo aparecesse no laser. Esfregou vigorosamente as mãos com o pó, lavou-as bem e secou-as com toalhas de papel. O laser apanhou uma ou duas cintilações, e foi tudo. Tentei lavar as mãos da mesma maneira, fazendo exatamente o que tinha feito lá em baixo. O resultado foi uma multidão de cintilações que facilmente passaram para o balcão, para a manga do casaco de Vander, para qualquer coisa em que eu tocasse. Quanto mais coisas eu tocasse, menos cintilações eu tinha nas mãos.

Voltei ao banheiro e regresssei com um copo de café cheio de sabão. Lavamos e voltamos a lavar, repetidas vezes. As luzes apagavam e acendiam, o laser cuspiu, até que toda a área do lavatório parecia uma vista aérea de Richmond depois do anoitecer. Um fenômeno interessante se tornou aparente. Quanto mais lavávamos e secávamos, mais cintilações se acumulavam. Ficavam por baixo das unhas das mãos, agarradas aos nossos pulsos e às mangas. Passavam para a roupa, acabavam por chegar ao cabelo, ao rosto, ao pescoço, a tudo em que tocássemos. Depois de cerca de quarenta e cinco minutos de dezenas de lavagens experimentais, Vander e eu parecíamos perfeitamente normais à luz normal. Sob o laser, parecia que tínhamos sido decorados com luzes natalinas.

— Merda! Exclamou ele no escuro. Era um comentário que eu nunca ouvira dele. — Quer olhar para isto? O sacana deve ter mania de limpeza. Para deixar a quantidade que deixa, deve lavar as mãos vinte vezes por dia.

— Se este pó de sabão for a resposta, lembrei.

— Claro, claro.

Rezei para que os cientistas lá em cima conseguissem fazer o seu trabalho mágico. Mas o que não podia ser determinado, por eles ou por qualquer outra pessoa, era a origem do resíduo na pasta de preparações e, antes de mais, como tinha ido parar no frigorífico. A minha ansiosa voz interior estava me incomodando novamente. “Não consegue aceitar que cometeu um erro”, me repreendia. “Não consegue enfrentar a verdade. Rotulou mal o PERK e o resíduo que se vê nele veio das suas próprias mãos”. E se o cenário fosse mais pernicioso? Argumentei, intimamente. Se alguém tivesse colocado a pasta dentro do frigorífico por maldade e se o resíduo brilhante se encontrasse nas mãos dessa pessoa e não nas minhas? O pensamento era estranho, veneno de uma imaginação que enlouquecera. Até então, um resíduo parecido fora encontrado nos corpos de quatro mulheres assassinadas.

Sabia que Wingo, Betty, Vander e eu tínhamos tocado na pasta. As outras pessoas que poderiam eventualmente ter tocado nela eram Tanner, Amburgey ou Bill. Lembrei-me do rosto dele. Alguma coisa desagradável e assustadora se alterou dentro de mim ao recordar lentamente a tarde de segunda-feira. Bill estava tão distante na reunião com Tanner e Amburgey. Nessa altura não fora capaz de olhar para mim, nem mesmo mais tarde, quando os três homens estavam examinando os casos na minha sala de reuniões. Vi quando as pastas de processos escorregaram do colo de Bill para o chão numa grande e terrível confusão. Tanner se ofereceu imediatamente para apanhá-las. A sua solicitude fora perfeitamente automática, mas fora Bill que apanhara os papéis, papéis esses nos quais estariam incluídos os rótulos que tinham sobrado. Depois, ele e Tanner tinham posto tudo por ordem.

Como seria fácil arrancar um rótulo e metê-lo no bolso... Mais tarde, Amburgey e Tanner tinham saído juntos, mas Bill ficara comigo. Falamos no gabinete de Margaret durante cerca de dez ou quinze minutos. Ele fora carinhoso e prometera que umas bebidas acalmariam os meus nervos.

Saíra muito antes de mim e quando se retirou do edifício estava sozinho e ninguém o vira... Afastei as imagens da minha cabeça, me recusando a continuar a vê-las. Era um absurdo. Estava perdendo o controle. Bill nunca faria uma coisa dessas. Em primeiro lugar, não via razão para tal. Não conseguia imaginar como tal ato de sabotagem pudesse beneficiá-lo. Preparações mal rotuladas só prejudicariam os casos que ele iria querelar em tribunal. Não seria apenas um tiro no pé, mas também na cabeça. “Quer responsabilizar alguém porque não consegue encarar o fato de que fez besteira!”. Estes casos de estrangulamento eram os mais difíceis da minha carreira e eu tinha medo de estar ficando demasiado envolvida. Talvez estivesse perdendo a minha maneira racional e metódica de fazer as coisas. Talvez estivesse cometendo erros. Vander dizia:

— Precisamos descobrir a composição desta substância. Como compradores atentos, precisávamos encontrar uma caixa de sabão e ler os ingredientes.

— Eu vou ver no banheiro das senhoras, me ofereci.

— E eu ao dos homens.

Mas que caça ao lixo se revelou esta! Depois de ter entrado e saído de todos os banheiros do edifício, tive uma ideia e fui falar com Wingo. Uma das suas tarefas era encher todos os dosadores de sabão na morgue. Ele me disse para ir ao armário do segurança algumas portas a seguir a minha sala. Lá, em cima de uma prateleira, mesmo ao lado de uma pilha de panos do pó, encontraria uma caixa cinzenta de tamanho industrial do sabão Borawash. O ingrediente principal era o bórax. Uma rápida verificação num dos meus livros de química deu uma ideia da razão pela

qual o pó de sabão se iluminava como fogo-de-artifício. O bórax é um composto de boro, substância cristalina, que conduz a eletricidade como um metal a temperaturas elevadas. A sua utilização industrial vai desde a fabricação de cerâmica, vidro especial, pós de lavagem e desinfetantes até a fabricação de abrasivos e combustíveis para foguetes. Ironicamente, uma grande percentagem do abastecimento mundial de bórax é extraída no Vale da Morte.

\* \* \*

A noite de sexta-feira passou e Marino não telefonou. Às sete horas da manhã seguinte tinha parado o carro atrás do meu edifício e, apreensiva, fui consultar o livro de entradas já dentro da morgue. Eu não deveria precisar ser convencida. Eu sabia. Teria sido uma das primeiras a ser alertada. Não havia corpos registrados que eu desconhecesse, mas o silêncio parecia ameaçador. Não conseguia afastar a sensação de que outra mulher estava à espera que eu tratasse dela, que estaria acontecendo novamente. Continuava à espera que Marino telefonasse. Vander me telefonou, de casa, às sete e meia.

- Há alguma coisa?
- Telefone-lhe imediatamente se houver.
- Estarei perto do telefone.

O laser estava lá em cima no laboratório, em cima de um carrinho, preparado para ser levado para baixo para a sala de raios X, caso fosse necessário. Eu reservara a primeira mesa de autópsias e ontem, ao fim da tarde, Wingo tinha-a esfregado muito bem, preparando dois carrinhos com todos os apetrechos cirúrgicos imagináveis e recipientes para recolha de amostras. A mesa e os carrinhos não tinham sido usados. Os meus únicos casos eram uma overdose de cocaína de Fredericksburg e um afogamento, por acidente, do condado de James City. Perto do

meio-dia, Wingo e eu estávamos sozinhos, acabando metodicamente o trabalho da manhã. Os seus tênis chiaram em contato com o chão húmido quando ele encostou uma vassoura à parede, observando:

— Andam dizendo por aí que, ontem à noite, cem policiais estavam fazendo horas extras. Eu continuei a preencher uma certidão de óbito.

— Esperemos que valesse a pena.

— Valia se fosse eu o tipo. Começou a lavar com uma mangueira uma mesa cheia de sangue. — O tipo seria maluco se se mostrasse. Um policial me disse que estão mandando parar toda a gente na rua. Se virem-no passar, a altas horas, pedem uma identificação. Também andam tomando nota da placa quando veem um carro parado durante a noite.

— Que policial? Perguntei, olhando para ele. Nesta manhã não tínhamos casos de Richmond, pelo que também não tínhamos policiais de Richmond. — Quem foi o policial que lhe disse isso?

— Um dos policiais que veio com o afogado.

— Do condado de James City? Como ele sabia o que estava acontecendo em Richmond ontem à noite? Wingo olhou para mim de forma estranha.

— O irmão dele é policial aqui na cidade.

Virei-me para ele não conseguir ver a minha irritação. Demasiadas pessoas andavam falando. Um policial, cujo irmão era policial em Richmond, contara isto a Wingo, um estranho? Que mais andariam dizendo? Havia demasiado falatório. Eu estava interpretando a observação mais inocente de maneira diferente, estava me tornando desconfiada de tudo e de todos. Wingo dizia:

— Acho que o tipo se escondeu, está à espera que as coisas acalmem. Fez uma pausa, se ouvindo a água bater na mesa. — Ou isso ou então atacou ontem à noite e ainda ninguém encontrou o corpo.

Eu não disse nada. A minha irritação aumentava.

— E daí, eu não sei. A voz dele foi abafada pelo salpicar da água. — É difícil acreditar que ele tentasse novamente. Arriscado demais, se quer saber a minha opinião. Mas eu conheço algumas das teorias. Dizem que alguns tipos como este se tornam, realmente, ousados passados uns tempos. Aborrecem toda a gente quando na verdade querem ser apanhados. Pode ser que não consiga evitá-lo e que esteja pedindo que alguém o faça parar...

— Wingo... Ele pareceu não ouvir e continuou:

— Deve ser uma espécie de doença. Ele sabe que está doente. Tenho certeza. Talvez esteja pedindo a alguém para salvá-lo de si próprio...

— Wingo! Elevei a voz e girei na cadeira. Ele tinha fechado a água, mas era demasiado tarde. As minhas palavras ecoaram, de forma assustadora, na sala vazia e silenciosa. — Ele não quer ser apanhado! Ficou de boca aberta, surpreso com a rispidez das minhas palavras.

— Meu Deus. Não queria perturbá-la, doutora Scarpetta. Eu...

— E não estou perturbada, respondi, secamente. — Mas pessoas como este filho da mãe não querem ser apanhadas, está bem? Ele não está doente, está bem? É antissocial, é malvado, e faz isso porque quer fazer, está bem?

Com os sapatos rangendo baixinho, tirou uma esponja de um lavatório e começou a limpar os lados da mesa. Não olhou para mim. Olhei fixamente para ele, derrotada. Ele continuava limpando sem levantar os olhos. Sentia-me mal.

— Wingo? Afastei-me da mesa. — Wingo? Relutantemente, se dirigiu até mim e lhe toquei no braço de leve. — Peço desculpas. Não tenho motivo nenhum para me zangar consigo.

— Não faz mal, disse ele, e a inquietação nos seus olhos me desanimou. — Sei o que está passando. Tudo o que está acontecendo. Isto dá cabo de mim, sabe? Passo o tempo todo vendo se consigo descobrir uma solução. Todas estas coisas que estão a afetá-la e eu não consigo descobrir nada. Bem, só queria poder fazer alguma coisa...

Então era isso! Eu não o tinha magoado, mas sim aumentado as suas preocupações. Wingo andava preocupado comigo. Sabia que eu não estava em mim, que andava tensa a ponto de estourar. Talvez estivesse se tornando evidente para as outras pessoas. As fugas de informação, a violação do computador, as preparações incorretamente rotuladas. Se calhar, ninguém ficaria surpreso se eu viesse a ser acusada de incompetência... “Já estávamos esperando”, diriam as pessoas. “Ela estava ficando perturbada”. Primeiro, eu não andava dormindo bem. Mesmo quando tentava relaxar, a minha cabeça era uma máquina que eu não conseguia desligar. Continuava trabalhando, até o meu cérebro ficar sobreaquecido e os nervos zumbirem como fios elétricos.

Ontem à noite, tentara animar Lucy, levando-a para jantar fora e depois vendo um filme. No tempo todo em que estivemos no restaurante e no cinema, esperei que o meu pager tocasse e, de vez em quando, examinava-o para verificar se as pilhas ainda estavam carregadas. Não confiava no silêncio.

Às três da tarde, ditei dois relatórios de autópsias e despachei uns quantos que já estavam gravados. Quando ouvi o telefone

tocando, já ia entrando no elevador. Voltei correndo para a sala e levantei o fone. Era Bill.

— Mantém-se o combinado? Não podia dizer que não.

— Com muito gosto, respondi com um entusiasmo que não sentia. — Mas não tenho certeza de que a minha companhia seja muito interessante nos dias que correm.

— Não tem a menor importância. Saí da sala.

Era mais um dia de sol, mas mais quente. A cerca de relva à volta da minha casa estava secando e ouvi no rádio, quando ia para casa, que a colheita de tomate de Hanover iria ficar prejudicada se não chovesse mais. Fora uma primavera estranha e volátil. Tivemos longos períodos de tempo bonito e ventoso e, de repente, uma horda de nuvens escuras aparecia no céu. Os relâmpagos punham toda a cidade às escuras e a chuva formava lençóis de água. Era como atirar um balde cheio de água no rosto de um homem sedento, acontecia demasiado depressa para ele conseguir beber uma gota. Por vezes, pensava em algumas coincidências na vida. A minha relação com Bill fora um pouco diferente do tempo. Ele irrompera com uma beleza quase feroz e eu descobri que tudo o que desejava era uma chuva suave, algo sossegado que satisfizesse a ânsia do meu coração. Estava ansiosa por ir vê-lo hoje à noite e, por outro lado, não estava. Como de costume, foi pontual, chegando exatamente às cinco.

— É bom e é mau, observou ele quando estávamos no pátio dos fundos acendendo a grelha.

— Mau? Perguntei. — Acho que não é realmente isso o que quer dizer, Bill.

O sol já estava se pondo, mas ainda irradiava calor; nuvens passavam à sua frente de forma a termos intermitências de sombra e luz branca, mas o ar prometia mudanças. Limpou a

testa na manga da camisa e me piscou o olho. Uma rajada de vento dobrou as árvores e uma toalha de papel esvoaçou pelo pátio.

— É mau, Kay, porque o fato dele não aparecer pode significar que saiu da cidade.

Afastamo-nos do carvão em brasa e bebemos das garrafas de cerveja. Não aguentava pensar que o assassino talvez tivesse mudado de lugar. Queria-o aqui. Pelo menos, sabíamos o que ele andava fazendo. O meu medo era que ele atacasse noutras cidades, onde os casos seriam investigados por detetives e médicos-legistas que não sabiam o que nós sabíamos. Nada podia estragar uma investigação como um esforço multijurisdicional. Os policiais eram ciosos do seu território. Cada investigador queria realizar a captura e achava que sabia trabalhar melhor do que qualquer outro. Chegava-se ao ponto de cada um pensar que o caso lhe pertencia.

Suponho que nem eu estava imune ao sentimento de posse. As vítimas tinham se tornado propriedade minha e a sua única esperança de justiça era que o assassino fosse apanhado e julgado aqui. Uma pessoa só pode ser acusada de uns tantos homicídios puníveis com a pena de morte, e uma condenação noutra lugar poderia obviar um julgamento aqui. Era uma hipótese que me revoltava. Seria como se as mortes das mulheres em Richmond fossem um treino, um aquecimento, e completamente inúteis. Talvez viesse a se revelar que aquilo que estava me acontecendo era também inútil. Bill estava colocando mais líquido inflamável em cima do carvão. Afastou-se da grelha e olhou para mim, o rosto afogueado pelo calor.

— E o seu computador? Perguntou. — Alguma novidade? Hesitei. Não havia razão para ser evasiva. Bill sabia muito bem

que eu desrespeitara as ordens de Amburgey e não alterara a senha nem fizera o que quer que fosse para, e passo a citar, “salvaguardar” os meus dados. Na última segunda-feira à noite, Bill estava mesmo por trás de mim quando ativei o modo de atendimento e liguei o eco, como se estivesse convidando o criminoso a tentar novamente, e que era exatamente o que eu estava fazendo.

— Parece que mais ninguém entrou se é a isso a que está se referindo.

— Interessante, refletiu ele, bebendo mais um gole de cerveja. — Não faz muito sentido. Seria lógico pensar que o criminoso tentaria entrar no caso de Lori Pedersen.

— Ela não está no computador, o lembrei. — Nada de novo é introduzido no computador enquanto estes casos estiverem sendo investigados.

— Então o caso não está no computador. Mas como é que ela vai saber disso se não tentar entrar?

— Ela?

— Ela ou ele, quem quer que seja.

— Bem, ela ou ele, a pessoa que procurou da primeira vez e não conseguiu encontrar o caso de Lori.

— Mesmo assim, não faz muito sentido, Kay, insistiu. — Agora é que vejo que, em primeiro lugar, não faz muito sentido que alguém o tentasse. Qualquer pessoa que saiba bastante sobre entradas em computadores teria notado que não era provável que um caso autopsiado num sábado estivesse na base de dados na segunda-feira.

— Quem não arrisca não petisca, murmurei. Sentia-me enervada com a presença de Bill. Parecia que não conseguia relaxar ou me entregar ao que deveria ser um agradável serão.

Fatias de carne com dois dedos de espessura estavam marinando na cozinha. Uma garrafa de vinho tinto respirava em cima do balcão. Lucy estava fazendo a salada com boa disposição,

levando em conta que não tinha recebido notícias da mãe, que se encontrava num lugar qualquer com o ilustrador. Parecia perfeitamente satisfeita. Na sua fantasia, começava a acreditar que nunca iria embora e me perturbava o fato dela começar a insinuar como seria agradável quando eu e “Mr. Boltz nos casássemos”.

Mais cedo ou mais tarde, precisaria destruir os seus sonhos, confrontando-a com a realidade. Voltaria para casa logo que a mãe regressasse de Miami, e Bill e eu não íamos nos casar. Tinha começado a observá-lo como se fosse a primeira vez. Ele olhava pensativo para o carvão em chamas, agarrando distraído a cerveja com ambas as mãos, os pelos dos braços e das pernas dourados como pólen ao sol. Via-o através de uma cortina de fumaça e calor que parecia um símbolo da distância que crescia entre nós. Por que seria que a mulher se suicidara com a arma dele? Apenas por uma questão prática, por ser a arma dele a maneira mais conveniente de morrer instantaneamente? Ou seria a sua maneira de puni-lo por pecados que eu não conhecia? A mulher tinha dado um tiro no peito quando estava sentada na cama, na cama deles. Puxara o gatilho naquela manhã de segunda-feira, apenas algumas horas ou talvez até minutos depois de terem feito amor. O PERK dela revelara esperma. O corpo ainda cheirava levemente a perfume quando a examinei no local. Qual seria a última coisa que Bill lhe disse antes de ir para o trabalho?

— Volte a terra, Kay... Os meus olhos tornaram a ver claramente. Bill me olhava fixamente. — Onde estava? Perguntou ele, me passando um braço pela cintura, respirando perto do meu pescoço. — Posso saber?

— Estava apenas pensando.

— Em quê? Não me diga que era no trabalho... Resolvi desabafar:

— Bill, falta alguns papéis de um dos processos que você, o Amburgey e o Tanner estiveram vendo no outro dia... A mão

dele, que me acariciava o fundo das costas, se imobilizou. Senti a raiva dele na pressão dos dedos.

— Que papéis?

— Não tenho certeza, respondi nervosa. Não me atrevia a ser mais específica, não me atrevia a mencionar o rótulo que faltava no PERK de Lori Pedersen. — Estava apenas pensando se teria reparado se, por acaso, alguém apanhara alguma coisa... De repente, retirou o braço e disse:

— Bolas, não consegue parar de pensar nesses malditos casos por uma noite?

— Bill...

— Chega, está bem? Enfiou as mãos nos bolsos das bermudas e desviou o olhar de mim. — Meu Deus, Kay. Está me deixando maluco. Estão mortas. As mulheres estão mortas. Mortas. Mortas! Você e eu estamos vivos. A vida continua. Ou, pelo menos, deve continuar. Vais destruí-la, vai nos destruir, se continuar obcecada com estes casos.

Durante o resto do serão, enquanto Bill e Lucy conversavam sobre coisas sem importância, o meu ouvido estava atento ao telefone. Continuava à espera que tocasse. Estava à espera que Marino telefonasse.

Quando tocou, de manhã cedo, a chuva batia na minha casa e eu dormia agitadamente, os meus sonhos fragmentados, inquietantes. Procurei desajeitadamente o fone. Ninguém respondeu.

— Alô? Perguntei outra vez enquanto acendia a luz.

Ao fundo, ouvia o som de uma televisão. Conseguia ouvir o murmúrio de vozes distantes que falavam coisas que eu não conseguia compreender e, com o coração me martelando as costelas, pousei o fone violentamente e com repulsa.

Era segunda-feira, princípio da tarde. Estava verificando os relatórios preliminares dos laboratórios relativos aos testes que os cientistas forenses efetuavam lá em cima. Tinham dado prioridade aos casos de estrangulamento. Todo o restante, níveis de alcoolemia, drogas e barbitúricos, fora temporariamente suspensos. Tinha quatro excelentes espíritos científicos debruçados sobre as quantidades de resíduo brilhante que poderia ser sabão em pó barato, encontrado em banheiros públicos por toda a cidade. Os relatórios preliminares não eram exatamente animadores. Por enquanto, nem sequer sabíamos grande coisa sobre a amostra conhecida, o sabão Borawash, que usávamos no edifício. Vinte e cinco por cento eram aproximadamente “um ingrediente inerte, um abrasivo” e setenta e cinco por cento, borato de sódio. Sabíamos isto porque os químicos do fabricante tinham nos informado. O microscópio eletrônico não era tão seguro. O borato de sódio, o carbonato de sódio e o nitrato de sódio, por exemplo, apareciam todos imediatamente como sódio no microscópio eletrônico. As quantidades de resíduo brilhante apareciam da mesma forma, como sódio. É quase tão específico como dizer que uma coisa contém vestígios de chumbo, que está por todo o lado, no ar, na terra, na chuva. Nunca fazíamos testes de chumbo em resíduos de tiros porque um resultado positivo não significaria nada. Por outras palavras, nem tudo o que brilha é bórax.

Os vestígios que encontrámos nos corpos das mulheres assassinadas podiam ser outra coisa, como nitrato de sódio, com utilizações que vão desde o fertilizante até a um componente da dinamite. Ou podia ser um carbonato cristalizado como elemento de reveladores de fotografia. Teoricamente, o assassino podia passar as suas horas de trabalho numa câmara escura, numa estufa ou numa fazenda. Quantas substâncias não contêm sódio? Só Deus sabe. Vander estava fazendo testes em uma variedade de

outros compostos de sódio com o laser, para ver se brilhavam. Era uma forma rápida de eliminar artigos da nossa lista. Entretanto, eu tinha as minhas próprias ideias. Queria saber quem mais encomendava Borawash na grande área metropolitana de Richmond, além do Departamento de Saúde e Serviços Humanos. Por isso telefonei ao distribuidor em Nova Jersey. Falei com uma secretária que me passou às vendas, que por sua vez me passaram à contabilidade, depois ao serviço de processamento de dados, que me passou às relações públicas, voltando esta a me passar à contabilidade. A seguir, tive uma discussão.

— A nossa lista de clientes é confidencial. Não posso divulgá-la. Que tipo de médica é?

— Sou médica-legista, respondi, medindo cada palavra. — Sou a doutora Scarpetta, médica-legista-chefe da Virgínia.

— Ah! Então dá licenças aos médicos.

— Não. Investigamos mortes. Uma pausa.

— Então é uma investigadora da causa mortis?

Não valia a pena explicar isso, não, eu não era investigadora da causa mortis. Esses são funcionários públicos eleitos. Normalmente não são patologistas forenses. Um indivíduo pode trabalhar num posto de gasolina e ser eleito investigador da causa mortis em alguns estados. Deixei-o pensar que estava no caminho certo, o que só piorou as coisas.

— Não entendi. Está sugerindo que alguém anda dizendo que o Borawash é fatal? Isso não é possível. Que eu saiba, não é tóxico, tenho certeza. Nunca tivemos problemas dessa natureza. Alguém o ingeriu? Tenho de comunicar isso ao meu supervisor...

Expliquei que uma substância, que poderia ser Borawash, fora encontrada em vários locais de crimes relacionados uns com os outros, mas que o desinfetante não tinha nada a ver com as

mortes, não era a toxicidade do sabão que me interessava. Disse-lhe que podia arranjar uma ordem judicial, o que só o faria perder mais tempo, bem como a mim. Ouvei o bater de teclas quando ele se sentou ao computador.

— Acho que a senhora vai querer que eu mandasse isto. Existem aqui setenta e três nomes de clientes em Richmond.

— Sim, gostaria muito se me mandasse uma cópia o mais rápido possível. Mas, se puder, me leia a lista ao telefone, por favor.

Fez a contragosto, e ainda bem que fez. Não reconheci a maior parte dos nomes, exceto o Departamento de Veículos Automóveis, a Central de Abastecimento da Câmara e, claro, o HHSD. Em termos globais, incluíam provavelmente dez mil empregados, desde juízes, defensores públicos, promotores, toda a força policial e mecânicos das garagens estadual e municipal.

Em algum lugar, no meio de toda esta gente, se encontrava um senhor ninguém com tara de limpeza.

Um pouco depois das três, voltava para a minha mesa com outro copo de café, quando Rose me avisou de que tinha transferido uma chamada.

— Ela já está morta há algum tempo, dizia Marino.

Apanhei a bolsa e saí porta fora.

\* \* \*

## Onze

**S**EGUNDO MARINO, a polícia ainda deveria encontrar vizinhos que tivessem visto a vítima durante o fim-de-semana. Uma amiga, com quem ela trabalhava, tentou lhe telefonar, no sábado e no domingo, mas ninguém atendeu. Quando a mulher não apareceu para dar a aula à uma da tarde, a amiga chamou a polícia. Um agente apareceu no local e se dirigiu aos fundos da casa. Uma janela, no segundo andar, estava escancarada. A vítima morava com uma pessoa que, aparentemente, estava fora. O endereço era a menos de um quilômetro e meio da cidade, na periferia da Virginia Commonwealth University, numa área onde moravam mais de vinte mil estudantes. Muitas das faculdades que formavam a universidade eram localizadas em casas vitorianas e de arenito ao longo de West Main. Decorriam as aulas de Verão e os estudantes andavam a pé e de bicicleta pela rua. Juntavam-se em pequenas mesas de esplanadas de restaurantes, bebendo café, os livros empilhados junto aos cotovelos, enquanto falavam com amigos e se deleitavam com o calor de uma bela tarde de junho.

Henna Yarborough tinha trinta e um anos e ensinava jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade, Marino me contara. No último outono se mudara da Carolina do Norte para a cidade. Não sabíamos mais nada sobre ela, a não ser que estava morta há alguns dias. Policiais e repórteres estavam em todo o lado. O trânsito passava devagar em frente à casa de tijolo vermelho de três andares, com uma bandeira azul e verde, feita à mão, e que esvoaçava por cima da entrada. Havia

floreiras cheias de gerânios cor-de-rosa e brancos, e um telhado de ardósia, azul-metálico, com um desenho amarelo-claro.

A rua estava tão congestionada que fui forçada a parar quase a um quarteirão de distância, e não pude deixar de reparar que os repórteres estavam mais reprimidos do que o costume. Mal se mexeram quando passei por eles. Não me apontaram câmaras nem microfones. Havia algo quase militar na postura deles, rígidos, silenciosos, pouco à vontade, como se sentissem que este era mais outro. O quinto. Cinco mulheres como elas próprias, ou como as suas esposas e amantes, que tinham sido brutalizadas e assassinadas. Um agente fardado levantou a fita amarela que barrava a porta da frente no topo das escadas de granito.

Entrei no vestíbulo sombrio e subi três lances de escadas de madeira. No último patamar encontrei o chefe da polícia, vários oficiais de altas patentes, detetives e agentes fardados. Bill também estava lá, perto de uma porta aberta, vendo o que acontecia lá dentro. Por momentos, olhou para mim, pálido. Mal dei por ele quando parei à entrada da porta. Olhei para o pequeno quarto e o fedor penetrante da carne humana em decomposição, que é diferente de qualquer outro cheiro na Terra, me chegou ao nariz. Marino estava com as costas viradas para mim, agachado, abrindo gavetas da cômoda, mexendo com destreza em camadas de roupa bem dobrada. No tampo da cômoda se viam frascos de perfume e pulverizadores, uma escova de cabelo e rolos elétricos. À esquerda, encostada à parede, havia uma mesa e a máquina de escrever elétrica que se encontrava em cima parecia uma ilha no meio de um mar de papéis e livros. Havia mais livros na prateleira por cima e outros empilhados no chão de madeira. A porta do roupeiro estava entreaberta, a luz interior apagada. Não havia tapetes, nem bugigangas, fotografias ou gravuras nas paredes, como se o quarto não fosse habitado há muito tempo ou ela só estivesse lá temporariamente. À minha direita, se via uma cama de solteiro. À distância, vi os lençóis em desalinho e os cabelos escuros espalhados e emaranhados. Tendo cuidado para ver onde punha os pés, me aproximei dela.

O seu rosto estava virado para mim, tão inchado pela decomposição que eu não podia dizer como seria em vida, a não ser que era branca, com cabelo castanho-escuro que lhe chegava até aos ombros. Estava nua e virada de lado, as pernas puxadas para cima, as mãos amarradas atrás das costas. Parecia que o assassino usara os fios das persianas e tanto os nós como o padrão me eram chocantemente familiares. Uma colcha azul-escuro fora atirada para cima das ancas, num gesto indicador de descuido e frio desprezo. No chão, aos pés da cama, se via um pijama curto. A parte de cima estava abotoada e tinha um rasgão da gola até à bainha. O short parecia estar rasgado dos lados. Marino atravessou lentamente o quarto e se colocou ao meu lado.

— Ele subiu pela escada, disse ele.

— Que escada? Perguntei. Havia duas janelas. Aquela para onde ele olhava estava aberta e ficava perto da cama.

— Na parte exterior de tijolo, explicou ele, — Existe uma velha escada de ferro de incêndio. Foi por aí que ele entrou. Os degraus estão enferrujados. Uma parte da ferrugem saiu e está no peitoril da janela, provavelmente veio agarrada aos sapatos dele.

— E também saiu por lá, deduzi.

— Não posso dar certeza, mas parece que sim. A porta lá em baixo estava fechada. Tivemos de arrombá-la. Mas lá fora, acrescentou, olhando novamente para a janela, — Há relva alta por baixo da escada. Não há pegadas. Choveu muito no sábado à noite, o que também não nos ajuda nada.

— Isto tem ar condicionado? Sentia a pele arrepiada e o quarto, abafado, quente e húmido, cheirava a podridão.

— Não. Também não há ventoinhas. Nem uma única. Limpou o rosto afogueado com a mão. O cabelo estava colado à testa em fiapos grisalhos; tinha os olhos raiados de sangue e com olheiras. Parecia que Marino não dormia nem mudava de roupa havia uma semana.

— A janela estava fechada? Perguntei.

— Nenhuma delas estava. Com uma expressão de surpresa olhamos ambos para a porta ao mesmo tempo. — Que diabo...?

Uma mulher tinha começado a gritar no vestíbulo, dois andares abaixo. Ouvia o arrastar de pés e vozes de homens discutindo.

— Saia da minha casa! Oh! Meu Deus... Saia da minha casa, seu grande sacana! Gritava a mulher.

Marino passou abruptamente por mim e ouvi os seus passos ao descer as escadas de madeira. Consegui ouvi-lo dizer qualquer coisa a alguém e, quase de imediato, os gritos pararam, se ouvindo apenas um murmúrio. Comecei o exame externo do corpo. Tinha a mesma temperatura do quarto e eu já não podia ser rigorosa. Arrefeceu e ficou rígida logo depois de morrer, mas, à medida que a temperatura do quarto subia, também a do seu corpo aumentara. Finalmente, a sua rigidez passara, como se o choque inicial da morte tivesse desaparecido com o tempo.

Não tive de puxar os lençóis muito para trás para ver o que estava por baixo. Por um instante, deixei de respirar e o meu coração parecia ter parado. Suavemente, voltei a colocar os lençóis no lugar e comecei a tirar as luvas. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Nada. Quando ouvi Marino a subir as escadas, me virei para lhe dizer para se certificar de que o corpo chegaria à morgue envolvido nos lençóis. Mas as palavras não saíram. Fiquei olhando, num assombro mudo.

À porta, ao seu lado, estava Abby Turnbull. Mas que diabo Marino achava que estava fazendo? Tinha perdido o juízo? Abby Turnbull, a repórter perita, o tubarão que fazia que o do filme parecesse um peixinho vermelho. Depois reparei que usava sandálias, jeans e uma blusa de algodão branca por fora das calças. Tinha o cabelo preso na nuca. Não estava pintada. Não trazia gravador ou bloco, apenas um saco

de lona. Cravou os olhos, muito abertos, na cama, com o rosto desfigurado pelo terror.

— Meu Deus, não! Colocou a mão por cima da boca aberta.

— Então é ela, disse Marino em voz baixa. Ela se aproximou, olhando fixamente.

— Meu Deus! Henna. Oh! Meu Deus...

— Este era o quarto dela?

— Sim, sim. Oh! Por favor, meu Deus...

Marino fez sinal a um agente fardado, que eu não conseguia ver, para levar Abby Turnbull. Ouvi os seus passos nas escadas; ouvi-a a gemer. Calmamente, perguntei a Marino:

— Sabe o que está fazendo?

— Sim. Sempre sei o que estou fazendo.

— Era ela que estava berrando? Continuei, aparvalhada. — Berrando com os policiais?

— Não. O Boltz tinha acabado de descer. Estava gritando com ele.

— Com Boltz?

— E não se pode censurá-la, replicou ele, desinteressadamente. — É a casa dela. Não a posso censurar por não nos querer a andar por todo o lado e lhe dizendo que não pode entrar.

— O Boltz? Perguntei estupefata. — O Boltz disse que ela não podia entrar?

— E alguns dos policiais. Encolheu os ombros. — Vai ser bonito falar com ela. Está completamente doida. Voltou a dar atenção ao corpo na cama, e alguma coisa fez brilhar os olhos dele. — Esta senhora é irmã dela.

A sala estava inundada pelo sol e cheia de plantas envasadas. Ficava no primeiro andar e fora recente e dispendiosamente redecorada. O chão, de madeira envernizada, estava quase totalmente coberto por um tapete árabe, azul-claro, com desenhos geométricos verdes num fundo

branco, e a mobília era branca e angulosa, com pequenas almofadas em tons pastel. Nas paredes, pintadas de branco, se via uma coleção invejável de gravuras abstratas do artista, de Richmond, Gregg Carbo. Era uma sala pouco prática, que Abby concebera pensando apenas em si própria, suspeitei. Um esconderijo impressionante e frio que denotava sucesso e falta de sentimento e que parecia estar de acordo com o que eu sempre pensara da sua criadora.

Encolhida num canto do sofá de couro branco fumava nervosamente um cigarro comprido e fino. Nunca vira Abby de perto; tinha uma aparência tão estranha que até chocava. Os olhos eram irregulares, um deles um pouco mais verde que o outro, os lábios carnudos não pareciam pertencer ao mesmo rosto que o nariz proeminente e estreito. Tinha cabelos castanhos, já com alguns brancos e roçando os ombros, maçãs do rosto salientes, a pele com delicadas rugas nos cantos dos olhos e da boca. Alta de pernas e esbelta tinha a mesma idade que eu, talvez alguns anos mais nova. Olhou para nós com os olhos vidrados e sem pestanejar, como um gamo assustado. Um agente fardado saiu, e Marino fechou a porta devagar.

— Sinto muito. Sei como é difícil... Começou Marino a debitar a ladainha do costume. Calmamente, explicou a importância de responder a todas as perguntas, de se lembrar de tudo o que se relacionasse com a irmã, os hábitos, os amigos, a rotina, tão pormenorizadamente quanto possível. Abby continuou sentada rigidamente e não disse nada. Sentei-me à frente dela.

— Parece que esteve fora, dizia ele.

— Sim. A voz dela tremia e ela tiritava como se tivesse frio. — Saí na sexta-feira à tarde para uma reunião em Nova Iorque.

— Que tipo de reunião?

— Um livro. Estou negociando um contrato para um livro. Tive uma reunião com o meu agente. Fiquei em casa de uma amiga. O gravador, em cima da mesa de vidro, girava lentamente. Abby olhava para ele, absorta.

— E, então, teve algum contato com a sua irmã enquanto esteve em Nova Iorque?

— Tentei telefonar ontem à noite para dizer a que horas chegava o meu trem. Respirou fundo. — Como ninguém atendeu, fiquei admirada. Depois calculei que ela tivesse ido a qualquer lado. Não tentei ligar quando cheguei à estação. À estação de trem. Sabia que ela tinha aulas à tarde. Apanhei um táxi. Não tinha ideia. Só quando cheguei aqui e vi todos os carros, a polícia...

— Há quanto tempo a sua irmã morava consigo?

— No ano passado se separou do marido. Queria uma mudança, tempo para pensar. Disse para vir para aqui. Disse que podia ficar comigo até arranjar onde morar ou voltar para ele. Isso foi no outono passado. Em finais de agosto. Veio morar comigo no mês de agosto passado e começou a trabalhar na universidade.

— Quando foi a última vez que a viu?

— Na sexta-feira à tarde. A voz dela se elevou e ficou presa. — Ela me levou à estação. Os olhos estavam cheios de lágrimas. Marino tirou um lenço amarrotado do bolso de trás das calças e lhe deu.

— Faz alguma ideia de quais eram os planos dela para o fim-de-semana?

— Trabalho. Disse que ia ficar em casa preparando as aulas. Tanto quanto sei, não tinha plano nenhum. A Henna não saía muito, tinha um ou dois bons amigos, outros professores. Tinha muitas coisas a preparar para as aulas, me disse que ia fazer as compras no sábado. Foi tudo.

— E onde era isso? Em que loja?

— Não faço ideia. Não importa. Sei que não foi. O outro policial, que esteve aqui há um minuto, me pediu para examinar a cozinha. Ela não foi à mercearia. A geladeira está tão vazia como quando fui embora. Deve ter acontecido na sexta-feira à noite. Como os outros. Durante todo o fim-de-semana estive em Nova Iorque e ela aqui. Ela aqui, assim.

Ninguém disse nada durante um momento. Marino olhava para a sala, o rosto sem expressão. Abby acendeu um cigarro, tremendo, e se

virou para mim. Sabia o que ela ia perguntar, antes mesmo de dizer as palavras:

— É como os outros? Sei que a viu. Hesitou, tentando se controlar. Parecia uma tempestade violenta, prestes a arrebentar, quando perguntou em voz baixa: — O que ele lhe fez?

Dei-lhe a resposta “Não posso lhe dizer nada até ter examinado como deve ser”.

— Pelo amor de Deus, ela é minha irmã! Gritou ela. — Quero saber o que o animal lhe fez! Meu Deus! Ela sofreu? Por favor, me diga que não sofreu...

Deixámo-la chorar, um choro lamentoso de profunda angústia. A sua dor estava muito para além do reino onde algum mortal a pudesse atingir. Ficamos sentados. Marino observava-a com uma expressão resoluta, impenetrável. Eu me odiava em momentos como esse, fria, analítica, a profissional consumada que não se deixava comover pela dor das outras pessoas. Que deveria dizer? Claro que ela tinha sofrido! Quando o encontrou dentro do quarto; quando começou a notar o que ia acontecer, o seu terror deveria ser muito pior depois de ter lido, nos jornais, os relatos arrepiantes sobre as outras mulheres assassinadas, escritos pela própria irmã. E a dor dela, a sua dor física.

— Está bem. Claro que não vai me dizer nada, começou Abby, usando frases rápidas e nervosas. — Sei como é. Não vai me contar. Ela é minha irmã. E você não vai contar. Guarda todos os trunfos. Sei como é. E para quê? Quantas é que o filho da mãe terá de matar? Seis? Dez? Cinquenta? Talvez nessa altura os policiais o descubram! Marino continuava olhando para ela, suavemente. Disse:

— Não culpe a polícia, Miss Turnbull. Estamos do seu lado, tentando ajudar...

— Certo! Interrompeu-o ela. — Vocês e a sua ajuda! Ajudaram imenso na semana passada! Onde diabo se meteram?

— Na semana passada? Ao que está se referindo exatamente?

— Estou me referindo ao sacana que me seguiu, todo o caminho até casa, desde o jornal! Exclamou ela. — Mesmo em cima de mim, virava em todo o lado onde eu virava. Até parei numa loja para me ver livre dele. Depois saí, passados vinte minutos, e lá estava ele. O mesmo carro! A me seguir! Cheguei em casa e liguei para a polícia imediatamente. E o que fizeram? Nada. Um policial passou por lá, duas horas depois, para se assegurar de que tudo estava bem. Dei-lhe uma descrição, até a placa do carro. Ele fez alguma coisa? Claro que não, nunca mais soube de nada. Quanto a mim, foi aquele sacana que fez isto! A minha irmã está morta. Assassinada. Porque um policial qualquer não se quis ter trabalho! Marino observava-a, se mostrando interessado.

— Quando foi isso, exatamente? Ela hesitou.

— Terça, eu acho. Fez esta terça uma semana. De noite, talvez dez, dez e meia da noite. Trabalhei até tarde na redação, acabando um artigo... Ele pareceu confuso.

— Corrija-me se estiver errado, mas pensei que estivesse no turno das seis às duas da manhã ou coisa parecida.

— Naquela terça-feira, um dos outros repórteres estava fazendo o meu turno. Tive de ir lá durante o dia para acabar uma coisa que os editores queriam para a edição seguinte.

— Está bem, disse Marino. — E o carro? Quando ele começou a segui-la?

— É difícil saber. Realmente só dei por isso vários minutos depois de ter saído do estacionamento. Podia ter estado à minha espera. Talvez tenha me visto em alguma altura, não sei. Mas estava mesmo colado ao meu para-choque traseiro, com os faróis altos ligados. Diminui, esperando que ele me ultrapassasse. Ele também diminuiu. Acelerei. A mesma coisa. Não consegui me ver livre dele. Decidi ir à Farm Fresh. Não queria que ele me seguisse até casa. Mas fê-lo, de qualquer maneira. Deve ter passado e voltado, tendo ficado à minha espera no parque ou numa rua perto. Esperou até eu voltar e arrancou.

— Tem certeza de que era o mesmo carro?

— Um Cougar novo, preto. Tenho certeza absoluta. Tenho um contato na DVM e pedi para identificar a placa uma vez que os policiais não se deram a esse trabalho. É um carro alugado. Tenho o endereço da empresa de aluguel e tomei nota da placa, se estiver interessado.

— Sim, estou interessado, disse Marino.

Procurou dentro da bolsa e encontrou um pedaço de papel dobrado. A mão dela tremia ao lhe entregar. Ele deu uma olhadela e meteu-o num bolso.

— E depois? O carro seguiu-a. Seguiu-a até casa?

— Não tive alternativa. Não podia andar dando voltas toda à noite. Não podia fazer nada. Ele viu onde eu moro. Entrei e fui direita ao telefone. Acho que ele passou, seguiu. Quando olhei pela janela, não o vi em lado nenhum.

— Já vira o carro antes?

— Não sei. Já vi Cougars pretos. Mas não posso dizer que tenha visto exatamente este carro.

— Viu o motorista?

— Estava demasiado escuro e ele vinha atrás de mim. Mas tenho certeza de que havia apenas uma pessoa dentro do carro. Ele, o motorista.

— Ele? Tem certeza disso?

— Tudo o que vi foi uma sombra enorme, alguém com cabelo curto, está bem? Claro que era ele. Foi horrível. Estava sentado muito direito, olhando para a minha nuca. Apenas aquela sombra, que me olhava. Mesmo colado ao meu carro. Conte à Henna. Conte-lhe o que tinha acontecido. Disse-lhe para ter cuidado, para ver se via um Cougar preto e, se o visse perto de casa, para ligar para 911. Ela sabia o que acontecia na cidade. Os assassinatos. Falamos sobre o assunto. Meu Deus! Não posso acreditar! Ela sabia! Disse-lhe para não deixar as janelas destrancadas! Para ter cuidado!

— Então era normal ela deixar uma janela ou duas destrancadas, talvez até abertas. Abby acenou com a cabeça e limpou os olhos.

— Ela dormia sempre com as janelas abertas. Por vezes, aqui faz calor. Eu ia comprar um aparelho de ar condicionado e mandá-lo instalar até julho. Eu acabara de me mudar quando ela veio. Em agosto. Havia tantas coisas mais para fazer e o outono e o inverno já estava perto. Oh! Meu Deus. Disse-lhe mil vezes. Ela estava sempre no mundo dela. Sempre na lua. Não consegui convencê-la. Ela é a minha irmã mais nova. Nunca gostou que eu lhe dissesse o que devia fazer. As coisas lhe passavam ao lado, como se nem sequer as ouvisse. Eu lhe dizia. Eu lhe contava as coisas que aconteciam, os crimes. Não apenas os assassinatos, mas as violações, os roubos, tudo. E ela se irritava. Não queria ouvir falar do assunto. Dizia: “Abby, só vê coisas horríveis. Não podemos falar sobre outra coisa?”. Tenho uma arma. Disse-lhe para guardá-la junto da cama quando eu não estivesse aqui. Mas ela não lhe tocava. Não havia maneira! Ofereci-me para ensinar a dispará-la, para lhe comprar uma. Mas não houve maneira. Não houve maneira! E agora isto! Morreu! Oh! Meu Deus! E todas as coisas que devo lhes contar, os seus hábitos e tudo o mais, não interessam!

— Interessam, sim. Tudo interessa...

— Nada tem importância porque eu sei que não era nela que ele estava interessado! Nem sequer sabia da existência dela! Era em mim! Silêncio.

— O que a leva a pensar isso? Perguntou-lhe Marino calmamente.

— Se era ele que estava dentro do carro preto, sei que vinha atrás de mim. Seja ele quem for, eu é que tenho andado a escrever sobre ele. Já viu artigos assinados por mim. Sabe quem eu sou.

— Talvez.

— Era a mim que ele queria matar!

— Pode ser que fosse o alvo dele, disse Marino prosaicamente. — Mas não podemos ter certeza disso, Miss Turnbull. Tenho de levar em consideração todas as possibilidades, talvez ele tenha visto a sua irmã em algum lugar, talvez na universidade, num restaurante, numa loja. Talvez não soubesse que ela morava com alguém, especialmente se a seguiu

enquanto a senhora estava trabalhando, se a seguiu à noite e a viu entrar quando não estava em casa. Podia não fazer a menor ideia de que era irmã dela. Talvez fosse uma coincidência. Havia algum lugar que ela frequentasse, um restaurante, um bar, um lugar qualquer? Limpando novamente os olhos, tentou se lembrar.

— Há uma pastelaria, na Ferguson, muito perto da faculdade. Da Faculdade de Comunicação. Acho que ela almoçava lá uma ou duas vezes por semana. Não ia a bares. De vez em quando comíamos fora, no Angela's, na parte sul, mas nessas ocasiões estávamos sempre juntas, ela não estava sozinha. Talvez fosse a outros lugares, não sei. Não sei. Não sei tudo o que ela fazia durante todo o dia.

— Diz que ela se mudou em agosto passado. Alguma vez foi passar o fim-de-semana fora ou fazer uma viagem, esse tipo de coisas?

— Por quê? Ficou espantada. — Acha que alguém a seguiu, alguém de fora da cidade?

— Estou apenas querendo definir os movimentos dela. Abby afirmou, então, com voz trêmula:

— Na quinta-feira passada voltou a Chapei Hill para ver o marido e passar algum tempo com uma amiga. Esteve fora quase toda a semana e voltou na quarta. Hoje começavam as aulas, o primeiro dia de aulas do período de verão.

— O marido veio aqui alguma vez?

— Não, respondeu cansada.

— Alguma vez foi agressivo com ela ou violento?

— Não, respondeu ela rapidamente. — Não foi o Jeff! Ambos queriam um período de afastamento! Não havia qualquer animosidade entre eles! O sacana que fez isto é o mesmo que tem andado por aí cometendo os outros crimes.

Marino olhou para o gravador em cima da mesa. Uma pequena luz vermelha estava piscando. Procurou nos bolsos do casaco e pareceu irritado.

— Vou precisar ir, num instante, ao carro. Deixou-me com Abby na alvíssima sala de estar. Fez-se um silêncio longo e constrangedor antes dela olhar para mim. Tinha os olhos vermelhos, o rosto inchado. Amarga e tristemente, me disse:

— Tantas vezes que eu quis falar consigo. E agora isto. Se calhar, no fundo, está satisfeita. Sei qual é a sua opinião a meu respeito. Provavelmente acha que eu mereço. Sentir um pouco daquilo que as pessoas sobre quem escrevo devem sentir. Justiça poética. A observação me magoou. A sério. Ripostei, enfaticamente:

— Abby, você não merece isto. Nunca desejaria isto nem a si nem a ninguém. Olhando para as mãos, firmemente apertadas, continuou penosamente:

— Por favor, trate dela. Por favor. A minha irmã. Oh! Meu Deus! Por favor, tome conta da Henna...

— Prometo que tomo conta dela...

— Não pode deixá-lo escapar! Não pode. Não sabia o que havia de dizer. Ela olhou para mim e fiquei espantada com o terror que li nos seus olhos.

— Já não entendo mais nada. Não entendo o que está acontecendo. Todas estas coisas que tenho ouvido. E agora acontece isto. Tentei. Tentei saber, tentei saber através de si. E agora isto. Já não sei quem são os bons e os maus! Calmamente, respondi:

— Não estou entendendo Abby. O que é que tentou saber através de mim? Ela falou muito depressa.

— Naquela noite. No princípio da semana. Tentei falar consigo sobre o assunto. Mas ele estava lá... Estava começando a entender, mas perguntei assim mesmo:

— Que noite? Ela pareceu confusa, como se não conseguisse se lembrar:

— Quarta-feira, respondeu. — Quarta-feira à noite.

— Foi até minha casa nessa noite e depois arrancou rapidamente? Por quê? Ela gaguejou:

— Você... Você tinha visita.

Bill. Lembrei-me de que nos encontrávamos na varanda da frente, iluminados pela sua luz. Estávamos bem à vista e o carro dele estava parado na entrada. Era ela. Fora Abby que fora lá nessa noite, me vira com Bill, mas isso não explicava a sua reação. Porque teria entrado em pânico? Parecia um reflexo de puro medo apagar os faróis da frente e engatar marcha à ré. Estava dizendo:

— Estas investigações. Ouvi coisas, rumores... Os policiais não podem falar consigo. Alguma coisa correu mal e é por isso que todas as ligações são transferidas para o Amburgey. Deveria lhe perguntar! E agora andam dizendo que você se enganou nas análises da cirurgia... No caso de Lori Pedersen. Que toda a investigação foi para o espaço por causa dos seus serviços e que, se não fosse isso, talvez a polícia já tivesse apanhado o assassino... Ela estava zangada e expectante, olhando furiosa para mim. — Tenho de saber se é verdade. Tenho de saber! Tenho de saber o que vai acontecer à minha irmã!

Como é que ela sabia que o PERK fora mal rotulado? Com certeza Betty não tinha lhe dito. Mas Betty tinha concluído as análises das preparações, e as cópias, todas as cópias de todos os relatórios dos laboratórios, estavam sendo diretamente enviadas a Amburgey. Teria ele dito a Abby? Alguém do seu gabinete lhe teria dito? Teria ele falado com Tanner? Ou com Bill?

— Onde é que ouviu isso?

— Ouço muita coisa. A voz dela vacilava. Olhei para o seu rosto triste, para o seu corpo alquebrado pelo desgosto, pelo horror.

— Abby, eu lhe disse com muita calma, — Tenho certeza de que escuta muitas coisas. Também tenho certeza que muitas delas não são verdadeiras. Mesmo que haja um grão de verdade, a interpretação pode ser enganosa, e talvez deva perguntar a si própria por que razão alguém lhe contaria estas coisas, qual será o verdadeiro intuito dessa pessoa. Ela hesitou:

— Só quero saber se é verdade aquilo que ouvi. Se os seus serviços cometeram algum erro.

Eu não sabia o que devia responder.

— De qualquer forma, vou descobrir, lhe digo desde já. Não me subestime, doutora Scarpetta. Os policiais lidaram muito mal com a situação. Não pense que eu não sei. Aconteceu comigo quando fui seguida até em casa por aquele sacana. E também com Lori Pedersen quando ela ligou para 911 e eles só apareceram uma hora depois. Quando ela já estava morta!

A minha surpresa era visível.

— Quando isto for revelado, continuou ela, os olhos brilhantes de lágrimas e de raiva, — A cidade vai lamentar o dia em que nasci! As pessoas vão pagar. Vou fazer tudo para que certas pessoas paguem e sabe por quê? Eu olhava aparvalhada para ela. — Porque ninguém importante se preocupa quando mulheres são violentadas e assassinadas! Os mesmos filhos da mãe que investigam os casos saem e vão ver filmes sobre mulheres que são violentadas, estranguladas e retalhadas. Para eles é erótico. Gostam de ver isto em revistas. Fantasiam. Se calhar, até se vêm quando olham para as fotografias dos locais do crime. Os policiais. Contam anedotas. Eu ouço. Ouço-os a rir nos locais dos crimes; ouço-os a rir na urgência!

— Na verdade, não é essa a intenção deles. A minha boca estava seca. — É uma das formas que eles têm de se abstrair.

Ouvi passos na escada. Olhando furtivamente para a porta, meteu a mão na bolsa e, desajeitadamente, tirou um cartão e escreveu um número.

— Por favor. Se houver alguma coisa que me possa dizer depois de... De estar tudo resolvido... Respirou fundo. — Telefona-me?

Entregou-me o cartão. — Tem o número do meu pager. Não sei onde vou estar. Não nesta casa. Por uns tempos. Talvez nunca mais.

Marino estava de volta. Abby fitou-o zangada.

— Sei o que vai perguntar, disse ela quando ele fechou a porta. — E a resposta é não. Não havia homens na vida da Henna, ninguém aqui de Richmond. Ela não andava com ninguém, não dormia com ninguém. Sem dizer palavra, ele introduziu uma fita nova e apertou o botão para gravar.

— E quanto a si, Miss Turnbull? A respiração dela ficou presa na garganta. Tartamudeando, disse:

— Tenho uma relação íntima com uma pessoa de Nova Iorque. Ninguém daqui. Apenas relações de trabalho.

— Estou vendo. E qual é exatamente a sua definição de uma relação de trabalho?

— O que quer dizer? Os olhos dela se arregalaram de medo. Ele fitou-a, pensativo, por um momento e depois perguntou calmamente:

— Só gostaria de saber se se deu conta de que esse “sacana” que a seguiu até em casa uma destas noites tem de fato andado a vigiá-la há várias semanas? O tipo do Cougar preto. Bom, é um policial. Anda à paisana, trabalha nos Costumes. Ela fitou-o, sem querer acreditar. — Está vendo, continuou Marino laconicamente, — Foi por isso que ninguém ficou realmente preocupado quando apresentou queixa, Miss Turnbull. Bem, repare. Teria me preocupado, se o soubesse na altura, porque o tipo tem obrigação de ser melhor do que isso. Se ele anda a segui-la, a senhora não deve dar por isso, é o que eu quero dizer. Estava se tornando cada vez mais frio, mais cortantes as suas palavras. — Mas o policial em questão também não gosta muito de si. Quando fui ao carro, falei com ele pelo rádio e soube a verdade. Admitiu que a andou incomodando-a deliberadamente, que perdeu um pouco a calma quando a seguiu naquela noite.

— O que é isto? Ela gritou em pânico. — Andou me seguindo porque sou repórter?

— Bom, é um pouco mais pessoal do que isso, Miss Turnbull. Marino acendeu tranquilamente um cigarro. — Lembra-se de ter feito, aqui há uns anos atrás, uma grande reportagem sobre o agente da Brigada de Costumes que se meteu no contrabando e que ficou viciado em cocaína? Com certeza que se lembra disso. Acabou por comer o seu próprio revólver, deu um tiro na cabeça. Precisa se lembrar disso. Esse agente era colega do tipo que andou seguindo-a. Achei que o interesse dele por si o motivaria fazendo um bom trabalho. Acho que ele exagerou um bocado...

— Você?! Gritou ela sem querer acreditar. — Pediu-lhe para me seguir? Por quê?

— Eu digo. Uma vez que parece que o meu amigo correu demasiados riscos, a festa acabou. A senhora acabaria por descobrir que ele é policial. O melhor é pôr as cartas na mesa, mesmo aqui à frente da doutora, uma vez que, de certa forma, também diz respeito a ela.

Abby olhou desesperadamente para mim. Marino levou o seu tempo jogando a cinza no cinzeiro. Fez mais uma pausa e disse:

— Acontece que o gabinete da médica-legista está sob bastante pressão, neste momento, devido às alegadas fugas de informação para a imprensa, o que significa que foram parar diretamente a si, Miss Turnbull. Alguém andou entrando no computador da doutora. Amburgey está apertando a doutora, causando uma série de problemas e fazendo uma porção de acusações. Eu tenho uma opinião diferente. Acho que as fugas de informação não têm nada a ver com o computador. Acho que alguém está entrando no computador para fazer crer que é daí que vem a informação, para dissimular o fato de que a única base de dados sendo violada são os ouvidos de Bill Boltz.

— Isso é uma loucura! .’ Marino fumava, com os olhos postos nela. Divertia-se com a revolta dela. — Eu não tive nada a ver com entradas em computadores! Explodiu ela. — Mesmo que soubesse fazer isso, nunca, mas nunca, faria! Não posso crer! A minha irmã está morta... Meu Deus... Os olhos dela tinham uma expressão de desespero e

estavam cheios de lágrimas. — Oh! Meu Deus! O que tudo isto tem a ver com Henna? Marino disse friamente:

— Cheguei ao ponto de não fazer a mínima ideia do que umas coisas têm a ver com as outras. Sei que algumas coisas que andou escrevendo não são do conhecimento geral. Alguém a está colocando a par; anda lhe segredando coisas. Alguém anda ferrando a investigação por trás. Tenho curiosidade em saber por que razão alguém faria isso, a menos que tenha alguma coisa a esconder ou a ganhar.

— Não sei aonde quer chegar...

— Veja bem, ele interrompeu-a, — Só acho um pouco estranho que há cerca de cinco semanas, mesmo a seguir ao segundo estrangulamento, tenha escrito um grande artigo sobre Boltz, uma história sobre um dia na vida dele. Um grande perfil do menino bonito da cidade. Passaram um dia juntos, não foi? Acontece que, nessa noite, eu andava na rua, vi-os a saírem do Franco's por volta das dez. Os policiais são metedidos, especialmente se não têm mais nada para fazer, se as coisas na rua estão paradas. E acontece que os segui...

— Cale-se! Murmurou ela, abanando a cabeça de um lado para o outro. — Cale-se! Ele não lhe deu atenção.

— Boltz não a deixou no jornal. Levou-a para casa e, quando eu passei várias horas depois, bingo! O bonito Audi branco ainda estava lá, todas as luzes da casa apagadas. E o que acontece? Logo a seguir, começam a aparecer pequenos pormenores interessantes nos seus artigos. Acho que é essa a sua definição de uma relação de trabalho.

Abby tremia da cabeça aos pés, as mãos no rosto. Não consegui olhar para ela. Não consegui olhar para Marino. Fiquei tão confusa que mal entendia, a crueldade injustificada dele atacando-a com isto depois de tudo o que acontecera.

— Não dormi com ele. A voz dela tremia tanto que ela mal conseguia falar. — Não dormi. Não quis. Ele... Ele se aproveitou de mim.

— Pois... Resfolegou Marino. Ela olhou para cima e fechou os olhos por uns momentos.

— Estive com ele o dia todo. A última reunião a que fomos só acabou depois das sete da noite. Convidei-o para jantar. Disse que o jornal pagava. Fomos ao Franco's. Só bebi um copo de vinho. Com um copo comecei a ficar tonta, terrivelmente tonta. Mal consigo me lembrar de ter saído do restaurante. A última coisa de que me recordo é de ter entrado no carro dele. Dele pegando na minha mão, dizendo que nunca tinha feito com uma repórter de casos de polícia. Não me lembro de nada do que aconteceu nessa noite. Quando acordei na manhã seguinte, ele estava lá...

— Por falar nisso... Marino apagou o cigarro. — Onde estava a sua irmã quando isto aconteceu?

— Aqui. Acho que estava no quarto. Não me lembro. Não tem importância. Nós estávamos lá em baixo. No sofá, no chão, não me lembro. Nem sei se ela soube.

Ele pareceu enojado. Abby continuou nervosamente:

— Não podia acreditar. Estava morta de medo, maldisposta como se fosse envenenada. Notei que a dada altura, durante o jantar, quando me levantei para ir ao banheiro, ele poderia ter posto alguma coisa na minha bebida. Sabia que me tinha nas mãos. Sabia que eu não ia dizer nada à polícia. Quem iria acreditar se eu telefonasse e dissesse que um Procurador do Estado... Tinha feito uma coisa destas? Ninguém! Ninguém iria acreditar em mim!

— Lá isso é verdade, interrompeu-a Marino. — Sim, ele é um tipo bem-parecido. Não precisa embebedar uma senhora para que ela vá para a cama com ele. Abby gritou:

— É um canalha! Provavelmente já o fez mil vezes e se safou! Ameaçou-me, disse que, se eu contasse alguma coisa, me faria passar por vadia, me arruinaria!

— E depois? Perguntou Marino. — Sente-se culpado e começa a lhe passar as informações?

— Não! Não tenho nada a ver com o sacana! Acho que, se me chegasse muito a ele, seria capaz de lhe estourar os miolos. Nenhuma das minhas informações vem dele.

Não podia ser verdade. O que Abby estava dizendo não podia ser verdade. Eu estava tentando esquecer tais afirmações. Eram terríveis, mas, apesar das minhas recusas interiores, faziam sentido. Ela devia ter reconhecido imediatamente o Audi branco de Bill. Foi por isso que entrou em pânico quando o viu parado na entrada. Há pouco encontrara Bill dentro de sua casa e berrara para ele ir embora porque não aguentava olhar para ele. Bill me avisara de que ela era capaz de tudo, de que era vingativa, oportunista e perigosa. Porque me teria dito isso? Por quê? Será que estava preparando a sua defesa se Abby alguma vez o acusasse? Ele tinha mentido. Não rejeitara os alegados avanços dela quando a levou a casa depois da entrevista. O carro dele ainda estava parado lá na madrugada seguinte...

Imagens das raras ocasiões em que, no início, Bill e eu estivéramos sozinhos no sofá da minha sala me passaram pela mente. Fiquei enojada ao me lembrar da sua súbita agressividade, da força bruta que eu atribuíra ao uísque. Seria este o seu lado obscuro? Seria verdade que ele apenas tinha prazer em subjugar? Em possuir? Ele estava aqui, dentro desta casa, no local do crime, quando eu cheguei. Não me admiraria que fosse tão rápido a aparecer. O seu interesse era mais do que profissional. Não estava apenas fazendo o seu trabalho. Teria reconhecido o endereço de Abby. Provavelmente soube de quem era a casa antes de qualquer outra pessoa. Queria ver, se certificar. Talvez até esperasse que a vítima fosse Abby. Assim, não precisaria temer este momento, que ela falasse.

Sentada muito quieta, forcei uma expressão de impavidez. Não podia deixar transparecer nada. A dúvida que me assaltava. O abalo. Oh! Meu Deus faça com quem ninguém note. Um telefone começou a tocar noutra sala. Tocou, tocou, mas ninguém atendeu. Ouvi passos na escada, metal fazendo barulho contra a madeira, rádios soltando

estalidos de estática. Os paramédicos levavam uma maca para o segundo andar. Abby mexia num cigarro e, de repente, atirou-o, juntamente com o fósforo a arder, para o cinzeiro.

— Se é verdade que tem me seguido, disse ela, baixando a voz, cheia de desprezo — E se a razão era ver se eu andava me encontrando com ele, dormindo com ele, para obter informações, então deve saber que o que eu estou dizendo é verdade. Depois do que aconteceu nessa noite, não me aproximei mais do filho da mãe. Marino não disse uma palavra. O seu silêncio serviu de resposta. Abby não estivera com Bill desde essa altura.

Mais tarde, quando os paramédicos traziam a maca para baixo, Abby encostou à porta, se agarrando a ela com desespero. Observou a forma branca da irmã passando, olhou para os homens que desciam, o seu rosto uma máscara exangue de revoltado desgosto. Apertei-lhe o braço num gesto tácito de consolação e saí na esteira da sua perda incompreensível. O cheiro ficou nas escadas e, quando encarei a luz ofuscante do sol, fiquei cega por um momento.

\* \* \*

## Doze

O CORPO DE HENNA YARBOROUGH, molhado de tantas lavagens, brilhava como mármore branco, iluminado pela luz que se encontrava por cima dela. Eu estava sozinha na morgue suturando os últimos centímetros da incisão em Y, que formava uma larga costura do púbis ao esterno, se bifurcando no peito. Wingo tratara da cabeça dela antes de ir embora. O topo do crânio estava exatamente no lugar. A incisão na parte de trás do couro cabeludo fora fechada e completamente tapada pelo cabelo, mas a marca do nó, à volta do pescoço, parecia uma queimadura provocada por uma corda. O rosto dela estava intumescido e arroxeadado e nem os meus esforços nem os da casa funerária poderiam alterá-lo. A campainha da entrada soou bruscamente. Olhei para o relógio. Passava pouco das 9 da noite.

Cortando a linha com um bisturi, cobri-a com um lençol e descalcei as luvas. Ouvei Fred, o segurança, dizer alguma coisa a alguém no corredor enquanto eu puxava o corpo para uma maca e começava a empurrá-la para o frigorífico. Quando regresssei e fechei a grande porta de aço, vi Marino encostado ao balcão da morgue fumando um cigarro. Observou-me em silêncio enquanto eu juntava amostras, tubos de sangue e começava a marcá-los com as minhas iniciais.

— Encontrou alguma coisa que eu precise saber?

— A causa da morte foi asfixia devida ao estrangulamento causado pelo nó à volta do pescoço, respondi maquinalmente.

— E vestígios? Perguntou ele atirando a cinza para o chão.

— Algumas fibras...

— Bem, me interrompeu. — Eu tenho algumas coisas.

— Bem, disse eu, no mesmo tom, — Quero é sair daqui.

— Claro. Exatamente a minha ideia. Acho que vou dar uma volta.

Interrompi o que estava fazendo e olhei para ele. Tinha o cabelo húmido colado à cabeça, a gravata solta, a camisa branca, de manga curta, estava muito amarrotada atrás, como se tivesse passado muito tempo sentado no carro. Preso à axila esquerda, trazia o coldre amarelo-acastanhado com o revólver de cano comprido. À luz fria do abajur de teto parecia quase ameaçador, os olhos afundados em olheiras, os músculos do queixo contraídos.

— Acho que também precisa vir, acrescentou ele, sem grande ênfase. — Por isso, vou esperar que tire a bata e telefone para casa.

Telefonar para casa? Como ele sabia que tinha alguém na minha casa para quem eu precisava telefonar? Nunca lhe falara da minha sobrinha. Nunca lhe falara de Bertha. Quanto a mim, nem sequer lhe dizia respeito saber se eu tinha casa ou não. Estava prestes a lhe dizer que não tinha intenção de ir a lado nenhum com ele quando o seu olhar duro me fez parar.

— Está bem, murmurei. — Está bem.

Ainda estava encostado ao balcão, fumando, quando atravessei a sala e me dirigi ao vestiário. Lavei o rosto no lavatório; despi a bata e fiquei novamente de saia e blusa. A bolsa, a pasta e o casaco da saia estavam lá em cima, no meu gabinete. Fui buscar todas essas coisas e segui Marino até ao carro. Abri a porta do lado direito e a luz interior não acendeu. Enfiei-me lá dentro. Procurei o cinto de segurança e afastei algumas migalhas e um guardanapo de papel amarfanhado do banco. Saiu em marcha a ré do estacionamento, sem dizer uma palavra. A luz do scanner piscava, de canal em canal, enquanto a central transmitia

chamadas nas quais Marino não parecia estar interessado e que, muitas vezes, eu não entendia. Policiais resmungavam ao microfone. Alguns pareciam estar comendo-o.

- Chamando carro 345, carro 169 ao canal três.
- 169 respondendo.
- Está livre?
- Assim, assim. Ocupado com pessoa no carro.
- Chame-me quando estiver livre.
- Entendido.
- 451.
- 451 respondendo.
- Movimentos estranhos na Lincoln, 170...

As chamadas iam para o ar e sons de alerta ecoavam como um registro baixo num órgão elétrico. Marino dirigia em silêncio, passando pela baixa, onde as lojas estavam protegidas com grades de ferro, que se puxavam ao fim do dia. Letreiros de néon vermelhos e verdes anunciavam garridamente, lojas de penhores, sapateiros e bares. O Sheraton e o Marriott estavam iluminados como navios, mas se viam poucas pessoas na rua; apenas grupos de transeuntes que vadiavam pelas esquinas. Ao passarmos, nos seguiam com o olhar.

Só uns minutos depois é que notei para onde íamos. No Winchester Place diminuimos em frente ao 498, a residência de Abby Turnbull. A casa de arenito parecia um casco de navio preto; a bandeira uma sombra que ondulava por cima da entrada. Não havia carros na frente da casa. Abby não estava. Pensei onde ela estaria morando. Marino virou lentamente para um beco estreito entre a casa dela e a do lado. O carro balançou por cima de sulcos enquanto os faróis projetavam uma luz oscilante sobre as paredes escuras dos edifícios de tijolo, varrendo latões de lixo presos a postes, garrafas quebradas e outros detritos. Depois de ter andado cerca de seis metros dentro deste beco parou, desligou o motor e as luzes. Mesmo à nossa esquerda se via o

quintal da casa de Abby, uma tira estreita de relva delimitada por uma cerca de arame, onde se via um letreiro “Cuidado com o cão”, cão esse cuja existência eu desconhecia. Marino tinha o holofote do carro ligado e o foco iluminava a escada de incêndio, enferrujada, na parte de trás da casa. Todas as janelas estavam fechadas e os vidros brilhavam sombriamente. O seu banco rangeu enquanto ele iluminava o quintal com a luz.

— Estou esperando que me diga se está pensando o mesmo que eu. Constatei o que era óbvio.

— O letreiro. O letreiro na cerca. Se o assassino pensasse que ela tinha um cão, teria hesitado. Nenhuma das suas vítimas tinha cães. Se tivessem, provavelmente ainda estariam vivas.

— Acertou.

— E, continuei, — Calculo que tenha deduzido que o assassino deveria saber que o aviso não significava nada, que Abby ou Henna não tinham nenhum cão. E como ele poderia saber disso?

— Sim. Como poderia saber, repetiu Marino devagar, — A menos que tivesse uma razão para saber. Eu não disse nada. Acendeu o isqueiro. — Como se, por exemplo, já tivesse estado na casa.

— Acho que não...

— Deixe lá de se fazer de boba, doutora, disse ele em voz baixa. Também puxei o cigarro e as minhas mãos tremiam. — Estou vendo a cena. E acho que você também está. Um tipo que já esteve em casa da Abby Turnbull. Não sabe que a irmã está aqui, mas sabe que não tem cão nenhum. E Miss Turnbull é uma pessoa de quem ele não gosta muito porque ela sabe uma coisa que ele não quer que ninguém venha a descobrir.

Fez uma pausa. Sentia-o olhando para mim, mas me recusei a encará-lo ou dizer uma palavra.

— Está vendo, ele já testou, certo? E talvez não tenha feito de propósito, porque age compulsivamente. Tem um parafuso a menos, por

assim dizer. Está preocupado. Está com medo que ela fale. Que diabo, ela é repórter. Pagam-lhe para ela contar os segredos obscenos das pessoas. Vai se saber o que ele fez. Mais um olhar na minha direção, mas continuei calada. — Então o que ele decide fazer? Decide matá-la e fazer com que se pareça com as outras. O único pequeno problema é que ele não sabe da existência da Henna. Também não sabe onde é o quarto de Abby porque, quando estive na casa, nunca passou da sala. Por isso vai ao quarto errado, o quarto da Henna, quando entrou na sexta-feira à noite. Por quê? Porque é o que está com as luzes acesas, uma vez que Abby está fora. Bem, tarde de mais. Já se comprometeu e...

— Ele não o podia ter feito. Tentei evitar que a voz me tremesse. — Boltz nunca faria uma coisa dessas. Ele não é um assassino, pelo amor de Deus! Silêncio. Em seguida, Marino olhou vagarosamente para mim, jogando a cinza fora.

— Interessante. Não disse nomes. Mas uma vez que o fez, talvez devêssemos continuar com o assunto, aprofundá-lo um pouco mais.

Calei-me novamente. Estava começando a entender e sentia a garganta inchando. Bolas! Não ia deixar que Marino me visse chorar!

— Ouça doutora, disse ele numa voz bastante mais calma. — Não estou tentando aborrecê-la, está bem? Quero dizer, o que faz na sua vida particular não me diz respeito, está bem? Ambos são adultos livres. Mas eu sei o que acontece. Já vi o carro dele diante da sua casa...

— Da minha casa? Perguntei, admirada. — O que...

— Olhe. Eu ando por toda esta maldita cidade. Mora na cidade, certo? Conheço o seu carro oficial. Também sei o seu endereço e conheço o Audi branco dele. Sei que, quando o vi em várias ocasiões parado em frente da sua casa nos últimos meses, ele não estava tomando nota de nenhum depoimento...

— É isso. Talvez não estivesse. E também não é da sua conta.

— Bem, é. Jogou a beata pela janela e acendeu outro cigarro. — Agora me diz respeito. Pelo que fez a Miss Turnbull. O que me faz pensar no que mais terá ele andado a fazer.

— O caso de Henna é quase igual aos outros, retorqui, friamente.  
— Não tenho dúvidas de que ela tenha sido assassinada pelo mesmo homem.

— E os esfregaços dela?

— Vai ser a primeira coisa que Betty vai fazer amanhã de manhã. Eu não sei...

— Bom, vou lhe poupar o transtorno, doutora. Boltz é um não-secretor. Acho que sabe isso. Sabe há meses.

— Existem milhares de homens não-secretores na cidade. Você podia ser um, não podia?

— Sim, disse ele secamente. — Talvez até pudesse ser. Mas não tem certeza. O fato é que tem certeza quanto ao Boltz. Quando autopsiou a mulher dele, no ano passado, fez um PERK e encontrou esperma, o esperma do marido. Está escrito no relatório laboratorial que o tipo com quem ela teve relações antes de se matar é um não-secretor. Que diabo, até eu me lembro disso. Eu fui ao local, se lembra?

Não respondi.

— Eu não ia excluir nenhuma possibilidade quando entrei naquele quarto e a vi sentada com uma bonita camisola e um buraco no peito. Penso sempre, primeiro, que foi homicídio. O suicídio vem no fim da minha lista, porque se não se pensar na primeira hipótese depois é um pouco tarde. O meu único erro, naquela altura, foi não ter feito as análises em Boltz que se costumam fazer nestes casos. O suicídio parecia tão óbvio, depois da doutora ter feito a autópsia, que considerei o caso encerrado. Talvez não o devesse ter feito. Naquela altura tinha boas razões para lhe tirar sangue, para me certificar de que o esperma dentro dela era dele. Ele disse que era, disse que tinham feito amor de manhã cedo. Não pensei mais no assunto. Não tirei amostra nenhuma. Agora nem sequer posso perguntar. Não tenho nenhuma justificativa.

— Precisa lhe tirar mais alguma coisa, além do sangue, disse eu estupidamente. — Se ele for A negativo, B negativo no sistema de

grupos sanguíneos de Lewis, não se pode saber se é um não-secretor. É preciso colher saliva...

— Sim. Sei que tipo de análises são necessárias, está bem? Não interessa. Sabemos o que ele é, certo? Eu não disse nada. — Sabemos que o tipo que anda matando estas mulheres é um não-secretor. E sabemos que o Boltz conhece os pormenores dos crimes; conhece-os tão bem que podia matar Henna e fazê-lo parecer com os outros.

— Bem, então vá buscar o seu kit e fazemos o DNA, disse eu, irritada. — Vá em frente. Isso lhe dará certeza.

— Talvez o faça. Talvez o passe pelo laser para ver se ele também brilha.

Lembrei-me do resíduo brilhante no PERK mal rotulado. Seria que o resíduo vinha das minhas mãos? Seria que Bill lavava sempre as mãos com sabão Borawash?

— Encontrou cintilações no corpo de Henna? Perguntou Marino.

— No pijama e também na colcha. Nenhum de nós falou durante algum tempo. Depois eu disse: — É o mesmo homem. Conheço o resultado das minhas investigações. É o mesmo homem.

— Sim. Talvez seja. Mas isso não me faz sentir melhor.

— Tem certeza de que Abby disse verdade?

— Passei, ao fim da tarde, pelo gabinete dele.

— Foi falar com ele, com o Boltz? Tartamudeei.

— Sim, fui.

— E obtive a sua confirmação? O tom da minha voz ia subindo.

— Sim. Olhou-me de relance. — Obtive-a mais ou menos.

Eu não disse nada. Tive medo de dizer alguma coisa.

— Claro que ele negou tudo e até ficou bastante zangado. Ameaçou processá-la por difamação, essa história toda. No entanto, não vai fazer isso. Não vai fazer barulho nenhum porque está mentindo. Eu

sei e ele sabe que eu o sei. Vi que levava a mão à coxa esquerda e, de repente, entrei em pânico. O gravador...

— Se está fazendo o que eu penso que está fazendo... Rebentei.

— O quê? Perguntou ele, surpreso.

— Se tem o gravador ligado...

— Eh! Protestou. — Estava me coçando, está bem? Que diabo, me reviste. Dispa-me se isso a faz se sentir melhor.

— Nem que me pagasse. Ele riu. Estava verdadeiramente se divertindo.

— Quer saber a verdade? Faz-me pensar no que terá realmente acontecido à mulher dele. Engoli em seco e comentei:

— Não havia nada de suspeito no que encontrei no corpo dela. Tinha resíduos de pólvora na mão direita... Ele me interrompeu:

— Sim, claro. Foi ela que puxou o gatilho. Não duvido disso, mas, vai ver, agora sabemos por quê, não é?... Talvez ele o faça há anos. Talvez ela tenha descoberto.

Pondo o motor a trabalhar, ligou as luzes. Por momentos seguimos aos solavancos, entre casas, até à rua.

— Ouça. Não ia me dar tréguas. — Não quero ser indiscreto. Ou, melhor, isto não me dá prazer nenhum, está bem? Mas a doutora o conhece. Anda com ele, não anda?

Um travesti caminhava de modo afetado pelo passeio, com a saia amarela roçando nas pernas bem feitas, os seios falsos, firmes e altos, os bicos do peito eretos por baixo de uma T-shirt sem mangas, branca e justa. Um olhar vítreo pousou em nós.

— Anda com ele, não anda? Tornou a perguntar.

— Sim. A minha voz mal se ouvia.

— E na última sexta-feira à noite?

No princípio não consegui me lembrar. Não consegui pensar. O travesti se virou languidamente e caminhou para o outro lado.

— Levei a minha sobrinha para jantar fora e ao cinema.

— Ele também foi?

— Não.

— Sabe onde ele esteve na sexta-feira à noite? Abanei a cabeça. — Não lhe telefonou, nem nada?

— Não. Silêncio.

— Merda, ele murmurou, frustrado. — Se eu soubesse naquela altura... Se eu soubesse o que sei dele agora, teria passado pela casa dele só para ver onde diabo estava. Merda! Silêncio. Atirou a beata pela janela e acendeu mais um cigarro. Estava fumando um atrás do outro. — Então há quanto tempo anda com ele?

— Há uns meses. Desde abril.

— Ele anda com outras ou apenas consigo?

— Acho que ele não anda com mais ninguém. Não sei. Pelos visto, há muita coisa sobre ele que eu não sei. Ele continuou com a implacabilidade de uma debulhadora:

— Reparou nalguma coisa? Alguma coisa de anormal a respeito dele, eu quero dizer.

— Não sei aonde quer chegar. A minha língua estava ficando entaramelada. Pronunciava as palavras, como se estivesse adormecendo.

— Anormal, repetiu ele. — Em relação a sexo. Eu não disse nada. — Alguma vez foi violento consigo? Forçou alguma coisa? Fez uma pausa. — Como é ele? É o animal que Abby Turnbull descreveu? Consegue imaginá-lo fazendo uma coisa daquelas, como fez a ela?

Eu ouvia-o sem o ouvir. Os meus pensamentos enfraqueciam e fluíam, como se eu passasse de um estado consciente para a inconsciência.

— ... Agressividade, digo eu. Ele era agressivo? Notou alguma coisa de estranho?

As imagens. Bill. As mãos que me esmagavam, que me rasgavam as roupas, que me calcavam no sofá.

— ... Tipos como ele têm um padrão. Não andam atrás de sexo. Têm de subjugar. Sabe, uma conquista...

Ele era tão bruto. Enfiara a língua na minha boca. Eu não conseguia respirar. Não era ele, era como se tivesse se transformado noutra pessoa.

— Não interessa nada que seja bem-parecido, que possa fazê-lo quando quer. Está notando? Pessoas como ele são anormais. ANORMAIS... Como Tony costumava fazer quando estava bêbedo e zangado comigo. —... Quero dizer, ele é um maldito violador, doutora. Sei que não quer ouvir isso. Mas, bolas, é verdade. Parece que deve ter notado qualquer coisa...

Bill bebia de mais. Era pior quando bebia.

— ... Está sempre acontecendo. Nem acreditaria nos relatórios que recebo: jovens senhoras que me chamam a casa delas dois meses depois de ter acontecido. Finalmente, conseguem contar a alguém. Talvez uma amiga as convença a dar as informações. Banqueiros, homens de negócio, políticos. Encontram uma jovem num bar, pagam uma bebida e colocam um pouco de hidrato de cloral. Depois ela acorda na cama, com essa besta, e se sente como se um caminhão tivesse lhe passado por cima...

Ele nunca tentaria uma coisa dessas comigo. Ele gostava de mim. Eu não era um objeto, uma estranha... Ou talvez fosse apenas cauteloso. Eu sei de mais. Ele nunca se safaria.

— ... Esses ordinários conseguem se safar durante anos. Alguns deles durante a vida toda. Vai para o túmulo com tantas marcas no cinto como Jack, o matador de gigantes...

Estávamos parados num sinal vermelho. Não fazia ideia nenhuma do tempo dessa parada.

— É a comparação certa, não é? O vadio que matava moscas e que punha uma marca no cinto por cada uma que matava... A luz parecia um olho vermelho-vivo. — Ele alguma vez lhe fez isso, doutora? O Boltz alguma vez a violentou?

— O quê? Virei-me, devagar, para ele. Olhava em frente, as faces pálidas no clarão vermelho do semáforo. — O quê? Perguntei de novo. O meu coração batia desenfreadamente. A luz mudou de vermelho para verde e tornamos a arrancar.

— Alguma vez a violentou? Perguntou Marino, como se eu fosse alguém que ele não conhecesse, como se eu fosse uma das “bonecas” a cujas casas já fora chamado.

Senti o sangue me subir ao pescoço.

— Alguma vez a magoou, tentou sufocá-la, alguma coisa? Explodi de raiva. Via manchas de luz. Como se alguma coisa tivesse entrado em curto-circuito dentro de mim. Fiquei cega enquanto o sangue latejava na minha cabeça.

— Não. Já lhe disse tudo o que sabia sobre ele! Absolutamente tudo o que tinha para lhe dizer. E PONTO FINAL.

Atordoado, Marino se remeteu ao silêncio. De início, eu não soube onde nós estávamos. O grande mostrador branco do relógio flutuava mesmo em frente enquanto sombras e formas se materializavam no pequeno parque das viaturas do laboratório, para lá do estacionamento. Não se via ninguém quando paramos ao lado do meu carro de serviço. Tirei o cinto de segurança. Eu tremia por todo o lado.

\* \* \*

Na terça-feira choveu. A água caía de um céu cinzento e os meus limpadores de para-brisa não conseguiam limpar o vidro suficientemente depressa. Fazia parte da fila de trânsito quase parada. O tempo espelhava o meu humor. O encontro com Marino me deixara fisicamente doente, de ressaca. Há quanto tempo saberia? Quantas vezes ele teria visto o Audi branco parado na minha entrada? Teria sido mais do que por curiosidade ociosa que ele passara pela minha casa? Queria ver como vivia a chefe arrogante? Provavelmente sabia o que o Estado me pagava e qual era o valor mensal da minha hipoteca. Luzes faiscantes me obrigaram a mudar para a faixa da esquerda e, ao passar por uma ambulância e pelos policiais que ordenavam o trânsito junto de uma furgoneta bastante amassada, os meus pensamentos sombrios foram interrompidos pelo rádio.

“... Henna Yarborough foi violentada e estrangulada, e se imagina que tenha sido assassinada pelo mesmo homem que matou mais quatro mulheres em Richmond nos últimos dois meses...”.

Aumentei o volume e escutei o que já tinha ouvido várias vezes desde que saíra de casa. O assassinato parecia ser a única notícia em Richmond nesses dias.

“... últimas notícias. De acordo com uma fonte próxima dos investigadores, a doutora Lori Pedersen pode ter tentado ligar para 911 momentos antes de ser assassinada...”. Esta revelação, interessante, vinha na primeira página do jornal da manhã. “... o diretor da Segurança Pública, Norman Tanner, foi contactado em sua casa...”; Tanner leu um depoimento, obviamente preparado.

“A polícia está ao corrente da situação. Devido à susceptibilidade destes casos, não posso fazer comentários...”.

“Faz alguma ideia de qual será a fonte desta informação, Mr. Tanner?”, perguntou o repórter.

“Não posso fazer comentários sobre isso...”.

Não podia comentar porque não sabia. Mas eu sabia. A dita fonte próxima da investigação deveria ser a própria Abby. Não saíra nenhum artigo assinado por ela. Era óbvio que os editores retiraram-na da cobertura jornalística. Já não relatava as notícias, agora ela era a notícia, e me lembrei da sua ameaça: “Alguém vai pagar...”. Queria que Bill, a Polícia, o Estado e até Deus pagassem. Eu estava à espera de notícias sobre a violação do computador e sobre o PERK mal rotulado. Quem iria pagar era eu. Só cheguei à minha sala perto das oito e meia e, nessa altura, já se ouviam os telefones tocando desde o corredor.

— Repórteres! Queixou-se Rose ao entrar e pousou um maço de mensagens telefônicas no meu mata-borrão. — Mensagens, revistas e, há um minuto, um tipo de Nova Jersey que diz que está escrevendo um livro. Acendi um cigarro. — Aquela da Lori Pedersen ter chamado a polícia, acrescentou, com uma expressão de ansiedade. — Que horrível se for verdade...

— Continue mandando todo mundo para o outro lado da rua, eu a interrompi. — Qualquer um que telefone por causa destes casos deverá ser encaminhado para o Amburgey.

Ele já me enviara diversos e-mails exigindo “imediatamente” uma cópia do relatório da autópsia de Henna Yarborough na sua mesa. No memorando mais recente, o “imediatamente” vinha sublinhado e ele acrescentara uma observação insultuosa: “Aguardo uma explicação sobre o comunicado do Times”. Estaria ele insinuando que eu, de certa forma, era responsável pela última fuga de informação para a imprensa? Estaria me acusando de ter falado a um repórter sobre o malogrado telefonema para 911? Amburgey não ia receber nenhuma explicação minha. Hoje não ia obter absolutamente nada de mim, mesmo que mandasse vinte memorandos e aparecesse em pessoa.

— O sargento Marino está aqui. Rose me enervou bastante ao acrescentar: — Quer recebê-lo?

Eu sabia o que ele queria. De fato, já tinha feito uma cópia do relatório para ele. Estava à espera que ele passasse mais tarde, quando eu já tivesse ido embora. Estava rubricando uma pilha de relatórios toxicológicos quando ouvi o seu andar pesado no corredor. Usava um impermeável azul-marinho completamente encharcado. O cabelo ralo colado à cabeça, um ar cansado.

— Sobre ontem à noite... Arriscou ele, ao se aproximar da minha mesa. O meu olhar fê-lo se calar. Pouco à vontade, olhou à volta e abriu o impermeável, procurando os cigarros num bolso. — Está chovendo a cântaros, murmurou ele. — É uma expressão que não faz muito sentido se virmos bem. Fez uma pausa. — Talvez pare de chover depois do meio-dia.

Sem dizer uma palavra, entreguei uma fotocópia do relatório da autópsia de Henna Yarborough, que incluía os resultados serológicos preliminares de Betty. Não se sentou na cadeira, do outro lado da minha mesa, mas ficou onde estava pingando em cima do tapete. Começou a ler. Quando chegou à descrição geral, vi que olhou para o meio da página. O seu rosto tinha uma expressão dura quando olhou para mim e perguntou:

— Quem sabe disto?

— Quase ninguém.

— O comissário já viu?

— Não.

— Tanner?

— Telefonou há pouco. Só lhe disse a causa da morte. Não mencionei os ferimentos. Continuou a ler o relatório durante mais um tempo.

— Mais alguém? Perguntou, sem levantar os olhos.

— Mais ninguém o viu. Silêncio.

— Não saiu nada nos jornais, disse ele. — Nem na rádio, nem na televisão. Por outras palavras, o nosso delator não conhece estes pormenores.

Olhei friamente para ele.

— Merda. Dobrou o relatório e enfiou-o num bolso. — O tipo é um raio de um Jack, o Estripador. Olhando para mim, acrescentou: — Calculo que não tenha sabido nada do Boltz. Se tal acontecer, se esquive, se afaste dele.

— Que quer dizer com isso? A simples menção do nome de Bill era como se fosse uma ferroada.

— Não atenda as ligações dele, não fale com ele. Faça como quiser. Não quero que ele obtenha uma cópia seja do que for neste momento. Não quero que ele veja este relatório ou que saiba mais do que já sabe.

— Ainda o considera um suspeito? Indaguei o mais calmamente possível.

— Diabos, eu já não tenho certeza de mais nada, retorquiu. — O fato é que ele é o procurador do Estado e tem direito a tudo o que quiser, não é? Por outro lado, quero lá saber se ele é o raio do mandachuva. Não quero que ele receba nada. Por isso só estou lhe pedindo que faça o que puder para evitá-lo, para fugir dele.

Bill não passaria por aqui. Sabia que não ia ter notícias dele. Ele sabia o que Abby tinha dito a seu respeito e também sabia que eu estava presente quando ela o dissera.

— E, outra coisa, ele continuou, fechando o impermeável e virando a gola para cima até às orelhas, — Se quer ficar chateada comigo, fique, mas ontem à noite eu estava fazendo o meu trabalho e se pensa que me diverti está muito enganada.

Virou-se ao ouvir alguém pigarreando. Wingo hesitava à entrada da minha porta, com as mãos enfiadas nas suas elegantes calças brancas de linho. Vi um olhar de desdém no rosto de Marino. Passou por Wingo e saiu. Fazendo tilintar nervosamente as moedas que trazia no bolso, Wingo se chegou à beira da minha mesa e anunciou:

— Doutora Scarpetta, está no átrio mais uma equipe de filmagens...

— Onde está a Rose? Perguntei eu, tirando os óculos. As minhas pálpebras pareciam forradas com lixa.

— Deve estar no banheiro. Quer que eu diga para irem embora ou quê?

— Mande-os atravessar a rua! Respondi, acrescentando irritada: — Tal como fizemos com a equipe anterior e a anterior a essa.

— Com certeza, murmurou ele, mas não fez qualquer movimento para ir embora. Estava novamente mexendo nervosamente nas moedas.

— Mais alguma coisa? Perguntei, fazendo um esforço para ser paciente.

— Bem, tenho curiosidade em saber uma coisa. É sobre o Amburgey. Ele não é contra o tabaco? Ou estou confundindo-o com outra pessoa? O meu olhar se demorou no seu rosto sério. Não conseguia imaginar porque teria importância.

— É, decididamente, contra o tabaco, e muitas vezes ele toma posições públicas sobre o assunto.

— Bem que eu imaginava. Devo ter lido qualquer coisa sobre isso na página editorial e também ouvi na televisão. Segundo eu compreendi, tenciona proibir que se fume em todos os edifícios do HHSD no ano que vem.

— É verdade, respondi cada vez mais irritada. — No próximo ano, por esta altura, a sua chefe vai ter de ir lá fora, na chuva e no frio, para fumar, como uma adolescente encabulada. Depois olhei para ele interrogativamente e perguntei: — Por quê? Encolheu os ombros.

— Apenas por curiosidade. Outro encolher de ombros. — Acho que ele costumava fumar, mas que se converteu ou coisa assim.

— Que eu saiba, ele nunca fumou, lhe disse.

O meu telefone voltou a tocar e quando levantei os olhos do meu registro de chamadas Wingo já tinha ido embora. Marino acertara, pelo menos, numa coisa, no tempo. Naquela tarde, dirigi até Charlottesville debaixo de um céu azul deslumbrante e o único vestígio da tempestade matinal era a neblina que se elevava das pastagens junto à estrada.

As acusações de Amburgey continuavam a me atormentar, e tinha intenção de saber o que ele tinha discutido com o doutor Spiro Fortosis. Pelo menos, era essa a minha ideia quando marquei uma entrevista com o psiquiatra. Na realidade, não era a minha única razão. Conhecíamos-nos desde o início da minha carreira e nunca esquecera que ele fora meu amigo nesses tempos difíceis em que eu participava em reuniões forenses e não conhecia ninguém. Desabafar com ele era o mais reconfortante para mim, sem precisar recorrer a um psiquiatra.

Estava no corredor mal iluminado do terceiro andar do edifício de tijolo onde ficava o seu departamento. O rosto dele abriu num sorriso. Deu-me um abraço paternal, me beijando de leve no alto da cabeça. Professor de medicina e de psiquiatria na UVA, ele era quinze anos mais velho que eu e tinha o cabelo branco dos lados e uns olhos bondosos por detrás de óculos sem aros. Normalmente vestia um terno escuro, uma camisa branca e uma gravata com riscas estreitas, que já estava fora de moda há tanto tempo que voltara a estar em voga. Sempre achara que ele podia ser o típico “médico de província” numa gravura de Norman Rockwell.

— A minha sala está sendo pintada, explicou ele, abrindo uma porta escura de madeira no meio do corredor. — Por isso, se não se importar de ser tratada como uma paciente nós vamos ficar aqui.

— Neste momento, me sinto como um dos seus pacientes, afirmei quando ele fechou a porta.

A sala, espaçosa, tinha todo o conforto de uma sala de estar embora fosse um pouco neutra, desprovida de calor humano. Sentei-me num divã de couro acastanhado. Espalhadas pela sala, se viam pálidas aquarelas abstratas e várias plantas envasadas, que não davam flor. Não havia revistas, livros ou, sequer, um telefone. Os abajures, nas mesinhas, estavam apagados e as persianas brancas levantadas o suficiente para permitirem que a luz do sol penetrasse tranquilamente na sala.

— Como está a sua mãe, Kay? Perguntou Fortosis, puxando uma cadeira de braços bege.

— Sobrevive. Acho que vai viver mais tempo que todos nós. Ele sorriu.

— Pensamos sempre isso sobre as nossas mães e, infelizmente, raramente acontece.

— E a sua mulher e as suas filhas?

— Estão bem. Os seus olhos me fitavam. — Parece cansada.

— Suponho que sim. Calou-se por um momento.

— Esteve no VMC, começou ele no seu tom suave e afável. — Penso se terá conhecido Lori Pedersen em vida. Sem precisar de mais perguntas, contei o que não tinha dito a mais ninguém. A minha necessidade do verbalizar era irresistível.

— Vi-a uma vez, disse eu. — Ou, pelo menos, tenho quase certeza.

Tinha procurado exaustivamente na minha memória, especialmente durante aqueles momentos sossegados e introspectivos quando ia ou vinha do trabalho ou quando estava no quintal tratando das minhas rosas. Via a imagem de Lori Pedersen e tentava que correspondesse à imagem de um dos numerosos estudantes do VMC que se juntavam à minha volta nos laboratórios ou nos auditórios das aulas. Nesta altura, tinha me convencido de que, quando estudara as suas fotografias dentro de casa, alguma coisa tinha se tornado claro. Ela me parecia familiar. No mês passado realizara uma palestra intitulada “As Mulheres na Medicina”. Lembro-me de olhar da porta para um mar

de rostos jovens que se alinhavam nas filas do auditório da Faculdade de Medicina. Os estudantes tinham trazido o almoço e estavam confortavelmente sentados nos seus lugares estofados avermelhados enquanto comiam e iam tomando as suas bebidas. O momento era igual a todos os outros anteriores e não havia nada de extraordinário ou particularmente memorável em relação a ele, a não ser em retrospectiva.

Não tinha certeza, mas achei que Lori fora uma das mulheres que se aproximaram, depois, para fazer perguntas. Vi a imagem pouco nítida de uma loura atraente que usava uma bata. A única característica que eu recordava claramente eram os seus olhos verdes-escuros e investigadores quando me perguntou se eu achava realmente possível uma mulher conseguir ter uma família e uma carreira tão exigente como a médica. Lembro-me porque hesitei momentaneamente. Uma delas eu conseguira, mas a outra certamente que não. De uma forma obsessiva, revira a cena várias vezes esperando que o rosto ficasse focado se eu me esforçasse o suficiente. Teria sido ela ou não? Nunca mais seria capaz de andar pelos corredores do VMC sem procurar aquela médica loura. Achava que não a voltaria a ver. Penso que era Lori, uma espécie de fantasma de um futuro horror que a relegava, pura e simplesmente, para um passado.

— Interessante, observou Fortosis na sua maneira pensativa. — Por que acha que é importante tê-la conhecido nessa altura ou em qualquer outra? Contemplei a fumaça do meu cigarro.

— Não tenho certeza, a não ser que torna a sua morte mais real.

— Se pudesse voltar atrás, até esse dia, voltaria?

— Sim.

— E o que faria?

— Avisava-a, de certa forma, disse eu. — De certa forma, tentaria desfazer o que ele fez.

— O que o assassino dela fez?

— Sim.

— Pensa nele?

— Não quero pensar nele. Só quero fazer todos os possíveis para me assegurar de que ele será apanhado.

— E punido?

— Não há punição igual ao crime. Nenhuma punição seria suficiente.

— Se ele for executado, não acha que é um castigo suficiente, Kay?

— Só se morre uma vez.

— Então, quer que ele sofra. Não tirava os olhos de mim.

— Sim, respondi.

— Como? Dor?

— Medo, disse eu. — Quero que ele sinta o medo que elas sentiram quando souberam que iam morrer. Não notei durante quanto tempo falara, mas a sala estava mais escura quando, finalmente, parei. — Suponho que este caso esteja me incomodando de uma forma diferente dos outros, admiti.

— É como nos sonhos. Recostou-se para trás na cadeira e bateu levemente as pontas dos dedos. — As pessoas dizem muitas vezes que não sonham quando é mais exato dizer que não se lembram dos sonhos. Incomodam-nos, Kay. Tudo isso nos incomoda. Esforçamo-nos por domar a maior parte das nossas emoções para que não nos devorem.

— Então parece que não estou conseguindo fazer isso muito bem, Spiro.

— Por quê? Suspeitei que ele soubesse muito bem, mas queria que fosse eu a dizer.

— Talvez por Lori Pedersen ser médica. Tenho afinidades com ela. Se calhar, estou fantasiando. Já tive a idade dela.

— De certa forma, já foi ela.

— Sim.

— E o que aconteceu a Lori podia acontecer com a Kay?

— Não sei se fui tão longe.

— Acho que sim. Sorriu um pouco. — Acho que levou muitas coisas longe de mais. Que mais? Amburgey. O que Fortosis teria lhe dito?

— Há muitas pressões periféricas.

— Tais como?

— Políticas. Falei no assunto.

— Ah! Sim. Ele ainda estava batendo com as pontas dos dedos umas nas outras. — Isso sempre existe.

— As fugas de informação para a imprensa. Amburgey está com receio de que elas tenham saído dos meus serviços. Hesitei, esperando um sinal de que ele já estava a par. O seu rosto, impassível, não me disse nada. — A sua teoria, segundo Amburgey, é que o conteúdo das notícias acelera a necessidade homicida do assassino e que, por isso, as fugas de informação poderiam ser, indiretamente, responsáveis pela morte de Lori. E agora também pela de Henna Yarborough. Tenho certeza de que, em breve, vou ouvir isso.

— É possível que as fugas de informação venham dos seus serviços?

— Alguém, um estranho, entrou na base de dados do computador. O que torna isso possível. Ou, melhor dizendo, me coloca numa posição em que não posso me defender.

— A não ser que descubra quem é o responsável, afirmou, objetivamente.

— Não vejo maneira de fazer isso. Pressionei-o. — Falou com Amburgey? Ele me olhou bem de frente.

— Sim, falei. Mas acho que ele deu demasiada importância ao que eu disse Kay. Nunca iria tão longe, a ponto de afirmar que a informação que, alegadamente, veio dos seus serviços seja responsável pelos dois últimos homicídios. Por outras palavras, as duas mulheres estariam vivas se não fossem as notícias. Eu não disse isso.

Tenho certeza de que o meu alívio foi visível.

— No entanto, se Amburgey ou qualquer outra pessoa tencionar fazer um grande alarido das ditas fugas de informação que podem ter vindo do computador dos seus serviços, lamento, mas acho que não posso fazer nada. Na verdade, sinto que há um elo significativo entre a publicidade e a atividade do assassino. Se as informações sigilosas resultam em histórias inflamadas e maiores títulos de jornais, então sim,

Amburgey, ou qualquer outra pessoa pode pegar no que eu disse e usá-lo contra os seus serviços. Entendeu o que eu quero dizer?

— Está dizendo que não consegue desativar a bomba, respondi já desanimada. Inclinando-se para frente, me disse redondamente:

— Estou dizendo que não posso desativar uma bomba que nem sequer vejo. Que bomba? Está sugerindo que alguém quer envolvê-la?

— Não sei, respondi cuidadosamente. — Tudo o que lhe posso dizer é que o município vai ser atacado por causa da chamada para 911 que Lori Pedersen fez pouco antes de ser assassinada. Leu sobre isso? Ele acenou com a cabeça, interessado. — Amburgey me telefonou para discutir o assunto muito antes da história desta manhã. Tanner estava lá. E Boltz também. Disseram que poderia acontecer um escândalo, um processo judicial. Nessa altura, Amburgey ordenou que toda a informação futura para a imprensa fosse encaminhada para si. Eu não posso fazer quaisquer comentários. Ele disse que você achava que as fugas de informação para a imprensa, as histórias subsequentes, estão aumentando a atividade do assassino. Fui longamente interrogada sobre essas fugas, sobre a potencialidade da sua fonte ser dos meus serviços. Não tive outra hipótese se não admitir que alguém entrara na base de dados.

— Compreendo.

— E pela forma como tudo isto evoluiu, prossegui, — Comecei a ter uma vaga impressão de que, se houver algum escândalo, vai ser sobre o que supostamente tem acontecido nos meus serviços. A implicação é a seguinte: prejudiquei a investigação, talvez tenha sido a causa indireta da morte de mais mulheres... Fiz uma pausa. Estava falando mais alto. — Por outras palavras, vejo que toda a gente está ignorando o fato da malograda chamada para 911, porque estão todos muito ocupados se enfurecendo com o OCME, ou seja, comigo. Ele não fez qualquer comentário. Acrescentei, cansada: — Se calhar, eu estou ficando obcecada por nada.

— Talvez não. Não era isso que eu queria ouvir. — Teoricamente, explicou ele, — Podia acontecer, tal como acabou de resumir. Alguns grupos podem querer que aconteça assim para salvar a própria pele. O

médico-legista é um bode expiatório acessível. O público, em geral, não entende o que ele faz, tem impressões e suposições repreensíveis e bastante horríveis. As pessoas não gostam de imaginar uma pessoa cortando o corpo de um ente querido. Veem-no como uma mutilação, a derradeira humilhação...

— Por favor, interrompi. Ele continuou delicadamente:

— Está entendendo o que eu quero dizer.

— Bem de mais.

— É uma pena que o computador tenha sido violado.

— Meu Deus, quem me dera que ainda usássemos máquinas de escrever! Ele olhou pensativamente pela janela.

— Falo como advogado, Kay. Os seus olhos se viraram para mim com uma expressão taciturna. — Aconselho-a a ser muito cuidadosa. Mas recomendo que não se deixe levar por isto ao ponto de se distrair da investigação. Políticas sujas ou o medo delas podem lhe causar instabilidade a ponto de poder cometer erros, poupando aos seus antagonistas o trabalho de forjá-los.

Lembrei-me das preparações mal rotuladas. Sentia um nó no estômago. Ele acrescentou:

— Acontece o mesmo às pessoas num barco que está afundando. Podem se tornar selvagens. Cada um por si. O melhor é sair do caminho. Não se coloque numa posição vulnerável quando as pessoas estão entrando em pânico. E as pessoas, em Richmond, estão entrando em pânico.

— Algumas estão, concordei.

— O que é compreensível. A morte de Lori Pedersen podia ser evitada. A polícia cometeu um erro imperdoável quando não deu prioridade à sua chamada para 911. O assassino ainda não foi apanhado. Continuam morrendo mulheres. O público culpa os funcionários públicos que, por sua vez, têm de encontrar alguém a quem culpar. É a natureza do animal. Se a polícia ou os políticos conseguirem passar a responsabilidade para outra pessoa, fá-lo-ão.

— Sim, para outra pessoa, ou seja, diretamente para mim, redargui com azedume, pensando automaticamente em Cagney. Isto teria acontecido com ele? Sabia qual era a resposta, mas, mesmo assim, exprimi-a em voz alta. — Não posso deixar de pensar que sou um alvo fácil por ser mulher.

— É uma mulher num mundo de homens, respondeu Fortosis. — Sempre será considerado um alvo fácil até que os rapazes descubram que você tem força. E tem. Sorriu. — Assegure-se de que eles o sabem.

— Como?

— Existe alguém no seu departamento em quem confie em absoluto? Perguntou.

— O meu pessoal é muito leal... Ele fez orelhas surdas à observação.

— Confiança, Kay. Quero dizer, alguém a quem confie a sua vida. A sua analista de informática, por exemplo?

— Margaret sempre foi fiel, respondi hesitante. — Mas confiar a minha vida? Acho que não. Mal a conheço, pelo menos no plano pessoal.

— Refiro-me à sua segurança. A sua melhor defesa, se quiser pensar assim, seria descobrir, de alguma forma, quem anda entrando no seu computador. Pode não ser possível. Mas se houver uma hipótese, suspeito que seria preciso uma pessoa com bastante treino em computadores para fazê-lo. Um detetive especializado, alguém em quem confie. Acho que não seria sensato envolver alguém que mal conhece, alguém que poderia falar demais.

— Não me lembro de ninguém, contrapus. — E mesmo que descobrisse as notícias podiam ser ruins. Se for um repórter que anda entrando no computador, não vejo como resolveria o meu problema ao descobrir isso.

— Talvez não. Mas se eu fosse você, tentaria. Pensei no que estava me sugerindo. Tive a sensação de que ele tinha as suas próprias suspeitas. — Vou me lembrar de tudo isto, ele prometeu, — Quando e se receber chamadas por causa destes casos, Kay. Se alguém me pressionar, por exemplo, sobre o fato de as notícias exacerbarem a ânsia do assassino,

esse tipo de coisas. Uma pausa. — Não tenciono ser usado. Mas também não posso mentir. O fato é que a reação do assassino à publicidade, o seu MO, por outras palavras, é um pouco invulgar.

Limitei-me a ouvi-lo.

— Nem todos os seriais killers gostam de ler sobre si próprios, para dizer a verdade. O público tende a achar que a grande maioria das pessoas que cometem crimes horrendos quer reconhecimento, querem se sentir importantes. Como o Hinckley. Dá um tiro no presidente e, no mesmo instante, é um herói. Uma pessoa desajustada e antissocial, que não consegue manter um emprego e um relacionamento normal com quem quer que seja, é, de repente, internacionalmente conhecida. Esses tipos são a exceção, a meu ver. É um extremo. O outro extremo são os Lucas e Tooles. Fazem o que fazem e muitas vezes nem sequer ficam o tempo suficiente na cidade para lerem as notícias. Não querem que ninguém saiba. Escondem os corpos e os vestígios. Passam muito tempo na estrada, andando de lugar em lugar, procurando no caminho os próximos alvos. Tenho a impressão, baseada num estudo do motivo do assassino de Richmond, de que ele é uma mistura de ambos os extremos. Faz isso porque sente necessidade, mas não quer ser apanhado de forma alguma. Mas também prospera com a atenção, quer que toda a gente saiba o que ele fez.

— Foi isto que disse a Amburgey? Indaguei.

— Acho que as coisas ainda não estavam tão claras quando falei com ele ou qualquer outra pessoa na semana passada. Foi preciso o assassinato de Henna Yarborough para me convencer.

— Por causa de Abby Turnbull.

— Sim.

— Se ela é que devia ser a vítima, continuei, — Não havia melhor maneira de chocar a cidade e aparecer nas notícias nacionais do que matar a repórter famosa que tem dado cobertura às histórias.

— Se Abby Turnbull era a vítima pretendida, a sua escolha me parece bastante pessoal. Parece que os primeiros quatro foram

impessoais, assassinatos de estranhos. O agressor não conhecia as vítimas, perseguia-as. Foram alvos fortuitos.

— Os resultados dos testes do DNA confirmarão se se trata do mesmo homem, disse eu, convencida de que era nisso que ele estava pensando. — Mas eu tenho certeza. Nem por um minuto acredito que Henna foi morta por engano por uma pessoa que podia andar atrás da irmã. Fortosis disse:

— Abby Turnbull é uma celebridade. Por um lado, perguntei a mim mesmo se era ela a vítima pretendida, será que faz sentido o assassino ter cometido um erro e matado a irmã? Por outro, se a vítima pretendida era Henna Yarborough, a coincidência de ser irmã de Abby não é um tanto chocante?

— Já aconteceram coisas mais estranhas.

— Claro. Nada é certo. Podemos fazer conjecturas na vida inteira e nunca conseguir definir exatamente. Porquê isto ou porquê aquilo? O motivo, por exemplo. Terá sofrido maus tratos da mãe, abusos sexuais, etcetera, etcetera. Será que está se vingando da sociedade, mostrando desprezo pelo mundo? Quanto mais tempo exerço esta profissão, mais acredito no que a maior parte dos psiquiatras não quer ouvir, ou seja, que muitas destas pessoas matam porque gostam de matar.

— Cheguei a essa conclusão há muito tempo, lhe disse, enfuriada.

— Acho que o assassino de Richmond está se divertindo, ele continuou calmamente. — É muito esperto, muito determinado. Raramente comete erros. Não estamos lidando com nenhum doente mental com lesões no lobo frontal direito. Também não é um psicótico, com certeza. É um sádico sexual, tem uma inteligência acima do normal e consegue se integrar bem na sociedade de forma a manter uma personalidade aceitável. Acho que tem um emprego útil em Richmond. Não me surpreenderia minimamente se tivesse uma ocupação, um hobby, que o pusesse em contato com pessoas traumatizadas ou feridas ou pessoas que possa facilmente controlar.

— Que tipo de ocupação, exatamente? Perguntei, pouco à vontade.

— Pode ser qualquer uma. Estou disposto a apostar que é suficientemente esperto e competente para fazer qualquer coisa de que goste.

— Doutor, advogado, chefe de índios? Lembrei-me de Marino. Recordei a Fortosis: — Mudou de opinião. No princípio achava que ele podia ter cadastro ou antecedentes de uma doença mental, talvez ambas as coisas. Alguém que tivesse acabado de sair de uma instituição mental ou de uma prisão...

— À luz destes dois homicídios, me interrompeu, — Especialmente se Abby se encaixar, não penso nada disso. Os criminosos psicóticos raramente têm a capacidade de iludir várias vezes à polícia. Sou de opinião que o assassino de Richmond tem experiência, que provavelmente matou noutros lugares e que conseguiu escapar à detenção com tanto êxito como agora.

— Acha que ele se muda para um lugar novo, que mata durante vários meses e que depois se muda novamente?

— Não necessariamente, respondeu. — Pode ser suficientemente disciplinado para mudar para um novo lugar e arranjar um emprego. É possível que espere uns tempos até começar. Quando começa, não consegue parar. E em cada território novo, precisa de mais para se satisfazer. Está se tornando cada vez mais ousado, perdendo o controle. Anda fazendo chacota da polícia e se diverte por ser a maior preocupação da cidade, isto é, através da imprensa, e possivelmente através da escolha das suas vítimas.

— Abby... Murmurei. — Se era realmente ela que ele queria. Ele acenou com a cabeça.

— Essa foi nova, a coisa mais ousada e temerária que ele fez se se dispôs a matar uma famosa repórter de casos policiais. Teria sido a sua maior façanha. Pode haver outros componentes, empatias e projeção. Abby escreve sobre ele e ele acha que tem alguma coisa de pessoal com ela. Desenvolve uma relação com ela. A sua raiva e as suas fantasias se concentram nela.

— Mas se ferrou! Retorqui furiosa. — A sua maior façanha e ele acabou por estragar tudo.

— Exatamente. Pode não conhecer Abby assim tão bem para saber qual é o aspecto dela, para saber que a irmã foi morar com ela no último outono. Manteve um olhar sereno ao acrescentar: — É bem possível que não soubesse que a mulher que matou não era Abby até ver os noticiários ou ler os jornais. Fiquei surpresa com a ideia. Não tinha pensado nisso. — O que me preocupa bastante. Recostou-se na cadeira.

— O quê? Pode ir novamente atrás dela? Eu duvidava seriamente disso.

— Preocupa-me. Parecia que estava pensando em voz alta. — Não aconteceu da forma como ele esperava. Pensa que fez figura de bobo. Isto pode servir apenas para torná-lo ainda mais perigoso.

— Que grau de violência ele tem de atingir para ser qualificado como “mais perigoso”? Retorqui, acaloradamente. — Sabe o que ele fez a Lori. E agora a Henna... A expressão dele me fez calar.

— Telefonei para Marino pouco tempo antes de você chegar aqui, Kay. Fortosis sabia. Sabia que os esfregaços vaginais de Henna Yarborough deram negativos.

Provavelmente, o assassino falhara o alvo. A maior parte do sêmen que eu recolhera estava na colcha e nas pernas dela. Ou então o único objeto que ele usara, com sucesso, fora a faca. Os lençóis por baixo dela estavam tesos e escuros do sangue seco. Se não a tivesse estrangulado, provavelmente ela teria sangrado até à morte. Ficamos sentados, num silêncio opressivo, com a imagem terrível de uma pessoa que tinha prazer em causar uma dor horrenda a outro ser humano. Quando olhei outra vez para Fortosis, a expressão dos seus olhos era melancólica e parecia exausto. Acho que foi a primeira vez que notei de como tinha envelhecido. Conseguia ouvir e ver o que acontecera a Henna. Sabia estas coisas ainda mais distintamente que eu. O ambiente, dentro da sala, se tornou pesado. Levantamo-nos ambos ao mesmo tempo.

Fui pelo caminho mais longo até ao carro, atravessando o campus em vez de seguir pela rua estreita que dava acesso ao parque de estacionamento. As montanhas Blue Ridge formavam ao longe um

oceano nebuloso e gelado, a cúpula da Rotunda era de um branco cintilante, e longas sombras se espalhava pelos gramados. Conseguia sentir o perfume das árvores e da relva ainda aquecida pelo sol. Grupos de estudantes deambulando, rindo e conversando sem repararem em mim. Quando ia passando por baixo dos galhos gigantes de um carvalho, o meu coração deu um salto ao ouvir o ruído súbito de passos atrás de mim. Virei-me bruscamente e vi um jovem que fazia jogging olhando para mim, abrindo a boca de espanto. Distingui, por um momento, um par de shorts vermelhos e longas pernas bronzeadas antes dele cruzar uma calçada e desaparecer.

\* \* \*

## Treze

**N**A MANHÃ SEGUINTE quando cheguei a minha sala faltava pouco para as seis horas. Ainda não tinha ninguém lá e os telefones, além disso, estavam codificados para tocarem na central telefônica. Enquanto o café ia pingando, fui à sala de Margaret. O computador, em espera, desafiava o criminoso a tentar novamente. Mas ele não o fizera. Não fazia sentido. Saberíamos que tínhamos descoberto a violação depois dele ter tentado chamar o caso de Lori Pedersen na semana passada? Teria ficado com medo? Suspeitaria que não estivéssemos introduzindo novos dados? Ou haveria outra razão? Olhei para a tela escura. “Quem é você?” pensei. Que quer de mim? No corredor, os telefones começaram a tocar novamente. Três toques e um silêncio abrupto quando a telefonista atendeu.

“Ele é muito matreiro, muito determinado...”. Fortosis não precisava de me dizer.

“Não estamos lidando com nenhum doente mental...”. Eu não estava à espera que ele fosse como nós. Mas podia ser. Talvez fosse.

“... consegue se integrar bem na sociedade para manter uma personalidade aceitável...”. Seria suficientemente competente para trabalhar em qualquer profissão. Podia usar um computador no trabalho ou até ter um em casa.

Ia querer entrar na minha mente. Ia querer entrar na minha mente, tanto quanto eu queria entrar na dele. Eu era o único elo real entre ele e as suas vítimas. Quando examinei as contusões, os ossos fraturados e os

profundos cortes, só eu me apercebi da força, da selvajaria necessária para provocar esses ferimentos. As costelas, em pessoas jovens e saudáveis, são flexíveis. Ele partira as costelas de Lori ao se pôr de joelhos, com todo o seu peso, em cima da sua caixa torácica. Nessa altura ela estava de costas. Ele fê-lo depois de arrancar o fio do telefone da parede. As fraturas nos dedos dela eram fraturas provocadas por torção digital; os ossos tinham sido violentamente arrancados das articulações. Amordaçara-a, amarrara-a e depois quebrara os dedos dela um por um. Não tinha razão para fazê-lo, a não ser causar uma dor horrível e dar uma ideia do que vinha a seguir. Durante todo esse tempo, ela estava em pânico por não conseguir respirar. Em pânico à medida que o fluxo sanguíneo, comprimido, rompia os vasos como pequenos balões, fazendo-a sentir como se a cabeça fosse explodir. Depois forçou a penetração praticamente em todos os orifícios do corpo dela. Quanto mais ela se debatia, mais o fio elétrico se apertava à volta do pescoço até ela ter desmaiado pela última vez e morrer.

Eu reconstruíra tudo isto. Reconstruíra tudo o que ele fizera a todas elas. Ele devia querer descobrir o que eu sabia. Era arrogante, era paranoico. Estava tudo no computador. Tudo o que fizera com Patty, Brenda, Cecile... A descrição de cada ferimento, cada indício que encontrara, cada teste de laboratório que eu aconselhara. Ele estaria lendo as palavras que eu ditara? Estaria lendo o meu pensamento?

Os meus sapatos, de salto baixo, ecoaram rapidamente ao longo do corredor vazio quando regresssei apressadamente a minha sala. Num acesso de frenética energia, esvaziei a bolsa até encontrar o cartão de visita, branco-sujo, com o cabeçalho do Times impresso no centro em letra gótica preta. Por trás, as garatujas escritas à esferográfica por uma mão trêmula. Liguei para o pager de Abby Turnbull. A reunião foi marcada para a tarde porque, quando falei com Abby, o corpo da irmã ainda não fora liberado. Não queria Abby dentro do edifício até Henna ser levada e entregue aos cuidados da funerária. Abby chegou à hora

combinada. Rose levou-a, calmamente, até a minha sala e fechou ambas as portas.

Estava com um aspecto horrível. Tinha rugas mais profundas no rosto, e a sua cor era quase acinzentada. O cabelo caía, solto e farto, até aos ombros e ela vestia uma camisa de algodão branca, amarrotada, e uma saia caqui. Quando acendeu um cigarro, reparei que estava tremendo. E algum lugar, no fundo do vazio dos seus olhos, havia um brilho de dor, de raiva. Comecei por lhe dizer o que dizia aos entes queridos de quaisquer das vítimas em cujos casos eu trabalhava.

— A causa da morte da sua irmã, Abby, foi o estrangulamento pelo laço à volta do pescoço.

— Durante quanto tempo? Soprou uma trêmula coluna de fumo.  
— Quanto tempo ela viveu depois... Depois de ele tê-la agredido?

— Não saberia lhe dizer exatamente. Mas os danos físicos me levam a suspeitar que a sua morte foi rápida.

Não lhe disse que não fora suficientemente rápida. Havia fibras dentro da boca de Henna. Fora amordaçada. O monstro queria-a viva durante algum tempo, e calada. Baseando-me na quantidade de sangue que perdera, classifiquei os cortes como lesões peri-morte. Podia afirmar, com exatidão, que tinham sido infligidos por volta da hora da morte. Sangrara muito pouco nos tecidos envolventes depois do ataque com a faca. Podia até já estar morta. Podia ter ficado inconsciente. O mais provável é que fosse pior do que isso. Suspeitava que o fio das persianas tivesse ficado muito apertado à volta do pescoço quando esticava as pernas, num reflexo violento à dor.

— Teve hemorragias petequiais nas pálpebras e na pele da face e do pescoço, disse a Abby. — Em outras palavras, rupturas dos pequenos vasos superficiais dos olhos e da face. São causadas por pressão, por oclusão cervical das veias jugulares devido ao laço à volta do pescoço.

— Quanto tempo ela viveu? Perguntou ela novamente.

— Minutos, repeti.

Só tencionava ir até esse ponto. Abby me pareceu um pouco aliviada. Procurava conforto na esperança de que o sofrimento da irmã fosse mínimo. Um dia, quando o caso estivesse encerrado e Abby se sentisse mais forte, saberia. Que Deus a ajudasse, iria saber da faca.

— É tudo? Perguntou tremendo.

— É tudo o que posso dizer agora, respondi. — Desculpe. Lamento muito que aconteceu a Henna.

Ela fumou durante algum tempo, em passas bruscas e nervosas, como se não soubesse o que fazer com as mãos. Mordia o lábio inferior, tentando evitar que tremesse. Quando, finalmente, olhou para mim, fê-lo com uma expressão inquieta, desconfiada. Sabia que eu não a chamara para aquilo. Sentiu que havia mais qualquer coisa.

— Não foi para isto que me chamou, não é?

— Não. Repliquei com franqueza. Silêncio. Conseguia ver o ressentimento, a raiva aumentando.

— O que é? Perguntou. — O que quer de mim?

— Quero saber o que vai fazer. Os seus olhos faiscaram.

— Ah! Já entendi. Está preocupada consigo. Jesus. É igual a todos os outros!

— Não estou preocupada comigo, redargui muito calmamente. — Mas com outras coisas, Abby. Você sabe o suficiente para me causar problemas. Se quiser acabar com o meu departamento e comigo, faça. A decisão é sua. Ela pareceu pouco segura, desviando o olhar. — Compreendo a sua raiva.

— Não pode compreender.

— Compreendo-a melhor do que imagina. Veio-me à ideia uma imagem de Bill. Compreendia muito bem a raiva de Abby.

— Não pode. Ninguém pode! Exclamou ela. — Ele roubou a minha irmã. Roubou uma parte da minha vida. Estou farta que as

peessoas me tirem coisas! Que mundo é este, disse ela, se engasgando, — Onde alguém pode fazer uma coisa destas? Oh, meu Deus, não sei o que vou fazer... Eu disse com firmeza:

— Sei que tenciona investigar a morte da sua irmã, Abby. Não o faça.

— Alguém tem que fazer! Gritou. — O quê? Devo deixar o assunto nas mãos dos cãozinhos da polícia?

— Precisa deixar alguns assuntos para a polícia. Mas pode ajudar. Pode se realmente quiser.

— Não tente me proteger!

— Não estou fazendo isso.

— Vou fazê-lo à minha maneira...

— Não. Não faça à sua maneira, Abby. Faça-o pela sua irmã. Ela olhou para mim com uma expressão vazia, os olhos vermelhos. — Pedi para que viesse aqui porque vou me arriscar. Preciso da sua ajuda.

— Certo! Precisa que eu ajude saindo da cidade e me mantendo desligada do assunto... Eu abanava, devagar, a cabeça. Ela pareceu surpresa.

— Conhece Benton Wesley?

— O perfilhador. Inquiriu hesitante. — Sei quem ele é. Olhei para o relógio de parede.

— Estará aqui dentro de dez minutos. Ela olhou para mim durante bastante tempo.

— O quê? O que quer exatamente que eu faça?

— Use os seus conhecimentos jornalísticos para nos ajudar a encontrá-lo.

— A ele? Perguntou, com os olhos muito abertos. Levantei-me para ver se ainda havia café.

Wesley sentiu alguma relutância quando expliquei pelo telefone, o meu plano, mas a partir do momento em que estávamos os três no meu gabinete, ficou claro que aceitara.

— A sua total cooperação não é negociável, disse ele a Abby com ênfase. — Precisa me garantir que fará exatamente aquilo que combinarmos. Qualquer imprevisto ou pensamento criativo da sua parte poderá fazer a investigação ir por água abaixo. A sua discricão é absolutamente necessária. Ela acenou com a cabeça e depois salientou:

— Se o assassino está violando o computador, porque o terá feito apenas uma vez?

— Uma vez, que nós descobrimos, recordei.

— No entanto, não voltou a acontecer desde que o descobriram. Wesley sugeriu:

— Ele pode escapar. Assassinou duas mulheres em duas semanas e, provavelmente, tem suficiente informação na imprensa para satisfazer a sua curiosidade. Pode estar numa situação favorável, se sentir todo orgulhoso porque, segundo as notícias, não temos nada sobre ele.

— Precisamos espicaçá-lo, acrescentei. — Precisamos fazer alguma coisa para que fique de tal forma paranoico, que se torne descuidado. Uma maneira de conseguir é fazê-lo pensar que o meu departamento encontrou provas que podem ser a oportunidade de que temos estado à espera.

— Se ele é a pessoa que tem entrado no computador, resumiu Wesley, — Isto poderia ser um incentivo suficiente para ele tentar descobrir novamente o que supostamente sabemos.

O fato é que não tínhamos solução para o caso. Eu afastara Margaret do seu posto por tempo indefinido e o computador deveria ser deixado em modo de atendimento. Wesley tinha instalado um dispositivo para localizar todas as chamadas feitas para a sua extensão. Íamos usar o computador para atrair o assassino, pedindo a Abby para que o jornal publicasse uma notícia, alegando que a investigação forense tinha encontrado um “elo significativo”.

— Vai ficar paranoico, suficientemente nervoso para acreditar, previ eu. — Se alguma vez foi tratado num hospital perto daqui, por exemplo, vai ficar preocupado por podermos encontrá-lo através de

listas antigas. Se ele for buscar medicamentos especiais em alguma farmácia, também terá de se preocupar com isso.

Tudo isto baseado no cheiro estranho que Matt Pedersen mencionara à polícia. Não havia outro “vestígio” ao qual pudéssemos aludir com segurança. O único vestígio com o qual o assassino iria ter problemas era o DNA. Eu podia enganá-lo completamente, ou não. Alguns dias antes, eu tinha recebido cópias dos relatórios dos primeiros dois casos. Estudei a ordem vertical do código de barras de vários tons e larguras, padrões que se pareciam muito com os códigos de barras magnéticas das embalagens dos supermercados. Havia três testes radioativos em cada caso, e a posição das barras em cada teste, para o caso de Patty Lewis, não se conseguia distinguir da posição das barras nos três testes do caso de Brenda Steppe.

— Claro que isto não nos dá a sua identidade, expliquei a Abby e a Wesley. — Tudo o que podemos dizer é que, se ele for negro, então um em cada 135 milhões de homens pode, em teoria, se ajustar ao mesmo padrão. Se for branco, apenas um em 500 milhões de homens.

O DNA é o microcosmo da pessoa no seu todo, o seu código orgânico. Engenheiros genéticos, num laboratório particular de Nova Iorque, tinham isolado o DNA das amostras do sêmen que eu recolhera. Cortaram as amostras em lugares específicos, e os fragmentos migraram para áreas distintas de uma superfície carregada eletricamente, coberta com um gel espesso. O pólo positivo se encontrava num extremo da superfície, o pólo negativo no outro.

— O DNA tem uma carga negativa, continuei. — Os opostos se atraem.

Os fragmentos mais curtos se deslocavam para mais longe e mais depressa na direção positiva do que os mais compridos, e se espalhavam

pelo gel, formando o padrão de bandas. Este fora transferido para uma membrana de nylon e exposto a uma sonda.

— Não entendi, interrompeu Abby. — Que sonda? Eu expliquei.

— Os fragmentos da dupla hélice do DNA do assassino estavam divididos em cadeias únicas. Em termos mais simples, estavam abertos como se fosse um fecho de correr. A sonda é uma solução de DNA de cadeia única de uma dada sequência de bases, rotulada com um marcador radioativo. Quando a solução, ou sonda, foi posta por cima da membrana de nylon, a sonda escolheu e se juntou a cadeias únicas complementares, ou sejam as cadeias únicas complementares do assassino.

— Então o fecho de correr está novamente fechado? Perguntou ela.  
— E agora é radioativo?

— O importante é que o seu padrão pode ser visto nos raios X, disse eu.

— Sim, o código de barras dele. É pena não podermos passá-lo por um scanner e descobrir o seu nome, acrescentou Wesley secamente.

— Tudo sobre ele está lá, continuei. — O problema é que a tecnologia ainda não está suficientemente avançada para ler todas as características, como os defeitos genéticos, cor dos olhos e do cabelo, esse tipo de coisas. Existem tantas bandas que englobam tantos pontos na genética da pessoa que é demasiado complexo provar com exatidão mais do que uma semelhança ou uma diferença.

— Mas o assassino não sabe disso. Wesley me dirigiu um olhar especulativo.

— Exatamente.

— A não ser que seja um cientista ou algo parecido, interpôs Abby.

— Exatamente.

— Vamos supor que não é, eu lhe disse. — Calculo que ele nunca terá pensado na identificação através do DNA até ter lido sobre o assunto nos jornais. Duvido que compreenda bem o conceito.

— Explicarei o procedimento no meu artigo, disse Abby em voz alta. — Vou fazê-lo compreender que é o suficiente para ficar assustado.

— Apenas o suficiente para ele pensar que estamos a par do seu defeito, concordou Wesley. — Se ele tiver um defeito... É isso que me preocupa, Kay. Olhou para mim firmemente. — E se não tiver? Pacientemente, voltei a explicar:

— O que continua a sobressair é a referência de Matt Pedersen a panquecas, ao cheiro dentro do quarto que lhe recordava panquecas, alguma coisa doce, mas poderia ser a suor.

— Xarope de bordo, se recordou Wesley.

— Sim. Se o assassino tiver um odor corporal que faça lembrar o xarope de bordo, pode ter um tipo de anomalia, um tipo de doença metabólica.

— E é genético? Wesley já perguntara isto duas vezes.

— Aí é que está, Benton. Se ele a tiver, se encontra em algum lugar no seu DNA.

— Nunca ouvi falar disso, disse Abby. — Acerca dessa doença.

— Bem, não é exatamente um resfriado vulgar.

— Então o que é exatamente?

Levantei-me da mesa e me dirigi à estante. Tirei o volumoso *Textbook of Medicine*, abri-o na página certa e coloquei-o à frente deles.

— É uma anomalia enzimática, expliquei ao me sentar novamente. — É provocada pela acumulação de aminoácidos no corpo, como se fossem um veneno. Na forma clássica ou aguda, a pessoa sofre de um profundo atraso mental e/ou morre na infância, razão pela qual é raro encontrar adultos saudáveis com espírito são que sofram desta doença. Mas é possível. Na sua forma mais suave, que precisaria ser a doença de que o assassino sofre, o desenvolvimento é normal, os sintomas são intermitentes e a doença pode ser tratada com uma dieta baixa em proteínas e possivelmente com suplementos dietéticos, especificamente, tiamina, ou vitamina B1, aumentada dez vezes a mais do que a dose diária normal.

— Em outras palavras, disse Wesley, se inclinando para frente e franzindo o sobrolho ao examinar cuidadosamente o livro, — Ele pode

ter a forma mais branda da doença, levar uma vida normal, ser esperto com tudo, mas cheirar mal? Acenei afirmativamente com a cabeça.

— O sintoma mais vulgar desta doença é um odor característico, um cheiro forte a xarope de bordo na urina e na transpiração. Os sintomas serão mais agudos quando ele estiver em stress, o cheiro mais marcante quando estiver fazendo o que lhe causar mais tensão, que é cometer estes homicídios. O cheiro fica impregnado na roupa. Há muito tempo que ele tem consciência do problema.

— Não se consegue cheirá-lo no sêmen? Perguntou Wesley.

— Não necessariamente.

— Bom, disse Abby, — Se ele tem este odor corporal, então deve tomar muitos banhos. Se trabalhar com outras pessoas, elas devem notar o cheiro. Não respondi.

Ela não sabia da existência do resíduo brilhante e não seria eu que iria lhe dizer. Se o assassino tivesse esse odor crônico, não seria nem um pouco invulgar que se sentisse obrigado a se lavar frequentemente durante o dia, as axilas, o rosto e as mãos, enquanto estivesse no meio de outras pessoas que pudessem reparar no seu problema. Podia se lavar no trabalho, onde houvesse um doseador de sabão de bórax no banheiro dos homens.

— É um risco. Wesley se recostou para trás na cadeira. — Meu Deus. Abanou a cabeça. — Se o cheiro que Pedersen mencionou foi alguma coisa que ele imaginou ou que confundiu com outro cheiro, talvez uma colônia que o assassino usasse, vamos fazer figura de bobos. O maluco vai ter uma maior certeza de que não sabemos o que andamos fazendo.

— Acho que Pedersen não imaginou o cheiro, afirmei com convicção. — Chocado como estava quando encontrou o corpo da mulher, o cheiro deveria ser invulgar e forte para ele ser capaz de notar e lembrar. Não consigo pensar em nenhuma água-de-colônia que cheire a suor temperado com xarope de bordo. Acho que o assassino devia estar

transpirando abundantemente quando saiu do quarto poucos minutos antes de Pedersen entrar.

— A doença provoca atraso... Abby folheava o livro.

— Se não for tratada imediatamente depois do nascimento, repeti.

— Bem, este filho da mãe não é atrasado. Olhou-me com uma expressão dura.

— Claro que não, concordou Wesley. — Os psicopatas são tudo menos estúpidos. Queremos fazer que o tipo pense que o achamos estúpido. Atingir onde lhe dói, na sua vaidade, assente na noção que tem do seu elevado QI.

— Esta doença, eu disse. — Pode causar isso. Se ele a tiver, já sabe que tem. Possivelmente é hereditária. Torna-se hipersensível não só em relação ao seu odor corporal, mas também ao que diz respeito às deficiências mentais que a anomalia pode causar.

Abby tirava notas. Wesley olhava para a parede, com uma expressão tensa. Não parecia satisfeito. Frustrado, observou:

— Não sei Kay. Se o tipo não tiver essa tal coisa do xarope de bordo... Abanou a cabeça. — Descobrirá que é um truque. Pode atrasar a investigação.

— Não se pode atrasar uma coisa que já está jogada a um canto. Repliquei calmamente. — Não tenho intenção de mencionar a doença no artigo. Virei-me para Abby. — Vamos nos referir a ela como um mau funcionamento metabólico. O que pode ser uma porção de coisas. Ele vai ficar preocupado. Talvez seja uma coisa que ele não sabe que tem. Acha que está com a saúde perfeita. Como pode ter certeza? Nunca teve uma equipe de engenheiros genéticos estudando os seus fluidos corporais. Mesmo que o tipo seja médico, não pode excluir a possibilidade de ter uma anomalia latente durante a maior parte da sua vida, como uma bomba prestes a explodir. Vamos fazer com que fique ansioso. Vamos fazê-lo sofrer. Que diabo, vamos deixá-lo pensar que tem alguma coisa fatal. Talvez vá à clínica mais próxima à procura de um médico. Talvez isto o leve à biblioteca mais próxima. A polícia pode

averiguar; ver quem vai à procura de um médico local ou quem começa a folhear freneticamente livros de consulta numa das bibliotecas. Se for ele que entrou no computador, vai provavelmente tentar de novo. Dê por onde der, tenho o palpite que alguma coisa vai acontecer. Vai incomodá-lo.

Passamos a hora seguinte redigindo o artigo de Abby.

— Não podemos citar fontes, disse ela. — De maneira nenhuma. Se estas citações forem atribuídas à médica-legista-chefe, vai parecer suspeito porque ela tem se recusado a prestar declarações. E agora ordenaram para que não falasse. Precisa parecer uma fuga de informação.

— Bem, comentei secamente. — Suponho que consiga resolver o problema, mencionando a sua famosa “fonte clínica”.

Abby leu o rascunho em voz alta. Não me soou bem. Era demasiado vago. “Alegado” isto e “possível” aquilo. Se tivéssemos o sangue dele... Se o defeito enzimático existisse, podia ser detectado nos leucócitos, as suas células brancas. Se tivéssemos alguma coisa... Como se fosse exatamente no momento esperado, o meu telefone tocou. Era Rose.

— Doutora Scarpetta, o sargento Marino está aqui. Diz que é urgente.

Fui ter com ele no átrio. Trazia um saco plástico cinza que era usado para guardar roupas ligadas a casos de homicídio.

— Não vai acreditar. Sorria, o rosto afogueado. — Conhece Magpie? Eu olhava para o saco volumoso, sem disfarçar o quanto me sentia intrigada. — Lembra-se? O Magpie, que anda pela cidade toda, com os seus bens terrenos num carrinho de supermercado que roubou em algum lugar. Passa o tempo vasculhando nas latas de lixo.

— Um mendigo? Do que Marino estaria falando?

— Sim. O Grand Dragon dos vadios. Bem, durante o fim-de-semana andou vasculhando num latão a menos de um quarteirão de distância do local onde Henna Yarborough foi morta, e adivinhe! Encontrou um bonito macacão azul, doutora! Claro que o retirou imediatamente porque estava manchado de sangue. Ele é um dos meus informantes. Teve a inteligência de enfiar num saco do lixo e há dias que anda empurrando a porcaria do carrinho à minha procura. Por isso me chamou quando me viu na rua, há pouco, apanhou os dez dólares da praxe, e Feliz Natal. Abriu o saco. — Cheire.

Quase caí para o lado não apenas devido ao fedor da peça de vestuário, cheia de sangue, mas por causa do intenso cheiro adocicado de xarope de bordo e de transpiração. Um arrepio me percorreu a espinha.

— Sabe, continuou Marino, — Passei pelo apartamento do Pedersen antes de vir para aqui. Obriguei-o a cheirar.

— É o odor de que ele se lembra? Espetou o dedo na minha direção e me piscou o olho:

— Acertou!

Durante duas horas, Vander e eu trabalhamos no macacão. Levaria algum tempo até que Betty analisasse as nódoas de sangue, mas tínhamos poucas dúvidas de que o macacão fora usado pelo assassino. Cintilou sob o laser como asfalto salpicado de mica. Calculamos que, ao atacar Henna com a faca, ficara cheio de sangue e limpou as mãos nas coxas. Os punhos das mangas também estavam duros por causa do sangue seco. Era muito provável que tivesse o hábito de usar qualquer coisa, como um macacão, por cima da roupa quando atacava. Talvez costumasse atirar a peça de vestuário para um latão de lixo depois do crime. Mas eu tinha as minhas dúvidas. Viu-se livre desta porque fizera a vítima sangrar.

Estava disposta a apostar que ele era suficientemente esperto para saber que nódoas de sangue não saem. Se alguma vez fosse apanhado, não tinha intenções de ter uma peça de roupa pendurada no armário que estivesse manchada de sangue. Também não era sua intenção que alguém localizasse o macacão. A etiqueta fora retirada. O tecido parecia ser uma mistura de algodão e material sintético, azul-escuro, tamanho “M” ou talvez “G”. Lembrei-me das fibras escuras encontradas no parapeito da janela de Lori Pedersen e no seu corpo. Também havia algumas fibras escuras no corpo de Henna. Nós três não tínhamos dito nada a Marino sobre o que estávamos fazendo. Ele devia andar na rua, algures, ou estar em casa bebendo cerveja em frente à televisão. Não tinha nenhuma ideia. Quando saíssem as notícias, pensaria que era verdade, que se tratava de uma fuga de informação relacionada com o macacão que entregara e com os relatórios do DNA que eu recebera há pouco tempo. Queríamos que toda a gente pensasse que as notícias eram verdadeiras. De fato, provavelmente eram. Não consegui pensar noutra razão para o assassino ter um odor corporal tão característico, a não ser que Pedersen estivesse imaginando coisas, e que o macacão fosse atirado para cima de um frasco de xarope de bordo dentro do latão.

— É perfeito, dizia Wesley. — Ele nunca pensou que o encontraríamos. O tipo tinha tudo arquitetado; vai ver até sabia onde estava o latão, antes de sair naquela noite. Nunca pensou que iríamos encontrar isso. Olhei furtivamente para Abby. Ela estava se aguentando muito bem. — É o suficiente para começarmos, acrescentou Wesley. Eu conseguia imaginar o título:

*DNA, NOVAS PROVAS:*

*SERIAL KILLER PODE TER DOENÇA METABÓLICA*

Se ele tivesse mesmo uma doença urinária, a história na primeira página dos jornais deveria fazê-lo perder a estabilidade.

— Se o seu objetivo é atraí-lo para o computador do OCME, disse Abby, — Precisamos fazer que ele pensasse que o computador faz parte do plano, que os dados estão relacionados. Pensei durante um minuto.

— Está bem. Podemos fazer isso se dissermos que o computador conseguiu uma pista com uma recente introdução de dados, informação relacionada com um cheiro peculiar sentido num dos locais do crime e associado a um indício recém-descoberto. Uma busca pôs em relevo uma deficiência invulgar nas enzimas que poderia causar um odor parecido, mas fontes próximas da investigação não disseram exatamente o que este defeito ou doença poderia ser ou se a deficiência fora comparada com os resultados dos testes do DNA, recém-concluídos. Wesley gostou.

— Ótimo. Vamos deixá-lo acabar com os miolos. Não se apercebeu da piada. — Vai ficar pensando se encontramos o macacão ou não, continuou ele. — Não vamos dar pormenores. Talvez possa dizer apenas que a polícia se recusou a desvendar a natureza exata do indício. Abby continuou escrevendo. Eu disse:

— Voltando à sua “fonte clínica”, talvez fosse uma boa ideia ter algumas citações proferidas por essa pessoa. Ela olhou para mim.

— Tais como? Olhei para Wesley e respondi:

— Deixe que essa fonte médica se recuse a revelar a deficiência metabólica específica, tal como concordamos. Mas que diga que a deficiência pode causar danos mentais e, em casos agudos, atraso mental. Depois acrescente... Compus em voz alta. — Um perito em genética humana afirmou que certos tipos de deficiências metabólicas podem causar um profundo atraso mental. Embora a polícia acredite que o serial killer não tenha um atraso mental grave, existem indícios que sugerem que possa sofrer de um grau de deficiência que se manifesta em desorganização e confusão intermitente. Wesley murmurou:

— Vai ficar doido. Isso vai deixá-lo furioso.

— É importante não pormos em causa a sua sanidade mental, eu continuei. — Isso nos prejudicaria em um tribunal. Abby sugeriu:

— Então a fonte dirá simplesmente isso. A fonte distinguirá entre atraso e doença mental.

Nessa altura, ela já enchera meia dúzia de páginas do seu bloco. Perguntou enquanto escrevia:

— Esta questão do xarope de bordo... Vamos ser assim tão específicos em relação ao cheiro?

— Sim, respondi, sem hesitar. — Este tipo pode trabalhar em contato com o público. Deve ter colegas, quanto mais não seja. Pode ser que apareça alguém. Wesley observou:

— Uma coisa é certa, vai perturbá-lo ainda mais. Deve ficar extremamente paranoico.

— A não ser que não tenha de fato nenhum problema de odor corporal, disse Abby.

— Como é que ele vai saber que não tem? Perguntei. Ambos ficaram surpresos.

— Já alguma vez ouviram a expressão de que uma raposa não reconhece o próprio cheiro? Acrescentei.

— Quer dizer que ele pode cheirar mal e não saber? Perguntou ela.

— Ele que descubra, respondi.

Ela acenou com a cabeça e se debruçou novamente sobre o bloco. Wesley voltou a se recostar na cadeira.

— Que mais sabe sobre essa deficiência, Kay? Deveríamos investigar as farmácias locais, ver se alguém comprou uma grande quantidade de vitaminas esquisitas ou medicamentos?

— Podia verificar se alguém compra regularmente grandes quantidades de B1, disse eu. — Também existe um pó para isso, um suplemento dietético. Acho que é vendido sem receita médica, um suplemento protéico de venda livre. Ele pode estar controlando a doença através de uma dieta, limitando a ingestão de comidas com um alto teor de proteínas. Mas acho que é demasiado cuidadoso para deixar esse tipo de vestígios e, na verdade, acho que esta doença não é assim tão grave para ele estar fazendo uma dieta muito rigorosa. Calculo que leve uma

vida bastante normal uma vez que se integra tão bem. O seu único problema é ter um odor corporal estranho, que se nota mais quando está sob tensão.

— Tensão emocional?

— Tensão física, respondi. — Esta doença tende a se tornar mais ativa sob tensão física, como, por exemplo, se a pessoa está com uma infecção respiratória, como a gripe. É fisiológico. Provavelmente não anda dormindo bem. É preciso muita energia para matar vítimas, arrombar casas, fazer o que ele faz. A tensão física e a tensão emocional estão ligadas, uma leva à outra. Quando mais tensão emocional ele sentir, mais tenso fica fisicamente e vice-versa.

— E depois? Fitei-o, impassível. — E depois o que acontece, ele repetiu, — Se a doença se tornar mais ativa?

— Pode se tornar aguda.

— Vamos dizer que sim.

— Nesse caso, ele terá um verdadeiro problema.

— O que significa...

— Significa que os aminoácidos se acumulam no seu sistema. Vai se sentir letárgico, irritável e atáxico. São sintomas parecidos com os de uma grave hiperglicemia. Pode precisar ficar hospitalizado.

— Traduza, disse Wesley. — O que significa atáxico?

— Descoordenado. Vai andar por aí como se estivesse bêbedo. Não consegue passar por cima de cercas e trepar em janelas. Se a doença se tornar grave, se o grau de tensão continuar a subir e se não se tratar, pode ficar descontrolada.

— Descontrolada? Insistiu ele. — Nós lhe causamos tensão, é essa a nossa intenção, não é? E a doença fica descontrolada?

— Possivelmente.

— Está bem. Hesitou. — E a seguir?

— Uma hiperglicemia grave e um aumento da ansiedade. Se não for controlada, vai se sentir confuso, exausto. A sua capacidade de raciocínio pode ficar diminuída. Vai sofrer de alterações de humor. Parei por aqui.

Mas Wesley não ia me deixar em paz. Inclinar-se para frente na cadeira, me olhando fixamente.

— Você não inventou essa história da doença urinária, não é? Insistiu ele.

— Venho estudando a questão.

— E não disse nada.

— Não tinha certeza, respondi. — Até agora não vi razão para falar no assunto.

— Está bem. Certo. Diz que quer perturbá-lo, exercer pressão sobre ele até que fique doido. Qual é a fase seguinte? Quero dizer, e se ele ficar mesmo gravemente doente?

— Pode ficar inconsciente, ter convulsões. Se isso se prolongar, pode levar a uma grave deficiência orgânica. Ele me fitou com ar incrédulo enquanto os seus olhos mostravam que compreendera:

— Meu Deus, vai tentar matar o filho da mãe! Abby parou de escrever. Espantada, olhou para mim. Respondi:

— Tudo isto é teoria. Se ele a tiver, é a forma suave. Viveu com ela a vida toda. É muito pouco provável que morra da doença.

Wesley continuou a me fitar de olhos arregalados. Não acreditara em mim.

\* \* \*

## Quatorze

**N**ÃO CONSEGUI DORMIR a noite toda. A mente não se aquietava e eu me agitava penosamente entre realidades perturbadoras e sonhos selvagens. Matei alguém e Bill era o médico-legista chamado ao local do crime. Quando chegou, com a sua maleta preta, vinha acompanhado de uma mulher linda que eu não conhecia... Os meus olhos se abriram na escuridão e parecia que uma mão fria me apertava o coração. Levantei-me muito antes do despertador tocar e fui, deprimida, para o trabalho. Não sei quando, na minha vida, me sentira tão só e tão pouco sociável. Mal falava com as pessoas do departamento e o meu pessoal começava a olhar para mim de uma forma nervosa e estranha. Por várias vezes estive quase telefonando para Bill, a minha resolução vacilante como uma árvore prestes a cair. Finalmente, tomei a decisão pouco antes do almoço. A sua secretária me disse, alegremente, que “Mr. Boltz” estava de férias e que só voltaria no dia 1 de Julho.

Não deixei mensagem. Sabia que as férias não tinham sido planeadas. Também sabia por que razão não me dissera uma palavra sobre o assunto. O passado era passado. Não haveria uma decisão, desculpas esfarrapadas ou mentiras. Tinha rompido comigo para sempre porque não conseguia enfrentar os seus próprios erros. Depois do almoço fui ao laboratório, e fiquei surpresa ao ver Betty e Wingo, com as costas viradas para a porta, cabeças juntas, olhando para qualquer coisa branca dentro de um pequeno saco de plástico. Disse “Olá” e entrei. Wingo enfiou o saco nervosamente num bolso da bata de Betty, como se estivesse lhe dando dinheiro às escondidas.

— Acabou lá em baixo? Fingi que estava demasiado preocupada para ter reparado na estranha transação.

— Ah! Sim. Claro que acabei doutora Scarpetta, respondeu ele rapidamente ao sair. — McFee, o tipo que foi morto a tiro ontem à noite, já o liberei há tempos. E as vítimas de queimaduras de Albemarle só chegam por volta das quatro.

— Muito bem. Ficarão retidas até amanhã.

— Certo, ouvi-o dizer do corredor.

Espalhado em cima da larga mesa no centro da sala estava o motivo da minha visita, o macacão azul. Parecia pouco interessante e vulgar, estava esticado e fechado até a gola. Podia ter pertencido a qualquer pessoa. Tinha vários bolsos e acho que os devo ter examinado meia dúzia de vezes na esperança de encontrar alguma coisa que me pudesse dar uma ideia de quem ele era, mas estavam vazios. Havia grandes buracos nas pernas e nas mangas onde Betty retirara pedaços de tecido manchado de sangue.

— Conseguiu determinar o grupo sanguíneo? Perguntei tentando não olhar para o saco de plástico que estava em seu bolso.

— Já descobri algumas coisas. Fez sinal para segui-la até a sua sala.

Na mesa se via um bloco onde ela escrevinhara notas e números que deveriam parecer hieróglifos para um leigo.

— O grupo sanguíneo de Henna Yarborough é o B, começou ela. — Temos sorte, por esse lado, porque não é assim tão vulgar. Na Virgínia, cerca de doze por cento da população é do tipo B. O seu PGM é um-mais, um-menos. O PEP é A-um, o EAP é CB, o ADA-um e o AK-um. Infelizmente, os subsistemas são muito comuns, rondam os oitenta e nove por cento ou mais da população da Virgínia.

— E esta configuração é vulgar? O plástico que lhe saía do bolso estava começando a me perturbar. Começou a marcar dígitos numa

calculadora, multiplicar as percentagens, dividindo-as pelo número de subsistemas que tinha.

— Cerca de dezessete por cento. Dezessete em cem pessoas podem ter esta configuração.

— Não é propriamente rara, murmurei.

— Não é.

— E as nódoas de sangue no macacão?

— Tivemos sorte. O macacão já devia estar seco quando o mendigo o encontrou. Está em ótimo estado. Consegui todos os subsistemas, exceto um EAP. É compatível com o sangue de Henna Yarborough. O DNA deverá nos dar certeza, mas pode levar de um mês a seis semanas. Comentei em tom vago:

— Devíamos comprar ações do laboratório. O seu olhar se fixou em mim, mais carinhoso.

— Está com um ar desfeito, Kay.

— É óbvio, não é?

— Para mim, é. Eu não disse nada. — Não deixe que isto a afete. Depois de trinta anos neste martírio, aprendi à minha custa...

— O que o Wingo anda tramando? Perguntei, tolamente. Surpresa, ela hesitou.

— O Wingo? Bem... Eu olhava fixamente para o seu bolso. Betty riu, pouco à vontade, e lhe deu umas pancadinhas.

— Isto? Um trabalho particular que ele me pediu para fazer.

Não tencionava dizer mais nada. Talvez Wingo tivesse outras preocupações na vida. Talvez quisesse fazer um teste HIV às escondidas. Meu Deus, eu espero que ele não tenha HIV. Juntei os meus pensamentos fragmentados e perguntei:

— E as fibras? Encontrou alguma coisa? Betty tinha comparado fibras do macacão com as fibras deixadas no local onde Lori fora assassinada e com algumas encontradas no corpo de Henna Yarborough.

— As fibras encontradas no parapeito da janela dos Pedersen podem ser do macacão, respondeu, — Ou podem ser de várias sarjas

azul-escuras com mistura de algodão e poliéster.

Em tribunal, pensei tristemente, a comparação não vai significar nada, pois a sarja é tão vulgar como papel de escrever à máquina de uma loja barata, se consegue encontrá-la por toda a parte. Poderia ser das calças de trabalho de alguém. Ou podia até ser da farda de um paramédico ou de um policial. Havia outra desilusão. Betty tinha certeza de que as fibras encontradas no corpo de Henna Yarborough não eram do macacão.

— São de algodão, dizia ela. — Podem ser de alguma coisa que ela tivesse usado durante o dia ou mesmo de uma toalha de banho. Quem sabe? As pessoas andam com uma série de fibras no corpo. Mas não estou surpresa pelo macacão não deixar fibras.

— Por quê?

— Porque os tecidos de sarja, tal como o do macacão, são muito lisos. Raramente deixam fibras, a não ser que o tecido entre em contato com alguma coisa abrasiva.

— Tal como um parapeito de tijolo de uma janela ou um parapeito de madeira áspero, como no caso de Lori.

— Possivelmente, e as fibras escuras que encontramos no caso dela podem ser de um macacão. Mesmo deste. Mas acho que nunca vamos saber.

Voltei para baixo e me sentei durante um tempo à minha mesa, pensando. Abrindo a minha gaveta, tirei os processos das cinco mulheres assassinadas. Comecei a procurar alguma coisa que tivesse me escapado. Mais uma vez, tentava encontrar uma ligação. O que tinham essas cinco mulheres em comum? Por que razão o assassino as escolhera? Como entrou em contato com elas? Deveria haver uma ligação. No fundo, não acreditava que fosse uma escolha aleatória, que ele andara por aí à procura de uma candidata. Achava que ele as escolhera por uma razão. Começou por ter qualquer contato com elas e, vai ver, seguiu-as até a casa. Geografia, empregos, aspectos físicos. Não havia denominador

comum. Tentei o inverso, o mínimo denominador comum e voltava sempre ao caso de Cecile Tyler.

Era negra. As outras quatro vítimas eram brancas. De início, ficara intrigada com isto e continuava a estar. Teria o assassino cometido um erro? Talvez não tivesse percebido que ela era negra. Andaria, na verdade, atrás de outra pessoa? Da amiga Bobby, por exemplo? Folheeí páginas, examinei o relatório da autópsia que tinha ditado. Li atentamente recibos de provas, folhas de chamadas e um velho gráfico do Hospital São Lucas, onde ela fora tratada há cinco anos de uma gravidez ectópica. Quando cheguei ao relatório da polícia, olhei para o nome do único parente registrado, uma irmã em Madras, Oregon. Marino tinha obtido informações por ela sobre o passado de Cecile, o casamento fracassado com o dentista que agora morava em Tidewater.

As radiografias soavam como lâminas de serras a se dobrarem quando as tirei de envelopes de papel Kraft e as segurei contra a luz do meu abajur. Cecile não apresentava mais lesões ósseas, a não ser uma fratura consolidada num cotovelo. Era impossível determinar a idade da lesão, mas eu sabia que não era recente. Poderia ter acontecido muitos anos antes. Mais uma vez considereí a ligação com o VMC. Tanto Lori Pedersen quanto Brenda Steppe estiveram recentemente na urgência. Lori estivera lá porque o seu turno era cirurgia traumática. Brenda fora tratada depois de um acidente de automóvel. Talvez fosse ousadia excessiva que Cecile também poderia ter sido tratada lá da fratura no cotovelo. Neste ponto, estava disposta a analisar todas as hipóteses. Disquei o número da irmã de Cecile, que constava do relatório de Marino. Depois de tocar cinco vezes, levantaram o fone.

— Alô? A ligação estava ruim e notei que tinha feito asneira.

— Desculpe, devo ter discado um número errado, disse eu rapidamente.

— Desculpe? Repeti o que tinha dito, mais alto.

— Que número discou? A voz era educada e da Virgínia e parecia pertencer a uma mulher na casa dos vinte. Eu lhe disse o número.

— É este número. Com quem queria falar?

— Com Fran O'Connor, li no relatório. A jovem voz educada respondeu:

— É a própria. Disse-lhe quem era e ouvi um leve suspiro. — Deve ser a irmã de Cecile Tyler.

— Sim. Meu Deus. Não quero falar sobre o assunto. Por favor!

— Mrs. O'Connor, eu sinto muito o sucedido a Cecile. Sou a médica-legista que está trabalhando no caso dela, e telefonei para apurar se sabe como a sua irmã fraturou o cotovelo esquerdo. Tem uma fratura cicatrizada no cotovelo esquerdo. Estou vendo as radiografias agora. Uma hesitação. Ouvia-a pensando.

— Foi um acidente fazendo jogging. Andava correndo numa calçada, tropeçou e caiu desamparada sobre as mãos. Um dos cotovelos quebrou com o impacto. Lembro-me porque ela andou com gesso durante três meses durante um dos verões mais quentes de que se tem memória. Sentia-se pessimamente.

— Naquele verão? Isto aconteceu no Oregon?

— Não, Cecile nunca viveu no Oregon. Foi em Fredericksburg, onde crescemos.

— Há quanto tempo foi este acidente? Mais uma pausa.

— Há nove, talvez dez anos.

— Onde foi tratada?

— Não sei. Num hospital de Fredericksburg. Não me lembro do nome.

A fratura resultante da queda de Cecile não fora tratada no VMC, e o ferimento acontecera há muito tempo para ter importância. Mas isso já não me interessava. Não conhecera Cecile Tyler em vida. Nunca falara com ela. Apenas deduzira que ela falasse “como os negros”.

— Mrs. O'Connor, a senhora é negra?

— Claro que sou negra, respondeu aborrecida.

— A sua irmã falava como a senhora?

— Se falava como eu? Perguntou ela, elevando a voz.

— Sei que parece uma pergunta estranha...

— Quer saber se ela tinha pronúncia de branca como eu?

Continuou ela, furiosa. — Sim, tinha. Não é para isso que serve o ensino? Para que os negros possam falar como os brancos?

— Por favor... Disse eu sentidamente. — Não era minha intenção ofendê-la. Mas é importante... Ia pedir desculpas, mas ela já tinha desligado.

Lucy já tomara conhecimento do quinto estrangulamento. Sabia de todas as jovens mulheres assassinadas. Também sabia que eu tinha um revólver calibre 38 no meu quarto e desde o jantar que já me perguntara duas vezes por ele.

— Lucy, disse, passando os pratos por água antes de colocá-los na máquina de lavar, — Não quero que ande pensando em armas. Não teria uma se não morasse sozinha.

Sentira-me fortemente tentada a escondê-la onde ela nunca se lembrasse de ir procurar. Mas depois do episódio com o modem, que eu dias antes voltara a ligar, com um sentimento de culpa, tinha jurado ser franca com ela. O revólver permaneceria na prateleira do meu roupeiro, dentro da caixa de sapatos, enquanto Lucy estivesse aqui. A arma não estava carregada. Atualmente, descarregava-a de manhã e voltava a carregá-la antes de ir para a cama. Quanto as balas Silvertip, as escondi onde ela nunca se lembraria de procurá-las. Quando olhei para ela, tinha os olhos arregalados.

— Sabe por que razão eu tenho uma arma, Lucy. Acho que entende o quanto elas são perigosas...

— Matam pessoas.

— Sim, respondi enquanto nos dirigíamos para a sala. — Sim, certamente que podem matar.

— Tem uma para poder matar alguém?

— Não gosto de pensar nisso, respondi muito séria.

— Bem, mas é verdade, insistiu ela. — É por isso que a tem. Por causa das pessoas más. Essa é a razão. Peguei no controle remoto e liguei a televisão. Lucy puxou as mangas da sweatshirt cor-de-rosa para cima e se queixou:

— Está calor aqui, tia Kay. Porque está tanto calor aqui?

— Quer que ponha o ar condicionado mais forte? Distraída, folheei o horário dos programas da televisão.

— Não, odeio ar condicionado.

Acendi um cigarro e ela também se queixou.

— O seu escritório é quente e tresanda sempre a tabaco. Abro a janela e continua a cheirar mal. A mamãe diz que não devia fumar. É médica e fuma. A mamãe diz que devia ser mais sensata.

Dorothy telefonara, já tarde, na noite anterior. Estava na Califórnia, não me lembrava de onde, com o marido ilustrador. Não tive outro remédio senão ser simpática com ela. Queria lembrá-la: “Tem uma filha, carne da sua carne. Lembra-se da Lucy? Lembra-se dela?” Em vez disso, me mostrei reservada, quase afável, mais por consideração a Lucy, que estava sentada à mesa com os lábios apertados.

Lucy falou com a mãe durante cerca de dez minutos e, depois disso, não dissera mais nada. Desde essa altura que se mostrara arrogante, crítica, irritável e mandona. Segundo Bertha, também estivera assim durante o dia. Bertha me contara que Lucy mal saíra do meu escritório. Ficara sentada à frente do computador desde que eu saí de casa até chegar. Bertha desistira de chamá-la para as refeições na cozinha. Lucy comera na minha mesa. O sitcom na televisão parecia ainda mais absurdo, porque Lucy e eu estávamos tendo a nossa própria comédia na sala.

— Andy diz que é mais perigoso ter uma arma e não saber como usar do que não ter nenhuma, ela comentou em voz alta.

— Andy?! Perguntei, distraída.

— O anterior ao Ralph. Ele costumava ir para a lixeira dar tiros nas garrafas. Conseguia acertar de muito longe. Aposto que você não conseguiria. Me olhou acusadoramente.

— Tem razão. Provavelmente não conseguia atirar tão bem como Andy.

— Está vendo?

Não lhe disse que, na realidade, entendia bastante de armas de fogo. Antes de comprar o meu Ruger calibre 38, de aço inoxidável, fui ao estande de tiro no sótão do meu edifício e experimentei uma variedade de armas do laboratório de balística, tudo isto sob a supervisão profissional de um dos examinadores. De vez em quando praticava e não atirava mal. Acho que não hesitaria se tivesse necessidade. Também não tencionava falar mais sobre esse assunto com a minha sobrinha. Muito calmamente, lhe perguntei:

— Lucy, porque está implicando comigo?

— Porque é uma estúpida! Os seus olhos se encheram de lágrimas. — É uma velha estúpida e, se tentasse, iria se machucar ou então ele a tomava. E depois morria também! Se tentasse, ele a matava com ela, como acontece na televisão!

— Se eu tentasse? Perguntei confusa. — Se eu tentasse o quê, Lucy?

— Se tentasse acertar em alguém primeiro.

Zangada, limpou as lágrimas e o seu peito franzino arfava. Olhei, sem prestar atenção, para o circo familiar na televisão e não sabia o que havia de dizer. Tinha vontade ir para o escritório, fechar a porta e me embrenhar no trabalho durante um tempo, mas, hesitante, me acerquei dela e puxei-a para mim. Ficamos assim durante muito tempo, sem dizer nada. Pensei com quem ela conversaria em casa. Não conseguia

imaginá-la tendo quaisquer conversas interessantes com a minha irmã. Dorothy e os seus livros para crianças tinham sido louvados por vários críticos como “extraordinariamente elucidativos”, “profundos” e “cheios de sentimento”. Mas que ironia sinistra! Dorothy dava o melhor de si a personagens juvenis que não existiam. Criava-os. Passava longas horas analisando cada um dos pormenores, desde a maneira como o seu cabelo estava penteado até às roupas que usavam, desde as suas provações até aos ritos de passagem. Durante todo esse tempo, Lucy precisava desesperadamente de atenção.

Pensei nos tempos que Lucy e eu passamos juntas quando eu morava em Miami, nas férias com ela, a minha mãe e Dorothy. Pensei na última visita de Lucy. Não me lembrava dela alguma vez ter mencionado os nomes de amigos. Acho que não tinha nenhum. Falava sobre os professores, sobre o naipe de “namorados” que a mãe tinha tido, sobre Mrs. Spencer do outro lado da rua, sobre Jake, o jardineiro, e a interminável sucessão de criadas. Lucy era uma pequena sabichona de óculos, de quem as crianças mais velhas não gostavam e que as crianças da sua idade não entendiam. Estava dessincronizada. Acho que eu era exatamente como ela quando tinha a sua idade. Uma suave ternura acabara por envolver-nos. Falei-lhe para os cabelos:

— Um dia destes, me fizeram uma pergunta.

— Sobre o quê?

— Sobre a confiança. Alguém me perguntou qual era a pessoa em quem eu tinha maior confiança no mundo. E sabe o que mais? Ela encostou a cabeça para trás e me fitou. — Acho que essa pessoa é você.

— É verdade? Perguntou incrédula. — Mais do que qualquer outra pessoa? Acenei afirmativamente com a cabeça e continuei calmamente:

— Sendo assim, vou pedir para me ajudar numa coisa. Ela se endireitou e me fitou de olhos atentos, absolutamente encantados.

— Claro. É só pedir. Eu a ajudo, tia Kay.

— Preciso descobrir como alguém conseguiu entrar no computador do meu serviço...

— Não fui eu, disse ela imediatamente, com um olhar ferido. — Já tinha dito que não fui eu...

— Acredito em você. Mas alguém fez isso, Lucy. Talvez possa me ajudar a descobrir.

Achava que ela não o podia fazer, mas senti vontade de lhe dar uma hipótese. Cheia de energia e novamente excitada, disse confiantemente:

— Qualquer pessoa pode fazê-lo porque é muito fácil.

— Fácil? Tive de sorrir.

— Por causa do Gerente do Sistema. Olhei para ela, assombrada.

— Como é que sabe da existência do Gerente do Sistema?

— Está no livro. É Deus.

Em alturas como estas eu me lembrava, com certa apreensão até, do quociente de inteligência de Lucy. Da primeira vez que fez um teste de inteligência, teve uma pontuação tão alta que o psicólogo insistiu em testá-la novamente porque deveria haver “um erro”. E havia. Da segunda vez, Lucy obteve mais dez pontos.

— É assim que se entra no SQL, para começar, continuava ela. — Está vendo, não se podem criar privilégios, a não ser que se tenha um. É por isso que existe o Gerente do Sistema, Deus. Entra-se no SQL com Ele, e depois consegue criar o que quiser.

O que quiser, começava a entender. Como todos os nomes de utilizadores e senhas atribuídas aos meus departamentos. Era uma revelação terrível, tão simples que nunca tinha me ocorrido. Suponho que também nunca tenha ocorrido a Margaret.

— Tudo o que é preciso fazer é entrar, continuou Lucy prosaicamente. — Se ele souber da existência de Deus, pode criar todos os privilégios que quiser, por exemplo, no DBA, e depois entrar na base de dados.

No meu departamento, o administrador da base de dados, ou DBA, era “GARGANTA PROFUNDA”. De vez em quando, Margaret tinha sentido de humor.

— Por isso se entra no SQL ao ligar o Gerente de Sistemas e ao escrever:

### LIGAÇÃO DE PRIVILÉGIOS, RECURSOS, DBA PARA TIA IDENTIFICADA COMO KAY.

— Se calhar, foi isso que aconteceu, eu pensei em voz alta. — E, com o DBA, uma pessoa pode não só ver os dados como também alterá-los.

— Claro! Ele pode fazer o quiser, porque Deus lhe disse que sim. O DBA é Jesus. As suas alusões teológicas eram tão abusadas que tive de rir. — Foi assim que entrei no SQL, confessou ela. — Uma vez que não me disse a senha. Queria entrar no SQL para experimentar alguns comandos do livro. Dei apenas ao nome do utilizador do DBA uma senha que inventei para poder entrar.

— Espera um minuto, disse para refreá-la. — Espera aí! Quer dizer que atribuiu uma senha que inventou ao nome do utilizador do meu DBA? Como sabia qual era o meu nome de utilizador? Eu não lhe disse.

— Está no arquivo dos privilégios, explicou. — Encontrei-o no diretório Home, onde tem todas as entradas para as tabelas que criou. Tem um arquivo chamado “Privilégios.sql”, onde criou todos os sinónimos públicos para as suas tabelas.

Na verdade, não criara essas tabelas. Fora Margaret, no ano passado, e eu carregara o meu computador de casa com o conteúdo das caixas de disquetes de segurança que ela me dera. Seria possível que existisse um arquivo “Privilégios” parecido no computador do OCME? Peguei na mão de Lucy e nos levantámos do sofá. Ansiosamente, me seguiu até ao escritório. Sentei-a em frente ao computador.

Entramos no programa de comunicações e digitamos o número da sala de Margaret no escritório. Observamos a contagem, ao fundo da tela, enquanto o computador discava. Quase imediatamente, anunciou que estávamos conectados e, depois de darmos vários comandos, a tela ficou escura e piscando com o C prompt verde. De repente, o meu computador era uma janela. Do outro lado, a dezesseis quilômetros dali, estavam os segredos do meu departamento. Fiquei um pouco nervosa por saber que, mesmo enquanto trabalhávamos, a chamada estava sendo localizada. Deveria me lembrar de dizer a Wesley para que ele não perdesse tempo para descobrir que o criminoso, neste caso, era eu.

— Vê se encontra o tal arquivo, pedi. — Para qualquer coisa que possa se chamar de “Privilégios”.

Lucy assim fez. O C prompt apareceu com a mensagem “Não encontramos arquivos”. Tentamos novamente. Tentamos procurar um arquivo chamado “Sinônimos” e, mesmo assim, não tivemos sorte. Depois ela teve a ideia de tentar encontrar um arquivo qualquer com a extensão sql, porque normalmente era essa a extensão para qualquer arquivo que tivesse comandos SQL, comandos como aqueles utilizados para criar sinônimos públicos nas tabelas de dados do departamento. Dezenas de nomes de arquivos apareceram na tela. Um deles captou a nossa atenção. Chamava-se “Public.sql”. Lucy abriu o arquivo. A minha excitação era comparável ao meu desânimo. Continha os comandos que Margaret tinha escrito e executado havia muito tempo, quando definira sinônimos públicos para todas as tabelas que criara na base de dados do departamento, comandos como **CRIAR SINÔNIMO PÚBLICO GARGANTA PROFUNDA**. Eu não era programadora de computadores. Já ouvira falar de sinônimos públicos, mas não tinha certeza do que se tratava. Lucy folheava um manual. Chegou à seção sobre sinônimos públicos e disse confiante:

— É simples. Quando se cria uma tabela, é preciso dar o nome do utilizador e a senha. Olhou para mim, com os olhos brilhando por trás

dos óculos.

— Está bem, disse eu. — Faz sentido.

— Por isso, se o seu nome de utilizador for “tia” e a sua senha “Kay”, quando criar uma tabela chamada “Jogos” ou qualquer coisa, o nome que o computador dará é “Tia.Jogos”. Liga o nome da tabela ao nome do utilizador que o criou. Se não quiser se dar ao trabalho de escrever “Tia.Jogos” de cada vez que quiser entrar na tabela, se cria um sinónimo público. Escreve o comando **CRIAR SINÓNIMO PÚBLICO PARA TIA.JOGOS**. Ele dá outro nome à tabela e por isso se chama apenas “Jogos”. Olhei para a longa lista de comandos na tela, uma lista que revelava cada tabela no computador do OCME, uma lista que revelava o nome do utilizador do DBA, sob o qual cada tabela fora criada. Confusa, perguntei:

— Mas mesmo que alguém visse este arquivo, Lucy, não saberia a senha. Só vem o nome do utilizador do DBA e não se consegue entrar numa tabela, tal como a nossa tabela de casos, sem se saber a senha.

— Quer apostar? Os dedos dela estavam um pouco afastados das teclas. — Se soubermos o nome do utilizador do DBA, podemos alterar a senha, dar o nome que quisermos e depois se consegue entrar. O computador não se importa. Deixa-nos mudar as senhas sempre que quisermos, sem misturar os programas. As pessoas gostam de alterar as senhas por razões de segurança.

— Então é possível pegar no nome do utilizador “Profunda”, atribuir uma nova senha e entrar nos nossos dados? Ela acenou afirmativamente com a cabeça.

— Mostre-me. Olhou-me, hesitante.

— Mas me disse para eu nunca entrar na base de dados do seu serviço.

— Desta vez, estou abrindo uma exceção.

— E se eu der uma nova senha para “Garganta”, tia Kay, vai desaparecer a antiga. Essa já não vai estar lá. Não vai dar.

Lembrei-me do que Margaret dissera quando descobrimos que alguém tentara chamar o caso de Lori Pedersen, alguma coisa sobre o

fato da senha do DBA não funcionar, obrigando-a a ter de voltar a executar o privilégio do DBA.

— A senha antiga não vai funcionar porque foi substituída pela nova que eu inventei. Por isso, não se pode obter acesso com a antiga. Lucy olhou furtivamente para mim.

— Mas eu ia arranjar isso...

— Arranjar? Eu mal ouvia o que ela dizia.

— O seu computador... A sua antiga senha não vai funcionar porque eu a alterei para poder entrar no SQL. Mas eu ia arranjar isso. Juro.

— Mais tarde, disse eu rapidamente. — Pode tratar disso mais tarde. Quero que me mostre exatamente como alguém consegue entrar.

Eu estava tentando compreender. Parecia provável, concluí, que a pessoa que entrou na base de dados do OCME soubesse o suficiente sobre o assunto para notar que conseguiria criar uma nova senha para o nome do utilizador que encontrasse no arquivo Public.sql. Mas não sabia que, ao fazê-lo, invalidaria a antiga senha, impedindo-nos de entrar da próxima vez que tentássemos. Claro que íamos pensar sobre isso, e parece que a pessoa também não se lembrou de que o eco pudesse estar ligado, repetindo os seus comandos na tela. A intrusão só podia ter acontecido uma única vez!

Se a pessoa já entrara anteriormente, mesmo com o eco desligado, nós saberíamos. Margaret teria descoberto que a senha “Profunda” não funcionava mais. Por quê? Por que razão esta pessoa teria entrado e tentado chamar o caso de Lori Pedersen? Os dedos de Lucy continuavam martelando as teclas.

— Está vendo, dizia ela, — Faz de conta que eu sou o bandido tentando entrar. É assim que eu faço.

Entrou no SQL, escrevendo Gerente/Sistemas, e executou um comando de ligar/recursos/DBA com o nome do utilizador “Garganta” e uma senha que inventou. “Aberta”. O privilégio foi concedido. Era o novo DBA. Com ele, conseguia entrar em qualquer das tabelas do departamento. Era suficientemente poderoso para fazer qualquer coisa que quisesse. Era suficientemente poderoso para alterar os dados. Era suficientemente poderoso, por exemplo, para alterar o registro do caso de Brenda Steppe, de forma que o item “cinto castanho-amarelado” aparecesse na lista “Roupa e artigos pessoais”. Ele teria feito isto? Conhecia os pormenores dos crimes que cometera. Lia os jornais. Estava obcecado com cada palavra escrita à seu respeito. Melhor do que ninguém reconheceria uma inexatidão nas notícias. Queria alardear a sua inteligência. Teria alterado os dados do meu departamento para me espicaçar, para me atormentar? A intrusão ocorrera quase dois meses depois do pormenor ser revelado no artigo de Abby sobre a morte de Brenda. No entanto, a base de dados fora violada apenas uma vez e recentemente.

O pormenor no artigo de Abby não podia ter vindo do computador do OCME. Seria possível que o pormenor no computador tivesse vindo do artigo no jornal? Talvez ele tivesse revisto cuidadosamente os casos de estrangulamento no computador, à procura de qualquer inconsistência com o que Abby escrevera. Se calhar, quando chegou ao caso de Brenda Steppe, encontrou a inexatidão. Alterou os dados, escrevendo “cinto castanho-amarelado” por cima de “um par de collants cor de carne”. Talvez a última coisa que tivesse feito, antes de desligar, fosse tentar chamar o caso de Lori Pedersen, quanto mais não fosse por curiosidade. Isto explicaria por que razão Margaret encontrara esses comandos na tela. Seria que a minha paranoia estava roubando o meu discernimento? Haveria também alguma ligação entre isto e o PERK mal rotulado? A ficha de cartão brilhava com um resíduo cintilante. E se não tivesse vindo das minhas mãos?

— Lucy, existe alguma maneira de saber se alguém alterou os dados no computador do meu departamento? Respondeu sem hesitar:

— Fazem uma cópia de segurança dos dados, não fazem? Alguém os transfere para algum lado, não é?

— Sim.

— Então pode arranjar uma cópia antiga, importá-la para o computador e ver se os dados antigos são diferentes.

— O problema, redargui, — É que mesmo que eu descobrisse uma alteração, não posso saber exatamente se não foi o resultado de uma atualização de um registro que um dos meus escriturários fez. Os casos estão continuamente sendo alterados, porque os relatórios entram constantemente durante semanas, meses, depois de ser dada a carga inicial.

— Acho que terá de lhes perguntar, tia Kay. Pergunte se eles alteraram alguma coisa. Se disserem que não e se encontrarem uma cópia antiga que seja diferente do que está agora no computador, isso não ajudaria? Admiti:

— Talvez.

Ela alterou novamente a senha para a que eu lhe dei. Desligamos e limpamos a tela para que de manhã ninguém visse os comandos no computador do OCME. Eram quase onze horas. Telefonei para a casa de Margaret e ela falou com voz de sono quando perguntei pelos disquetes de exportação e se ela teria alguma coisa anterior à data da violação do computador. Deu a resposta desanimadora de que eu já estava à espera:

— Não, doutora Scarpetta. O departamento não tem nada tão antigo como isso. Fazemos uma nova cópia ao fim de cada dia e há de dois dias anteriores é formatada e depois atualizada.

— Bolas. Tenho de arranjar, de qualquer maneira, uma versão da base de dados que não tenha sido atualizada nas últimas semanas. Silêncio.

— Espere um pouco... Murmurou ela. — Pode ser que eu tenha uma.

— Sobre o quê?

— Não sei... Hesitou. — Acho que dos últimos seis meses de dados. As Estatísticas Vitais querem os nossos dados e, há algumas semanas, experimentei importar os dados do distrito para uma seção e fiz um spooling de todos os dados sobre os casos para um arquivo para ver como ficava. No fim, me cabe enviá-los pelo telefone para o mainframe...

— Há quantas semanas? Interrompi-a. — Há quantas semanas fez isso?

— No primeiro dia do mês... Deixe-me ver, acho que foi por volta do dia 1 de junho.

Os meus nervos zumbiam. Eu deveria saber. Pelo menos, o meu departamento não podia ser culpado pelas fugas de informação se eu conseguisse provar que os dados, no computador, tinham sido alterados depois dos artigos terem saído nos jornais.

— Preciso imediatamente desse arquivo, disse. Fez-se um longo silêncio. Parecia hesitante quando respondeu:

— Tive alguns problemas com esse procedimento. Nova pausa. — Mas posso lhe dar o que tenho logo de manhã.

Olhando para o relógio, disquei o número do pager de Abby. Cinco minutos depois, estava falando com ela.

— Abby, eu sei que as suas fontes são sagradas, mas há uma coisa que preciso saber. Ela não respondeu. — No seu relato do assassinato de Brenda Steppe escreveu que ela fora estrangulada com um cinto castanho-amarelado. Onde soube deste pormenor?

— Eu não posso...

— Por favor. É muito importante. Preciso saber qual foi a fonte. Depois de uma longa pausa, afirmou:

— Não digo nomes. Um membro da brigada. Foi um membro da brigada, está bem? Um dos tipos que estavam no local. Conheço muitos membros da brigada...

— A informação não veio do meu departamento?

— Evidentemente que não, disse ela com ênfase. — Está preocupada com a violação do computador que o sargento Marino mencionou... Juro, nada do que eu publiquei veio do seu departamento. Disse sem pensar duas vezes:

— Quem quer que tenha entrado no computador, Abby, pode ter registrado esse pormenor do cinto de tecido amarelado na tabela dos casos para fazer parecer que você o descobrira através do meu departamento, que fora do meu departamento que se dera a fuga de informação. O pormenor não está correto. Não acredito que alguma vez estivesse no nosso computador. Acho que quem quer que tenha entrado foi buscar o pormenor no seu artigo.

— Meu Deus! Foi tudo o que ela disse.

\* \* \*

## Quinze

**M**ARINO DEIXOU CAIR o jornal da manhã em cima da mesa de reuniões com uma forte pancada, fazendo que as folhas esvoaçassem e os suplementos escorregassem.

— Que diabo vem a ser isto? O rosto dele estava vermelho de raiva e ele precisava fazer a barba. — Meu Deus!

A resposta de Wesley foi empurrar calmamente uma cadeira com o pé, convidando-o a se sentar. O artigo de quinta-feira vinha na primeira página, por cima da dobra, com a manchete:

### DNA, NOVAS PROVAS LEVANTAM HIPÓTESE DE ESTRANGULADOR TER DEFICIÊNCIA GENÉTICA

Não se via a assinatura de Abby em lado nenhum. O artigo fora escrito por um repórter que normalmente cobria os casos jurídicos. Havia uma caixa que descrevia o DNA, incluindo o esboço de um desenhista sobre o processo de “impressões digitais” do DNA. Imaginei o assassino, vi-o lendo e relendo o jornal, furioso. Calculei que telefonasse nesse dia para o serviço dizendo que estava doente.

— O que eu quero saber é a razão por que não me disseram nada disto. Marino olhou fixamente para mim. — Eu entrego o macacão. Faço o meu trabalho. E a seguir leio esta merda! Que deficiência? Chegaram alguns relatórios do DNA sobre os quais um idiota qualquer

tenha falado, ou quê? Eu não disse nada. Wesley respondeu com firmeza:

— Não interessa Pete. O artigo do jornal não nos diz respeito. Considere-o uma bênção. Sabemos que o assassino tem um odor corporal estranho ou, pelo menos, assim parece. Ele acha que o departamento da Kay tem uma pista e talvez faça alguma besteira. Olhou para mim. — Alguma coisa?

Abanei a cabeça. Até então não tinha havido quaisquer tentativas de entrada no computador do OCME. Se algum dos homens tivesse entrado na sala de reuniões vinte minutos antes, teria me encontrado no meio de papéis até aos tornozelos. Não era para admirar que Margaret hesitasse, na véspera à noite, quando pedi para imprimir o arquivo. Incluía cerca de três mil casos em todo o estado durante o mês de maio, o que equivalia a uma quantidade de papel verde riscadinho que, esticado, era praticamente do comprimento do edifício. E o pior era que os dados estavam comprimidos num formato não destinado a ser legível. Era como andar pescando frases completas num prato de sopa de letras. Levei mais de uma hora para encontrar o número do caso de Brenda Steppe. Não sei se fiquei encantada ou horrorizada, talvez ambas as coisas, quando descobri a listagem de “Roupa e Artigos Pessoais”: “Um par de collants cor de carne à volta do pescoço”. Nenhum dos meus escriturários se lembrava de ter alterado o lançamento ou de tê-lo atualizado depois disso. Fora alterado por alguém que não fazia parte do meu pessoal.

— E esta coisa do atraso mental? Marino empurrou rudemente o jornal na minha direção. — Descobriu alguma coisa nesta arapuca do DNA que a faça pensar que o tipo não joga com o baralho todo?

— Não, respondi com sinceridade. — Acho que a ideia do artigo é demonstrar que algumas deficiências metabólicas podem causar esses problemas. Mas não encontrei provas que sugiram isso.

— Bem, com certeza que não sou da opinião de que o tipo não funcione bem da cabeça. Lá vem outra vez a mesma história. O safado é

estúpido, é um zé-ninguém. Provavelmente anda lavando carros, limpando as sarjetas da cidade ou qualquer coisa... Wesley começou a demonstrar impaciência.

— Pete...

— Sou eu que tenho esta investigação a meu encargo e preciso ler a porcaria do jornal para saber o que acontece...

— Temos um problema maior, está bem? Contrapôs Wesley, irritado.

— Qual é? Perguntou Marino.

Contamos para ele. Reproduzimos a minha conversa ao telefone com a irmã de Cecile Tyler. Ele ouviu e a raiva nos seus olhos foi desaparecendo. Parecia confuso. Dissemos que as cinco mulheres tinham certamente uma coisa em comum: as vozes. Recordei a conversa com Matt Pedersen.

— Se bem me lembro, ele disse qualquer coisa sobre a primeira vez que vira Lori. Acho que foi numa festa. Falou da voz dela. Disse que ela tinha o tipo de voz que chamava a atenção das pessoas, uma voz de contralto muito agradável. O que nós estamos pensando é que o elo entre estes cinco homicídios é a voz. Talvez o assassino não as tenha visto. Ouviu-as.

— Nunca tal nos ocorrera, acrescentou Wesley. — Quando pensamos em pessoas que se aproximam silenciosamente das vítimas, pensamos em psicopatas que, a dada altura as vê. Num centro comercial, fazendo jogging ou através de uma janela do apartamento ou da casa. Em regra, o telefone, se é que faz parte, vem a seguir ao primeiro contato. Ele a vê. Talvez lhe telefone mais tarde, disca apenas o número dela para ouvir a voz e poder fantasiar. Aquilo em que estamos pensando agora é muito mais assustador Pete. Este assassino pode ter uma ocupação que implique em telefonar para mulheres que não conhece. Tem acesso aos números e endereços. Telefona. Se a voz dela o estimular, ele a seleciona.

— Como se isso facilitasse alguma coisa... Queixou-se Marino. — Agora precisamos descobrir se todas estas mulheres estavam na lista telefônica. Depois precisamos considerar as diversas profissões. Quero dizer, não passa uma semana sem que as madames recebam uma chamada. Algum ocioso vendendo vassouras, lâmpadas, preservativos. Depois há as sondagens. O tipo que pede para fazer cinquenta perguntas. Querem saber se é casada, solteira, quanto ganha. Se põe uma perna das calças de cada vez e se usa fio dental depois de escovar os dentes.

— Está começando a notar, murmurou Wesley. Marino continuou, sem uma pausa:

— Então temos um tipo que violenta e assassina. Pode receber oito dólares à hora para ficar em casa consultando a lista telefônica. Uma mulher diz que é solteira e que ganha vinte mil dólares por ano. Uma semana depois; E disse isto me fitando, — Ele entra na sua baiuca. Por isso, pergunto, como é que vamos encontrá-lo?

Não sabíamos.

A possível relação com a voz não ajudava. Marino tinha razão. De fato, tornava o nosso trabalho mais difícil e não mais fácil. Poderíamos ser capazes de determinar quem uma dada vítima vira num dia específico. Mas era pouco provável que conseguíssemos encontrar todas as pessoas com quem ela tivesse falado ao telefone. A vítima podia nem saber, se estivesse viva para nos contar. Pessoas que tentam vender pelo telefone, que fazem sondagens ou que discam o número errado raramente se identificam. Todos nós recebemos várias chamadas de dia e de noite que nem recordamos.

— O momento em que ele ataca me faz pensar, disse eu, — Se não terá um trabalho fora de casa, se não vai trabalhar em algum lado de segunda a sexta. Durante a semana, o stress dele aumenta. Sexta-feira à noite ou depois da meia-noite, ele ataca. Se usar um sabão de bórax vinte vezes ao dia, não é provável que seja uma coisa que ele tenha no

banheiro. Que eu saiba, os sabonetes que se compram no supermercado local não contêm bórax. Se ele se lava com sabão de bórax, calculo que o faça no trabalho.

— Temos certeza de que se trata de bórax? Perguntou Wesley.

— Os laboratórios confirmaram através de uma cromatografia iônica. O resíduo brilhante que encontramos nos corpos contém bórax. Sem sombra de dúvida. Wesley pensou nisto durante um momento.

— Se ele usa sabão com bórax no trabalho e chega em casa as cinco, não é provável que tenha uma quantidade tão grande deste resíduo brilhante à uma da manhã. Pode trabalhar num turno da noite. Existe sabão com bórax no banheiro. Sai antes da meia-noite, uma da manhã, e vai direto à residência da vítima.

O cenário era mais do que plausível. Se o assassino trabalhava à noite, tinha muitas oportunidades durante o dia de andar de carro pelo bairro da próxima vítima a investigar a área, enquanto as outras pessoas estavam trabalhando. Podia passar por lá mais tarde, talvez depois da meia-noite, para dar outra olhadela. As vítimas tinham saído ou estavam dormindo, como a maior parte dos vizinhos. Ninguém o veria. Que empregos noturnos implicam o uso do telefone?

Durante algum tempo debatemos o assunto.

— A maior parte das pessoas que vende pelo telefone liga na hora do jantar, disse Wesley. — Parece-me pouco normal que telefonem muito depois das nove horas. Concordamos.

— Os tipos que entregam pizzas, Marino aventou. — Saem há todas as horas. Pode ser que seja o sacana atendendo a chamada. Liga-se para lá e a primeira coisa que o telefonista pergunta é o nosso número do telefone. Se já telefonamos anteriormente, o nosso endereço aparece na tela do computador. Trinta minutos depois, nos aparece um entregador à porta com uma pizza de pimentões sem cebola. Pode ser o tipo das entregas, e que nota rapidamente de que se trata de uma

mulher que vive sozinha. Talvez seja o telefonista. Gosta da voz, sabe o endereço.

— Verifique, disse Wesley. — Arranje alguns tipos para irem imediatamente às várias pizzarias que fazem entregas.

No dia seguinte era sexta-feira!

— Veja se há alguma pizzaria para a qual as cinco mulheres costumassem telefonar. Deve estar no computador. Deve ser fácil de descobrir.

Marino saiu por um momento e voltou com a lista de páginas amarelas. Encontrou a seção das pizzarias e começou a anotar nomes e endereços. Continuamos a procurar mais profissões possíveis. Os telefonistas de hospitais e companhias telefônicas atendiam ligações há todas as horas. Os angariadores de fundos não hesitavam em interromper o nosso programa favorito de televisão às dez da noite. Depois havia sempre a possibilidade de alguém jogar roleta com a lista telefônica, um segurança que não tivesse mais nada para fazer durante o seu turno no átrio do Federal Reserve ou um empregado de uma bomba de gasolina, chateado pelas horas, à noite, passarem lentamente. Eu estava ficando mais confusa, não conseguia digerir tudo aquilo. No entanto, havia mais uma coisa que estava me incomodando.

Está complicando demasiado, me dizia uma voz interior. Está se afastando cada vez mais daquilo que realmente sabe. Olhei para o rosto suado e cheio de Marino, para os olhos dele que não paravam quietos. Parecia cansado, tenso. Ainda nutria uma raiva profunda. Por que estaria tão irritado? O que ele dissera sobre a forma como o assassino pensava, qualquer coisa sobre o fato de não gostar de mulheres empregadas porque eram umas petulantes? De cada vez que tentava apanhá-lo ele estava na rua. Tinha estado em todos os locais dos crimes. Em casa de Lori Pedersen estava bem acordado. Teria se deitado naquela noite? Não era um pouco estranho que tentasse, furiosamente, atribuir os crimes a

Matt Pedersen? “A idade de Marino não condiz”, pensei. Passa a maior parte do tempo no carro e não atende ao telefone para ganhar a vida, por isso não consigo ver a ligação entre ele e as mulheres. E, mais importante ainda, não tem um odor corporal característico. E se o macacão encontrado no latão do lixo era dele, por que razão o entregaria no laboratório? A não ser que queira brincar, tentando virar o sistema às avessas, por saber tanto. Ao fim e ao cabo, é um perito que tem a investigação a seu encargo, com experiência suficiente para ser um salvador ou um demônio.

Suponho que durante todo esse tempo recei que o assassino fosse um policial. Marino não se ajustava. Mas o assassino podia ser alguém com quem ele tivesse trabalhado durante meses, alguém que comprasse macacões azul-escuros nas várias lojas de uniformes da cidade, alguém que lavasse as mãos com o sabão Borawasb colocado nos banheiros dos homens do departamento, alguém que soubesse o suficiente de leis e investigação criminal, capaz de iludir os colegas e a mim. Um policial que tivesse se tornado ruim. Ou alguém atraído pela atividade policial, porque muitas vezes isto é uma profissão muito atraente para os psicopatas.

Tínhamos encontrado policiais presentes nos locais dos homicídios. O que nunca tínhamos pensado fazer era seguir o rastro dos agentes fardados que apareceram quando os corpos foram encontrados. Talvez um policial tivesse andado folheando a lista telefônica durante o seu turno ou depois das horas de serviço. Talvez o seu primeiro contato com as vítimas fosse a voz. As vozes delas tinham-no levado a agir. Assassinara-as e tivera o cuidado de estar na rua ou perto de um transmissor da polícia sempre que um corpo era encontrado.

- A nossa melhor aposta é Matt Pedersen, dizia Wesley a Marino.
- Ele ainda está na cidade?
- Sim. Pelo menos, foi o que ouvi dizer.

— Acho que o melhor é ir visitá-lo, saber se a mulher alguma vez falou em ligações de vendedores, alguém que tenha telefonado dizendo que ela tinha ganhado um concurso, alguém fazendo uma sondagem. Qualquer coisa que envolva um telefonema. Marino empurrou a cadeira para trás.

Fechei-me em copas. Não disse o que estava pensando. Em vez disso, perguntei:

— Seria muito complicado arranjar listagens ou gravações das chamadas feitas para a polícia quando os corpos foram encontrados? Quero saber a hora exata em que ligaram para a polícia, a que horas chegaram, especialmente no caso de Lori Pedersen. A hora da morte pode ser muito importante para nos ajudar a determinar a que horas o assassino sai do trabalho, pressupondo que trabalhe à noite.

— Não há problema, respondeu Marino, distraído. — Pode vir comigo. Depois de falarmos com o Pedersen, passamos pela sala de comunicações.

Não encontramos Matt Pedersen em casa. Marino deixou um cartão por baixo do batente de latão do apartamento dele.

— Acho que ele nem vai telefonar, murmurou ao entrar novamente no trânsito.

— Por quê?

— Quando passei por aqui, no outro dia, não me convidou a entrar. Ficou à porta, como se fosse uma barricada. Teve a amabilidade de cheirar o macacão antes de me dizer para ir embora, praticamente me bateu com a porta no rosto, disse para no futuro falar com o advogado dele. Disse que o polígrafo o inocentara e que eu o estava perseguindo.

— Provavelmente estava, comentei secamente. Ele olhou para mim e quase sorriu.

Saímos do West End e ele se dirigiu novamente para o centro.

— Disse que um teste iônico tinha confirmado a existência de bórax. Mudou de assunto. — Significa que não encontrou nada na maquiagem?

— Bórax, não, respondi. — Uma coisa chamada Sun Blush reagiu ao laser. Mas não contém bórax. Parece bastante provável que as impressões deixadas por Pedersen no corpo da mulher foram o resultado de ele ter lhe tocado com Sun Blush ainda nas mãos.

— E a substância brilhante na faca?

— As quantidades eram demasiado pequenas para serem analisadas. Mas acho que o resíduo não é Sun Blush.

— Por quê?

— Não é um pó granulado, mas um creme. Lembra-se do grande frasco branco com um creme cor-de-rosa que levou para o laboratório? Ele acenou com a cabeça. — Aquilo era Sun Blush. Seja qual for o ingrediente que o faz cintilar com o laser, não se acumula por toda a parte como o sabão com bórax. É mais provável que a base cremosa do cosmético provoque manchas discretas deixadas numa superfície onde os dedos da pessoa tocaram devido à elevada concentração de cintilações.

— Tal como na clavícula de Lori, disse ele.

— Sim. E no cartão com as impressões digitais de Pedersen, nas áreas do papel onde os seus dedos foram premidos. Não havia mais brilhos no cartão, apenas nos sulcos com tinta. Os brilhos no cabo da faca não formavam um padrão como este. Estavam espalhados, ao acaso, da mesma maneira que as cintilações estavam dispersas pelos corpos das mulheres.

— Está dizendo, que se Pedersen tivesse este Sun Blush nas mãos e pegasse na faca, haveria manchas brilhantes em vez de pequenas cintilações aqui e acolá?

— Exatamente.

— E então o brilho que encontrou nos corpos, nas ataduras, etc.?

— Havia concentrações suficientemente elevadas nos pulsos de Lori para fazermos análises. Trata-se de bórax. Ele virou os olhos espelhados para mim.

- Então são dois tipos diferentes de matéria brilhante.
- Certo.
- Hum.

Em Richmond, como a maior parte dos edifícios da cidade e do estado, o Comissariado de Polícia é de estuque e quase não se distingue do cimento das calçadas. Pálido e lúgubre, a feia monotonia era apenas quebrada pelas cores vibrantes das bandeiras do estado e nacional que esvoaçavam no céu azul por cima do telhado. Dando a volta em marcha à ré, Marino estacionou numa fila de carros da polícia não identificados. Entramos no átrio e passamos pelo envidraçado postigo de informações. Policiais vestidos de azul-escuro sorriram a Marino e me disseram “Olá, doutora”. Olhei para o casaco da minha roupa, aliviada por ter me lembrado de retirar a bata. Estava tão habituada a usá-la que por vezes me esquecia. Quando, ocasionalmente a usava fora do meu edifício, me sentia como se estivesse de pijama.

Passamos por cartazes com retratos e desenhos de abusadores de menores, falsários, ladrões de meia-tigela. Havia fotografias dos dez mais procurados; assaltantes, violadores e assassinos de Richmond. Alguns estavam mesmo sorrindo para a objetiva. Tinham conseguido ser famosos.

Segui Marino por uma escada sombria e os nossos passos ecoavam no metal. Paramos em frente a uma porta, onde ele olhou através de uma pequena janela de vidro e fez sinal a alguém.

A porta abriu eletronicamente. Era a sala de comunicações, um cubículo subterrâneo cheio de mesas e terminais de computadores ligados a consoles telefônicos. Através de uma parede de vidro, se via outra sala de operadores, para quem a cidade inteira era um jogo de vídeo; telefonistas do 911 nos olharam com curiosidade. Alguns atendiam ligações, outros conversavam ou fumavam preguiçosamente, com os fones em volta do pescoço. Marino me levou até um canto, onde

havia prateleiras cheias de caixas com enormes bobinas com gravações. Cada caixa estava rotulada com uma data. Com o dedo, seguiu as filas, tirando uma a seguir à outra, cinco ao todo, cada uma delas englobando o período de uma semana. Colocou-as nos meus braços e disse com a voz arrastada:

— Feliz Natal!

— O quê? Fitei-o, como se ele tivesse perdido o juízo.

— Eu tenho de ir às pizzarias. Tem um gravador ali. Com o polegar indicou a sala dos operadores do outro lado do vidro. — Ouça-as ali ou leve-as consigo para o seu gabinete. Se fosse eu, as levava para fora desta casa de doidos, mas não fui eu que lhe disse isso, está bem? Não devem sair daqui. Entregue-as quando tiver acabado.

Eu estava ficando com dores de cabeça. Em seguida, me levou para uma pequena sala, onde uma impressora laser jorrava quilômetros de papel verde listrado. A pilha de papel, no chão, já tinha uns sessenta centímetros de altura.

— Telefonei para os rapazes antes de sairmos do seu gabinete, explicou ele laconicamente. — Mandei-os imprimir tudo o que fora introduzido no computador nos últimos dois meses.

— Oh! Meu Deus!

— Por isso, os endereços e tudo o mais estão ali. Olhou-me com os seus olhos castanhos, inexpressivos. — Terá de ver as cópias para saber o que apareceu na tela na altura em que as chamadas foram feitas. Sem os endereços, não saberá identificar as chamadas.

— Não basta ir ao computador buscar aquilo que nos interessa? Perguntei, exasperada.

— Entende alguma coisa de mainframes?

— Claro que não. Ele olhou à sua volta.

— Ninguém nesta baiuca entende de mainframes. Lá em cima temos uma pessoa que entende de computadores. Acontece que neste momento está na praia. A única maneira de chamar um perito é se

houver um problema. Nessa altura telefonam para o DP e o departamento tem de pagar setenta dólares por hora. Mesmo que o departamento esteja disposto a cooperar consigo, aqueles idiotas do DP demoram tanto tempo a chegar como o dia de pagamento. O tipo vai tratar do assunto amanhã, na segunda ou num dia qualquer da próxima semana, isto é, se tiver a sorte do seu lado, doutora. O fato é que teve a sorte de eu ter encontrado uma pessoa que sabe mandar imprimir.

Ficamos na sala durante uns trinta minutos. Finalmente, a impressora parou e Marino rasgou o papel. A pilha tinha perto de noventa centímetros de altura. Colocou-a dentro de uma caixa de papel vazia que encontrou em algum lugar e levantou-a com um grunhido. Enquanto eu o seguia para fora da sala de comunicações, interpelou um jovem e atraente operador negro:

— Se vir o Cork, tenho um recado para ele.

— Fale, respondeu o outro com um bocejo.

— Informe-o de que ele não vai guiar nenhum caminhão com dezoito rodas e que isto não é o **SMOKEY AND THE BANDIT**. O operador riu, fazendo-me lembrar de Eddie Murphy.

Nas horas seguintes, nem sequer me vesti, fiquei sequestrada em casa, com uma roupa de treino de nylon e fones. Bertha foi um anjo e levou Lucy para passar o dia fora. Evitei ir para o OCME, onde certamente seria interrompida de cinco em cinco minutos. Corria contra o tempo, rezando para encontrar alguma coisa antes da sexta-feira se dissolver nas primeiras horas de sábado. Estava convencida de que ele voltaria a atacar. Já tinha telefonado para Rose duas vezes. Ela disse que do escritório de Amburgey já tinham tentado me localizar quatro vezes depois de eu ter saído com Marino. O comissário exigia que fosse falar imediatamente com ele e lhe desse uma explicação sobre o artigo de primeira página no jornal da manhã da véspera, “desta última e revoltante fuga de informação”, para utilizar as suas palavras. Ele queria o relatório do DNA. Queria o relatório sobre a “última

prova” que fora entregue. Estava tão furioso que foi ele mesmo que telefonou para ameaçar Rose, que já passara por diversas provas de fogo.

— O que disse a ele? Perguntei, admirada.

— Disse-lhe que deixara uma mensagem na sua secretária eletrônica. Quando ameaçou me despedir se eu não fizesse a ligação imediatamente, eu disse que estava bem, que nunca tinha processado ninguém...

— Não disse isso...

— Disse, sim. Se o idiota tivesse cérebro, chocalhava com certeza. A minha secretária eletrônica estava ligada. Se Amburgey tentasse me telefonar para casa, ia apenas ouvir o gravador.

Era um pesadelo. Cada fita cobria sete dias durante vinte e quatro horas. Claro que as fitas não tinham tantas horas porque muitas vezes havia apenas três ou quatro chamadas, de dois minutos, por hora. Tudo dependia do movimento da sala do 911 num dado turno. O meu problema era encontrar a altura exata em que eu achava que um dos agentes dos homicídios fora chamado. Se ficasse impaciente, podia passar à frente e depois voltar atrás, mas acabava por não saber o lugar exato. Era horrível. Também era muito deprimente. As chamadas de emergência eram variadas, desde pessoas declaradas mentalmente incapacitadas, cujos corpos estavam sendo invadidos por extraterrestres, bêbados e de pobres homens e mulheres, cujas esposas ou maridos tinham caído para o lado com um ataque cardíaco ou um derrame cerebral. Havia muitos acidentes de automóvel, ameaças de suicídio, ladrões, cães latindo, aparelhagens com o som demasiado alto e escapes de carros que pareciam tiros.

Eu andava passando de um lado para o outro. Até esse momento conseguira encontrar três das chamadas que procurava. A de Brenda, a de Henna e, nesse preciso momento, a de Lori. Recuei a fita até encontrar a malograda ligação de Lori para 911, aparentemente feita antes de ser assassinada. A ligação tinha entrado exatamente às 0.49 de

sábado, dia 7 de junho, e tudo o que se ouvia na gravação era o telefonista atender com um conciso “911”. Dobrei folha após folha de papel contínuo até encontrar a impressão correspondente. O endereço de Lori aparecia na tela do 911 e a sua residência estava registrada em nome de L. A. Pedersen. Depois de o operador ter dado prioridade quatro à ligação, passou-a para um encaminhador atrás da parede de vidro. Trinta e nove minutos depois, o carro-patrolha 211 recebera finalmente a ligação. Seis minutos depois, passava por casa dela, partindo depois a toda a velocidade para atender a um caso de violência doméstica.

O endereço dos Pedersen apareceu novamente, trinta e seis minutos depois da malograda chamada para 911, à 1.57, quando Matt Pedersen encontrou o corpo da mulher. “Se ele não tivesse ensaio geral naquela noite...”, pensei. Se tivesse chegado em casa uma hora, uma hora e meia antes... A fita deu um estalido.

— 911. Um respirar ofegante.

— A minha mulher! Exclamou em pânico. — Mataram a minha mulher! Por favor, se apressem! Gritou: — Meu Deus! Alguém a matou! Por favor, se apressem!

Fiquei paralisada com a voz histérica. Pedersen não conseguia articular frases coerentes ou se lembrar do endereço quando o operador perguntou se o da tela estava correta.

Parei a fita e fiz alguns cálculos rápidos. Pedersen tinha chegado em casa vinte e nove minutos depois do primeiro policial ter apontado a lanterna para a parte da frente da casa e informar que tudo parecia “em ordem”. A malograda chamada para 911 tinha entrado às 0.49. O policial chegara, finalmente, à 1.34. Tinham se passado quarenta e cinco minutos. O assassino não estivera com Lori mais tempo que isso. À 1.34, o assassino tinha ido embora. A luz do quarto estava apagada. Se ele ainda estivesse dentro do quarto, a luz estaria acesa. Eu tinha certeza.

Não acreditava que ele conseguisse ver o suficiente para encontrar fios elétricos e dar nós complicados às escuras. Era um sádico. Ia querer que a vítima visse o rosto dele, especialmente se usasse uma máscara. Ia querer que a vítima visse tudo o que ele fazia. Ia querer que ela previsse, num terror inimaginável, todas as coisas horríveis que ele planejara lhe fazer enquanto olhava à sua volta, cortava os fios e começava a amarrá-la... Quando acabou, apagou calmamente a luz do quarto e saiu pela janela do banheiro, provavelmente minutos antes do carro-patrolha ter passado e menos de meia hora antes de Pedersen ter chegado. O estranho odor corporal persistiu como o fedor do lixo.

Até esse momento não encontrara nenhuma patrulha que tivesse atuado nos casos de Brenda, de Lori e de Henna. O meu desapontamento estava me tirando a energia para continuar. Fiz um intervalo quando a porta da frente se abriu. Bertha e Lucy tinham regressado. Fizeram-me um relato completo e eu me esforcei por sorrir e escutá-las. Lucy estava exausta.

— A minha barriga está doendo, se queixou.

— Não admira, disse Bertha. — Disse para não comer todas aquelas porcarias. Algodão-doce, cachorro quente, sorvete... Abanou a cabeça.

Preparei uma canja de galinha para Lucy e coloquei-a na cama. Voltei para o meu escritório e, relutantemente, tornei a colocar os fones. Perdi a noção do tempo, como se estivesse num estado de semiconsciência. “911 911.” Ouvia-o constantemente na minha cabeça. Pouco depois das dez estava tão cansada que mal conseguia pensar. Rebobinei uma fita maquinalmente para tentar encontrar a chamada que fora feita quando o corpo de Patty Lewis fora descoberto. Enquanto ia ouvindo, os meus olhos passavam por páginas impressas pelo computador, desdobradas no meu colo. O que eu vi não fazia sentido. O endereço de Cecile Tyler estava impresso, no meio da página, com a data do dia 12 de maio, às 21.23. Não podia estar certo. Só fora

assassinada no dia 31 de maio. O seu endereço não devia estar registrado naquela parte da impressão. Não devia estar naquela gravação! Rebobinei a fita para frente, parando várias vezes. Levei vinte minutos a encontrá-la. Ouvi esta parte três vezes, tentando entender o que significava. Às 9.23 em ponto, uma voz masculina respondia: “911”. Uma voz suave e educada dizia surpresa, depois de uma pausa:

— Oh! Meu Deus, me desculpe.

— Tem algum problema, minha senhora? Um riso envergonhado:

— Queria ligar para informações. Desculpe. Outra gargalhada. —  
Acho que, em vez de quatro, disquei nove.

— Não há problema, fico sempre contente quando não há problema. E acrescentou efusivamente: — Tenha uma boa-noite.

Silêncio, um clique e a fita continuou. Na impressão, o endereço da mulher negra assassinada vinha simplesmente registrada no seu nome: Cecile Tyler. De repente, compreendi.

— Meu Deus! Oh! Meu Deus! Murmurei, me sentindo momentaneamente enjoada.

Brenda Steppe tinha chamado a polícia quando sofrera o acidente de automóvel. Lori Pedersen chamara a polícia, segundo o marido, quando pensou que ouvira um ladrão, que afinal era um gato revirando as latas de lixo. Abby Turnbull chamara a polícia quando um homem, num Cougar preto, a seguira. Cecile Tyler tinha ligado para polícia por engano, era o número errado. Tinha discado 911 em vez de 411. Um número errado! Quatro das cinco mulheres... Todas as ligações tinham sido feitas de casa. Cada endereço apareceria imediatamente na tela do computador. Se as residências estavam registradas nos nomes das mulheres, o operador sabia provavelmente que moravam sozinhas. Corri para a cozinha. Não sei porquê, pois havia um telefone no meu escritório. Freneticamente, disquei o número da divisão dos detetives. Marino não estava.

— Preciso do número de casa dele.

— Lamento minha senhora, mas não é permitido dar essa informação.

— Fala a doutora Scarpetta, a médica-legista-chefe! Dê-me o raio do número do telefone da casa dele! Gritei.

Uma pausa provocada pela surpresa. O funcionário, quem quer que ele fosse, se desfez em desculpas. Deu-me o número. Disquei novamente.

— Graças a Deus! Clamei quando Marino respondeu.

— Sério? Perguntou ele depois da minha explicação esbaforida. — Claro, doutora, vou já ver isso.

— Não acha melhor ir à sala de comunicações para ver se o filho da mãe ainda está lá? Inquiri quase gritando.

— Então o que foi que o tipo disse? Reconheceu a voz?

— Claro que não reconheci a voz.

— O que ele disse à Tyler?

— Vou deixá-lo ouvir. Corri ao escritório e levantei a extensão. Rebobinando a fita, desliguei os fones e aumentei bastante o volume. — Reconhece-a? Eu estava de novo na linha. Marino não respondeu. — Ainda está aí? Berrei.

— Eh, se acalme por um momento, doutora. Foi um dia difícil, está bem? Deixe o caso comigo. Prometo que vou tratar do assunto. E desligou.

Fiquei sentada olhando para o fone na mão. Continuei sentada, sem me mexer, até deixar de ouvir o sinal de discar e uma voz mecânica começar a se queixar: “Se quiser fazer uma ligação, desligue e tente novamente.”. Verifiquei a porta da frente, vi se o alarme estava ligado e fui para cima. O meu quarto ficava ao fundo do corredor e dava para o bosque. Pirilampos cintilavam na escuridão para lá do vidro e,

nervosamente, fechei as persianas. Bertha tinha a ideia irracional de que a luz do sol devia entrar nos quartos, quer alguém estivesse lá, quer não.

— Mata os germes, doutora Kay, dizia ela.

— E tira a cor dos tapetes e das cortinas, eu contrapunha.

Mas ela tinha os seus hábitos. Eu detestava entrar no quarto e encontrar as persianas puxadas para cima. Fechava-as antes de acender a luz para ter certeza de que ninguém me via de fora. Mas nesse dia tinha me esquecido. Não me dei ao trabalho de tirar a roupa de treino. Serviria de pijama. Subi para um banco, que guardava dentro do roupeiro, tirei a caixa de sapatos Rockport e levantei a tampa. Apanhei o revólver enfiado por baixo do travesseiro. Sentia-me doente só de pensar que o telefone pudesse tocar para me chamarem durante a madrugada e por ter de dizer a Marino:

— Eu lhe disse seu filho da mãe! Eu lhe disse!

Que andaria o grande palerma fazendo a esta hora? Apaguei a luz e puxei os lençóis até ao pescoço. Provavelmente bebendo cerveja e vendo televisão. Sentei-me e voltei a acender a luz. O telefone, na mesa-de-cabeceira, escarnecia de mim. Não havia mais ninguém a quem eu pudesse telefonar. Se telefonasse para Wesley, ele ligaria para Marino. Se telefonasse para a divisão de detetives, quem quer que ouvisse o que eu tinha a dizer, desde que me levassem a sério, telefonaria para Marino. Marino. Ele tinha esta investigação a seu cargo. Todos os caminhos vão dar a Roma. Apaguei novamente a luz e fiquei olhando para a escuridão. “911.” “911.” Continuei a ouvir a voz enquanto me virava de um lado para o outro na cama.

Já passava da meia-noite quando desci sorrateiramente as escadas e procurei a garrafa de conhaque no bar. Lucy não se mexera desde que eu a enfiara na cama horas antes. Estava dormindo ferrada. Gostaria de poder dizer o mesmo de mim. Bebi dois tragos, como se fosse remédio

para a tosse, voltei tristemente para o meu quarto e apaguei novamente a luz. Conseguia ouvir os minutos passarem no relógio digital. Clique. Clique. Entrava e saía do estado de consciência e me virava de um lado para o outro, sem descanso.

“Então o que foi exatamente que ele disse à Tyler”. Clique. A fita continuava.

“Desculpe”. Um riso envergonhado. “Acho que disquei o nove em vez do quatro...”.

“Não há problema... Tenha uma boa noite.”. Clique.

“... Disquei o nove em vez do quatro...”. “911.”.

“Olhe... É um tipo bem-parecido. Não precisa embebedar uma mulher para que ela vá para a cama com ele...”.

“Porque nesta altura foi para fora, Lucy. Mr. Boltz saiu de férias”.

“Oh”. Os olhos cheios de uma tristeza infinita. “Quando é que ele volta?” “Só em Julho.”.

“E porque é que não fomos com ele, tia Kay? Ele foi para a praia?”

“Em regra, mente sobre nós, por omissão”.

“O rosto dele brilhava por detrás do véu de calor e fumaça, o cabelo dourado à luz do Sol.”.

“911.”

Eu estava em casa da minha mãe e ela me dizia qualquer coisa. Um pássaro voava preguiçosamente em círculos enquanto eu estava num carro com alguém que eu não conhecia, nem conseguia ver. Palmeiras passavam por nós. Garças brancas, de pescoço comprido, se esticavam como periscópios de porcelana nos Everglades. As cabeças brancas se viraram quando passamos, nos observando. Observando-me. Virei-me para tentar ficar mais confortável, deitada de costas. O meu pai se sentou na cama e me observava enquanto eu contava o meu dia na escola. O rosto dele estava cinzento. Os seus olhos não piscavam e eu não conseguia ouvir o que estava lhe dizendo. Ele não respondia, mas continuava olhando fixamente. O medo me apertava o coração. O rosto

pálido dele olhava fixamente. Os olhos vazios olhavam fixamente. Estava morto. “Paiiiiiiiiiiii!”

As minhas narinas se encheram de um cheiro doentio e adocicado quando aproximei o rosto do pescoço dele... O meu cérebro ficou vazio. Lentamente comecei a voltar ao estado consciente, como uma bolha subindo à superfície. Estava atenta. Conseguia ouvir o bater do coração. O cheiro. Era real ou eu estava sonhando? O cheiro nauseabundo! Estaria sonhando? Um alarme disparava na minha cabeça e fazia bater o meu coração contra as costelas. Ao mesmo tempo em que o ar fétido se agitava e alguma coisa roçava na cama.

\* \* \*

## Dezesseis

A DISTÂNCIA ENTRE a minha mão direita e o revólver por baixo do travesseiro era de trinta centímetros, não mais. Era a maior distância que eu já calculara. Uma eternidade. Era impossível. Eu não pensava, sentia apenas a distância, enquanto o meu coração disparava, batendo contra as costelas como um pássaro contra as grades da gaiola. A pulsação me ressoava nos ouvidos. O meu corpo estava rígido, todos os músculos e tendões, tensos, duros, tremendo de medo. Estava escuro como breu dentro do meu quarto.

Devagar acenei com a cabeça, depois de ouvir as palavras metálicas e sentir a mão me esmagar os lábios contra os dentes. Acenei com a cabeça. Consegui para lhe dizer que não ia gritar. A faca, encostada ao meu pescoço, era tão grande que parecia uma faca de mato. A cama se inclinou para a direita e um clique me deixou cega. Quando os meus olhos se ajustaram à luz do abajur, olhei para o desconhecido e sustive um arquejo. Não conseguia respirar, nem me mexer. Sentia o fio da faca, fino como o de uma lâmina, encostado à pele.

O rosto dele era branco; as feições deformadas por uma meia de nylon branca. Fizera buracos no lugar dos olhos, que tinham uma expressão de ódio frio. A meia entrava e saía da boca quando respirava. O rosto era horrendo e inumano. Estava apenas a alguns centímetros de mim.

— Um som e lhe corto o pescoço!

Os pensamentos eram como faíscas que se deslocavam muito depressa e em várias direções. Lucy. A minha boca estava ficando dormente e senti o sabor salgado do sangue. Lucy, não acorde. A tensão lhe percorria o braço, a mão, como a eletricidade através de um cabo de alta tensão. Vou morrer. Não o faça. Não queira fazê-lo. Não precisa fazer. Sou uma pessoa como a sua mãe, como a sua irmã. Não queira fazer isto. Sou um ser humano como você. Há coisas que posso lhe dizer. Sobre os casos. O que a polícia sabe. Vai querer saber o que eu sei. Não o faça. Sou uma pessoa. Uma pessoa! Posso falar consigo! Tem de me deixar falar consigo! Discursos fragmentados. Não articulados. Inúteis. Era prisioneira do silêncio. Por favor, não me toque. Oh! Meu Deus, não me toque. Deveria fazer que ele retirasse a mão para que pudéssemos falar.

Tentei fazer que o meu corpo ficasse mole, descontraído. Deu algum resultado. Relaxei um pouco e ele sentiu. Deixou de fazer tanta força com a mão sobre a minha boca e, muito devagar, engoli em seco. Usava um macacão azul-escuro. A transpiração tinha manchado o colarinho, bem como por baixo dos braços. A mão que segurava a faca contra o meu pescoço estava enfiada numa luva cirúrgica transparente. Conseguia cheirar a borracha, conseguia cheirá-lo. Vi o macacão no laboratório de Betty, senti o cheiro pútrido de xarope quando Marino abria o saco de plástico... “Será o cheiro de que ele se lembra?”, ecoava no meu espírito como a reprise de um filme antigo. O dedo de Marino, que apontava na minha direção, enquanto piscava o olho: “Acertou...”. O macacão estendido em cima da mesa do laboratório, um tamanho “M” ou “GG”, com as nódoas de sangue recortadas. Ele respirava com dificuldade.

- Por favor... Murmurei sem me mexer.
- Cale-se!
- Posso lhe dizer...

— Cale-se! A mão me apertou furiosamente. O meu queixo ia se partir como uma casca de ovo.

Os olhos dele dardejavam, olhando em volta, olhando para tudo o que estava no quarto. Pararam nas cortinas, nos cordões pendentes. Consegui vê-lo olhando para eles. Sabia o que ele estava pensando. Sabia o que ia fazer com eles. Em seguida, os seus olhos se moveram, rapidamente, para o fio do abajur da mesa-de-cabeceira. Retirou uma coisa branca do bolso e enfiou-a em minha boca ao mesmo tempo em que afastava a faca. O meu pescoço estava tão rígido que ardia. Sentia o rosto dormente. Tentei empurrar o pano seco para frente com a língua, sem que ele reparasse. A saliva me escorria pela garganta abaixo. A casa estava em silêncio absoluto. Nos ouvidos ouvia o bater do meu coração. Lucy. Por favor, meu Deus! As outras mulheres tinham feito o que ele dissera. Lembrei-me dos rostos intumescidos delas, dos rostos sem vida... Tentei recordar o que sabia sobre ele, tentei entender o que sabia sobre ele. A faca estava apenas a alguns centímetros de mim e brilhava à luz do abajur. “Empurra o abajur e atira-o no chão”, pensei.

Tinha os braços e pernas debaixo da roupa. Não conseguia dar pontapés nem agarrar fosse o que fosse ou me mexer. Se o abajur caísse ao chão, o quarto ficava às escuras. Eu não conseguiria ver. Ele tinha uma faca. Eu podia tentar convencê-lo. Se ao menos conseguisse falar, podia tentar movê-lo. Os rostos desfeitos delas; os fios que lhes cortavam o pescoço. Trinta centímetros, não mais. Era uma distância enorme. Ele não sabia que eu tinha uma arma. Estava nervoso, trêmulo, e parecia confuso. O pescoço dele estava encarnado e pingando de suor; a respiração era forçada e rápida. Ele não estava olhando para meu travesseiro. Olhava para tudo menos para o meu travesseiro.

— Se se mexer... Tocou-me de leve com o bico da faca no pescoço. Os meus olhos, muito abertos, fixavam-no. — Vai gostar disto, minha cabrita. Era uma voz baixa, fria, que vinha do inferno. — Guardei o melhor para o fim. A meia se colava aos contornos do rosto. — Quer

saber como eu venho fazendo? Vou mostrar bem devagarinho. A voz era familiar.

A minha mão direita. Onde estava a arma? Estaria mais para a direita ou para a esquerda? Estaria mesmo no centro, por baixo do travesseiro? Não conseguia me lembrar. Não conseguia pensar! Ele se aproximou dos fios. Não iria cortar o fio do abajur. Era a única luz acesa. O interruptor da luz do teto ficava junto à porta. Ele estava olhando para ele, para o retângulo escuro. Levantei um pouco a mão direita. Olhou imediatamente para mim e novamente para os cortinados. Eu tinha a mão direita em cima do peito, por baixo dos lençóis, perto do meu ombro direito. Senti a beira do colchão se erguer quando ele levantou da cama. As manchas debaixo dos braços estavam maiores. Estava encharcado de suor. Olhava do interruptor junto à porta para as cortinas, do outro lado do quarto. Parecia indeciso.

Aconteceu muito depressa. A forma dura e fria me bateu na mão. Os meus dedos agarraram-na e rolei para fora da cama, puxando a roupa e batendo, com estrondo, no chão. O cão do revólver deu um clique, prendeu, e eu estava sentada, com o lençol à volta das ancas, tudo isto acontecendo ao mesmo tempo. Não me lembro do que fiz. Não me lembro de ter feito nada disto. Foi o instinto, outra pessoa. Tinha o dedo no gatilho. As minhas mãos tremiam tanto que o revólver ondulava para cima e para baixo. Não me lembro de ter tirado a mordaça. Só conseguia ouvir a minha voz gritando com ele: “Seu filho da mãe. Seu maldito filho da mãe”. A arma balançava enquanto eu gritava. O terror e a raiva explodiram em improperios que pareciam vir de outra pessoa. Eu gritava, gritava para ele tirar a máscara. Ele estava imóvel do outro lado da cama. Era um estranho e desprendido estado de consciência. Reparei que a faca, na sua mão enluvada, era apenas um canivete. Ele olhava fixamente para o revólver.

— JOGUE-O! O seu braço se mexeu devagar e o canivete caiu ao chão... Enquanto ele se virava...

Eu gritava e ouvia explosões. Tiros e vidros partidos. Tudo sucedia tão rápido que nem entendi o que estava vendo. Era uma loucura. As coisas aconteciam com rapidez e de forma incoerente: o canivete caindo da mão quando ele bateu na mesa, arrastando também o abajur para o chão, e uma voz dizendo qualquer coisa... O quarto ficou às escuras. Ouvia alguém arranhando freneticamente a parede ao lado da porta...

— Onde diabos ficam as luzes desta baiuca...?

Eu faria. Sei que o teria feito. Nunca tive tanta vontade de fazer algo como puxar aquele gatilho. Queria lhe fazer um buraco no coração do tamanho da lua.

Tínhamos falado sobre isto pelo menos cinco vezes. Marino queria discutir, pois achava que não acontecera assim.

— Sabe, no minuto em que o vi entrar pela janela, doutora, o seguí. Ele não pode ter estado no seu quarto mais do que trinta segundos antes de chegar. E não tinha a arma na mão. Procurava-a e rolou para fora da cama quando eu entrei e o mandei para conversar com os anjinhos.

\* \* \*

Era segunda-feira de manhã e estávamos sentados na minha sala. Mal me lembrava dos dois últimos dias. Sentia-me, como se tivesse estado debaixo de água ou noutra planeta. Ele bem podia dizer o que quisesse. Eu achava que tinha a arma apontada ao assassino quando Marino apareceu, de repente, na minha porta, ao mesmo tempo em que atirava quatro balas do seu 357 para a parte superior do corpo do assassino. Eu nem fui lhe sentir o pulso. Não fiz qualquer esforço para estancar o sangue. Fiquei sentada no lençol enrodilhado, com as lágrimas me caindo pelo rosto abaixo. Percebi que o meu revólver não

estava carregado. Quando fui para cima, estava tão transtornada e distraída que me esqueci de carregar o revólver. As balas ainda estavam na caixa dentro de uma gaveta da cômoda e enfiada por baixo de uma pilha de camisolas, onde Lucy nunca se lembraria de procurar.

Ele estava morto. Já estava morto quando caiu no tapete.

— Também não tinha tirado a máscara, continuava Marino. — A memória nos prega partidas estranhas, sabe? Tirei-lhe a porcaria da máscara logo que o Snead e o Riggy chegaram lá. Mas, nessa altura, ele já estava morto.

Era apenas um rapaz. Era um rapaz pálido, com cabelo loiro, ondulado. O bigode não era mais do que uma penugem nojenta. Nunca me esquecerei daqueles olhos. Eram janelas através das quais eu não via a alma. Eram janelas vazias que abriam para a escuridão, como aquelas por onde trepava quando assassinava mulheres, cujas vozes ele ouvia pelo telefone.

— Acho que ele disse qualquer coisa, murmurei a Marino. — Acho que o ouvi dizer qualquer coisa, quando caiu. Mas não me lembro. Hesitante, perguntei: — Disse?

— Sim, disse uma coisa.

— O quê? Tremendo, peguei no cigarro que estava no cinzeiro. Marino sorriu maliciosamente:

— As mesmas palavras gravadas nas caixas pretas dos aviões que despençam. As mesmas palavras já ditas por uma porção de pobres diabos. Ele disse: “Merda!”.

Uma bala atingira-o na aorta. Outra arrancou o ventrículo esquerdo. A outra perfurou o pulmão e se alojou na coluna. A quarta passou por tecidos moles, passou por todos os órgãos vitais e quebrou a minha janela. Não fiz a autópsia. Um dos meus assistentes do Norte da

Virgínia deixou o relatório em cima da minha mesa. Não me lembro de tê-lo chamado, mas devo ter feito.

Eu não tinha lido os jornais. Não tive coragem para isso. O título de ontem, na edição da tarde, fora suficiente. Dei uma olhadela ao jogar rapidamente o jornal na lata de lixo, segundos depois de ter aparecido na minha varanda da frente.

### ESTRANGULADOR MORTO POR DETETIVE NO QUARTO DA MÉDICA-LEGISTA-CHEFE

Lindo. Perguntei-me: quem é que o público vai pensar que estava no meu quarto às duas da manhã, o assassino ou Marino? Lindo.

\* \* \*

O psicopata abatido era funcionário do Departamento de Comunicações, contratado há um ano pelo município. Os funcionários deste departamento, em Richmond, são civis, não são policiais. Trabalhava no turno das deztoito à meia-noite. Chamava-se Roy McCorkle. Às vezes trabalhava no 911. Por vezes trabalhava na central, razão pela qual Marino reconheceu a voz na fita que o fiz ouvir pelo telefone. Marino não tinha me dito que reconhecera a voz. Mas reconhecera.

McCorkle não estava de serviço na sexta-feira à noite. Disse que estava doente. Não fora trabalhar desde que o artigo de Abby aparecera na primeira página do jornal de quinta-feira. Os colegas não tinham uma opinião formada sobre ele, a não ser que achavam divertida a forma como atendia ao telefone, tipo radioamador, bem como as suas piadas. Costumavam gozar com ele por causa das suas idas frequentes ao banheiro, doze por turno. Lavava as mãos, o rosto, o pescoço. Uma vez, um operador entrou no banheiro e viu que ele estava praticamente tomando um banho de esponja. No banheiro dos homens havia um

dosador de sabão Borawash. Ninguém dos que trabalhavam com ele o conheciam realmente bem. Achavam que ele tinha uma mulher que via depois do trabalho, “uma loura bonita”, chamada “Christie”. Não existia Christie nenhuma. As únicas mulheres que ele via, depois do trabalho, eram as mulheres que assassinava. Ninguém dos que trabalhavam com ele acreditaram que o estrangulador era ele.

Achávamos que McCorkle podia ter assassinado três mulheres em Boston três anos antes. Nessa altura, era caminhoneiro. Uma das suas paradas era Boston, onde entregava galinhas numa fábrica de acondicionamento de carnes. Mas não tínhamos certeza. Poderemos nunca vir a descobrir quantas mulheres ele assassinou pelo país a fora. Poderiam ser dezenas. Provavelmente começara como voyeur e depois passara a violador. Não tinha cadastro. Apenas fora multado por excesso de velocidade. Tinha apenas vinte e sete anos. De acordo com o seu currículo, arquivado na polícia, tivera vários empregos: caminhoneiro, expedidor numa companhia de cimento em Cleveland, distribuidor de correio e numa florista na Filadélfia. Marino não conseguira encontrá-lo na sexta-feira à noite, mas também não procurara muito. Desde as onze e meia que Marino estava em minha casa, escondido atrás de uns arbustos, à espera. Usava um macacão azul-escuro da polícia para se confundir com a noite. Quando ele acendeu a luz do teto do meu quarto e eu o vi lá, de macacão, arma na mão, durante um segundo não soube quem era o assassino e quem era o policial.

— Sabe, disse ele, — Eu estivera pensando na ligação com Abby Turnbull, na possibilidade do tipo andar atrás dela e de ter acabado com a irmã por engano. Isso me preocupava. Perguntei-me em que outra senhora, na cidade, ele poderia estar interessado. Olhou para mim, pensativo.

Quando Abby foi seguida desde o jornal, uma noite, e discou para 911, foi McCorkle quem atendeu a ligação. Foi assim que ele soube onde ela morava. Talvez já tivesse pensado em matá-la ou, vai ver não

lhe ocorrera até ouvir a voz dela e notar quem era. Nunca saberemos. Sabíamos que todas as cinco mulheres, no passado, tinham ligado para 911. Patty Lewis fizera-o havia menos de duas semanas antes de ser assassinada. Tinha telefonado às 8.23 de uma quinta-feira à noite, após uma forte chuva, para dizer que um semáforo não estava funcionando a um quilômetro da sua casa. Não queria que ninguém tivesse um acidente. Cecile Tyler discara 9 em vez de 4. Um número errado. Eu nunca disquei 911. Não precisei. O meu número de telefone e o endereço vinham na lista, porque os médicos-legistas precisam estar disponíveis mesmo depois das horas de serviço. Também falei com a central em várias ocasiões, nas últimas semanas, quando andava tentando encontrar Marino. Um dos operadores podia ser McCorkle. Nunca saberei. Acho que não vou querer saber também.

— A sua fotografia aparecera nos jornais e na televisão, continuou Marino. — Andava trabalhando nestes casos todos e ele imaginava o que você saberia. Andava pensando em si. Eu estava preocupado. Ainda mais, depois que saiu aquela reportagem toda sobre a deficiência metabólica e o fato do OCME ter descoberto alguma coisa sobre ele. Andava de um lado para o outro enquanto falava. — Ele estava ficando furioso. Passara a ser pessoal. A médica petulante estava, talvez, insultando a sua inteligência, a sua virilidade.

Os telefonemas que eu recebera a horas tardias...

— Isto é que o faz agir. Não gosta que nenhuma mulher o trate, como se ele fosse um estúpido. Pensa: “A vadia acha que é esperta, se acha melhor do que eu. Vou lhe mostrar.”

Por baixo da bata tinha vestido uma camisola. Ambas abotoadas até ao pescoço. Não conseguia aquecer. Nas duas últimas noites tinha dormido no quarto de Lucy. Ia redecorar o meu quarto. Estava pensando em vender a casa.

— Por isso acho que o grande artigo no jornal, no outro dia, conseguiu perturbá-lo. O Benton disse que fora uma bênção. Que talvez ele se tornasse negligente ou coisa parecida. Eu fiquei danado. Lembra-se? Acenei levemente com a cabeça. — Quer saber verdadeira razão por que fiquei tão danado?

Limitei-me a olhar para ele. Parecia uma criança. Estava orgulhoso. Eu deveria louvá-lo, ficar encantada, porque ele tinha acertado num tipo a dez passos de distância, tinha-o morto no meu quarto. O tipo tinha uma porcaria de um canivete. Só isso. O que ele iria fazer? Jogá-lo nele?

— Bem, vou lhe dizer. Acontece que tive um palpite.

— Um palpite? Os meus olhos focaram-no. — Que palpite?

— O lindinho do Boltz, respondeu ele prosaicamente, enquanto sacudia a cinza. — Acontece que foi suficientemente generoso para me dizer uma coisa, mesmo antes de sair da cidade. Disse que estava preocupado consigo...

— Comigo? Eu deixei escapar.

— Contou que tinha passado por sua casa, uma noite, e que vira um carro estranho. Este passou, apagou as luzes e partiu a toda a velocidade. Ele estava nervoso, porque achava que andavam vigiando-a. Podia ser o assassino...

— Era Abby! Interrompi, tolamente. — Ela vinha me fazer umas perguntas, mas viu o carro do Bill e entrou em pânico e... Marino ficou surpreso por um instante. Depois encolheu os ombros.

— Fosse o que fosse. Ainda bem que chamou a nossa atenção, não acha? Eu não disse nada. Estava quase chorando. — Foi o suficiente para eu ficar nervoso. O fato é que ando vigiando a sua casa há uns tempos. Observei-a durante muitas noites. Depois aparece a porcaria do artigo sobre a ligação ao DNA. Comecei a pensar que o safado talvez andasse vigiando-a também. Aí então é que ele ia ficar doido. A história não ia atraí-lo ao computador, ia levá-lo a si.

— Tinha razão, disse eu, pigarreando.

— Claro que tinha razão.

Marino não precisava tê-lo matado. Ninguém iria saber, a não sermos nós dois. Eu nunca iria contar. Não lamentava. Eu própria tê-lo ia morto. Talvez me sentisse revoltada porque, se tentasse, falharia. O revólver não estava carregado. Clique. Só teria chegado aí. Acho que me sentia revoltada, porque não tinha conseguido me salvar e não queria agradecer a vida a Marino. Ele continuava falando. Eu estava prestes a explodir de raiva. Sentia-a subir pela garganta, como se fosse bÍlis. De repente, Wingo entrou.

— Hum. Com as mãos nos bolsos, pareceu indeciso quando Marino olhou para ele, contrariado. — Hum, doutora Scarpetta. Sei que não é nada boa altura. Quero dizer, ainda está abalada...

— Não estou abalada! Arregalou os olhos e empalideceu. Baixando a voz, lhe disse: — Desculpe Wingo. Sim, estou abalada, estou desfeita. Não estou em mim. O que quer?

Enfiou a mão no bolso das calças de seda azul e tirou um saco de plástico. Lá dentro se via uma beata de um cigarro Benson & Hedges 100's. Colocou-a no meu mata-borrão. Fitei-o sem notar, à espera.

— Bom, se lembra de eu lhe perguntar sobre o comissário, se ele não era contra os fumantes e todo o resto? Acenei com a cabeça. Marino estava ficando irrequieto. Olhava em volta como se estivesse maçado. — Sabe, o meu amigo Patrick trabalha na contabilidade do outro lado da rua, no mesmo edifício onde o Amburgey trabalha. Bom... Estava ficando corado. — O Patrick e eu nos encontramos, por vezes, junto do seu carro para irmos almoçar. O lugar dele no parque é cerca de duas filas abaixo do de Amburgey. Já o temos visto...

— Já o têm visto? Perguntei, espantada. — Visto o Amburgey? Fazendo o quê? Wingo se inclinou para frente e confidenciou:

— Já o vi fumando. Endireitou-se. — Juro. Ao fim da manhã e logo a seguir ao almoço, o Patrick e eu costumamos nos sentar no carro dele para conversar e ouvir música. Já vimos o Amburgey entrar no

carro preto e acender um cigarro. Ele nem sequer usa o cinzeiro porque não quer que ninguém saiba. Passa o tempo todo olhando em volta. Depois atira a beata pela janela, olha em volta e se dirige novamente para o edifício, pulverizando a boca com um aerossol contra o mau hálito...

Olhou para mim, desconcertado.

Eu ria tanto que comecei a chorar. Devia ser histeria. Não conseguia parar. Batia no tampo da mesa e limpava os olhos. Tenho certeza de que as pessoas me ouviam ao fundo do corredor. Wingo começou a rir, pouco à vontade, e depois também não conseguia parar. Marino ralhou conosco, como se fôssemos uns idiotas. Em seguida, se esforçou para não sorrir. Passado um minuto, se engasgou com o cigarro e começou a rir às gargalhadas. Finalmente, Wingo continuou:

— O problema é que... Respirou fundo. — O problema, doutora Scarpetta, é que esperei que ele fumasse e, logo depois dele ter saído do carro, fui correndo apanhar a beata. Levei-a imediatamente para o laboratório para que a Betty fizesse uma análise. Eu respirava com dificuldade:

— Fez o quê? Levou a beata à Betty? Foi isso que lhe levou no outro dia? Para quê? Para analisar a saliva? Para quê?

— O grupo sanguíneo. É AB, doutora Scarpetta.

— Meu Deus!

Rapidamente percebi a ligação. O grupo sanguíneo que aparecia no PERK mal rotulado e que Wingo encontrara no frigorífico era AB. AB é extremamente raro. Apenas quatro por cento da população pertencem ao grupo AB.

— Eu tinha curiosidade em saber, explicou Wingo. — Sei quanto ele a odeia. Sempre me custou vê-lo tratá-la mal. Por isso, perguntei ao Fred...

— O segurança?

— Sim. Perguntei ao Fred se ele vira alguém ir à morgue, alguém que não devesse estar lá. Ele disse que vira um tipo no fim de uma tarde de segunda-feira. O Fred tinha começado a ronda e parou para ir ao banheiro. Ia saindo quando este tipo branco ia entrando. Disse que o tipo tinha qualquer coisa nas mãos, uns embrulhos de papel. O Fred saiu e continuou o seu trabalho.

— Amburgey? Era o Amburgey?

— O Fred não sabia. Disse que a maior parte dos brancos parecem serem todos iguais. Mas se lembrava dele porque tinha um bonito anel de prata com uma grande pedra azul. Um tipo mais velho, magro e quase careca. Foi o Marino quem deu a ideia:

— Talvez o Amburgey tenha ido ao banheiro fazer um esfregaço...

— São orais, recordei. — As células que apareciam nas preparações. E não havia corpos de Barr. Cromossoma Y, por outras palavras, masculino.

— Adoro ouvi-la dizer palavrões, comentou Marino rindo para mim e continuando: — Ele faz um esfregaço do interior das bochechas, aquelas que ficam acima do pescoço, eu espero. Mancha algumas lamelas de um PERK, cola em cima um rótulo...

— Um rótulo que apanhou no processo de Lori Pedersen, interrompi-o, sem querer acreditar.

— Depois mete a preparação no frigorífico para fazê-la pensar que se enganou. Que diabo, vai ver, é ele que anda entrando no computador. Incrível! Marino ria de novo. — Não acha uma maravilha? Vamos pegá-lo!

Tinham entrado no computador durante o fim-de-semana, depois da hora de expediente de sexta-feira, pensávamos nós. Wesley reparou nos comandos, na tela, no sábado de manhã, quando viera aqui por causa da autópsia de McCorkle. Alguém tinha tentado chamar o caso de Henna Yarborough. Claro que a ligação podia ser localizada. Estávamos à espera que Wesley soubesse a informação através da companhia de telefone. Eu pensava que fora McCorkle que entrara no computador,

numa altura qualquer, ao fim da tarde de sexta-feira, antes de ir atrás de mim.

— Se é o comissário que anda fazendo isso, eu lembrei, — Não está em trapalhadas. Tem direito, ex officio, aos dados da minha sala e a tudo que queira examinar. Nunca conseguiremos provar que ele alterou um registro.

Todos olharam para a beata dentro do saco de plástico. Adulteração de provas, fraude, nem mesmo o governador tinha tal imunidade. Um crime é um crime. Duvidava que conseguisse ser provado. Levantei-me e pendurei a bata atrás da porta. Vesti o casaco e peguei numa pasta grossa que estava em cima de uma cadeira. Deveria estar no tribunal dentro de vinte minutos para depor em mais um caso de homicídio. Wingo e Marino me acompanharam até ao elevador. Deixei-os e entrei. Pela frincha das portas soprei um beijo a cada um deles.

\* \* \*

Três dias depois, Lucy e eu estávamos sentadas no banco de trás de um Ford Tempo a caminho do aeroporto. Ela regressava a Miami e eu ia com ela por duas boas razões. Tencionava ver a situação dela com a mãe e o ilustrador, com quem esta tinha se casado, e porque precisava, desesperadamente, de umas férias. Fizera planos para levar Lucy à praia, às Keys, aos Everglades, à Floresta dos Macacos e ao Aquário, íamos ver os Seminoles lutando com crocodilos. Veríamos o pôr do Sol em Biscayne Bay e os flamingos cor-de-rosa em Hialeah. Tencionávamos alugar o filme **MUTINY ON THE BOUNTY**, e depois dar uma volta no famoso barco em Bayside, imaginando que Marlon Brando estaria no convés. Iríamos às compras no Coconut Grove, comeríamos garoupa, tartaruga e torta de limão até enjoar. Íamos fazer tudo o que eu gostaria de ter feito quando tinha a idade dela.

Também tencionávamos falar sobre o susto pelo qual ela passara. Era um milagre que tivesse continuado adormecida até Marino abrir fogo. Mas Lucy sabia que a sua tia quase fora assassinada. Sabia que o assassino tinha entrado pela janela do escritório, que estava fechada, mas não trancada porque ela tinha se esquecido de trancar depois de abri-la alguns dias antes. McCorkle cortou os fios do alarme na parte de fora da casa. Entrou pela janela do rés-do-chão, passou muito perto do quarto de Lucy e subiu as escadas, sem fazer barulho. Como ele sabia que o meu quarto ficava no primeiro andar? Acho que não poderia saber, a menos que tivesse observado a minha casa antecipadamente.

Lucy e eu tínhamos muito o que conversar. Tinha tanta necessidade de falar com ela como ela comigo. Tencionava levá-la a um bom psicólogo de crianças. Talvez devêssemos ir as duas. A nossa motorista era Abby. Simpaticamente, fez questão de nos levar ao aeroporto. Parou em frente à porta da companhia aérea, se virou e sorriu melancolicamente:

— Quem me dera ir também!

— Gostaríamos muito, disse eu com sinceridade. — É verdade. Adoraríamos Abby. Vou ficar lá três semanas. Tem o número do telefone da minha mãe. Se conseguir, se meta num avião e vamos para a praia juntas.

Ouviu-se um tom de alarme no transmissor do carro dela. Distraída, se virou para aumentar o volume e sintonizar o som. Eu sabia que não ia ter notícias dela. Nem amanhã, nem no dia seguinte, nem depois. Quando o nosso avião tivesse levantado, andaria novamente atrás de ambulâncias e carros de polícia. Era a vida dela. Precisava do trabalho como repórter como outras pessoas precisam de ar. Devia-lhe muito. Em consequência do que ela arquitetara, descobrimos que era Amburgey que andava entrando no computador do OCME. A ligação fora feita de sua casa. Ele era um pirata de computadores e tinha, em casa, um PC com modem.

Acho que, da primeira vez, fez isso simplesmente porque estava controlando o meu trabalho, como de costume. Devia estar examinando os casos de estrangulamento quando reparou num pormenor no relatório de Brenda Steppe, diferente do que Abby escrevera no jornal. Soube que a fuga de informação não podia vir dos meus serviços. No entanto, como desejava desesperadamente que fosse assim, alterou o relatório para que assim parecesse. A seguir, ligou o eco deliberadamente e tentou chamar o caso de Lori Pedersen. Queria que, na segunda-feira, encontrássemos aqueles comandos na tela, apenas algumas horas antes de ter me chamado ao seu escritório na presença de Tanner e de Bill.

Uma coisa levou à outra. O seu ódio se sobrepôs ao seu discernimento e, quando viu os rótulos do computador no arquivo do caso de Lori, não resistiu. Eu tinha pensado muito sobre o encontro na minha sala de reuniões quando os homens examinavam os processos. Achava que o rótulo do PERK fora roubado, quando vários processos escorregaram do colo de Bill e se espalharam pelo chão. Ao recordar o que tinha se passado, me lembrei de que Bill e Tanner tinham separado os papéis pelos números dos casos. O dossiê de Lori não se encontrava entre os outros porque Amburgey o estava examinando nessa altura. Aproveitou-se da confusão e, rapidamente, tirou o rótulo do PERK. Mais tarde, saiu da sala dos computadores com Tanner, mas ficou sozinho na morgue para ir ao banheiro. Foi nessa altura que fez a troca das lamelas. Esse foi o seu primeiro erro. O segundo foi subestimar Abby. Ela ficara lívida quando soube que alguém andava usando o que ela escrevia para pôr em perigo a minha carreira. Não interessava de cuja carreira se tratava, eu suspeitei. Abby não gostava pura e simplesmente de ser usada. Tinha uma cruzada: verdade, justiça e patriotismo. Sentia raiva e não podia extravasá-la.

Depois da saída do seu artigo, foi falar com Amburgey. Já suspeitava dele, me confessara ela, porque fora ele que, em segredo, lhe dera acesso à informação sobre o PERK erradamente rotulado. Tinha o

relatório do laboratório na mesa e fizera apontamentos sobre a “confusão lançada na cadeia de provas” e sobre a “inconsistência destes resultados com os dos testes anteriores”. Enquanto Abby estava sentada de um lado da sua famosa mesa chinesa, ele saiu deixando-a sozinha por um minuto, o tempo suficiente para ela ver o que estava em cima do mata-borrão. O que ele andava fazendo era óbvio. Os seus sentimentos em relação a mim não eram segredo. Abby não era estúpida. Tornou-se a agressora. Na sexta-feira passada de manhã voltara a visitá-lo para confrontá-lo com a violação do computador. Foi matreiro, fingindo recear que ela publicasse tal coisa, mas já estava salivando, saboreando a minha desgraça. Ela enrolou-o admitindo não ter o suficiente para continuar.

— O computador só foi violado uma vez, disse. — Se acontecer novamente, doutor Amburgey, não terei alternativa a não ser publicar o que aconteceu, bem como todas as outras afirmações que ouvi, porque o público precisa saber que há um problema no OCME.

Voltou a acontecer, mas a segunda violação do computador não teve nada a ver com a notícia forjada, uma vez que não era o assassino que fora atraído ao computador do OCME. Era o comissário.

— Por falar nisso, me disse Abby enquanto tirávamos as malas do bagageiro, — Acho que o Amburgey não vai ser mais um problema.

— Quem nasce torto não se endireita, comentei, olhando para o relógio. Ela sorriu ao pensar num segredo que não ia divulgar.

— Não fique surpresa quando voltar para Richmond e não encontrá-lo mais aqui.

Eu não fiz perguntas. Ela sabia muita coisa sobre Amburgey. Alguém deveria pagar. Não podia tocar em Bill. Este me telefonara na véspera para dizer que estava contente por eu estar bem, que soubera o que acontecera. Não se referiu aos seus próprios crimes, e eu também

não os mencionei quando ele me disse, calmamente, que achava boa ideia não nos vermos mais.

— Pensei muito no assunto e acho que não vai dar resultado, Kay.

— Tens razão, concordei, surpresa pela sensação de alívio. — Não vai dar resultado, Bill.

Dei um grande abraço em Abby. Lucy franziu o sobrolho ao se debater com uma grande mala cor-de-rosa.

— Que chatice! Queixou-se ela. — O computador da mamãe só tem o processador de texto. Que chatice! Nem base de dados, nem nada.

— Nós vamos para a praia. Peguei em dois sacos, pu-los ao ombro e segui-a através das portas de vidro automáticas. — Vamos nos divertir, Lucy. Pode deixar de usar o computador durante uns tempos. Não faz nada bem aos seus olhos.

— Há uma loja de software a cerca de uma milha da minha casa...

— Praia, Lucy. Precisa de férias. Ambas precisamos de férias. Ar puro e sol vão lhe fazer bem. Há duas semanas que está fechada no meu escritório.

Continuámos discutindo no balcão de embarque. Coloquei as malas na balança, endireitei a gola de Lucy atrás e perguntei por que não vestira o casaco.

— O ar condicionado nos aviões está sempre muito alto.

— Tia Kay...

— Vai ficar com frio.

— Tia Kay!

— Temos tempo para comer um sanduíche.

— Não tenho fome!

— Precisa comer. Daqui seguimos para Dulles, onde vamos ficar paradas uma hora, e não há almoço no avião a partir daí. Precisa de alguma coisa no estômago.

— Parece a vovó!

*Fim*